

Somente
SEU

BROOKE J. SULLIVAN



SOMENTE SEU

*Segundo volume da trilogia
Minha*

BROOKE J. SULLIVAN

Copyright © 2014 Brooke J. Sullivan

Copyright © 2014 Editora PL

Capa: Elisa Medeiros

Revisão: Flávia Feitosa e Elisa Medeiros

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico sem a permissão do autor e/ou editor.

E-mail: brookejansensullivan@gmail.com

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Criado no Brasil.

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Outras obras na Amazon](#)

Capítulo 1

Verônica Sandler

Hoje faz uma semana que Adrian e eu nos separamos.

Desde que saiu do meu apartamento, não voltou a me procurar. Acho que ele realmente desistiu de mim.

Fiquei trancada em casa todos esses dias, procurando uma forma de resolver minha vida. Eu precisava de cinquenta mil reais – o valor que Charles depositou na conta da clínica – até o final do mês. Só não fazia ideia de como fazer para conseguir essa grana sem ter que voltar a fazer o que eu mais detestava: vender meu corpo.

Charles vinha me ligando insistentemente. A cada dia, se tornava mais agressivo em suas palavras. Eu já estava começando a ficar realmente com medo dele.

No desespero, cheguei até a pedir dinheiro emprestado para a Sônia, mas ela entrava num poço sem fim. Estava perdida para as drogas. Eu estava literalmente sozinha. Sem contar a mensalidade da clínica, para quem não tinha nem dez reais para comprar o almoço, era realmente desesperador.

Tinha apenas duas escolhas: voltar para a minha vida medíocre de antes e tudo voltar ao normal ou procurar um trabalho digno e me sujeitar a ganhar uma miséria. A segunda opção não seria tão ruim, se não tivesse uma mãe acamada num hospital. E, a primeira opção, no meu caso, era a mais correta para poder continuar o tratamento dela. Porém, não sei se conseguiria depois de tudo. Depois de Adrian. Não sei se suportaria as mãos de outro homem em mim. Se já era difícil antes, certamente seria impossível agora.

Estava entre a cruz e a espada. Voltar a me prostituir para salvar a vida da minha mãe ou viver uma vida normal, como uma garota normal. Mas se escolhesse viver uma vida normal, teria que tirar minha mãe do hospital, vê-la piorar a cada dia e viver com o remorso de que eu poderia ter feito algo para salvá-la.

Estava certa de que se voltasse a minha antiga vida, minhas chances com Adrian acabariam no mesmo momento. Ele iria me odiar e não sei como eu lidaria com isso. Eu o amo. Eu sempre irei amá-lo.

Estou aqui, sentada em meu sofá em meio à escuridão, pensando o porquê de ter que passar por tudo isso. Eu nunca me senti tão sozinha quanto agora. Eu só quero ficar aqui, chorar e tentar achar uma luz, um caminho para sair desse poço de autopiedade. Para falar a verdade, só queria que ele estivesse aqui. Que ele tivesse acreditado em mim.

O telefone toca.

Levanto-me do sofá contra a vontade. Descalça, apenas de pijama, pego meu celular e vejo o número no visor. É da clínica.

Meu coração gela.

— Alô – digo rapidamente.

— Srta. Sandler? Aqui é o Dr. Carlos, tudo bem?

— Aconteceu alguma coisa? – pergunto sentindo uma sensação estranha.

— Pode vir até a clínica? Precisamos conversar sobre sua mãe – ele diz com cautela.

— Aconteceu alguma coisa? Por favor, não me esconda nada –preencho o ambiente com os sons de meus soluços desesperados.

— Srta. Sandler, ela está com pneumonia,

precisamos conversar sobre alguns procedimentos necessários – ele diz e respiro fundo tentando me acalmar.

— Já estou a caminho – digo e desligo.

Coloco um Jeans, uma blusa e sapatilhas. Solto o cabelo e nem me dou o trabalho de passar uma maquiagem para esconder minhas olheiras. Estou horrível. Dias sem dormir e sem comer direito.

Pego minha bolsa e as chaves do carro. Meu carro. Só de imaginar que daqui a alguns dias não o terei mais, fico angustiada. Mas eu precisava me livrar dele para levantar uma boa quantia. Era um mal necessário.

Dirigi aflita até a clínica.

Quando cheguei, encaminhei-me direto para sala do Dr. Carlos.

— Dr. Carlos?

O homem que estava de costas para mim, virou-se rapidamente.

— Srta. Sandler? Chegou rápido – ele sorriu.

— É – relaxei. — Acho que devo ter sido multada em alguns faróis pelo caminho – falei.

— Sente-se, por favor – disse apontando para a cadeira em frente sua mesa enorme de madeira.

— Me conte tudo doutor. Não me esconda nada, por favor.

Ele me olhou de um jeito sério e compreendi que o assunto era muito delicado.

— Sua mãe piorou. Ela está com pneumonia e ocorreu derrame pleural em ambos os pulmões, precisamos drenar com urgência.

— E isso é muito sério? Ela vai sobreviver, não vai? Por favor, doutor. Só me diz que sim. Ela é tudo que eu tenho – minha voz saiu como um sussurro numa súplica dolorosa. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— O estado dela é grave. Está na Unidade de Terapia Intensiva, mas tem chances de recuperação. Vamos ver como ela reage à cirurgia – ele diz.

— Isso vai encarecer o tratamento dela? – pergunto com desespero.

— Sim. O tratamento habitual de sua mãe é para Alzheimer. Não está incluso as despesas extras, como UTI e o tratamento da pneumonia. Isso gera despesas extras.

— Sim. Entendo.

— Vou pedir para você passar no administrativo para rever os custos, acrescentando a cirurgia e a internação na UTI.

— Certo.

— O tratamento dela irá encarecer. Não sei se tem recursos para mantê-la em nossa clínica. E, se não tiver, sugiro que a transfira para um hospital público. Precisamos de sua decisão imediatamente. — ele disse como se fosse à coisa mais simples do mundo me deixando extremamente irritada.

— Ela morrerá se for parar em um hospital público — disse com as lágrimas rolando pelo rosto. — Sabe como funciona. Eles não dão à mínima.

— Infelizmente, não posso manter a paciente se não tiver recursos, Srta. Sandler.

Meu Deus! O que eu faço agora?

— Quanto passaria a ser o tratamento?

— Estes dados só o setor administrativo poderá informar ao certo. Mas sairá em torno de uns cinco mil, o procedimento cirúrgico e mais mil reais para cada dia na UTI.

Putá que pariu. É uma fortuna.

— Eu a mantereí aqui — disse com firmeza.

— Você tem certeza? — ele pergunta me olhando de forma indecifrável.

— Prefiro pagar o preço a vê-la morrer como um cão sarnento num corredor de um hospital público – disse ríspida.

— Então, estamos conversados. Faremos de tudo para que ela melhore. Passe na administração para assinar o novo contrato. Entraremos em contato após a cirurgia – disse. Apenas assenti com a cabeça quando ele passou por mim e saiu da sala deixando-me sozinha.

Caí num choro intenso. Eu não tinha outra escapatória. Não a deixaria morrer sabendo que poderia salvá-la. Eu entrei nessa por ela e, continuaria por ela. Por mais que me doesse, que arruinasse minha vida, eu precisava mantê-la viva. Ela era minha única família. Não tinha mais ninguém.

Fui até a UTI para vê-la. Não podia entrar. Apenas a vi através do enorme vidro. Tão frágil. Tubos de oxigênio e aparelhos em sua volta. A dor que sentia era imensa. Eu só queria ter uma vida normal com minha mãe. Não acho que estou pedindo demais.

— Eu farei tudo por você, mãe. Eu te amo – sussurrei fracamente com a mão espalmada no vidro. Minha visão embaçada pelas lágrimas e um nó na garganta por saber que o que eu faria daqui para frente, acabaria com minhas chances com o único homem que amei e ainda amo. Eu perderia Adrian para sempre.

Para sempre.

Já passam das cinco horas da tarde. Ainda de pijama, sentada no mesmo lugar desde que acordei – no sofá. Recebi a ligação da clínica, minha mãe já havia sido operada e estava estável.

Olho para a caderneta em minhas mãos. Vejo a lista de clientes e seus números de telefones. Já passei por todos os nomes, desde A até Z. Nenhum deles me fez sentir vontade de seguir em frente. Olhava, olhava, só olhava. Ainda não sabia para quem ligar primeiro. O nome de Adrian como o primeiro da lista, não estava me ajudando muito. Toda vez que olhava para seu nome ali, lembrava-me dos momentos que passamos juntos. Eu o conhecia à apenas vinte dias e sentia como se fosse uma eternidade.

Peguei meu celular, coloquei no modo restrito e respirei. Tinha que fazer isso. Eu precisava apenas ouvir sua voz. Nem que fosse por alguns instantes. A falta dele estava me enlouquecendo.

Disquei para Adrian. Dois toques e ele atende com sua voz rouca e imponente.

— Adrian... — ele disse.

Houve alguns segundos de silêncio. Conseguia ouvir sua respiração do outro lado. Fechei os olhos e uma lágrima solitária caiu teimosamente.

— Alô? — disse novamente.

Outro suspiro dele. Queria apenas dizer que o amava. Que me perdoasse por ter sido tão fraca e não ter enfrentado Alana e sua mãe. De tê-lo deixado. De ter mentido.

— Verônica? — ele sussurrou. — É você?

O meu nome saindo de sua boca como um sussurro, me quebrou inteira. Desliguei no mesmo momento.

Eu apenas chorava silenciosamente. A dor que sentia no peito era tão intensa que achava que poderia morrer se ela não passasse. Só queria entender por que eu não poderia ter uma vida feliz como todas as outras pessoas. Estou sozinha. Sempre estive. E agora que conheci o amor, não posso estar com ele.

Reuni toda a minha coragem e sequei minhas lágrimas.

Não estava ajudando eu me sentir para baixo. Precisava esquecê-lo. Precisava colocar minha mãe acima de qualquer coisa em minha vida, até mesmo da minha

felicidade.

Levantei-me, entrei no quarto e arrumei minhas roupas. Tinha que conseguir dinheiro. Dinheiro rápido. E a única forma era voltar a ser quem eu era antes de conhecê-lo. Fazia isso muito bem. E voltaria a fazer.

Entreí no banho. Quando terminei, me vesti. Meia calça preta, cinta-liga... Precisava voltar ao trabalho. Um vestido preto extremamente justo que valorizava minhas curvas, algumas joias e uma maquiagem bem feita. Meu Scarpin preto e... Pronto.

Suspirei enquanto pegava minha bolsa. No relógio, sete da noite. Era a hora perfeita.

Peguei meu carro e me dirigi até o hotel Hertman.

Era lá que tudo acontecia...

O ponto de encontro de vários milionários. E eu, essa noite, seria uma isca para atraí-los.

Deles, só precisava de uma coisa: dinheiro.

Muito dinheiro.

Só espero conseguir fazer o que deve ser feito, na hora em que chegar o momento ou estarei perdida.

Totalmente perdida.

Capítulo 2

Adrian Miller

Uma semana sem Verônica.

Ainda consigo sentir o cheiro dela em mim.

Está difícil acordar todos os dias e saber que não estarei mais ao meu lado.

Que não a beijaria mais, não a tocaria mais, que não sentiria o toque suave de sua pele e aquele sorriso lindo que me deixava bobo.

Estou sofrendo sem ela.

Só queria que tivesse sido diferente. Que ela não tivesse mentido.

Como posso confiar numa mulher que na primeira

oportunidade, me dá as costas? Como ela pode dizer que fez tudo aquilo para me proteger, e ainda falar na minha cara que minha mãe a persuadiu a fazer isso, caso contrário, me prejudicaria?

Minha mãe seria incapaz de uma coisa dessas. Por mais que eu saiba que ela não é um exemplo de mãe, dedicada e amorosa, custo a acreditar que ela prejudicaria tanto a mim quanto a Terry.

Nora sempre me amou como se fosse seu filho de sangue. Me deu a educação que tenho hoje e tornou-me um homem respeitado. Acredito que quando soube o que Verônica fazia, ficou apenas chocada. Ela odiava minha mãe biológica por sua profissão. Porém, nem ousou comparar as duas. Minha mãe biológica era uma prostituta viciada. Não conseguia ver Verônica desse jeito. Não gosto do que ela fazia, mas não posso condená-la. Por mais que doa dizer isso, ela tinha um motivo. Eu não entendo, mas compreendo.

— Desculpe Sr. Miller — Andressa entra em minha sala, com a papelada em mãos. — Aqui estão as informações que o senhor pediu.

— Obrigada, Andressa. Pode ir almoçar agora — digo e ela se vai.

Há três dias, pedi para que minha assistente procurasse a clínica onde a mãe da Verônica estava

internada e conseguisse algumas informações das quais estou muito curioso.

Descobri que a mãe dela está internada há mais ou menos três meses. Isso quer dizer que... Se ela está à tão pouco tempo naquela clínica caríssima, então, Verônica não tinha muito tempo naquela vida.

Fiquei curioso em saber como era sua vida antes. Isso só me fez perceber o quanto eu não a conheço direito.

Sigo olhando para as informações contidas na papelada. Paciente em tratamento de Alzheimer e pneumonia grave. Segue internada na unidade de terapia intensiva. Valor do tratamento...

— Porra! — sussurrei para mim mesmo.

Sessenta mil reais por mês? Como ela iria pagar pelo tratamento?

Não... Não... Não. Nem morto eu a deixaria voltar para aquela vida. Só de imaginá-la sendo tocada por vários homens, me deixa em meu modo possessivo.

Pego o celular e ligo para a clínica, marco uma reunião para daqui a meia hora com o diretor. Quando desligo, saio rapidamente de meu escritório e esbarro com Alana no corredor.

— Adrian, podemos conversar? Tenho alguns

contratos que...

— Agora não! – digo um pouco rude.

— Mas... Adrian? Precisamos ver esses contratos...

— Eu falei agora não, Alana. Que saco! Estou atrasado e não volto mais hoje.

— Tudo bem – ela sorri sem graça. — Te vejo no jantar da sua mãe.

Olho para ela querendo que ela suma. Desapareça.

— Minha mãe te convidou?

— Claro Adrian. Sabe que sua mãe me adora – ela se aproxima e toca meu braço. Eu olho em direção a sua mãe e ela se distancia.

— Terry odeia você – rosno. — Não preciso que as duas causem uma cena no aniversário da minha mãe.

— Terry é uma garota mimada. Só isso – ela resmunga.

— Só espero que você se lembre de que estaremos em local público – digo e entro no elevador que acabou de parar em nosso andar.

As portas se fecham lentamente e Alana ainda está me olhando com seu olhar predador. “Ela não desiste

mesmo”.

Chego ao estacionamento e destravo o alarme.

Dirijo o mais rápido possível para a clínica.

No caminho, meu telefone toca.

— Adrian — atendo rapidamente.

Um silêncio se faz do outro lado me deixando intrigado.

— Alô? — insisto.

Será que é ela? Meu coração dispara só de imaginar ouvir sua voz doce.

— Verônica? É você? — digo e então, a linha fica muda.

Fiquei olhando para o telefone e vi que era de um número restrito.

Meus dias eram como o inferno sem ela. Já estava até imaginando coisas. Lógico que não é ela.

Encosto o carro por alguns instantes para me recuperar. Repouso a cabeça no banco e fecho os olhos. A canção que toca no rádio, me lembra de quando fizemos amor no salão de jogos em cima da mesa de bilhar. O pensamento era real. Tão real, que pude nos ver naquele

momento bem de perto e perceber como realmente ela era linda e perfeita. Como ela mexia com todos os meus sentidos. Eu conseguia sentir sua pele na minha. O sabor do seu beijo. Seus gemidos saindo como um sussurro.

Abro os olhos e me forço a sair daquele transe. Minha vontade é de correr até ela. Pegá-la nos braços e fazê-la minha.

Ligo o carro. Preciso entender que isso acabou. Que não a verei mais.

Depois de alguns minutos, chego à clínica. Passo direto pela recepção e vou até a direção da clínica. — Boa tarde — digo para uma moça alta e morena dentro da sala. — Gostaria de falar com o Dr. Carlos.

— Por favor, entre. Ele está acompanhando o exame de uma paciente e em poucos minutos estará de volta — ela sorri apontando o grande sofá branco no canto da sala.

A moça se retirou deixando-me sozinho no ambiente. Peguei uma revista que estava em cima de um móvel. Que ironia. Jason Maxwell na capa ao lado de um R8 Spider. Por um instante, esqueci-me de que promovemos aquela propaganda.

Jogo a revista no canto do sofá no mesmo momento em que o médico entra.

— Dr. Carlos? – digo aproximando-me.

— Sim – ele me olha. — O senhor esteve aqui há algumas semanas atrás. Lembro-me de você – ele sorriu.

— Sim. Sou Adrian Miller. Estive aqui com minha mulher visitando a Sra. Sandler. Como ela está?

— Sente-se, por favor.

— Obrigado.

— A filha esteve aqui ontem. Infelizmente a mãe piorou e tivemos que avisá-la.

Meu coração fica apertado em saber que Verônica está sofrendo. Ela tem um carinho enorme pela mãe.

— E o tratamento?

— Olha... Como médico, eu aconselhei a sua esposa a transferir a mãe para um hospital público.

— Por quê? – olho intrigado.

— O tratamento encareceu por causa da intervenção cirúrgica e a permanência dela na UTI. Fizemos tudo que poderia ser feito. Estamos esperando a paciente reagir ao tratamento.

— Levará muito tempo? Digo, para ela ficar boa.

— O estado dela é muito grave. De ontem para hoje, ela piorou ainda mais. Se continuar assim, ela não resistirá.

— Eu quero que ela tenha a melhor assistência possível. O que tiver de ser feito, gostaria de ser comunicado. Eu pagarei pelo tratamento. Mas gostaria que a clínica ligasse para a Verônica, a filha dela, e dissesse que não irão cobrar pelo tratamento de sua mãe.

— Não podemos fazer isso – o médico diz confuso.

— Sim, podem. Verônica e eu, estamos separados – digo sem jeito. — Ela não tem como custear todo esse valor. E o que eu puder fazer para ajudá-la, eu farei. Mas não quero que ela saiba que sou eu quem está pagando por tudo.

— Não podemos fazer isso – ele insiste me tirando do sério.

— De quanto estamos falando? – falo sem paciência. — Estamos falando de uma vida doutor. Ela não pode sair nesse estado e interromper o tratamento. Um hospital público seria a morte para ela. Esse é o hospital mais caro do país. Estou pagando e quero que seja assim, dessa forma. Invente qualquer coisa para ela. Só não diga que sou eu quem está pagando pelo tratamento.

— Não funciona desse jeito Sr. Miller – ele diz e

perco a paciência.

Retiro o talão de cheques do bolso e faço um cheque no valor de oitenta mil reais.

— Estou adiantando o tratamento desse mês. Mantenha-me atualizado sobre o quadro da Sra. Sandler. Qualquer coisa, a hora que for, quero ser avisado. Gostaria que mantivesse a discrição sobre minha visita — digo jogando a folha de cheque na mesa com meu cartão para contato e me viro para ir embora.

Sei que às vezes sou grosso. Mas tem certas pessoas, que só entendem o recado dessa forma.

Saio de lá aliviado.

Mesmo estando separados, não quero que ela volte para aquela vida. Me deixa louco só pensar nessa possibilidade, ela dormindo com outros homens.

Dirijo direto para casa. Preciso tomar um bom banho. Hoje é aniversário da minha mãe. Meu pai insistiu para que comemorássemos no restaurante do Hotel Hertman. Afinal, era um dos melhores restaurantes de São Paulo. Não tinha como negar. Meu pai havia alugado o restaurante apenas para essa comemoração de aniversário.

Chego em casa e Terry está conversando com Jonas.

De uns dias para cá, esses dois não se desgrudam. E para minha surpresa, ontem, anunciaram que estão namorando.

— Jonas? E aí cara? – estendendo minha mão para cumprimentá-lo.

— Adrian. Estávamos falando de você – ele sorri.

— Só espero que não estejam falando mal. Minha irmãzinha adora meter o pau em mim – digo e dou uma piscadela para ela. Até que enfim, parece que Terry está criando juízo. Passamos um sufoco por esses dias com ela. Abstinência não é fácil. Estamos fazendo de tudo para que não tenha nenhuma recaída.

— Onde está a mãe? – pergunto tirando meu blazer e jogando no sofá. Caminho até o bar e me sirvo de um pouco de uísque.

— Deve estar para chegar. Foi com a Alana ao salão. Sabe que aquelas duas são como unha e carne – ela resmunga.

— Por falar em Alana, a mãe a convidou. Só espero que você se comporte.

— Nem vou olhar para ela, Adrian. Até agora não entendo porque você largou a Verônica. Poderia chamá-la para lhe fazer companhia, que tal? – ela diz.

— Ela quem me deixou – digo e dou um gole em

minha bebida.

— E pelo que você me disse, te deixou por causa da Alana. Sempre a Alana, já reparou? Até com a Sara ela implicava.

— Não quero falar sobre isso, Terry. Você não sabe de nada – resmungo. — Vou tomar meu banho. Jonas, você vai levar a Terry?

— Vamos juntos. Fique tranquilo – ele responde.

— Vou chegar um pouco mais tarde. Tenho algumas coisas para resolver e encontro vocês lá – saio em direção ao escritório.

Já se passava das sete da noite. Depois de refazer alguns contratos, decido tomar um banho.

Quando saio do banheiro enrolado na toalha, encontro Maria em meu quarto, ela me olha e sai sem dizer nada. Sei que ainda está chateada comigo, com o que contei para ela sobre a Verônica. Ela acha que fui um idiota.

Maria havia deixado minha roupa em cima da cama.

Coloquei minha camisa branca, jeans e blazer azul marinho. Baguncei os cabelos e pronto. Estava ótimo.

Peguei as chaves do carro e sai em direção ao hotel.

Quando passo pelo lobby, eu vejo meu pai falando com Jason Maxwell. Não posso acreditar que ele convidou esse panaca.

“Esse cara me persegue, não é possível”.

Passo por eles sem ser visto. Logo no meio do restaurante, localizo minha mãe, Alana, Terry e Jonas.

Aproximo-me e quando estou bem próximo, minha mãe se levanta para me dar um abraço.

— Filho! Achei que não viria mais – diz fazendo beicinho.

— Mãe, ainda é cedo. Gostou do presente?

Eu havia dado a ela um colar de esmeralda. Mamãe sempre gostou de joias. Fazia o tipo perua. Era fácil agradá-la com coisas exageradas e exuberantes.

— Se gostei? Amei – diz empolgada e Terry bufa. Estou vendo que as coisas vão sair do controle hoje.

Sento ao lado da Alana. Não por vontade própria. Acontece que minha mãe, tem o péssimo hábito de achar que um dia voltaremos a ser um casal. Nem em sonhos.

O restaurante está lotado. Reconheço alguns amigos de longe.

— Eu conheço aquele cara – Alana diz em voz alta. Olho na direção em que ela está apontando e vejo Charles. Meu corpo todo enrijece no mesmo momento. Ela deve estar fazendo de propósito.

— Quem? – mamãe pergunta.

— Aquele bonitão. De terno cinza e gravata escura – ela prossegue.

Eu pigarreio e levanto-me de minha cadeira.

— Aonde vai? – minha mãe pergunta. — Porque você e Alana não vão dançar um pouco? Vocês jovens tem que se divertir.

— Ótima ideia – Jonas fala puxando Terry para a pista de dança do restaurante.

Reviro os olhos porque a última coisa que eu quero nesse momento, é dançar com Alana.

— Alana, leve Adrian para dançar. Ele precisa se divertir um pouco.

Alana sorri e fico mais putto. Para não ser indelicado, pego em sua mão e a conduzo.

A música *Use Somebody* – *Kings of Lion*, preenchia

o ambiente.

Não vou negar que Alana é uma mulher muito bonita. Um rosto bonito e um corpo perfeito. Inteligente, feminina. Contudo não me despertava nada. Nenhum sentimento. Ela está abraçada comigo como se fôssemos um, e, mesmo assim, senti-la tão próxima, não fazia com que tivesse vontade de tocá-la. Não conseguia nem ficar excitado com ela se esfregando em mim.

— Pare — alerta quando ela se aproxima para me beijar.

— Por quê? Somos livres Adrian. Livres e desimpedidos — ela diz tentando me beijar mais uma vez. Viro o rosto e digo:

— Eu não estou livre, Alana. Pelo menos não para você. Somos amigos. Continuaremos assim — percebo que ela se irrita. Se afasta de mim e me deixa sozinho plantado igual a um idiota. “Mulheres”. Sempre procuram por homens sinceros, e quando acham se irritam fácil em ouvir a verdade.

Volto para a mesa. Terry e Jonas também voltaram e estão na maior agarrção.

Peço uma garrafa de uísque para o garçom.

Me sirvo de um pouco de uísque e meu pai, sentado

ao lado de minha mãe, faz o mesmo.

Conversamos durante algum tempo até que algo me chama a atenção. Há fotografos na entrada do restaurante e sei que é por causa do idiota do Jason. Enquanto ele é fotografado, quase me engasgo ao ver quem entra no restaurante.

Verônica.

Todos percebem e olham em direção para onde estou olhando.

— O que essa vaca faz aqui? — Alana rosna e eu a fulmino com o olhar.

— Como ela tem a petulância de aparecer em minha festa? — minha mãe diz visivelmente irritada.

Eu apenas a olhava calado. Que diabos ela está fazendo aqui? E que vestido era aquele? Não posso acreditar no que vejo. Fico puto.

Ela anda em meio aos convidados e logo desaparece.

Ela é sem dúvida a mulher mais linda da festa. É impossível olhá-la e não desejar tocar cada centímetro de seu corpo. De não beijar sua boca perfeita, feita só para mim. Eu mataria quem ousasse tocá-la.

Virei meu copo e matei meu uísque em apenas um

gole. Eu preciso falar com ela.

Levanto-me e no mesmo momento, minha mãe rosna:

— Não vai atrás daquela vagabunda.

Fico chocado com a forma com que ela fala.

— Cuidado como fala – digo.

— Sua mãe tem razão Adrian. Ela estava se pegando com um car...

— Cale a boca, Alana – grito perdendo o controle batendo os punhos na mesa.

— Uhul! Depois eu quem deveria me controlar – Terry ri. — Olha só para você. Vá atrás dela – ela diz deixando minha mãe ainda mais nervosa. Antes de iniciarem uma guerra, saí à procura dela.

Verônica me deixa atordoado. Fora de mim. O que ela está fazendo aqui?

Procuro-a em todos os cantos. Para onde ela foi? Então caminho para o bar que fica nos fundos do restaurante.

Ela está no canto discutindo com Charles.

Ela se esquivava a cada passo que ele dá em sua direção. Era como se estivesse com medo dele. Estranho.

Ando até eles. No meio do caminho, vejo-o puxá-la para ele e beijá-la. Essa visão me fez perder totalmente o controle, o raciocínio, eu fiquei completamente transtornado.

Parti para cima dele arrancando-o de perto dela. Quando consegui afastá-lo, desferi um soco no meio da cara do paspalho.

— Que porra é essa? – ele rosna.

Ele partiu para cima de mim, mas consegui esquivar-me lhe dando mais um soco. Charles estava estirado no chão segurando sua mandíbula inchada. Limpou o sangue com as costas das mãos e se levantou.

— Se tocar nela outra vez, mato você – rosno.

— Ela não é sua. É minha propriedade. Minha. Eu pago por isso – ele diz me deixando mais cego de ódio.

— Adrian... – ela diz. Viro-me para olhá-la. Está assustada. — Está tudo bem – ela diz. — Vá embora.

Que porra de “*está tudo bem*”?

— O que faz aqui com esse idiota? – pergunto, me aproximando dela e sou bloqueado por Charles. Eu o olho. Acho que ele deve ser masoquista. Está querendo que eu quebre sua cara.

— Ela disse pra cair fora – ele rosna dando uma de macho.

— Vou tirá-la daqui – digo e a seguro pelos braços.

— Pode até levá-la. Mas fique sabendo que ela é minha – ele diz. — Minha puta – ele concluiu e o resto de autocontrole que ainda existia, se perdeu no momento em que ele a chamou de puta.

Eu o grudei na parede e comecei a socá-lo. Só parei quando três homens me agarraram. Eu gritava, bufava, rosnavava... Estava uma fera. Deixei Charles quase inconsciente.

— Está louco Adrian? Esse cara vai arrancar suas calças. Vai processá-lo – meu pai diz me segurando junto com Jonas e Jason.

— Foda-se! – grito. — Escuta aqui seu filho da puta, se chegar perto dela mais uma vez, eu acabo com a tua raça.

Uma pequena multidão aglomerada em nossa volta foi abrindo caminho para que eu passasse. Estava praticamente arrastando Verônica comigo. Ela apenas chorava silenciosamente.

— Não deveria ter feito aquilo – ela diz como um sussurro. — Agora ele vai... – ela começa a falar e para.

— Ele vai o quê? – paro abruptamente.

Ela me olha e fica muda.

— Fala Verônica – digo e mal percebo que estou gritando com ela no meio de todos.

Ela se retrai.

— Eu vou embora. Solte-me.

— Não antes de me dizer o que veio fazer aqui com aquele desgraçado – rosno.

— Ela veio bater ponto – olho para trás e vejo minha mãe ao lado de Alana. — Não é isso que prostitutas fazem?

Olho para minha mãe abismado.

— Não quero que fale dela desse jeito – falo mais alto do que deveria.

— Agora vai dizer que estou mentindo? Olhe para ela filho. Nem com uma roupa decente está vestida.

— Peça desculpa para ela – digo com autoridade.

— O quê?

— Está louco? – Alana diz.

— Cale sua boca. E quer saber, caia fora daqui –

puxo Alana pelos braços e a empurro para longe.

— O que está acontecendo? – Terry diz puxando Verônica ainda chorando, para ela.

— Vai ficar ao lado dessa vadia? – minha mãe insiste nas ofensas, encarando minha irmã.

— Vou sim – Terry diz.

— Não me surpreende. A prostituta e a viciada – ela comenta sarcasticamente e perco a paciência.

— Por que não conta para o seu filhinho, o que acabei de ouvir lá na mesa? Você e a vaca da Alana.

— O que foi? – pergunto para Terry.

— Agora eu sei por que a Verônica foi embora. A mamãe ameaçou a coitada. Disse que se ela não te deixasse, seria capaz de destruir sua carreira só para que você a odiasse.

Então era verdade!

Olho para ela e ela sorri.

Sinto nojo das duas.

Como pude ser tão burro? Tão cego?

Por que não acreditei nela?

—Eu vou sair daqui para não ter que dar na sua cara — digo olhando para Nora.

— Não faria isso — ela diz abismada.

— Não pague para ver. E só para constar, agradeço por não ser seu filho.

Saio arrastando Verônica para fora do hotel. Depois de quase matar o Charles, acredito que não serei mais bem-vindo nesse lugar. No qual não faço nem questão de aparecer, nunca mais.

Entramos no carro.

Eu ainda estou tentando processar tudo. Estou uma pilha de nervos.

Dirijo até o apartamento da Verônica em silêncio.

Quando chegamos, saio do carro e abro a porta do carona ajudando-a a sair.

— Precisamos conversar — digo olhando em seus olhos.

— Não temos nada para conversar, Adrian.

— Como não? Agora tudo mudou Verônica.

— É. Mudou? Só se for para você. Porque para mim, não mudou em nada. Ainda posso ouvir suas palavras

duras quando esteve aqui pela última vez.

— Você me deixou droga! Como acha que me senti? Você mentiu para mim.

— É eu menti. Tentei concertar meu erro. Fiz isso por você e o que eu ganhei em troca? — ela diz começando a chorar. — Me deixe em paz, Adrian. Por favor — sua voz saiu como sussurro.

— Eu te amo, Verônica. Não quero ficar longe de você. Não quero outro homem tocando você — falo desesperado e a beijo. Ela não corresponde. — Me perdoe, por favor. Volta para mim.

— Eu não posso — diz com um olhar perdido.

— É o Charles? — pergunto com medo de ouvir a resposta. — Está saindo com ele? Por isso estava lá? Por isso não me quer mais?

— Não! — ela diz soando chateada.

— Então o que é. Diga-me. Não aguento mais ficar sem você. Minha vida está de cabeça pra baixo sem você, meu amor.

Ela fica relutante em falar qualquer coisa. Está assustada.

— Você precisa saber antes sobre o Charles.

— Saber o quê?

— Eu devo uma boa quantia em dinheiro... – ela começa a dizer e sinto que há algo errado com ela. Ela leva as mãos à cabeça e sua respiração fica lenta. Ela parece desorientada.

— Verônica? Está se sentindo bem?

Antes que pudesse responder, ela cai em meus braços deixando-me apavorado.

— Verônica! Verônica! Droga.

Pego-a no colo e atravesso a rua em direção a seu prédio. Peço ajuda para o rapaz que está na guarita.

— Preciso levá-la até o apartamento dela. Você tem uma chave extra?

Ele me olha indeciso:

— Temos. Mas não posso lhe dar sem a permissão dela.

— Quer tentar a sorte para acordá-la desmaiada? Anda, me dê logo a droga da chave.

— Eu vou acompanhar o senhor – o rapaz diz e agradeço.

Subimos até seu apartamento. O rapaz abre a porta

com a chave extra e entramos. Coloco-a sobre o sofá e tento acordá-la.

Dou leves batidas em seu rosto até que ela acorda, ainda desorientada.

— Adrian... — ela sussurra.

Fico aliviado em ver que está bem. Será que deve estar doente?

— Querida, você está bem?

— Sim — sua voz é fraca.

— Venha. Vou levá-la para o quarto.

Ela me olha relutante.

— Não. Quero que vá embora, Adrian.

— Não. Não vou deixá-la aqui, assim.

Ela passa seus braços em meu pescoço e se aninha em meu colo. Está pálida.

— Obrigado — digo para o rapaz ainda parado na sala. — Pode ir. Ficarei aqui com ela.

O rapaz sai silenciosamente.

Quando a deito na cama, começo a retirar seu sapato, suas meias e por fim, retiro o vestido.

Tento manter o controle. Meu corpo implora pelo dela. Vê-la praticamente nua, me deixa totalmente excitado.

— Tem certeza de que está bem? — pergunto ainda preocupado.

— Estou — responde e aos poucos, fecha os olhos caindo no sono.

Eu fico ali, ao seu lado, apenas a observando.

Me chutando mentalmente por ter sido um idiota e ter permitido que se afastasse de mim.

De agora em diante, eu não a deixaria nunca mais. E mesmo que acordasse pela manhã e me mandasse embora, eu não iria. Eu vou lutar por ela. Farei qualquer coisa para que me perdoe e volte a ser minha.

Tiro minha roupa e deito ao seu lado. Olho-a atentamente contemplando toda a sua beleza.

— Eu amo você — sussurro afastando uma mecha de seu cabelo que estava tampando seu rosto, mas ela não me ouve. Está dormindo de uma forma encantadora. Parecendo um anjo.

Um anjo.

Meu anjo.

Capítulo 3

Verônica Sandler

Acordo e vejo as roupas de Adrian em cima da pequena poltrona em meu quarto, mas nenhum sinal dele por perto. Não imaginei vê-lo tão cedo. Ainda estava chateada com ele.

Ficar tão próxima a ele dificultava ainda mais a minha condição. Eu precisava me manter afastada. Mas como? Como me afastar do único homem que eu amo e que desperta em mim, todos os meus sentidos?

Adrian é o único homem por quem realmente tive algum sentimento. O único. Embora tenhamos começado com o pé esquerdo, Adrian demonstrou-me o quanto me ama e se importa comigo. Não sei se teria forças para dispensá-lo. Para tirá-lo da minha vida, mas era isso que eu precisava fazer. Depois do que Adrian fez ao Charles,

eu duvido que ele não vá revidar. Charles também é um homem poderoso. Eu temia por ele e por mim.

Levanto-me da cama um pouco zonza. Faz alguns dias que não me alimento direito. O reflexo disso foi aquele súbito desmaio ontem à noite.

Caminho até o banheiro. Olho-me no espelho e vejo minha aparência pálida. Estou me sentindo doente.

Tiro minha calcinha, meu sutiã e entro no chuveiro. Nada como um bom banho para renovar as energias. Quando termino, seco meus cabelos e me enrolo na toalha branca. Faço minha higiene, penteio os cabelos, hidrato minha pele e saio.

Adrian está gloriosamente de boxer preta em minha frente.

— Bom dia, meu amor – ele diz com um lindo sorriso.

— O que ainda faz aqui? – pergunto sendo ríspida.

— Isso não vai funcionar, Verônica – diz caminhando em minha direção.

— O que não vai funcionar? – pergunto apertando a toalha em volta do meu corpo.

Ele se aproxima e toca meu rosto. Com sua mão, me

puxa pela cintura de modo que nossos corpos se unam.

— Não vou a lugar nenhum – diz sussurrando. — Não saio daqui sem você.

Afasto-me dele e sinto meu coração disparar. Como eu queria que tudo fosse mais fácil. Que eu tivesse o conhecido antes. Que fosse meu primeiro.

— Preparei o café da manhã para nós dois. Não achei nada nos armários, tive que ir até o mercado na rua de trás – ele me olha e franze a testa.

— Obrigada. Mas estou sem fome.

— Precisa se alimentar. Não passou bem ontem à noite. Aliás, você anda se alimentando?

— Cla-claro que sim – gaguejei. Se ele soubesse que não tinha dinheiro nem para comprar um pão, o que diria?

— Está me escondendo alguma coisa? Por que parece tão aflita?

— Estou cansada. Só isso – minto. A única coisa que queria, era estar nos braços dele, sendo tocada e amada. Sair desse inferno em que estava vivendo.

— Ontem, você mencionou alguma coisa sobre dever um dinheiro. Acabou que passou mal e não pude entender do que se tratava – Adrian diz sentando em minha cama.

— Posso ajudá-la.

— Adrian... – sussurro e tento juntar todas as minhas forças para contar a ele o que preciso. Talvez ele pudesse me ajudar e me tirar desse pesadelo. — Charles e eu... – começo a dizer e meu celular toca. Adrian me olha intrigado, mas não diz uma só palavra.

Quando o quinto toque ecoa no quarto, ele se irrita e pergunta:

— Não vai atender?

— Sim, claro – digo e caminho até o criado-mudo em busca do meu telefone. No visor, o nome de Charles me faz empalidecer.

— É da clínica – minto. — Preciso atender, deve ser importante.

Adrian assente e sai do quarto dizendo que buscará nosso café.

Reúno toda a minha coragem e atendo ao telefone.

— Charles? – sussurro entrando no banheiro e fecho a porta.

— Verônica... Preciso te ver – ele diz com sua voz rouca.

— Eu não posso. Aliás, não poderei nunca mais,

Charles. Esqueça-me – digo tentando não sucumbir.

— Ele está com você? Aquele filho da puta está aí? Com você? – perguntou descontrolado.

— O que você quer Charles? – sussurro ao telefone.

— Você sabe o que eu quero. Não se faça de sonsa – ele rebate. Fecho os olhos tentando conter minhas lágrimas.

— Eu vou conseguir o dinheiro – digo ainda mais baixo para que Adrian não escute.

— Não quero a porra do dinheiro – ele grita do outro lado da linha. – Quero que se livre dele, Verônica. Se não fizer o que estou mandando, darei um jeito para que ele sofra as consequências. Você é quem decide.

— Não Charles, por favor. Não o machuque – digo apavorada entre soluços.

— Então se livre dele. Você é minha, Verônica. Não vou dividi-la com mais ninguém – fala e desliga o telefone.

Vou agachando lentamente até o chão do banheiro deixando o pavor me dominar. Jogo o celular no chão descarregando toda a minha fúria. Levo as mãos à cabeça e me encolho num choro profundo.

O banheiro é preenchido pelos sons de meus soluços desesperados. Eu estou perdida sem saber o que fazer.

Completamente perdida...

— Verônica... Você está bem? — Adrian bate na porta.

Estou aos prantos e com uma fúria incontrolável.

— Verônica, abra a porta — ele bate mais forte.

A dor que sinto é imensa. Não quero ter que me submeter àquele homem outra vez. Charles sempre me causou repulsa e nojo. E agora, sinto ainda mais.

Levanto-me do chão e abro a porta. Passo por Adrian rapidamente sem dar chance nenhuma a ele de me perguntar o que quer que fosse.

Recolho suas roupas da poltrona e sigo até a sala. Adrian me olha atordoado.

— O que está fazendo? O que aconteceu, Verônica? Por que está descontrolada?

Abro a porta da sala e jogo sua roupa no corredor gritando:

— Saia da minha casa, Adrian — ele me olha sem entender. — Agora! — grito. — Quero que suma da minha frente, da minha vida. Quero que esqueça que um dia me conheceu.

— O que está fazendo? — diz fechando a porta da sala ignorando suas roupas no corredor. — Quem era ao telefone?

— Vá embora, Adrian — grito.

— Meu amor, ainda está chateada por não ter acreditado em você? É isso?

— Por favor, Adrian. Faça o que estou pedindo. Não quero mais você — minha voz está embargada pelo choro. Adrian é esperto. Ele não está convencido.

— Eu amo você, Verônica. E eu sei que me ama também. É loucura nos separamos por causa disso. Eu errei, fui um idiota, mas eu amo você. Sempre vou amar você. Não me peça para desistir — ele me puxa para seus braços e me beija. Fiz um enorme esforço para não corresponder ao seu beijo. As lágrimas caíam em meu rosto e pude sentir o gosto salgado delas.

Adrian se afasta e olha para mim.

— O que está acontecendo? Querida, por favor. Eu preciso saber. É sobre o Charles? Ele está perturbando você? — ele segura meu rosto com suas mãos.

Preciso afastá-lo. Ele precisava desistir de mim. Não suportaria vê-lo se machucar por minha causa. Charles é perigoso e conseguiu o que queria: me deixar apavorada.

Adrian é teimoso. Ele não desistiria assim tão fácil se eu não lhe desse um bom motivo. Então, arrumei um bem convincente.

— Eu e Charles estamos juntos agora – falo, automaticamente Adrian se afasta. Ele me olha com os olhos semicerrados e perde a fala. Meu coração se despedaça ao ver a dor em seus olhos.

— É assim? Vai ser assim agora?

— Quero que me esqueça. Por favor, não me procure mais.

Ele voltou a se aproximar.

— Eu conheço você melhor do que qualquer outra pessoa. Sei quando está mentindo. Sei que está mentindo agora – passa a mão pelos cabelos, exasperado. — Eu não sei o que está acontecendo, mas uma coisa eu te garanto, eu não vou desistir de você – ele diz pausadamente.

As suas palavras me deram esperança. No fundo, não queria que ele fosse e nem desistisse de mim. Mas estava zelando por sua segurança.

Adrian abre a porta da sala, recolhe suas roupas e começa a se vestir ali mesmo. A forma como me olha, como seu olhar entra em minha alma, me despedaça.

— Obrigado por confiar em mim. Achei que

fossemos antes de tudo, amigos. Mas se não confia o bastante para me contar, terei que descobrir por outros meios – diz chateado e se vai.

Capítulo 4

Charles

— Droga! – praguejo alto numa fúria anormal. Jogo meu telefone na outra extremidade do quarto e o vejo se espatifar em três pedaços.

Verônica não sabe com quem está brincando.

Todos esses meses eu fui paciente e honrei nosso contrato. Abri mão de beijá-la. Cedi a sua vontade. Aceitei que tivesse outros homens, mas apenas os que eu aprovasse. Embora tenha sido eu que coloquei aquele filho da puta em seu caminho – o que me arrependo malditamente – eu não a queria com ele. Em hipótese nenhuma.

Eu podia senti-la escorregando pelos meus dedos. Para uma pessoa como eu, isso é inaceitável. Sou um

dominador, não um cachorrinho implorando por migalhas e atenção. Acho que ela perdeu a noção do que eu posso fazer – caso ela se esqueça de que pertence a mim. Assinamos um contrato e ela fez um juramento.

Um juramento que ficará marcado em minha memória. Ainda lembro-me do seu tom de voz, quando aceitou ser minha, em nosso segundo encontro.

“— Será uma sub obediente e dedicada a mim?”

— Sim, senhor.

— Ótimo, não espero menos do que isso...”

As lembranças do primeiro dia em que a possuí ficam martelando a todo instante em minha mente. Tão linda, tão entregue... Minha, minha linda submissa.

Fecho os olhos e seus votos voltam a me atormentar...

“— Está disposta a se entregar de corpo e alma a mim? – pergunto olhando em seus olhos assustados. Linda, de joelhos, nua, completamente minha.

— Sim – ela responde num sussurro.

— Então, me faça um juramento de fidelidade, obediência, servidão e dedicação.

Ela me olha confusa.

— Agora?

— *Sim. Para que pertença a mim, é necessário — digo firme empunhando meu chicote. — Quero que faça seu juramento de acordo com nosso contrato e como te ensinei.*

Ela me olha e molha os lábios com sua língua. Seu rosto ganha um tom avermelhado. Fica linda quando cora.

— *Eu, Verônica Sandler, abduco dos meus direitos e reconheço minha servidão a ti Senhor, a quem devo obediência total. A ti entrego meu corpo e minha alma submissa para o seu prazer, pois sou totalmente submissa às suas vontades, aos seus desejos mais secretos, dê-me a honra de servi-lo. Prometo honrar seu nome, prometo total fidelidade e dedicação. Estou ciente que pode fazer o que quiser, o que quiser com meu corpo, sou sua na forma que bem entender pois confio em ti, na sua mão pesada nos castigos e leve nos carinhos, em teu caráter e julgamento...”.*

Não vou deixar que ninguém a leve de mim. Ela sempre será minha. O pensamento de perdê-la me consome e me deixa enlouquecido.

Deito em minha cama, agora mais calmo. Nesses lençóis, ainda sinto seu cheiro. Sua presença...

Todas as noites em que me deito, é somente nela que penso. Não sei qual o momento que me perdi em meu próprio controle. Eu não sou um homem de uma escrava só. Nunca fui. Sempre tive outras submissas além dela. Mas tudo passou a ficar diferente de algum tempo para cá. Eu queria um relacionamento monogâmico. Eu queria mais. E agora, vou em busca desse mais, a qualquer custo. Buscarei o que me pertence. Mas desta vez, não a deixarei sair e nem que tenha outros homens.

Será minha.

Apenas minha.

Levanto-me e caminho até as correntes. Passo as mãos suavemente por elas lembrando-me da sensação de tê-la ali. Entregue.

Os sons que ela fazia, seus gemidos e gritos contidos, sempre me deixava ainda mais excitado. Adorava ouvi-la. O som de meus chicotes batendo em sua carne, as marcas em seu corpo, minhas marcas em seu corpo, levavam-me a um nível extremo. Nunca havia me sentido em total controle numa sessão. Eu sabia que era mais do que ela podia suportar e mesmo assim, minha pequena não me

decepcionou. Isso só me deixava ainda mais louco em testar os seus limites.

Penso nas várias formas em que a farei se submeter a mim. Imagino-a de joelhos, nua, sentada em suas pernas, uma enorme coleira em torno de seu lindo e delicado pescoço, e eu, puxando sua guia pela casa de forma que fique de quatro engatinhando atrás de mim, seguindo-me como uma felina.

Penso em quando poderei dormir e acordar ao seu lado. Em quando a excitarei apenas num simples comando meu.

Só ficarei feliz quando for apenas minha. Para me servir e me agradar. Entregar-me o total controle de seu corpo e sua alma. Me entregar suas vontades.

Antes disso, serei apenas a sombra de um dominador. Sem ela, não vejo sentido para minha vida. Quero que aceite ser minha escrava submissa por toda a vida. Que queira ser minha por vontade própria. Mas, para isso, terei que tirar todos de seu caminho. Assim, ela perceberá o quanto precisa de mim. Que sou eu que sempre cuidarei dela. Que a protegerei.

E que, sim, que serei aquele que irá castigá-la por não ter sido obediente ao seu senhor.

Caminho até o aparelho de som perto da cruz de

Santo André, ligando-o e a canção *The Kill – 30 Seconds to Mars* ecoa pelo enorme quarto escuro e sombrio.

Na gaveta da cômoda, ao lado de alguns brinquedos, está meu outro celular – o que uso para coisas ilícitas.

Eu sempre tive bons contatos. Nunca fui um homem ruim. Isso não. Apenas uma pequena mancha em meu passado. Algo que não queria que se tornasse público. Então, na época, usei desses mesmos meios para me certificar de que ficaria seguro.

Hoje, mesmo contrariando meu juramento de que jamais voltaria a fazer tal insanidade, meu desejo por ela é maior do que a loucura que estou prestes a cometer.

Pego o telefone e ligo.

— *Paschoal! – a voz estupidamente fria, soou do outro lado.*

— *Paschoal, é o Charles.*

Um breve silêncio quase me fez pensar que havia desligado.

— *Sim, senhor Charles. Se ligou é porque está encrencado como da última vez – ele fala.*

— *Nem tanto. Mas preciso que faça um servicinho para mim. Ainda não sei se é necessário. Apenas fique*

em alerta. Caso precise, votarei a contatá-lo.

— Sem problemas, senhor. Estou à disposição — ele diz e eu finalizo a ligação.

Paschoal é um homem bruto. Bronco.

Da última vez em que precisei de seus serviços — há três anos — ele me serviu com louvor. Foi eficaz e objetivo em sua jornada. Qualidades que eu sempre apreciei em uma pessoa — a eficiência.

Há três anos, numa sessão com uma submissa, tudo ia muito bem. Até que resolvi prendê-la na cama. Seu corpo coberto e trançado por cordas vermelhas, olhos vendados de forma doce por uma fita de cetim preta, punhos e tornozelos imobilizados por algemas. Ela estava linda totalmente entregue. Me excitava apenas olhá-la. Então, comecei uma sessão com wax — velas. Havia velas acessas por todo o quarto, inclusive, em nossa cama.

Algo no meio do caminho deu muito errado.

Lembro-me do fogo. Muito fogo.

Não consegui desamarrá-la rápido o bastante. As chamas se alastraram e tornaram-se intensas, a fumaça inalada fez-me tossir ao ponto de asfixiar. Não pude ouvir seus murmúrios e seus lamentos, pois havia a amordaçado também. Não me esqueço de quando a olhei nos olhos e vi

o terror que continha neles.

Eu saí do quarto ignorando muitas regras. Inclusive, a de mantê-la segura. Por minha causa, ela se foi. Porque não pude protegê-la. Não consegui. Priorizei a minha segurança.

Diante do caso, fiquei exposto. Na investigação, um dos detetives chegou até mim. Pelas minhas práticas não convencionais, certamente seria acusado de omissão de socorro e fug, até mesmo por assassinato. Então, pedi para que Paschoal desse um jeito no detetive curioso. Acho que o corpo dele ainda repousa no imenso rio. Até hoje, não foi descoberto. A polícia deu o caso como encerrado.

Como disse, nunca fui um monstro. Mas agi em prol das minhas necessidades. E se for preciso usar de tal tática para conseguir a mulher que eu amo, Adrian Miller certamente terá um lugar de destaque ao lado do detetive que quase quis me ferrar.

Esse sou eu. Determinado. Não acho que isso seja cruel. Apenas luto pelos meus desejos. Sou um Dom. E um Dom, merece ter tudo o que deseja.

Nem que seja a qualquer custo – se isso o fizer feliz – como sei que serei com ela.

Apenas eu e Verônica.

Ninguém mais.

Capítulo 5

Adrian Miller

Saí do apartamento de Verônica determinado a descobrir a verdade. Tinha que haver alguma explicação para seu comportamento estranho.

Entrei no carro ainda ajeitando a gravata. Não posso acreditar que ela jogou minhas roupas no corredor.

Dirijo até a casa de Jonas. Estava com tanta raiva que os nós dos meus dedos no volante, estavam brancos. Eu não sou um cara de desistir fácil. Nunca desisto. Tenho certeza que seu comportamento está ligado ao Charles. Mas por quê? Por que ele rondaria ela?

Chego à casa de Jonas. Saio do carro rapidamente e toco a campainha.

Ele abre a porta e se espanta ao me ver ali tão cedo.

— Adrian?

— Bom dia Jonas – entro sem ser convidado. Sentada a pequena mesa de vidro, está Terry, quase nua.

Dei um olhar mortal a ela e a maldita apenas sorriu.

— Bom dia, irmãozinho.

— Que pouca-vergonha é essa? – pergunto.

— Oh! Até parece que meu querido irmão é puritano – ela diz bebendo seu café.

— Adrian, é... – Jonas me olha sem graça. — Desculpe por isso. Não esperava visitas.

— Jonas, eu preciso de um favor – digo.

— Sim. Está com problemas na empresa? – ele pergunta e se aproxima da minha irmã. Diz algo no ouvido dela. Terry se levanta e sai da sala.

— Preciso que levante algumas informações sobre um homem chamado Charles Heart. Ele é dono da rede de hotéis de luxo Hertman.

— Eu sei quem ele é. O cara é poderoso. Tem muito dinheiro – ele diz me olhando cismado. — Mas o que quer saber sobre ele?

— Tudo. Onde mora, se tem namorada, esposa, filhos, onde passa as noites, os dias, onde almoça, o que faz para se divertir, se já foi preso, se sonega imposto...

— Mas para que quer isso? – ele pergunta intrigado.
— Deixe o cara quieto Adrian. Já não basta o processo que com certeza ele abrirá por espancá-lo?

— Foda-se – rosno. — Ele de alguma forma, anda rondando a Verônica. Quero saber o porquê. Qual a ligação dos dois.

— Vai levar um tempo. Não é assim tão rápido.

— Quero isso o mais rápido possível. Quero informações sobre as contas bancárias dele também. Se encontrar quaisquer vestígios de que esteja ligado à Verônica Sandler, quero ser informado.

— Tudo bem. Vou contatar aquele meu amigo.

— Vou te mandar um arquivo com todas as informações sobre ela. Quero que puxe as últimas ligações telefônicas, transações bancárias, tudo o que conseguir.

Jonas me olha e começa a rir.

— Você tem um dossiê sobre sua namorada? Está louco, não? Não sou nenhum mestre em T.I., Adrian. Não posso invadir contas bancárias e ligações telefônicas.

Anda assistindo muitos filmes.

— Eu quero Jonas. Se vire. Eu sei que você tem pessoal para isso. Esqueceu-se?

— Isso custa caro, Adrian.

— Pago o que for. Apenas consiga as informações – digo ríspido.

— Tudo bem. Vou ver o que posso fazer – ele dá um meio sorriso. Sei que conseguirá. Jonas tem bons contatos.

— Isso é tudo. E cara, se liga, pois estou de olho em você e na Terry.

— Ela está bem grandinha, Adrian – ele diz levantando do sofá e me levando até a porta.

— Mesmo assim, ela é minha irmã.

— Eu sei. Estamos bem juntos. Eu gosto da Terry, Adrian. Não se preocupe.

— Me ligue quando obtiver as informações – saio sem me despedir.

Estou decidido a trazer Verônica de volta. Havia algo errado com ela. Ela estava amedrontada. Dava para sentir.

Parei na clínica onde sua mãe seguia internada.

Conversei com alguns médicos e ela continuava na mesma. Por curiosidade, perguntei sobre os pagamentos que Verônica fazia.

Pedi a segunda via dos comprovantes de pagamento e me surpreendi com o que vi.

Sentado no banco do meu carro, analiso o extrato.

Transferência feita em nome de Charles Heart Hertman a quase quatro meses: “vinte mil reais”.

Transferência feita em nome de Verônica Sandler a três meses: “vinte mil reais” e “quarenta mil reais”, em nome de Charles Heart Hertman.

Transferência feita em nome de Charles Heart Hertman a dois meses: “cinquenta mil reais” e “dez mil reais” em nome de Verônica Sandler.

Transferência feita em nome de Adrian Miller a quase um mês atrás: “duzentos mil reais”.

Transferência feita em nome de Charles Heart a quase dez dias atrás “cinquenta mil reais”.

Olho para a data da última transferência. Charles havia depositado dinheiro na conta da clínica, quando

Verônica estava em minha casa. Por que ela me escondeu que ele havia depositado dinheiro para ela? Será que ela falou a verdade quando disse que estavam juntos? Não é possível. Não posso acreditar que enquanto dormia comigo, estava dormindo com ele também.

Amasso o maldito papel. Lembro-me dela ter mencionado que estava devendo um dinheiro. Será que era isso? Charles emprestava dinheiro a ela? Mas com que propósito?

Minha mente começou a girar e já não funcionava mais com clareza. Não queria meter os pés pelas mãos. Investigaria isso.

Pego meu celular e ligo para Jonas.

— Jonas. Sou eu — digo.

— Problemas?

— Descubra para mim se Charles tem algum envolvimento com Verônica Sandler. Quero que coloque alguém para segui-lo — peço.

— Não posso fazer isso, Adrian — ele sussurra.

— Por que não?

— É perigoso. Depois que você saiu daqui, conversei com alguns amigos meus.

— E...

— Charles, há três anos, estava sendo investigado por um detetive. Misteriosamente, o detetive desapareceu antes de concluir as investigações. A polícia deu até o caso como encerrado.

— Mas estava sendo investigado por quê?

— Homicídio. Ainda não tenho muitos detalhes. Estou esperando algumas informações.

— Quando tiver, quero ser avisado.

— Veja lá em que vai se meter, Adrian – ele alerta.

— Fique tranquilo. Tenho um ótimo advogado – respondo rindo.

— Palhaço. Estou falando sério. Se Charles tem algum envolvimento com o sumiço do detetive, é porque ele não é boa coisa.

— Ficarei esperto. Obrigado – disse desligando.

Interessante. Charles, Charles... O que será que você esconde atrás dessa cara de bom moço?

Quando eu descobrir, vou acabar com você.

Capítulo 6

Verônica Sandler

Assim que Adrian saiu do meu apartamento, caí em um choro profundo. Até quando minha vida seria esse martírio?

Vi o desapontamento em seus olhos. O modo como me olhava. Mas eu só queria protegê-lo. Apenas protegê-lo.

Não sei se o caminho que estava escolhendo percorrer era o certo. Só sabia de uma coisa: não deixaria Charles encostar um dedo em Adrian.

E se para isso eu tiver que abrir mão do amor que sinto por ele, eu faria sem pestanejar.

Adrian é uma das únicas pessoas com quem me

importo. Ele e minha mãe. Não deixarei ninguém machucá-los. Eu faço o que for preciso para mantê-lo em segurança.

Quando conheci Charles, eu jamais pensei que ele seria capaz de ser tão cruel. Ele nunca me deu indícios de que sentia algo por mim. Não entendo sua súbita vontade de que eu pertença a ele. Afinal, ele sempre soube em que eu trabalhava.

Levanto-me do sofá e vou até o quarto. Arrumo minhas roupas e entro no banho. Quando termino, coloco minha roupa e saio.

No caminho para a clínica, sinto-me tonta e enjoada. Paro o carro no acostamento, abro a porta e a vontade de vomitar fala mais alto. Fiquei ali, por alguns minutos, com as mãos nos joelhos e pernas flexionadas, esperando vomitar mais uma vez. Mas a falta de comida no organismo impede que eu vomite ainda mais.

Quando a tontura passa e me sinto perfeitamente bem para dirigir, continuo meu percurso.

Ao chegar à clínica, vou direto visitar minha mãe. A entrada na UTI é permitida apenas 15 minutos por dia. São os mais longos 15 minutos da minha vida. Vê-la ali, inconsciente, respirando por aparelhos, me fez questionar muitas coisas. Ela sempre foi uma mulher boa. Uma mãe exemplar e uma esposa perfeita. Por que Deus nos deu

esse destino tão sofrido?

Ainda não conseguia entender o porquê das coisas serem tão difíceis para nós duas.

Fico ali, segurando sua mão, me perguntando quando seu sofrimento terá um fim.

Quando a visita acaba, a enfermeira aparece me avisando que preciso ir. Ela me dá um sorriso reconfortante e diz:

— Ela vai sair dessa.

Assenti com a cabeça e saí enxugando as lágrimas.

Ao sair do hospital, passo em uma lanchonete e peço um sanduíche. Estou morta de fome, mas é a única coisa que posso pagar no momento. Com minha conta quase zerada, não poderia me dar ao luxo de comer algo melhor. Essa era outra questão que me preocupava: a falta de dinheiro.

Não queria mais voltar a me prostituir. Então, resolvi arrumar um emprego. Eu só não sabia por onde começar a procurar.

Hoje faz três dias que estou à procura de emprego e não encontro nada. A cada dia que passa, fica mais difícil ter esperanças.

Minha mãe ainda continua na mesma.

Minha vida ainda continua na mesma.

Levanto-me da cama pior do que quando fui deitar ontem à noite. Não tenho me alimentado bem, as contas estão chegando e, a cada minuto que passa, o desespero toma conta de mim.

Após ter jogado meu celular num ataque de fúria no banheiro, fiquei incomunicável. Não havia telefone em casa e agora, estava sem celular.

Passo os dias apreensiva. Todos os dias, mesmo após as visitas a minha mãe, eu ia a um orelhão e ligava para a clínica para saber se tinha novidades. Talvez meu subconsciente achasse que fazendo isso, poderia receber uma notícia boa de que minha mãe já havia se recuperado e saído da UTI.

Caminhei até a cozinha e preparei um leite com chocolate e peguei algumas bolachas de água e sal. Era a única coisa que havia em casa.

Sentada na cadeira com os cotovelos na mesa, a campainha toca.

“Quem será a essa hora?”.

Caminho até a sala e abro a porta.

Meu coração dispara quando vejo Charles.

Sem pensar, tento fechá-la rapidamente, mas Charles é mais rápido. Ele coloca o pé para bloqueá-la e a empurra com toda a sua força, fazendo com que a porta bata em meu rosto.

A pancada em minha testa foi forte o suficiente para quase me fazer ir ao chão.

Charles entrou em minha sala fechando a porta atrás de si.

Quando olhei em seus olhos, um frio percorreu minha espinha.

Charles me olhava com olhos de predador. Estava elegantemente vestido em um terno caríssimo, azul-marinho, gravata vermelha e camisa branca. Em uma das mãos, segurava uma maleta prateada.

— O que faz aqui? – perguntei quebrando o silêncio assustador.

— Porque não atendeu as minhas ligações? – sua voz fria me deu calafrios.

— E-eu estou sem telefone – gaguejei.

— E quer que eu acredite nisso? — ele me olhou com olhos semicerrados. — Não brinque comigo, Verônica.

— Eu estou falando a verdade.

Charles caminhou até meu sofá e depositou sua maleta. Eu fiquei ali, inerte, apenas o observando.

Pacientemente, Charles a abriu e retirou de dentro dela, uma pequena fivela preta. A qual eu conhecia muito bem.

— Está mais do que na hora, de você usar isso permanentemente — ele me olhou com um sorriso de satisfação no rosto.

A coleira que ele segurava, havia suas iniciais CHH, gravadas em dourado.

Ele caminhou em minha direção segurando aquela coleira e quando estava bem próximo a mim, colocou-a em torno de meu pescoço e a fechou.

— Está proibida de tirá-la. Somente eu, seu dono, posso retirá-la de você.

Eu não sei do que fiquei com mais medo, do Charles parecendo um louco ou ele achando que de alguma forma, eu concordaria em ser dele.

Jamais eu seria dele. Em nenhuma circunstância.

— Eu não sou sua, Charles. E não quero ser – digo firme.

— Eu não me lembro de ter dado a você alguma opção – diz com um sorriso lascivo no rosto.

— Não deu. Acontece que não serei sua, Charles. Em hipótese nenhuma – caminho para trás procurando por algo que pudesse usar para me defender.

Em cima do aparador, um vaso de cerâmica me pareceu útil – caso ele decidisse ir pelo lado mais difícil.

— Olhe pra você, Verônica – disse caminhando lentamente em minha direção. — Está abatida. Há quanto tempo não come? Sei que não está fazendo mais programas e que não tem um trabalho. Como acha que vai conseguir pagar o tratamento da sua mãe e ainda se sustentar?

— Não te interessa – cuspi irritada.

— Eu posso ajudá-la, querida. Apenas seja minha – ele diz agora bem próximo a mim.

— Nunca. Você é um maluco, Charles. Saia daqui – gritei. O jeito que ele me olha, deixa meus sentidos todos em alerta. Charles não parece estar de brincadeira.

— Como eu disse querida. Não dei a você uma opção. Será minha. Como e quando eu quiser. E claro, não

sairei daqui. Você é quem sairá – ele tira um pequeno envelope de dentro do paletó e entrega a mim. — Leia.

Peguei o envelope com as mãos trêmulas. Vindo do Charles, não poderia ser coisa boa.

O abri descoordenadamente. Joguei o envelope pardo no chão e li a pequena carta da imobiliária.

Ao ler aquelas cinco linhas, senti meu mundo desmoronar. Minha garganta foi bloqueada pelas batidas frenéticas do meu coração. Uma sensação de sufocamento tomava conta de mim. Eu queria gritar, chorar, bater naquele maldito desgraçado. Mas não tinha forças para lutar. Tudo parecia estar contra mim.

— Não pode fazer isso – disse desesperada.

— Posso e já fiz. Esse apartamento agora é meu. E você tem apenas uma semana para desocupá-lo – dá um sorriso cínico que me deu vontade de partir a cara dele.

— Não tenho para onde ir, Charles. Você sabe que não tenho – disse com as lágrimas rolando em meu rosto.

— Claro que tem. Você vai para minha casa – ele fala. — E isso, não é um pedido.

— Eu prefiro morrer a ir com você, seu desgraçado, maldito – gritei já fora de controle.

Charles caminhou tão rápido até mim, que meu único instinto foi o de me defender. Não pensei duas vezes e agarrei o vaso de cerâmica e joguei contra ele. O vaso pegou em seu ombro direito e parece não tê-lo afetado tanto quanto eu gostaria.

— Isso foi imprudente de sua parte, querida. Sabe o que eu posso fazer com você, não sabe?

— Fique longe de mim, Charles. Eu vou gritar tão alto que toda a vizinhança irá me ouvir – ameacei. Não estava para brincadeira.

— Certamente que irá. Mas... Como sabe, sou um homem prevenido – ele caminha até sua mala em cima do sofá, retira de dentro dela, uma fita adesiva prateada.

Eu sabia exatamente para o que ela servia.

Sem pensar, tentei correr até meu quarto. Charles conseguiu me alcançar antes que pudesse fechar a porta e pedir por socorro. Ele avançou em mim e me deu um soco no rosto o qual me deixou desnorteada por alguns instantes.

— Eu até acho um charme essa sua braveza toda. Mas quer saber Verônica, isso já está me irritando – ele diz me imobilizando no chão. — Eu sou seu dono, Verônica. Se quiser fazer do jeito mais difícil, saiba que vou adorar tornar isso doloroso para você.

Eu me debato e cuspo na cara dele sorrindo de satisfação.

— Não serei sua, nunca, Charles. Pode fazer o que quiser comigo, que ainda assim, o único homem que me terá completamente, é Adrian. E você sabe disso.

— Ah é? — diz sarcasticamente. — Ele a faz gozar gostoso? Assim, como eu?

— Não seja ridículo seu maníaco pervertido. Eu nunca gozei pra você. É tão idiota que nunca percebeu. Nunca senti nada por você Charles, a não ser asco — rosnei.

Vi o momento em que os olhos de Charles se tornaram negros. Ele vociferou algo antes de bater forte em meu rosto mais duas vezes.

Senti gosto de sangue na boca. Meu rosto queimava.

— É disso que você gosta, não é, sua vadia — ele sussurrou em meu ouvido. — Gosta de apanhar.

Charles levantou do chão e ordenou:

— Levante-se.

— Vá pro inferno — gritei.

Ele se abaixou e me puxou pelos cabelos até que eu ficasse de pé. Dei um rugido de dor.

— Tire a roupa – ele ordenou mais uma vez. Nem morta tiraria minha roupa para ele.

— Não! – gritei enfurecida. Passei as costas da mão em minha boca para limpar o sangue que havia ali.

Charles me arrastou pelos cabelos até a sala e me jogou no sofá. Da grande maleta, ele retirou seu chicote.

— Você não é uma escrava muito obediente. Acho que terei de adestrá-la, minha cadelinha – ele disse colando sua boca na minha, me fazendo sentir nojo.

— Não sou sua escrava. Tão pouco sua cadela – digo partindo para cima dele dando socos em seu peitoral forte.

Vejo-o tirar um pequeno pedaço da fita adesiva cortando-a com os dentes. O pânico de ficar amordaçada falou mais alto e comecei a gritar por socorro.

Rapidamente, ele me imobiliza amarrando minhas mãos com sua gravata vermelha e colocando a fita sobre minha boca.

— Normalmente, eu gosto de ouvir os gritos. Excite-me. Mas não quero que a vizinhança inteira escute o que farei com você – ele disse com sua voz assustadora. — Será rápido. Não se preocupe. Tenho certeza que vai implorar para que eu continue até não aguentar mais e

gozar bem gostoso para seu dono – ele diz me deixando apavorada.

A ideia de ser violentada dessa forma me deixou completamente desesperada. Ele não seria capaz, seria? E a merda do São, Seguro e Consensual? Cadê?

Minha resposta veio assim que Charles me pegou novamente pelos cabelos, arrastando-me até minha cama. Olhei para ele com pavor enquanto ele tirava sua roupa.

Meus gritos abafados pela fita ecoavam apenas em minha mente. Minhas lágrimas escorrendo pelo meu rosto e o pânico que tomava conta de mim fez com que, naquele momento, eu quisesse a morte.

— Eu não sou um monstro, querida. Não precisa me olhar assim. Eu tentei deixar esse meu lado, adormecido. Mas você, de alguma forma, conseguiu despertá-lo. Eu não queria que fosse desse jeito – diz enquanto sobe na cama apenas com sua boxer preta e o chicote em sua mão direita.

Eu o olho com olhar de súplica. Ele via o pavor em meus olhos, e ainda assim, ignorou-o.

— Vou soltar suas mãos. Quero que fique quieta. Tudo bem? Isso não precisa ser muito doloroso, Verônica. Só quero que se conforme que é minha. Minha. É minha desde o primeiro dia e sabe disso.

Tentei fechar os olhos para não olhar na cara dele. Charles é um louco. Um maníaco. E, assim que fechei os olhos, ele me golpeou em minhas pernas com seu chicote.

— Quero que olhe para mim – ele diz.

Assim que ele libera minhas mãos, me debato e dou na cara dele. Dou socos e pontapés, mas Charles tem uma força sobrenatural. Meus socos e chutes, só o fizeram mais nervoso.

— É assim que vai ser? Você quem escolheu cadela, vai aprender a respeitar seu dono – grita com sua voz absurdamente rouca e me vira de bruços com uma rapidez impressionante.

Charles prende minhas mãos juntas, na cabeceira da cama e retira toda a minha roupa, rasgando-a.

O primeiro golpe me atinge.

Eu chorava descontroladamente tentando me desvencilhar das amarras enquanto ele seguia me chicoteando.

Eu fazia tanta força para me soltar das amarras, que senti meus pulsos queimarem. Foi aí, que percebi que seria inútil lutar contra o que me esperava.

Minhas costas e minha bunda já estavam completamente dormentes. No lugar da dor, havia apenas

uma sensação de impotência. De ódio.

Quando Charles parou, achei que iria me tomar ali mesmo. Mas, para meu alívio, ele me desamarrou e me virou, retirou a fita adesiva com um puxão rápido. Eu ainda estava tentando conter meus soluços. Nenhuma palavra saiu de minha boca.

O lençol friccionando em minhas costas ardia e me fazia arquear-me toda.

Ele me olhava de um modo estranho. Seus olhos começaram a lacrimejar, mas não vi uma lágrima de arrependimento rolar em seu rosto.

Ele levou sua mão até meus seios e fechei os olhos. Não queria que ele me tocasse, mas não fiz a besteira de confrontá-lo. Não aguentaria nem mais uma chicotada. Estava totalmente acabada psicologicamente. A dor do corpo, não era nada comparada com o meu estado emocional, estava quebrada.

— E-eu não queria ter feito isso — ele diz retirando sua mão de mim. — Eu não faço mais isso, Verônica. Eu juro. Mas não sei o que me deu. Você me deixou nervoso e... — ele disparou a falar numa angústia incessante.

Charles apenas se levantou da cama, vestiu-se e não me olhou mais nos meus olhos. Ao sair, ele apenas disse:

— Me desculpe. Não é assim que quero que seja minha. Mas não vou deixar que outro homem toque você outra vez. Você é minha. É bom que se lembre disso. Arrume suas coisas, amanhã mandarei um carro vir buscá-la — disse passando as mãos pelos cabelos. — E Verônica, não cometa nenhuma bobagem. Você sabe muito bem quem sofreria as consequências.

E então, Charles se vai na mesma velocidade em que apareceu.

Fiquei por algum tempo perdida em mim mesma, sentada sobre a cama, abraçando minhas pernas. Removi aquela coleira nojenta. Não havia mais lágrimas dessa vez. Apenas dor.

Quando levanto, pude ver algumas marcas finas de sangue no lençol.

Caminho devagar até o banheiro e encho a banheira. Não sei exatamente quanto tempo fiquei ali. Mas é o suficiente para que eu pense em desistir. Desistir de tudo. Desistir da minha própria vida.

Resolvo enfim sair da banheira. Quando me olho no grande espelho do meu quarto, vejo as marcas em minhas costas e minha bunda. Alguns vergões superficiais e outros um pouco mais grossos. Em alguns deles, havia uma camada bem fina de sangue. Sei que não ficariam marcas permanentes em meu corpo. Em alguns dias,

ficariam roxas, depois sumiriam completamente – eu acho. Porém, as cicatrizes em minha alma jamais sairiam. Elas permaneceriam ali. Para sempre. E isso, era o que mais me assustava.

Coloco um vestido preto bem soltinho. Sutiã e calcinha no estado em que me encontrava, seria impossível.

Penteio meus cabelos e caminho até a sala numa lderdeza impressionante.

Meu coração quase sai pela boca quando vejo alguém no meio da sala. Dou um grito fino de pavor achando que pudesse ser Charles ali. Mas, para minha total surpresa, o que vejo, me deixa totalmente confusa.

Terry.

Ela estava bem no meio da minha sala, olhando para imensa bagunça com curiosidade.

“Mas que raios ela faz aqui?”.

— Terry?

Ela se vira assustada e me olha.

— Verônica? – ela sussurra. — O que é isso em seu rosto? Está machucada? O que aconteceu aqui? – ela faz tantas perguntas e não estou disposta a responder nenhuma

delas.

— É... Estou bem agora. Fui assaltada – respondi, mas minha resposta soou muito idiota.

— Como assim assaltada? E ninguém ouviu? Já chamou a polícia? O porteiro viu alguém entrar ou sair? Droga! Esquece o porteiro nem perguntou meu nome e estou aqui.

— E-eu não sei Terry. Não quero falar sobre isso. Estou bem – digo já começando a sentir aquelas tonturas estranhas. Apoio-me no encosto do sofá e Terry vem em minha direção rapidamente me segurando antes de eu ver tudo preto em minha frente.

Abro os olhos, ainda sonolenta. Estou deitada no sofá e Terry está ao telefone. Eu já imagino bem com quem seja, mas não tenho forças para impedi-la. E, para falar a verdade, eu o queria aqui, ao meu lado. Nem que fosse para vê-lo por mais uma vez, antes de ter que deixá-lo definitivamente.

— Não quero que ele me veja desse jeito – peço.

Terry me olha com um olhar terno. Sei que viu as marcas em meu pulso. Eu senti seu olhar de interrogação.

— Seja lá em que estiver metida, Verônica, Adrian

pode ajudá-la.

— Por que se dar ao trabalho? – pergunto confusa.

— Porque meu irmão te ama. E se ele a ama tanto quanto eu vejo, você passa a ser importante para mim também – ela diz pegando em minha mão.

— Por que está aqui? – pergunto ainda sem entender o motivo da visita. — Foi Adrian quem te mandou aqui?

— Não. – ela me olha sem graça.

— Só queria conversar. Meu irmão está sofrendo sem você e achei que pudesse fazê-la mudar de ideia e voltar para ele – ela dá de ombros.

— Não podemos ficar juntos.

— Não ligue para minha mãe. Ela é uma mulher mesquinha e insensível. Eu sei o que você fazia para viver. Digo, sei que fazia isso pela sua mãe – ela sussurrou.

— Não quero falar disso, Terry.

— Adrian a ama, Verônica. Ele pode ser um babaca às vezes, mas ele a ama.

— Podemos mudar de assunto?

— Tudo bem – ela diz e se senta ao meu lado. — Há

quanto tempo está doente? Parece pálida.

— Não estou doente – resmungo.

— Você desmaiou – ela arqueia uma sobrancelha.

— É o estresse – digo ríspida. — Pode me ajudar a caminhar até minha cama? Não estou me sentindo muito bem. Só quero descansar um pouco – falo com a intenção de sair dali o mais rápido possível para ver se essa garota me deixa em paz.

— Claro – diz e me ajuda a levantar do sofá. Terry passa seus braços em minha cintura e eu abafó um gemido de dor. — Pode apenas segurar meu braço?

— Tudo bem.

Caminhamos até meu quarto. Quase me esqueci de que no lençol branco havia manchas de sangue. Assim que passei pela porta, pedi para que ela me deixasse sozinha.

Terry sai em direção à sala dizendo que esperará Adrian chegar para me levar ao hospital. Concordo com a cabeça e rapidamente, puxo o lençol, olho a coleira no chão, pego e a coloco entre o tecido e os levo até o cesto de roupas que fica atrás da porta do banheiro.

Preciso achar uma explicação plausível para tudo isso. Terry é bem fácil de enganar, mas Adrian...

É impossível.

Capítulo 7

Adrian Miller

No meio do caminho para o escritório, Jonas me liga mais uma vez.

— Adrian. Preciso que venha até meu escritório agora – sua voz me deixa preocupado.

— Aconteceu alguma coisa?

— É sobre o Charles. Você não vai gostar nenhum pouco do que tenho a dizer.

— Estou indo nesse instante – digo e desligo.

Mas que merda ele descobriu? Espero que seja algo bem cabeludo. Estou louco de vontade de acabar com aquele bosta.

Assim que chego ao escritório de Jonas, ele me recebe e percebo que está agitado.

A sala ampla e a decoração rústica combinavam perfeitamente com o jeito certinho de Jonas.

— Sente-se – ele disse apontando para a cadeira a sua frente.

Sento na mesma hora, ajeitando nervosamente minha gravata.

— Desembucha Jonas.

— Adrian... Temos que parar de investigar o Charles – ele diz preocupado. — E se você ama sua namorada, tire-a de perto dele o mais rápido possível – vejo-o mexer os dedos de um jeito nervoso.

— O que foi que descobriu?

Ele me olha e diz:

— Nada.

— Como nada?

Jonas era um péssimo mentiroso.

— Apenas pare Adrian. Charles é perigoso e influente, ele pode acabar com você, comigo e com qualquer pessoa que seja sem pestanejar.

— Jonas. O que foi que descobriu? Eu exijo saber – digo num tom autoritário que fez Jonas estremecer.

— Eu consegui com um amigo dentro do departamento de polícia, uma cópia do arquivo do homicídio da moça que morreu há três anos. E, que supostamente, o detetive desaparecido, tenha ligado de alguma forma ao Charles.

— Tá... E?

— Veja – ele diz jogando na mesa, o arquivo que tirou da pequena gaveta.

Pego a pasta e folheio.

Leio em voz alta.

— ... *Patrícia Lins, 23 anos, professora. Encontrada morta com queimaduras de terceiro grau em sessenta por cento do corpo no dia 5 de janeiro de 2011. Incêndio supostamente criminoso. Motivo do incêndio: velas. A vítima foi encontrada algemada e supostamente amordaçada nua à sua cama... Há relatos de que um homem deixou o local minutos após o incêndio...*

Paro de ler e olho para Jonas que me olha apreensivo.

— Isso não tem nada a ver com o Charles – sussurro.

— Aí é que está. Não tem. Por isso ele nunca foi condenado por esse crime. Mas esse meu amigo garante que Charles está envolvido.

— Como?

— Ele andou pesquisando a vida da vítima na época. E para a minha surpresa, ela era bem íntima de Charles Heart. O detetive que desapareceu, descobriu que Patrícia frequentava o mesmo clube que Charles. Um clube de Sadomasoquismo – diz e me olha cauteloso.

— E? Ainda não entendi aonde quer chegar.

— Pedi para um amigo ir até esse tal clube. Charles não frequenta mais o clube há mais ou menos três anos. Mas um sócio do clube garantiu que Charles era um frequentador assíduo. Ele era ou é, sei lá, um Dominador. Ele curte essas paradas de amarrar, açoitar pessoas e infligir dor nelas. E nesse clube, Patrícia participava das sessões como uma escrava. Mas não era qualquer escrava. Ela era escrava do Charles. E em algumas sessões, havia essa coisa de queimar as mulheres com velas.

— Espere. Já ouvi falar sobre isso. Não é aquela coisa que chamam BDSM e que uns malucos andam de roupa de couro, todos tatuados e cheios de piercing com um chicote nas mãos?

— Deve ser, sei lá.

— Isso não parece com o Charles – digo confuso. —
E isso, também não liga a morte dessa mulher a ele.
Portanto...

— Adrian, esse detetive estava investigando esse clube. Alguma coisa ele encontrou lá, por isso ele desapareceu. Ou morreu o que acho mais provável.

— Então, vamos investigar o clube. Coloque alguns caras para segui-lo.

— Não. E você também não vai – ele diz ríspido.

— Eu quero esse filho da puta longe da Verônica, Jonas.

— Então amigo, sugiro que você a pegue e a leve para morar com você – ele sorri.

— Uma vez, Alana comentou sobre um contrato de propriedade. Disse algo desse tipo quando encontrou Verônica e Charles no banheiro.

— É. Você já me contou isso.

— Então, eu me lembro de ter lido em algum lugar que essas pessoas fazem esse tipo de contrato. Tem até uma baboseira de que é tudo São, Seguro e Consensual.

— Sim. Também li isso.

— Merda! – esbravejei. Mas é claro.

— O que foi? — Jonas perguntou aflito enquanto eu me levanto da cadeira e ando de um lado para outro.

— Acho que já sei o que prende Verônica a ele — disse com os olhos fechados não querendo acreditar no que diria.

— O que?

— Acho que Charles está usando Verônica. Eles devem ter um contrato desses, sei lá.

— Isso é ridículo, Adrian. Acha que Verônica está imersa nesse mundo esquisito?

— Talvez.

— Mas por quê?

— Pelo dinheiro. Há quantias bem generosas na conta da clínica em nome dele.

— Mas ela é uma garota de p...

— Não ouse — rosnei.

— Desculpe — ele diz levantando as mãos.

— Eu não sei mais o que pensar Jonas. Eu só sei que ela me ama. E eu a amo. Não sei qual o envolvimento deles. Mas naquele dia da briga, ele disse que Verônica era propriedade dele.

— Tome cuidado Adrian. Eu acho esse Charles bem frio. Assustador.

— Só tem uma pessoa que pode esclarecer isso tudo: Verônica.

— E você acha que ela vai abrir o jogo? E se ela for coagida a fazer certas coisas, Adrian. Ela não vai lhe contar nada.

— Eu tenho um jeito de fazê-la contar. Eu só preciso de...

Meu celular toca.

Olho no visor.

— É a Terry.

Atendo.

— Adrian... Sou eu Terry – sua voz soou fraca.

— Terry? O que houve? Estou no meio de uma reunião – digo impaciente.

— Aconteceu uma coisa com a Verônica. Estou aqui no apartamento dela.

— O que tem ela? – pergunto preocupado. Mas que diacho minha irmã faz na casa dela?

— Ela está bem, apenas um pouco machucada.

— Não saia daí. Estou saindo daqui nesse momento – desligo.

Olho para Jonas e digo:

— Verônica. Parece que aconteceu alguma coisa. Preciso ir. Depois nos falamos. Veja se consegue mais informações – digo e saio desesperado.

Em poucos minutos, chego ao apartamento dela.

A porta da sala está escancarada e fico louco ao ver o caos em sua sala. O vaso quebrado no chão, só me deixou mais apreensivo.

— Onde ela está? – pergunto passando desesperadamente por Terry, olho por toda a sala. Ela me observa como se eu fosse um maluco.

— Ela está bem, Adrian. Levei-a para o quarto. Está dormindo.

— E o que você faz aqui? – pergunto nervoso.

— Depois falamos sobre isso. Precisamos ajudá-la. Ela me disse que foi assaltada, mas acho que está mentindo.

Caminho até o quarto, e a vejo deitada na cama. Meu coração se aperta ao ver as marcas em seu rosto e o

pequeno corte em sua boca.

— O que aconteceu com você, meu amor? – sussurro tocando seu rosto com cuidado.

— Adrian... – Terry se aproxima e aponta para os braços de Verônica. — Veja isso – ela diz me mostrando as marcas vermelhas nos pulsos dela. Ambos igualmente machucados.

— Que merda é essa? Parece que foi amarrada.

— Eu tive essa mesma impressão. Mas ela apenas disse que foi assaltada. Tem alguma coisa muito errada nisso, Adrian.

— Eu temo só de pensar – fecho os olhos e nada me tira da cabeça que aquele filho da puta do Charles está envolvido. Só me resta saber de que forma.

E quando descobrir, eu vou matar aquele desgraçado.

Toco em seus cabelos e a chamo.

— Verônica... Verônica...

Ela abre os olhos lentamente.

— Adrian – sua voz sai fraca.

Ela me olha por alguns segundos e começa a chorar.

— Eu estou aqui — digo alisando seu rosto machucado. — O que aconteceu? Você precisa ir para um hospital. Quem fez isso com você?

Ela se senta com dificuldade na cama e diz:

— Eu já disse, fui assaltada — ela não me olha nos olhos. Isso só confirma que está mentindo descaradamente.

— Como aconteceu?

— E-eu não sei. Foi tudo tão rápido — ela diz.

— Chamou a polícia? Roubaram alguma coisa? — pergunto.

— Não sei.

— Verônica... — suspirei fundo. — Essa marca em seus pulsos como conseguiu? — olho-a nos olhos e vejo que está assustada.

Ela se levanta rapidamente e fica ainda mais nervosa.

— É... Eles me amarraram enquanto vasculhavam o apartamento.

— Antes ou depois de não roubarem nada? — falo irritado. Terry apenas observa.

— Eu não sei tá legal – ela grita. Parece desnorreada.

— Ela desmaiou Adrian, assim que eu cheguei – conta Terry e Verônica a olha com olhos acusatórios.

— Então quer me fazer acreditar que os ladrões, quantos eram mesmo? – interrogo-a.

— Dois – ela diz tremendo.

— Então, quer me fazer acreditar que dois homens entraram aqui, e antes de te amarrar, provavelmente você conseguiu jogar um vaso em um deles. Então eles vasculharam seu apartamento – que a propósito, está bem organizado, e que após vasculharem, saíram sem levar nada e ainda soltaram você? – disse zombando.

— Mais ou menos isso – ela diz e eu perco a paciência.

— Está me achando com cara de idiota, Verônica? – grito e ela automaticamente se retrai no canto da janela. — Eu quero saber a verdade. É tão difícil para você falar a verdade uma vez na vida? Há tempos você mente para mim. Mente sobre tudo. Mentiu sobre ter recebido dinheiro do Charles estando comigo – digo furioso. Tento me controlar ao ver que estou a deixando ainda mais assustada.

— Não é o que está pensando – ela diz rapidamente.

— Eu não penso nada. E sabe por quê? Porque eu não sei nada. Você não me conta nada.

Ela começa a chorar outra vez.

— Eu não posso – ela sussurrou.

Olho para ela. Ela está em pânico.

— Terry, arrume as malas da Verônica. Ela vai para casa conosco.

— Eu não vou a lugar nenhum, Adrian – ela diz firme.

— Você vai. Estou mandando – digo mais alto do que gostaria.

— É difícil para você entender que eu não quero mais você?

— Sim. Da mesma forma que parece difícil pra você aceitar que precisa de ajuda – falo exaltado e ela me olha com os olhos cheios de lágrimas.

— Não quero ir – ela grita assustada quando a pego pelos braços.

— Garota teimosa – grito puxando-a pela cintura e ela geme de dor.

— O que foi? — digo e ela se afasta rapidamente. Verônica me olha ainda mais apavorada e vejo que tem algo a mais em tudo que me contou.

— Está machucada — e ela fica em alerta. Aproximo-me dela e ela se debate ao perceber que ergo seu vestido.

— Não... Não... Não, Adrian. Por favor — ela chora ainda mais.

Tiro seu vestido rapidamente. Examino-a de frente, não há nada. Ela fica envergonhada por Terry estar tão próxima.

— Vire-se — mando.

Ela está com as mãos em seus seios tentando esconder uma parte de sua nudez.

— Por favor — ela implora. Aproximo-me e a viro tão rápido e o que vejo me faz dar um pulo para trás.

— Meu Deus — Terry sussurra levando a mão a boca. Fico alguns segundos, totalmente em choque observando as longas marcas avermelhadas trançadas por todas suas costas e sua bunda.

Passado o susto inicial, pego o vestido e a visto. Era demais ver aquilo.

Passo a mão pelos cabelos ainda em choque. Terry

me olha horrorizada.

— Quem foi? – minha voz sai tão fria, que até mesmo eu me espanto.

Ela me olha e diz:

— Eu não sei.

Em seus olhos, vejo que está mentindo. Eu arrancarei a verdade de sua boca e matarei o maldito desgraçado que a fez sofrer desse jeito.

— Não minta para mim, porra – grito descontrolado e dou um soco no armário.

— Adrian, pare com isso – Terry me repreende. — Ela já está assustada o suficiente, não acha?

Caminho tão rápido até ela que ela gruda na parede de medo.

— Diga – ordenei.

Ela permanece imóvel.

— Diga – gritei.

— Adrian, pare! – Terry grita.

— Ele vai me matar, Adrian. E vai matar você também – ela diz adquirindo um tom mais pálido.

— Foi o Charles? – pergunto jogando um verde.

A forma com que seus olhos se arregalam, diz tudo.

— N-não, n-ão – ela gagueja e vejo que não se sente bem. Ela fica ainda mais branca e quando perde a consciência, a tomo em meus braços.

— Droga!

— Ela vai ficar bem, não vai? – Terry pergunta amedrontada.

— Vamos levá-la a um hospital. Tente achar os documentos dela. Esqueça as roupas – digo e saio com ela em meus braços.

Quando passo pela guarita, o porteiro abre a portão e saímos.

— Está de carro? – pergunto a Terry.

— Sim.

— Ótimo. Vá com o meu carro. Eu prefiro levá-la no seu.

— Tá.

Coloco Verônica no banco de trás e ajeito seu vestido. Aos poucos, ela recobra a consciência, mas fica deitada.

— Aonde vamos? – ela pergunta.

— Vou levá-la ao hospital. Você precisa de cuidados médicos.

— Adrian, por favor. Não! – ela choramanga. — Não quero ter que responder sobre essas lesões. Você não entende. Ele pode fazer algo pior comigo.

— Precisamos denunciá-lo, Verônica.

— Por favor! – ela implora.

— Tudo bem. Mas terá que ir. Precisa pelo menos fazer alguns exames. Você desmaiou e isso também não é normal – digo e ela concorda.

Ao chegarmos ao hospital, Verônica é atendida por um clínico geral.

Terry e eu ficamos na sala de espera. Quase quarenta minutos se passam e nada. Já estou ficando nervoso.

Depois de algum tempo, o médico aparece.

— O senhor é da família da paciente? – ele me olha curioso.

— Sou o namorado dela. Adrian Miller – me apresento.

— Como ela está? – Terry pergunta.

— Apesar dos machucados no rosto provocados pelo acidente, ela está bem. Terá que ficar no soro por algumas horas. Está desidratada. Quando questionei, disse que não tem tido uma boa alimentação. Mas acontece que pelo estado em que se encontra, ela não está se alimentando nada. E isso pode prejudicar o bebê.

— Bebê? Que bebê? — pergunto atônito. — Acho que o senhor errou de paciente. O nome da minha namorada é Verônica, doutor.

— Isso mesmo. Verônica Sandler — ele disse. — Não sabiam que estava grávida? Quando disse a ela, não me pareceu surpresa.

Droga! Grávida? Ai meu Deus!

Não, não é possível.

Olho para Terry e o terror que vejo em seus olhos devem ser o mesmo que está estampado nos meus.

— Eu quero vê-la — digo impaciente.

— Claro. Por aqui.

Seguimos o médico até o final dos corredores. Entro no quarto em que está.

— Apenas o senhor poderá ficar com ela até ser liberada.

— Obrigado.

Aproximo-me da cama e vejo que está dormindo.

— Você vai ser pai outra vez? – Terry sussurra me deixando apavorado.

— Não sei – digo pegando na mão de Verônica.

— Adrian, você já pensou na hipótese dela ter sido...
hã... Abusada? Olha só o que fizeram com ela.

Eu não queria nem pensar numa hipótese dessas.

Lembro-me do dia em que Verônica disse que nunca transou sem camisinha com ninguém. Então, obviamente, esse filho só poderia ser meu. Meu. Eu sabia que aquele maldito diafragma era uma furada. Mas a sensação de saber que seria pai outra vez, de certa forma me deixou feliz. E eu acabaria com a vida do infeliz por tê-la machucado. Ainda mais sabendo que está esperando um filho meu.

O ódio foi tomando conta de mim e só pensava em arrancar a cabeça daquele maldito. Nada me tira da cabeça que foi ele quem a machucou.

— Eu vou embora – Terry diz. — Cuide dela, tá bom?

— Pode deixar.

— Adrian... Seja gentil com ela. Se quiser saber a verdade, lhe dê tempo. Ela só está assustada.

— Eu sei – sussurro.

Agora sozinhos, puxo a poltrona para perto de sua cama e fico apenas observando-a. Seguro em sua mão e imagino a dor que deve estar sentindo. Terry tinha razão. Ela estava assustada. Eu deveria estar com ela. Deveria ter insistido para que me contasse a verdade.

Levo minha mão em sua barriga. Eu não suportaria perdê-la. E nem a meu filho. Eu farei de tudo para que fique segura.

Verônica abre os olhos lentamente e solta um gemido baixo.

Ela me olha e sorri. Um sorriso tão lindo, que me faz esquecer tudo a nossa volta.

— Oi – digo. — Está se sentindo melhor?

— Um pouco – ela responde. Ela leva os olhos até a minha mão que está alisando sua barriga. — O médico contou? – ela pergunta parecendo aflita. — Me desculpe Adrian. Eu juro que não sabia que...

Silencio-a com um beijo. Um beijo suave e rápido.

— Eu amo você, meu amor. Estou feliz em saber que

serei pai – ela me olha e vejo uma lágrima rolar.

— Eu estou com medo – ela sussurra com o rosto cheio de dor.

— Não vou deixar que nada aconteça a vocês.

— Você não entende Adrian. Ele é louco. Não vai me deixar em paz. E quando souber que estou grávida, ele vai me matar e matar nosso filho – ela diz desesperada.

— Ninguém vai tocar em você. Ninguém. Quem é ele, Verônica? Por favor, não minta mais pra mim – digo olhando em seus olhos aflitos.

Ela me olha como quem está relutante em revelar o nome do filho da puta que a machucou.

Por fim, dá um longo suspiro e diz de olhos fechados:

— Charles.

A confirmação me deixa louco. Possesso. Ávido de ódio. Eu iria quebrar todos os ossos daquele desgraçado de forma que seria impossível algum médico conseguir juntar todas as partes.

Eu só quero saber mais uma coisa, mesmo que isso fosse me doer ainda mais.

— Ele... Ele abusou de você? Ele te fez fazer...

— Não! – ela responde dando fim a minha agonia. – Ele apenas me bateu. Mais nada.

Meus olhos começaram a lacrimejar e eu sei, todo meu controle naquele momento se foi. Quando as lágrimas surgiram em meu rosto, ela disse:

— Eu vou contar tudo pra você. Mas quero que saiba que ele virá atrás de mim de novo. Eu tenho medo dele Adrian. Ele disse que vai matar você se eu não ficar com ele – ela diz aos prantos.

— Ele não vai encostar um dedo em você, Verônica. Nem em você e nem no nosso filho – digo abraçando-a.

— Eu te amo tanto.

— Eu também.

— Espero que nosso filho se pareça com você – ela fala arrancando um sorriso meu.

— Mas se for uma menina, ela ficaria mais bonita se parecesse com você – dou um beijo em sua boca. Mas agora, um beijo ardente, urgente e cheio de promessas.

Depois de algum tempo, Verônica cochila mais uma vez. Foi a minha deixa para sair do quarto.

Pego meu celular e disco.

— Jonas.

— Adrian. Céus! Terry me contou. Como ela está?

— Está péssima. Charles, aquele desgraçado, filho da puta, bateu na minha mulher grávida. Você tem noção do que eu quero fazer com ele?

— Adrian, tome cuidado – ele alerta.

— Eu quero que continue as investigações. Eu vou colocar esse maldito numa cova se ele chegar perto dela outra vez.

— Vou fazer o possível. Mas acho prudente você e ela se ausentar por uns tempos. Pelo menos até que ela esteja recuperada.

— Vou fazer isso. Se eu denunciá-lo agora, ele saberá que ela me contou. Vou colocá-la em risco e não quero isso. E do jeito que ela está assustada, duvido que confirme a história para a polícia.

— O que pretende fazer?

— Vou armar uma arapuca para esse desgraçado – digo olhando para o imenso corredor do hospital. — Vou fazê-lo sofrer tanto, que ele vai implorar para que eu meta uma bala em sua testa. Vamos ver se será homem o bastante para me enfrentar.

— Se você matá-lo verá o sol nascer quadrado, seu idiota – ele grunhiu.

— Quem disse que irei matá-lo? Só vou... Digamos... Arrancar aquele sorriso presunçoso da cara dele.

— Adrian...

— Não se preocupe. Não vou matá-lo. Ainda não. – digo e desligo.

Capítulo 8

Verônica Sandler

Quando o médico me contou que estava grávida, não fiquei surpresa. Mas me bateu uma insegurança. Tinha medo do que Adrian poderia fazer. Rejeitar-me, rejeitar o filho ou até mesmo questionar-me sobre a paternidade da criança.

Para a minha surpresa, Adrian não fez nada do que eu temia.

Em seus olhos, pude ver que confiava em mim. E ele parecia imensamente feliz em ser pai.

Saímos do hospital um pouco depois das dez da noite.

Adrian me fez jurar que, daqui para frente, eu

cuidaria da minha alimentação. Ele quase surtou quando eu disse que não estava me alimentando por falta de dinheiro.

Quando chegamos a casa, ele preparou uma comida bem leve e, claro, me fez comer.

Já deitada na cama, a dor dos ferimentos me incomodava. Adrian teve todo o cuidado em passar uma pomada que havia comprado numa farmácia no caminho.

Virei de lado na cama e simplesmente, adormeci.

— Ei! Dorminhoca. Acorde! — ouvi a voz rouca de Adrian em meu ouvido. Sua mão tocava meu rosto levemente.

Virei-me para ele e sorri.

— Bom dia – ele encosta seus lábios nos meus.

— Boa tarde, você quer dizer – me olha com um belo sorriso no rosto. — Como está se sentindo?

— Com fome.

— Hum... Isso é bom – ele torna a me beijar. — Vamos. Vou te ajudar a tomar um banho e depois, alimentar vocês dois – sua mão acaricia suavemente o meu ventre.

— Eu não tenho roupas aqui – me lembro que saí apenas com a roupa do corpo.

Adrian me olha por um momento.

— Temos que fazer compras hoje no final da tarde. Mas até lá, vai usar isso aqui – ele se afasta e pega um vestido verde em cima da poltrona.

— Você saiu pra comprar isso? – perguntei sentando na cama afastando o lençol que cobria minha nudez.

— Não. Terry o separou ontem à noite. E havia algumas peças íntimas suas no meu closet – ele deu um sorriso de lado.

Adrian sempre pensava em tudo. Sempre me surpreendia com seu excesso de cuidados.

— Vamos, já preparei o seu banho – pega-me pela mão, levantando-me da cama. — Deixe-me ver – ele diz virando-me de costas.

Suas mãos passam vagarosamente por meus machucados.

Retraio-me um pouco e ele percebe meu nervosismo.

Quando dou por mim, Adrian está distribuindo beijos por minhas costas.

Fecho os olhos e as imagens de Charles me

golpeando me deixam destruída.

As lágrimas começam a surgir e aos poucos, os soluços se tornam audíveis.

— Shhhh! – Adrian me vira olhando em meus olhos.

Ele passa o polegar para espantar minhas lágrimas.

— Ei, meu amor. Está segura agora – ele beija minha têmpora. — Não vou deixar ninguém tocar em você outra vez. Eu prometo – sussurra.

Olho para ele.

— Não me deixe sozinha.

Ele me abraça forte. Com suas mãos fortes e enormes, alisa meus cabelos.

— Você não está sozinha, querida. Tem a mim e ao nosso filho – sussurra e me beija docemente. — Eu te amo. Não tem ideia de como eu senti sua falta.

— Eu também.

— Venha. Você precisa de um banho. Se continuarmos a passar a pomada, daqui uns dois dias você estará sem nenhum machucado – e me conduz para o banheiro.

Adrian segurava minhas mãos enquanto eu entrava na

imensa banheira. A água estava morna e com várias pétalas de rosas brancas e vermelhas.

Sorri ao ver.

Já sentada, Adrian se debruça na banheira e fica por alguns segundos me olhando.

— Adrian... Eu sei que lhe devo um monte de explicações e que...

— Verônica... Não. Agora não. Teremos todo o tempo do mundo para você me contar o que quer que seja. Agora, eu só quero cuidar de vocês dois. Quando estiver recuperada, conversamos sobre isso.

— Tudo bem – ele se levanta. — Aonde vai?

— Tirar a roupa – ele dá um sorriso travesso. — Me deu vontade de entrar. Assim posso te ajudar melhor – ele ri.

Adrian começou tirando sua bermuda e depois sua camiseta cinza. Jogou no canto do banheiro e após, retirou sua cueca. Meu corpo já entrava em chamas ao vê-lo assim, tão grande e todo meu.

Adrian entra na banheira posicionando-se atrás de mim. Ele me puxa para ele até que minhas costas fiquem coladas em seu peito.

— Está te machucando assim? – ele pergunta.

— Não – respondo baixinho sentindo sua ereção crescer atrás de mim.

Ele me abraça e com uma de suas mãos, inclina meu pescoço para o lado e começa a distribuir beijos suaves.

Minha respiração começa a ficar pesada.

Aos poucos, Adrian vai mordiscando meu pescoço e passando a língua por toda a extensão me deixando sem ar.

— Adrian... – sussurro com a voz pesada.

— Shhh! Apenas relaxe.

Fecho os olhos e tento relaxar. Consigo sentir o aroma suave das pétalas.

Adrian segue dando leves mordidinhas em meu pescoço e em minha orelha enquanto suas mãos agarram meus seios.

Solto um gemido baixinho pelo contato de seus dedos em meus mamilos. Ele puxa meus mamilos e os acaricia com vontade.

O calor se estende por todo o meu corpo. Sinto minha boceta se contrair a cada toque dele em minha pele. Sem pensar, pego uma de suas mãos e a guio lentamente

até ela passando pelo meu corpo lentamente.

Assim que ele percebe o que desejo, solta um gemido rouco e quando está com a mão sobre ela, leva dois dedos até meu clitóris e começa a massageá-lo.

Encosto minha cabeça em seu peito e continuo de olhos fechados. Meus gemidos ressoam por todo o banheiro e ficam mais intensos na medida em que ele ataca com voracidade meu clitóris.

Abro ainda mais minhas pernas, deixando-as por cima das dele.

Quando Adrian enfia seus dedos longos em mim, eu me contorço e gemo.

— Ahh! Adrian...

— Isso querida, relaxe – ele diz continuando seu ataque com vontade. A cada segundo, sua ereção atrás de mim ficava ainda mais dura.

— Adrian... Eu quero você...

— Quero ver você gozar pra mim, meu amor. Assim, linda. Bem gostoso.

Sua voz suavemente rouca entrou em meus ouvidos enviando ondas de calor ao meu corpo. Seu tom de comando me deixou ainda mais excitada.

Adrian continuou massageando meu clitóris, alternando entre massagear e introduzir seus dedos em mim.

Quando senti meu orgasmo se construindo, disse:

— Quero você dentro de mim.

Adrian não parou.

— Goza pra mim, Amor. Vamos.

E quando os espasmos envolveram meu corpo, explodi num orgasmo intenso gemendo o nome dele.

Aos poucos, minha respiração normalizou, virei-me para ele.

— Eu quero você, agora!

Ele me olha e me beija demoradamente.

Quando se afasta, diz:

— Depois. Não quero machucá-la. Ainda está se recuperando e eu...

— Eu estou bem – falo rapidamente ainda cheia de desejo.

— Querida. Você precisa comer. Vamos voltar para o banho. Então você almoça, aí pensamos sobre isso.

— Mas Adrian... — protesto.

— Amor, temos todo o tempo do mundo para nos amar — ele sorri. — Pode ter certeza que vou querer cada minuto desse tempo com você. Mas agora temos um bebezinho aqui, dentro de você, esperando ser alimentado — toca minha barriga me convencendo de, por hora, não pensar em estar em cima dele cavalcando como louca.

Concordo com a cabeça e então, ele começa a me lavar.

Ao terminar, me carrega até a cama em seu colo e me coloca de bruços. Pega a pomada e começa a me lambuzar inteira pelos machucados.

Quando finaliza, joga a pomada no criado-mudo e me aproveito para pegá-lo de surpresa. É quase impossível me manter afastada de seu corpo. É como se houvesse um imã que nos atrai a todo momento.

Rapidamente, deito-o e subo em cima dele sem dar chances para que proteste.

— Verônica — ele alerta.

Silencio-o com um beijo. Um beijo bem erótico. Passei a língua por seus lábios e puxei seu lábio com os dentes dando algumas mordidas de leve. Comecei a gemer em sua boca passando minha língua por ela.

Adrian agarrou em minha cintura e me posicionou no local estratégico.

— É isso que você quer, não é? – ele diz olhando em meus olhos.

— Sim – sorrio.

— Então venha. Vou foder você bem gostoso enquanto rebola em cima dele – e me preenchendo toda.

Solto um gemido e coloco minhas mãos em seu peito para me apoiar.

Começo numa cavalcada lenta até me acostumar com seu comprimento todo dentro de mim.

— Isso... Gostosa.

— Ahhh! Céus. Como senti sua falta – ele dá um sorriso safado.

— Isso é pra mim ou para o meu pau duro dentro de você?

Olho para ele e solto uma gargalhada.

— É pra vocês dois.

Ele aperta ainda mais minha cintura e empurra forte seu pau dentro de mim.

— Nós sentimos a falta de vocês duas também. Essa sua bocetinha molhada tá me matando, meu amor. Não vou aguentar por muito tempo – ele rosna.

Ficamos por um longo tempo, entrelaçados.

Começo a cavalgar mais rápido. Adrian solta alguns gemidos.

— Ohh! Eu vou gozar meu amor.

— Isso Adrian. Goza pra mim, vem – e sinto-o estremecer embaixo de mim.

Deixo meu corpo cair sobre o dele e aos poucos, nossa respiração vai se normalizando.

— Você é danadinha. Enrolou-me direitinho – diz me beijando.

— Não resisti ao meu homem. Você é muito tentador – dou um sorrindo.

Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto suado.

— Mas fui rápido demais. À noite, quero te amar bem lento. Não quero que seja rápido. Quero explorar cada centímetro do seu corpo – ele diz tocando em meus seios. — Quero te amar como você merece ser amada.

— Eu te amo, sabia?

— Então, prometa pra mim que nunca mais vai me deixar. Ou eu vou atrás de você nem que seja no inferno para te trazer de volta.

Olho em seus olhos e vejo sua insegurança.

— Eu nunca vou deixá-lo. Somos nós três agora, Adrian – olho em seus olhos. — E eu quero ser sua. Somente Sua.

— Você já é querida. Eu sou seu também... Somente Seu. Por toda nossa vida, eu vou cuidar de você e de nossos filhos.

— Filhos? – pergunto sem entender.

— Filhos. Por acaso pensou que queria apenas um? Esse é só o primeiro, querida. Quero muitos correndo pela nossa casa.

Dou um beijo em sua boca e me aninho em seu peito.

— Vamos tomar outro banho. Vou te levar para almoçar – e então, entramos no banheiro.

Capítulo 9

Charles

Dois dias se passaram e já estou louco sem notícias dela. Paschoal é um maldito imprestável. Até agora, a única coisa que conseguiu descobrir, é que eles não saíram do Brasil. A merda é que não faço ideia da onde aquele desgraçado mora. Todas as vezes que me movo e meu corpo dói, a raiva me consome. Lembro-me daquele infeliz arrancando meu couro.

Levanto-me com dificuldades da cama. Aquele filho da puta vai me pagar por cada gemido meu.

Caminho lentamente com o corpo um pouco curvado. Minhas costelas ainda doem. Entro no banheiro e retiro minha boxer. Preciso de um bom banho de banheira para relaxar o corpo.

No enorme espelho fixado à parede, analiso as marcas arroxeadas por todo meu torso.

O estrago não foi grande. Meu rosto ainda continha às marcas das mãos daquele babaca. Algumas marcas vermelhas, olho roxo e um corte superficial em minha sobancelha esquerda. Até que não estou tão mal.

Enquanto sigo analisando meus hematomas, ligo a banheira de hidromassagem.

Na gaveta do móvel, separo alguns esparadrapos e pego os sais de banho.

Jogo os sais na água e espero por alguns minutos até que a espuma começa a aparecer. Subo os dois pequenos degraus e entro na banheira, posiciono-me de forma bem relaxada e fico ali, submerso.

Fechei os olhos e a primeira coisa que me veio em mente, foi ela. Lembrei-me de uma sessão nossa que foi a melhor de todas até o momento. Ela estava tão entregue. Tão disposta a me servir. O que será que mudou? Ou era tudo fingimento? Era pelo dinheiro? Será?

As lembranças do dia em que estávamos no quarto eram nítidas. Ela seguindo até o banheiro enquanto eu fiquei no quarto, preparando meus acessórios ao lado da cama.

Arrumei a cadeira no centro do quarto. Eu já a imaginava, amarrada e indefesa. Como uma mocinha em perigo e, isso me excitava.

Peguei alguns pedaços de cordas de cores verdes e roxas, e separei deixando-os em cima da cadeira.

Foi no momento em que saiu do banheiro. Nua. Apenas com seus saltos pretos e os cabelos bem presos no alto da cabeça. Seu olhar baixo mostrava sua submissão a mim.

Pedi para que se ajoelhasse e que beijasse a ponta de meus pés. Ela o fez. Sem protestar.

Levantei-a pelos cabelos suavemente. Quando estava de pé, diante de mim, pedi para que me olhasse nos olhos. Vi seu medo. Sua respiração acelerada. Eu jamais contava a ela o que aconteceria em nossas sessões. Tudo era uma surpresa.

Meus olhos percorreram seu corpo minuciosamente. Sua boceta estava depilada. Era assim que gostava. Ela sabia disso e fazia para me agradar.

Peguei-a pelas mãos e pedi para que ficasse apoiada na beira da cama com a bunda virada para mim. Vi que hesitou. Mas mesmo assim, ela fez o que ordenei.

Dei um leve sorriso de satisfação.

O primeiro golpe foi forte. Senti minhas mãos arderem. Foi extremamente excitante ver a marca de minhas mãos em seu traseiro lindo. Tão branquinha. Tão linda com as marcas rosadas.

Verônica não soltou nenhum gemido.

Dei então mais cinco palmadas com a mesma intensidade.

Ela apenas arqueava seu corpo. Nada mais.

Quando terminei, pedi que se ajoelhasse no chão e ficasse de cabeça baixa e olhos fechados.

Fui até a cadeira, peguei as cordas e voltei pegando-a pelos cabelos de forma carinhosa.

Olhei para ela e pedi que ficasse novamente de joelhos com o rosto colado ao chão e que empinasse bem seu traseiro.

Peguei sobre a cama, uma joia anal cor-de-rosa. Coloquei delicadamente em seu ânus e ela gemeu.

Com o plug todo dentro dela, pedi que se levantasse. Então, comecei meu trabalho. Um Shibari lindo. Trancei seu corpo lindamente com as cordas verdes e roxas. Uma verdadeira obra de arte.

Quando terminei, fiquei alguns segundos admirando-

a. Ela sempre com seu olhar tímido.

Não quis imobilizá-la. Não naquele momento. Eu queria que ela sentisse alguns prazeres mais intensos antes.

Então, deitei-a na cama e peguei dois prendedores de alta pressão. Coloquei um em cada lábio de sua vagina. Passei um pequeno cadarço entre eles e os liguei as cordas em seu mamilo de um jeito que os pregadores ficassem levemente tensionados para cima.

Em seu rosto, um misto de prazeres. Dor? Tesão? Não sabia. Apenas queria que ela sentisse tudo de forma intensa. Que se entregasse de corpo e alma a mim.

Após, peguei meu flogger. Um chicote com várias tiras de couro macio. Queria apenas sensibilizar sua linda pele. Comecei com batidas contínuas e circulares em suas coxas, seios e sua vagina. Ela estava tão exposta. Tão entregue a mim.

Quando terminei, me agachei, puxei os prendedores e ela deu um grito. Descartei os prendedores para longe e levei minha boca em sua boceta totalmente rosada. Chupei forte seu clitóris e a ouvi soltando um gemido. Não sei se era bem um gemido, na verdade. Mas tive a impressão que sim.

Segurei forte suas coxas e continuei chupando-a com

vontade. Aquela boceta gostosa me deixava alucinado. Levantei a cabeça, olhei para ela e disse que não tinha permissão para gozar. Ela apenas respondeu um “*sim Senhor*”, com a voz fraca. Dei um leve sorriso, retirei seu plug e a lambi do ânus até a boceta, em seguida, coloquei o plug no lugar.

Pedi para que ela se sentasse na cadeira e a vendei. Amarrei suas pernas e coloquei suas mãos para trás da cadeira e as amarrei também.

Dei o primeiro tapa em seu rosto e pedi que falasse que era minha cadelinha. E assim, o fez. Prontamente. Ela sabia que se não fosse rápida, levaria outro golpe.

Verônica nunca lidou bem com a parte da humilhação. Era um limite para ela. Mas eu gostava de explorar seus limites. Então, comecei a tirar toda a minha roupa. Quando estava nu, tirei a venda de seus olhos. Ela me olhou alguns segundos com pavor. Eu disse a ela para não temer. Não naquele momento. Um dia talvez, mas naquele momento, não faria nada para que pudesse ficar apavorada. Era só me obedecer que seria o melhor Dono do mundo. Seria gentil e carinhoso.

Então, para testar os limites dela, desamarrei suas mãos com cuidado e pedi para que se segurasse na cadeira e que, de forma alguma se soltasse ou a punição seria muito severa.

Ela me olhou assustada, mas concordou.

Vi o momento em que os dedos de suas mãos ficaram ainda mais pálidos segurando a cadeira de ferro. Dei outro tapa em seu rosto. E depois outro, e depois outro. A cada tapa, proferia um palavrão. Chamei-a de minha puta, cadela, safada.

Ela recebeu tudo de bom grado.

Uma perfeita submissa.

Pelo menos, era perfeita para mim.

Pedi para que ela me agradecesse e assim ela o fez mais uma vez.

Olhei para ela e pedi para que ficasse de quatro na cama. Ela se levantou lentamente e fez o que mandei.

Eu meti nela com força. A cada estocada marcando minha posse, meu território. Ela urrava. Puxava-a pelos cabelos e batia em sua cara.

A visão de eu mesmo metendo em sua boceta e olhando para seu plug enfiado bem no cuzinho, estava me deixando com vontade de explorar mais. Tirei o plug num puxão e rapidamente meti meu pau em seu ânus com certa violência.

Quando gozei, pedi que fosse ao banheiro se limpar.

Ela foi e quando voltou, mandei me esperar ajoelhada com as palmas das mãos em cima de sua coxa.

Fui até o banheiro e tomei um banho.

Voltei para o quarto e foi a minha vez de sentar na cadeira.

Chamei-a e quando ela estava quase se levantando, disse que era para vir de quatro, como uma cadelinha obediente.

Ela me olhou horrorizada, mas não protestou. Ela nunca protestava. Nunca usava a safe word. Ela testava seus próprios limites. Eu achava perfeito isso nela.

Quando a mandei chupar meu pau, ela o agarrou bem na base e o colocou na boca. Grudei em seus cabelos e a puxei para mim, fazendo com que meu pau batesse em sua garganta.

Eu disse a ela para engolir meu pau e sair apenas quando eu mandasse. Ela ficou ali. Em certo momento, ela não aguentou e vomitou. Saiu sem que eu mandasse. Tive que puni-la com cinco golpes de cinta. Ela começou a chorar e coloquei-a sentada em meu pau. Pedi para que rebolesse gostoso. Disse a ela que poderia chorar à vontade, mas nunca, jamais, deixar de me servir.

Acho que ela entendeu o recado.

Secou as lágrimas e começou a rebolar em meu pau como uma perfeita putinha. Minha cadelinha adestrada.

Levei minha mão em sua boceta e acariciei seu clitóris. Fiquei massageando-o por vários minutos enquanto ela estava empoleirada em meu pau.

Quando ela me pediu permissão para gozar, eu concedi.

Eu me questionei se ela realmente havia gozado naquele momento, pois estava extremamente seca. Mas ela não mentiria para mim.

Foi então que a coloquei de joelhos e perguntei se ela realmente havia gozado. Ela disse que sim, mas não me convenceu.

Então resolvi fazer um teste. Disse a ela para que escolhesse, se havia mentido, eu não a puniria. Mas se estivesse falando a verdade, eu faria com ela uma chuva dourada. Ou seja, mijaria nela.

Verônica não expressou nenhuma reação. Diferente do que eu imaginei, por não gostar de ser humilhada, achei que escolheria dizer que mentiu. Mas não. Ela continuou a dizer que havia gozado e que sempre teve muito prazer em nossas sessões.

Então, peguei em seu pescoço apertando levemente

causando uma asfixia leve e disse em seu ouvido para se preparar, pois iria mijar bem em seus peitos.

Ela apenas concordou.

Foi então, que segurei meu pau e pedi que olhasse para mim. Em meus olhos e não desviasse. Senão, mijaria em sua cara.

Ela ficou do jeito que mandei e foi excitante ver todo meu liquido escorrer pelo seu corpo.

Quando acabei, pedi para que ela ficasse sentada ali por meia hora, com meu cheiro, fedendo a mijo até que desse permissão para ela sair.

Como sempre, ela não me decepcionou.

Lembrar-me dessa sessão me deixa louco. Meu pau já está duro e só penso em tê-la outra vez. Mas agora, será diferente. Eu quero tudo dela. Tudo com ela.

Quero uma relação de total entrega. Quero construir um futuro, quero poder beijar seus lábios, dizer que a amo, satisfazê-la. Quero filhos, quero um lar, quero uma vida.

E só ela poderia me dar.

Levanto-me da banheira e me seco.

Coloco minha roupa e uma luz se acende em minha

mente. Eu preciso convencê-la de que posso fazê-la feliz.

Irei atrás dela. Farei com que entenda que é minha.

Só minha.

Ligo para minha secretária e peço para que agilize minha viagem ao Mato Grosso. Tenho uma propriedade que será perfeita para isso. Irei pegá-la a força se for o caso. Mas antes, preciso comprar algumas coisas que serão bem úteis. Vou começar pela gaiola. Assim ela não poderá fugir de mim. Nunca mais.

Capítulo 10

Adrian Miller

Assim que ela termina de se vestir, ajudo-a colocar seu sapato um pouco contrariado. Não quero que ela ande pela casa de salto alto. As escadas são perigosas.

— Temos que comprar roupas para você hoje, e sapatos mais confortáveis – termino de colocar seu salto e passo a mão por seu lindo tornozelo. Ela me olha com um sorriso debochado.

— Eu sei o que está pensando – ela cruza os braços.
— Mulheres grávidas usam saltos, Adrian. É normal – ela conclui me olhando com seus olhos castanhos.

— Não a minha mulher. Não quero que tropece na escada, caia e quebre o pescoço. E além disso, ainda pode prejudicar a criança – digo irritado.

Ela me olha de um modo carinhoso, leva suas mãos em meu rosto e o acaricia. O simples toque suave de suas mãos em minha pele é como se levasse um choque. É impossível que ela me toque sem que eu a deseje, nua, gemendo em minha cama.

— Amor, isso é ridículo. Mas tudo bem. Se te faz sentir melhor, eu uso algo mais confortável.

Dou um sorriso de triunfo e a puxo para mim. Jogo-me na cama e posiciono-a em meu colo. Ela dá uma gargalhada gostosa.

— Adrian! Você vai amassar todo o seu terno.

Passo meu braço por sua cintura e levo minha mão em seu cabelo bem atrás de sua nuca.

Dou um leve puxão fazendo com que levante a cabeça e seus olhos se encontrem com os meus. Ela geme.

Eu vejo o amor em seus olhos.

Vejo desejo.

E em segundos, tudo isso se transforma em tesão.

Ela abre a boca para dizer algo, mas a silêncio com um beijo.

Nossas línguas entrelaçadas uma a outra, o beijo ardente... Eu tinha necessidade de mais. De sentir seu

gosto, de tocar sua pele, de morder e lambe cada centímetro de seu corpo.

Vou descendo minhas mãos até a barra do curto vestido verde e o levanto na altura de sua cintura, deixo seu lindo traseiro a mostra.

Minha mão vai diretamente parar em sua calcinha minúscula de renda.

Já senti meu pau se levantando numa velocidade impressionante. Ela percebe no mesmo instante o efeito que causa em mim. E só para me deixar ainda mais alucinado, começa a esfregar sua bocetinha em minha coxa.

Tiro minha mão de seu cabelo e agora com as duas mãos livres, viro-a contra o colchão e arranco sua calcinha com desespero.

Eu preciso dela. É como um vício. Não consigo ficar longe.

Ela me puxa pela gravata e, quando estamos com os rostos bem próximos, sussurra em meu ouvido:

— Quero gozar na sua boca.

Sua voz carregada de desejo bate diretamente em meu pau. Ele já lateja em minhas calças.

Ela me dá um sorriso safado e então me solta.

Tiro seu vestido passando lentamente por sua cabeça e jogo longe.

A visão de seus lindos seios não passa despercebida por mim.

Abocanho um e com minha mão, acaricio o outro. Puxo seus mamilos com os dentes bem devagar e passo a língua sobre ele.

Verônica geme loucamente.

Ouvir seus gemidos e sussurros me deixa louco.

Desci vagarosamente distribuindo beijos em seu corpo até que chego exatamente onde queria.

— Ah, Adrian! Isso... É isso que eu quero.

Parei no mesmo momento.

— Sente-se na beira da cama – ordenei me levantando.

Quando ela se senta, coloco minha mão sobre sua boceta quente e molhada sem quebrar o contato visual. Seus olhos brilham de excitação.

— Não vai tirar meu sapato? – ela pergunta.

— Não querida, quero fodê-la assim... Nua, somente com esses saltos.

Ela me dá um sorriso perverso e leva sua mão até sua boceta acariciando-a levemente.

Ajoelho-me diante dela e fico observando-a se dar prazer.

Desafivelo o cinto da calça e a abaixo. Meu pau não aguenta aquela tortura. O volume só a faz mais safada.

Ela olha para o volume em minha boxer.

— Tire.

Não penso duas vezes. Se, é meu pau que ela quer, ela vai ter.

Levanto-me ainda com a visão de seus dedos entrando e saindo de sua boceta. Puta que pariu. Essa mulher me alucina.

Tiro a calça, cueca, camisa, gravata, tudo numa rapidez desajeitada.

Eu só quero me livrar daquele monte de roupas e estar dentro dela.

Nesse momento, a porra do celular toca.

Fico sem saber se atendo ou não.

Ela me olha com as sobrancelhas arqueadas.

— Nem pense.

— Preciso atender meu amor. Estou esperando uma ligação importante.

Ela me olha um pouco chateada e diz:

— Tudo bem. Mas me prometa que será só dessa vez – ela fecha as pernas e faz beicinho.

Dou um beijo em sua boca e corro até o criado-mudo atrás do celular dizendo:

— Prometo, querida.

No visor, número restrito. Eu já sabia quem era.

Vou até o banheiro para ter privacidade. Não quero que ela escute.

— Fala Paulão. Pegou o desgraçado? – pergunto furioso. Queria era matar aquele filho da puta.

— O cara tá todo quebrado. Mas pela cara, acho que não entendeu o recado. Tome cuidado – ele responde.

— Valeu cara. Se ele se meter a besta outra vez, tomarei outras providências. Por enquanto é só.

— Se precisar outra vez, estamos aí.

— Obrigado – desligo.

Filho da puta.

Se ele chegar perto dela de novo, eu mesmo quebro a cara desse infeliz.

Quando volto para o quarto, ela está sentada na mesma posição de pernas cruzadas. Seus cabelos caídos em torno de seus seios e uma expressão divertida.

Me aproximo, coloco o celular do meu lado no chão e descruzo as pernas dela bem devagar as afastando.

E a porra do celular toca mais uma vez. Não há pau que aguento.

Pego o telefone na intenção de desligá-lo, mas no visor, aparece chamada restrita e certamente Paulão se esqueceu de dizer algo importante.

Atendo.

— Adrian... – digo olhando para a Verônica que está com a cara emburrada. A linha fica muda e percebo que não é quem eu esperava.

— Amor, você prometeu! – ela diz e coloco meu dedo em seus lábios para silenciá-la.

— Desgraçado! Acha que mandando me dar uma surra vai fazer com que eu desista? Você só tornou as

coisas piores – Charles diz e posso sentir sua fúria em cada palavra.

— Pois deveria desistir – sussurrei friamente. Desgraçado petulante! — Mantenha-se em alerta. Estou a dois passos à sua frente – conclui e desliguei.

Não queria que Verônica soubesse de nada. Não queria colocá-la em risco. Quanto menos souber, melhor.

— Quem era? Está com uma cara – pergunta me olhando desconfiada.

— Um cliente que está me causando problemas – minto.

— Será que podemos continuar agora?

Ela me olha, mas a verdade é que não consigo me concentrar em outra coisa a não ser pegar aquele desgraçado e matá-lo de uma vez.

— Adrian...

— Querida... Você precisa comer. Podemos continuar depois, o que acha?

— E vai me deixar assim? Toda molhadinha? – abre lentamente as pernas me provocando e vejo o sulco escorrendo de sua boceta gostosa.

— O que deu em você hoje? – pergunto sorrindo.

— O que foi? Não gosta? – ela morde os lábios, está visivelmente excitada.

— Claro que sim.

— Então pare de reclamar e me faça gozar.

Acho que esse lance de que mulher grávida sente mais tesão deve ser verdade.

Pego suas pernas e apoio uma de cada lado em meu ombro.

Abraço suas coxas e levo minha boca até sua boceta lambendo toda sua excitação.

Quando minha língua atinge seu clitóris ela arqueia e geme como louca.

Meu pau já dá sinais de vida outra vez.

Enquanto eu a chupo gostoso, levo minha mão até sua boceta e enfio dois dedos dentro dela.

Verônica pega em meus cabelos e segura forte.

Minha língua passeia em sua linda boceta e seu ânus.

Ela choraminga e me deixa ainda mais excitado.

Quando a sinto convulsionar em meus braços, prolongo meus ataques em seu clitóris. Em pouco tempo,

ela explode num gozo prolongado gemendo meu nome.

Sem dar chances para que sua respiração normalizasse, coloco minha mão em sua barriga e com delicadeza, deito-a sobre a cama. Puxo-a firme pela cintura até que esteja com o seu traseiro fora da cama.

Fico de pé e posiciono meu pau em sua abertura.

Eu estou no meu limite.

Entro dentro dela numa estocada forte.

— É assim que gosta? Diga pra mim querida. Como gosta de ser fodida? – pergunto pra ela que geme e passa a língua pelos lábios.

Seguro em seus quadris e a cada minuto, minhas estocadas são mais brutas e rápidas.

— Ohh! Adrian... Isso, me fode com força!

Suas palavras me deixam louco.

Eu quero virá-la de quatro e enfiar meu pau em seu belo traseiro. Mas a visão dela machucada, me faz diminuir as estocadas. Começo a penetrá-la devagar e é quase um martírio continuar dentro dela tão lento.

— Adrian... Por favor.

— O que você quer meu amor? Diga!

— Ohhh!

Ela geme assim que coloco meu dedo em seu buraco apertado.

— É isso que quer? – pergunto sem tirar meu dedo e continuava penetrando-a gostoso.

Sua boceta parece sugar meu pau. É quente, úmida e apertada. Isso está acabando com meu controle.

— Diga! – digo dando um tapa em sua coxa.

— É – ela respondeu com a respiração descompassada.

— É o que, querida? Não entendi – digo penetrando-a e seguindo com a tortura em seu ânus.

— Quero que você me foda, Adrian. Quero que coloque seu pau em mim. Quero te sentir todo dentro de mim.

— Aqui? – pergunto tirando meu pau de sua boceta e colocando-o em sua entrada apertada.

Ela gemeu instantaneamente.

— Oh! Isso...

Sem perder tempo, fui empurrando meu pau aos poucos. Ela é tão apertada que tive medo de machucá-la.

Paro por alguns segundos e a lubrifico com seu próprio sulco que escorre de sua boceta. Assim que está toda lubrificada, empurro meu pau dentro dela.

Sua expressão de dor e prazer me deixa fora de controle. Pego suas pernas, junto-as e a faço abraçá-la deixando sua bundinha bem empinada para mim.

Tiro meu pau de dentro dela e a lambo em toda sua extensão.

Ela gemia e arqueava-se toda.

Enquanto meu pau entra em sua bundinha, meus dedos trabalham sem seu clitóris. Quero que ela me sinta por completo.

Meu pau entrava com certa dificuldade, mas quando seu traseiro se acostuma com meu tamanho, eu posso penetrá-la sem interrupções.

A cada estocada, dá para se ouvir nossos gemidos desencontrados.

O fino suor já escorre pelo meu corpo, minha respiração pesada... Eu estou a ponto de gozar.

— Não vou aguentar por muito tempo querida.

— Então goze Adrian. Goze pra mim.

Sua voz safada carregada de desejo é o estopim para

que minha libertação venha. Começo a penetrá-la ainda mais rápido. A visão do meu pau entrando e saindo de seu traseiro, e meus dedos em sua boceta, acabam comigo. Quando sinto meu orgasmo vindo, dou um forte gemido e expeli todo meu líquido dentro dela. Tenho um orgasmo intenso que faz com que todos os pelos do meu corpo fiquem eriçados.

— Meu Deus, Verônica! Assim você vai acabar comigo – disse tirando meu pau de dentro dela e me jogando ao seu lado.

— Eu estou com fome – ela diz sorrindo.

— Espero que dessa vez, seja de comida – gargalhei ainda tentando normalizar minha respiração.

— Acho que precisamos de outro banho – ela fala com um sorriso.

— Sim. Mas agora, você vai primeiro. Você está um perigo hoje.

Ela ri e se levanta da cama.

— Tudo bem. Ainda temos a noite inteira – ela me dá uma piscadela e vai até o banheiro numa caminhada sexy em seus saltos pretos. A visão de suas costas e sua bunda, ainda marcadas me dói no peito.

Mas agora, ela está segura.

Coloco minha cueca e rapidamente desço até a cozinha.

— Oi Maria. Pode me ajudar a levar o café da Verônica lá para fora?

— Claro – ela responde e sorri. — Ela não prefere almoçar? Está muito tarde já.

— Melhor começar com algo mais leve. Ela acabou de acordar.

— Acabou é? – ela me olha de cima a baixo. Deve ter percebido que rolou algum tipo de sexo animal entre nós.

— Pare de me olhar desse jeito – digo sorrindo.

— Meu filho, eu já tive sua idade, sei como é. E a propósito... Fico feliz em ver você sorrir outra vez.

— Obrigado. Sabe que a tenho como uma mãe para mim, não é?

— Sim. Eu sei. E é como mãe que te darei um conselho. Não machuque essa pobre moça. Qualquer um consegue ver o quanto ela é sofrida e que ama você.

— Eu também a amo. Muito – digo e começamos a levar as coisas para a mesa no jardim.

Havia preparado tudo antes dela acordar.

Assim que termino, subo para tomar um banho.

No quarto, Verônica está colocando o vestido.

Aproximo-me, dou um beijo em seu ombro e a ajudo com o zíper.

— Só vou levar apenas alguns minutos. Pode me esperar? – pergunto e ela concorda com a cabeça.

Meu terno está perfeitamente colocado sobre a cama. Olho para ela que está sorrindo diante de mim. Tão linda e perfeita.

Ela me joga um beijo e eu entro no banheiro deixando a porta aberta.

Ligo o chuveiro e começo a me lavar.

Quando acabo, me seco rapidamente e saio gloriosamente nu, com a toalha nas mãos secando os cabelos.

— Podemos passar na clínica na volta?

Olho para ela, sentada em minha cama.

— Claro – digo colocando a boxer e minha calça.

Verônica levanta lentamente e se aproxima. Pega a camisa e ajuda a me vestir.

Com suas mãos delicadas, ela fecha os botões da camisa um a um olhando-me nos olhos.

Quando termina deixando apenas dois botões abertos, se abaixa e pega a gravata verde. Ela ajeita a gravata e faz o nó com habilidade enquanto coloco a camisa por dentro das calças.

Ela alinha minha roupa com as mãos e me passa o paletó.

— Vamos? – digo e a puxo para um beijo carinhoso.

De mãos dadas, descemos as escadas e cruzamos a sala até a cozinha.

— Onde está todo mundo?

— Maria foi ao mercado e Terry está com Jonas. A casa é só nossa, meu amor – falo enquanto ela observa a mesa vazia.

— Onde está o café? Estou faminta – ela diz sorrindo um pouco confusa olhando para a mesa.

Nesse momento, eu retiro minha gravata e ela me observa.

Me posiciono por atrás dela e rapidamente, sem que perceba minhas intenções, coloco a gravata sobre seus olhos.

— O que está fazendo? - pergunta colocando as mãos sobre a venda.

— Vou levá-la para tomar café - e dou-lhe um beijo em seu pescoço. Senti sua pele arrepiar-se toda.

Peguei em sua mão guiando-a até o jardim.

— Quero saber o que está aprontando.

— Ansiosa querida? É apenas um café – rio.

Continuo guiando-a. Fiz questão de preparar a mesa com todo cuidado. A vista do jardim é linda. Por mais que hoje esteja uma tarde ensolarada, tomei o cuidado de colocá-la num local em que o sol não atrapalhe. Quando chegamos, viro-a e aproximo minha boca de seu ouvido.

— Pronto. Espere que goste – e dou um beijo em sua boca puxando-a e abraçando-a com força.

O contato de nossos corpos colados um ao outro, causa uma reação direta em meu membro. Ela sente na mesma hora. Solta um riso e me puxa ainda mais para ela.

— É melhor pararmos, ou não conseguirei conter o meu desejo de arrancar sua roupa e fazer amor com você aqui mesmo – sussurro em seu ouvido.

— Não seria uma má ideia.

— Vou retirar a venda de seus olhos - desato o nó

retirando minha gravata. Quando ela olha para a mesa a sua frente, fica por alguns segundos paralisada, apenas observando.

— Não gostou? – pergunto arredando a cadeira para que se sentasse.

— Adrian... É tão... Tão... Ai meu Deus! Estou sem palavras – diz levando a mão a boca e vejo seus olhos molharem numa velocidade incrível. Ela afasta a lágrima que cai rapidamente e diz:

— É tão lindo isso. Você quem fez?

— Sozinho – digo e ela dá um sorriso que chega até seus olhos.

— Eu não vou conseguir comer tudo isso sozinha.

— Quem disse que vai comer sozinha? Vamos comer nós três. E quero nosso filho bem alimentado – afirmo.

Seus olhos desviam dos meus por um breve instante, vejo seu sorriso, mas, desta vez, sei que não foi um sorriso de felicidade. Algo a incomoda.

— O que foi? – sento-me ao seu lado e pego em sua mão.

— Eu queria que minha mãe soubesse do nosso filho.

— Ela vai querida. Logo, logo, ela vai se recuperar e

você poderá trazê-la para morar conosco.

Ela me olha e coloca suas mãos em meu rosto. Cola seus lábios lentamente nos meus;

— Obrigada por ter aparecido em minha vida e me fazer tão feliz.

— A cada segundo que passo ao seu lado, eu tenho ainda mais a certeza de que não consigo viver sem você — digo olhando-a fixamente em seus olhos.

— Eu fui tão idiota te afastando de mim.

— Não afastou minha linda. Eu estou aqui — sussurro.

— Quando achei que estava tudo perdido em minha vida, você veio e me tirou da escuridão... Eu me apaixonei por você desde o primeiro dia em que ficamos juntos. Eu quero você, Adrian... Para sempre. Eu preciso de você para respirar. Eu tentei imaginar a minha vida sem você... E a verdade, é que eu seria apenas uma alma perdida, vagando pelo mundo sem rumo. — Ela termina de falar e percebo que minhas mãos tremem e meu peito queima. Ela me olha de uma forma tão intensa, que me faz ficar ainda mais louco por ela. Eu a beijo demoradamente. Eu poderia passar minha vida inteira amando-a, que mesmo assim, ainda não seria o suficiente.

— Eu te amo, meu amor. E agora estou aqui para

cuidar de vocês – digo e levo a mão em sua barriga. — Vou fazer o possível e o impossível, para mantê-los seguros. Não vou deixar que nada aconteça a vocês. Nada.

— Eu sei – ela sorri.

— Agora coma. Nosso filho daqui a pouco vai começar a chorar de tanta fome – ela acha graça.

— Ele é só um grãozinho ainda, Adrian. Não chora.

— Eu não sei. Por via das dúvidas, melhor começar a comer – digo colocando o suco em seu copo.

Ficamos um bom tempo conversando. Verônica me perguntou se poderia buscar seu cachorro, Max, na casa da Sônia. Disse que sentia a falta dele e desde que viajou comigo para Nova Iorque, ela não tinha o visto.

Prometi para ela que buscaria Max e que a levaria para visitar sua mãe após comprarmos tudo que precisava.

Sabia o quanto eram importantes essas visitas para ela.

Quando disse que estava pagando pelo tratamento dela desde quando nos afastamos, seus olhos brilharam e algumas lágrimas rolaram em seu rosto.

Eu faria de tudo para vê-la feliz.

De tudo.

Quando terminamos nosso café, pego as chaves do carro, caminhamos até o estacionamento.

— Acho que vou ter que me desfazer dele.

— Por quê? Você ama esse carro.

— Mas agora teremos um bebe querida. Precisamos de um carro maior.

— É verdade.

— Esse carro não combina com criança – sorrio.

— Mas ainda está cedo. Não precisa fazer isso agora – ela diz e me beija.

— Sim. Tem razão. Mas já vai pensando aí num carro bem grande – ela começa a rir.

— Por que bem grande? Seremos nós três, Adrian.

— E nossos cachorros? Vamos pegar o Max e arrumar uma namorada para ele – digo e ela entra no carro.

Assim que entro, ela me olha com diversão.

— Max nunca teve uma namorada – ela ri.

— Hunf! Entendo. Coitado. Então já está mais do que

na hora – ligo o rádio. A canção de *Jota Quest, Vem Andar Comigo*, ecoa por todo o carro e ela aumenta o volume no máximo me dando um sorriso lindo que aqueceu o meu coração no mesmo instante.

Não tem como não amar essa mulher. Ela é tudo para mim.

*... Sinceramente ainda acredito
Em um destino forte e implacável
E tudo que nós temos pra viver
É muito mais do que sonhamos*

*Será que é difícil entender
Porque eu ainda insisto em nós
Será que é difícil entender
Vem andar comigo...*

*Vem, vem meu amor
As flores estão no caminho*

Vem meu amor

Vem andar comigo...

Capítulo 11

Verônica Sandler

Após as compras, Adrian me levou para visitar minha mãe. Ela estava reagindo bem ao tratamento. Mas, mesmo assim, me cortava o coração vê-la tão vulnerável numa cama de hospital. O médico disse que logo ela poderá sair da UTI. Os resultados foram satisfatórios e eles estavam confiantes em sua recuperação.

Quando saímos, fomos direto ao apartamento de Sônia. Adrian não queria que eu entrasse sozinha. Ainda estava remoendo a história do Club Red. Sônia é inofensiva, eu sei disso, mas ele não.

Quando ela nos atendeu, fiquei surpresa em ver sua aparência. Estava tão magra, que nem a reconheci. Parecia que havia envelhecido uns dez anos. Sem contar que estava toda desgrenhada. Nem parecia a linda Sônia que,

poucos meses atrás, fazia os homens caírem aos seus pés.

Adrian sequer dirigiu a palavra a ela. Conversamos por alguns minutos e por fim, pegamos o Max e me despedi dela.

Max assim que me viu, pulou em meu colo quase me fazendo cair ao chão. Se não fosse Adrian me segurar, ele certamente me derrubaria com seu peso enorme.

Entramos no carro e voltamos para casa.

No caminho, Adrian recebeu uma ligação que me deixou intrigada. Era Jonas, seu advogado. Depois da ligação, Adrian ficou disperso e não falou o resto do caminho. Eu perguntei se estava com algum problema, mas ele apenas sorriu e disse que não. Não quis enchê-lo de perguntas, tendo em vista que o ouvi chamar Jonas para jantar em casa hoje. Então, se tinha algo errado com ele, eu descobriria.

Ao chegarmos em casa, Max correu para o jardim enquanto Adrian me ajudava com as sacolas. Levamos tudo para o nosso quarto e depois, descemos para tomar um café. Estava faminta.

Terry estava na cozinha ajudando Maria com o jantar. As duas se divertiam enquanto terminavam de colocar o lombo para assar.

— Precisam de ajuda? – me ofereci. Nunca fui uma boa cozinheira, mas me sentia um pouco inútil sem ter o que fazer.

— Minha querida... – Maria se aproximou tocando em minha barriga.

— Por que não vai descansar enquanto o jantar não fica pronto? Tome um banho, relaxe. Eu e Terry cuidaremos de tudo.

— Mas eu quero ajudar.

— Amor, Maria tem razão. Andamos muito e você precisa de repouso – Adrian levantou da cadeira e colocou seu copo sobre a pia.

— Adrian, eu estou grávida e não doente. Não preciso de repouso – bufei.

— Outro dia você ajuda. Tenho certeza que todos irão querer experimentar das suas habilidades culinárias. Mas não hoje – ele me abraça, arrancando sorrisos de Terry e Maria.

— Isso mesmo. Vá cuidar do meu sobrinho – Terry ri.

— Ou sobrinha – completei.

— Terry, assim que Jonas chegar, me avise. Estarei

no quarto com a Verônica.

— Novidade! Nunca saem de lá – ela diz e Adrian sorri.

No quarto, sento na cama e começo a tirar meus sapatos. Adrian se aproxima rapidamente, coloca suas mãos sobre a minha e me olha docemente.

— Pode deixar que eu os tiro pra você – disse quase num sussurro.

Fico ali sentada, observando-o retirar meus saltos com delicadeza.

Quando termina, suas mãos subiram devagar pelas minhas pernas descobertas até chegarem a minha cintura.

— Você é tão linda – ele sussurra em meu ouvido.

Adrian me deita na cama e me beija.

Sua mão atinge minha calcinha em frações de segundos e sinto o meu corpo todo estremecer com o contato dela em minha pele.

Ele toca meu rosto suavemente e beija meu pescoço.

— Venha... Vamos tomar um banho – ele diz saindo de cima de mim e me puxando pelas mãos. — Mas antes, deixe tirar sua roupa – ele conclui e começa a tirar meu vestido. Ele joga meu vestido em cima da cama e começa

a beijar-me. Abraça-me por trás beijando minha nuca e minhas costas demoradamente enquanto suas mãos passeiam pelo meu corpo.

— Adrian... — sussurro com a voz carregada de desejo.

Ele levanta meus cabelos para ter acesso ao meu pescoço. Começa a distribuir beijos e leves mordidas. Viro-me e olhando em seus olhos, me desfazo do seu paletó, puxo-o pela gravata arrastando-o até o banheiro e lhe dou um beijo ardente. Tiro sua camisa, calça e por último sua boxer e contemplo minunciosamente seu corpo. Seu abdômen definido. Sorrio, pois é tudo meu. Somente meu.

Após o sexo maravilhoso na banheira, deitei sobre a cama e acabei adormecendo.

Quando acordei, Adrian não estava no quarto.

Coloco um short e uma blusa branca, chinelos e saio.

Desço as escadas e Terry está sentada no sofá assistindo televisão.

— Nossa! Dormi e nem vi o tempo passar – disse sentando-me ao lado dela.

— Ah! Não dormiu muito tempo não. Jonas acabou de chegar e está trancado com Adrian no escritório – ela disse um pouco apreensiva.

— Aconteceu alguma coisa?

— Acho que sim. Adrian estava estranho enquanto conversava com Jonas. Mas então, eles perceberam que estava de olho na conversa e foram para o escritório.

— Hum... Sobre o que eles falavam? – perguntei curiosa.

— Sara – ela me olhou esperando alguma reação.

— A ex-mulher dele? Mas o que teria de tão importante para eles conversarem a portas fechadas sobre alguém que já morreu há séculos? – perguntei sendo insensível. Por mais que Sara estivesse morta, de alguma forma eu ainda me sentia insegura em relação a ser uma cópia dela.

— Olha. Eu não sei, mas é claro que vou perguntar para o Jonas. Só estou esperando ele sair. Detesto segredinhos – ela bufa e coloca a almofada entre as pernas.

— Adrian não me disse nada sobre o acidente. Como

foi que aconteceu?

— Bom, até hoje ainda não se sabe a causa. A caixa-preta do avião nunca foi encontrada, assim como seu corpo. Então, depois de algum tempo, encerraram as buscas e arquivaram o inquérito.

Olhei para ela aterrorizada.

— Como assim? Nunca? Encontraram o corpo dela?

— Não.

— Mas e se ela estiver viva?

— Viva? Tá louca? Encontraram pedaços do avião no mar. Mas o corpo seria impossível. Naquele dia morreram sete pessoas. Incluindo meu sobrinho que nem chegou a nascer – ela disse com a voz triste.

— Imagino como deve ter sido difícil para ele.

— Você não tem nem ideia. Mas é tão bom ver que ele se apaixonou outra vez.

— Eu amo seu irmão, Terry. E espero de verdade que possamos ser amigas – digo pegando na mão dela. Ela me olha e abre um sorriso.

— Eu também gosto de você. Fiquei tão assustada quando te vi naquele estado em seu apartamento.

— Eu sei – suspiro.

— Desculpe perguntar, mas... Adrian me contou quem fez aquilo com você. Só não consigo entender por quê. O que ele queria?

Antes que eu pudesse responder, Jonas e Adrian entraram na sala.

— Olhe-as aí. Falei que deviam estar vendo um filme – Jonas fala no momento em que eu formulava uma resposta para Terry. Foi a minha sorte. Ela se levanta e vai abraçá-lo.

— Amor, pensei que estivesse dormindo – Adrian diz sentando ao meu lado.

— Estava. Acabei de descer. Terry me disse que estava em reunião com Jonas.

— Está com fome?

— Morrendo de fome.

Adrian se levanta e pega em minha mão me puxando para ele.

— Terry, o jantar já está servido? – ele pergunta.

— Está. Podemos jantar – ela diz e caminhamos para a sala de jantar.

A mesa está posta e minha boca enche de água só em ver a enorme travessa de lombo com batatas assadas. O arroz de forno parece divino.

Começamos a comer conversando sobre assuntos corriqueiros.

— Papai ligou hoje quando vocês estavam fora — Terry fala olhando para Adrian.

— O que ele queria? — pergunta surpreso.

— Ele queria se certificar de que nós iremos à festa da Miller's. Semana que vem a empresa completa quarenta anos. Papai dará uma super festa em Los Angeles.

— E o que eu tenho a ver com isso? Não vou depois do que a Nora aprontou com a Verônica — ele diz dando um gole em seu vinho.

— Só acho que deveríamos ir — ela olha para ele com tristeza.

— Que merda, Terry. Vai fazer o que lá? Ouvir sua mãe te chamando de drogada?

— Adrian! — repreendi. — Não fale assim.

— Deixa, Verônica. É isso mesmo o que eu sou não é? — ela diz entredentes, completamente enfurecida

jogando o guardanapo sobre a mesa e se levantando.

Jonas olhou insatisfeito e a seguiu.

Olhei para Adrian que comia normalmente como se ele não tivesse dito nada demais.

Adrian tenta disfarçar, mas está inquieto.

— Qual é o seu problema? Por que tratou sua irmã daquele jeito?

— Olha, não estou bem, tá legal – ele diz sem me olhar.

— Você vai atrás dela agora e pedir desculpas – digo empurrando meu prato para longe.

— Só porque você quer – ele debocha me deixando furiosa. — Ela tem que se ligar que a própria mãe não faz nem questão em vê-la. E se quer saber, também estou cansado de tanta falsidade. Se eu for, o que é pouco provável, como você acha que vai ser? Minha mãe te odeia e não está nem aí para a própria filha – ele diz num tom mais alto me deixando nervosa.

— Não interessa, Adrian. Terry é sua irmã. Você deveria ser mais sensível ao falar com ela. Até mesmo por tudo o que você acabou de dizer. Ela só tem você. Eu sei que ela tem problemas, mas ela está lidando bem com isso agora. Não estrague tudo – despejei tudo o que estava

entalado em minha garganta e saí.

Quando chego na sala, Jonas está se despedindo de Maria.

— Boa noite, Verônica. Já vou indo. Está tarde – ele diz sem graça.

— Desculpe pelo Adrian. Às vezes ele não pensa ao falar – digo dando um abraço nele.

— Adrian está com problemas, Verônica. Não brigue com ele também. Já conversei com a Terry e ela entendeu.

— Mesmo assim. Não é motivo para ter sido tão cruel com ela.

— Bom. Obrigada por defendê-la. Terry é uma garota sensível. Ainda não está totalmente curada do vício. Não podemos deixar que tenha uma recaída – ele diz um pouco triste.

— Se depender de mim, Jonas. Ela não irá. Que bom que ela tem você – sorrio.

— Boa noite – ele sorri.

— Boa noite.

Capítulo 12

Adrian Miller

Droga!

Era só o que me faltava. Mais essa na minha vida.

Que mal eu fiz, meu Deus? Já não basta ter que lidar com aquele bosta querendo minha mulher, agora vem mais essa...?

Continuo comendo, sentado à mesa, completamente sozinho. Jonas deve estar me achando um idiota, minha irmã me odeia e Verônica... Deve estar me odiando também. Droga!

Bebo meu vinho, limpo minha boca com o guardanapo e saio. Não devia ter sido tão duro com Terry. Mas às vezes ela é muito mimada. Me irrita. Embora,

hoje, eu não esteja nos meus melhores dias.

Passo pela sala e vejo Maria organizando algumas coisas.

— Deixe isso, Maria. Vá dormir, está tarde – digo. Acho que ela deve ter mania de limpeza. Não pode ver nada fora do lugar que já vai logo arrumando.

— Estou indo. Boa noite – ela diz sorrindo.

Passo por ela dando um beijo em sua testa e subo as escadas.

Fico parado em frente ao quarto da Terry ensaiando se devo ou não pedir desculpas nesse momento. Mas se eu não o fizer, Verônica certamente não irá olhar na minha cara. Vi seu olhar de descontentamento. E a última coisa que quero fazer é deixá-la nervosa.

Bato três vezes na porta e aguardo.

— Estou dormindo. Não me perturbe! – ela responde sem nem mesmo abrir a porta.

— Terry, abra, por favor.

Alguns segundos se passam e consigo ouvir seus passos do outro lado.

Ela abre a porta e me encara.

— Diga – ela diz me olhando chateada.

— Posso entrar?

Ela acena para que eu entre e ao passar, ela fecha a porta.

— Nem precisa se dar ao trabalho de se desculpar – ela diz sentando na cama de pernas cruzadas.

— Sim, preciso.

— Olha Adrian, eu sei que a mamãe me odeia e que você está com problemas. Eu só quero me divertir um pouco. Eu quero ir pelo papai – ela diz fazendo beicinho.

— Nós iremos – a vejo sorrir.

— Jura?

— Mas... Só se você me desculpar – digo me aproximando dela e me ajoelho em sua frente. Levo minhas mãos até seus cabelos compridos e a puxo para um abraço. — Será que você consegue perdoar esse seu irmão aqui? – sorrio.

— Tá. Mas com uma condição. Levaremos a Maria conosco e Jonas também.

— Jonas eu posso até entender, mas porque quer levar a Maria? – pergunto intrigado.

— Acho que será uma boa companhia para nós. Mamãe odeia Verônica, me detesta e não gosta da Maria. Apenas quero deixá-la possessa – ela ri. – E, claro, Maria precisa de diversão também. Ela vai adorar.

— Se é para deixar a nossa mãe irritada, conte comigo – digo me levantando. — Procure seu passaporte. Viajaremos daqui a dois dias.

— Uhuu! Obrigada maninho. Eu te amo – ela diz aos gritos enquanto fecho a porta e caminho até meu quarto.

Quando entro, Verônica está na varanda contemplando as estrelas.

Vou até ela sem que perceba minha presença e a abraço. Dou um beijo em seu pescoço e seu perfume já me deixa louco. Adoro sentir o cheiro dela.

— Espero que tenha se acertado com sua irmã – ela diz se livrando do meu abraço.

— Sim. Já pedi desculpas.

Ela tira os chinelos e se senta na cama. Abre o criado-mudo e pega um livro ignorando completamente minha existência.

Ótimo.

— Vamos para Los Angeles daqui a dois dias – digo

tirando minha camisa.

— Tá – ela responde folheando o livro.

— Não vai falar nada? – digo irritado. Odeio ser ignorado.

— Já falei. Tá – ela responde.

— Por que está me ignorando? Eu já pedi desculpas a ela.

— Adrian, eu ouvi. Só estou cansada – ela me olha por segundos e volta sua atenção para o livro. Que merda!

Porra! Se não peço desculpa, sou um ogro, se peço, sou ignorado. Vai entender cabeça de mulher. Da próxima vez nem Cristo me faz pedir desculpas de novo.

Tiro minha roupa e vou para o chuveiro. Só um longo banho fará com que eu reorganize minhas ideias.

Quando lembro de tudo o que Jonas me falou fico tenso. Por que reabrir as investigações do acidente de Sara logo agora? Depois de um ano? Com tanta coisa para me preocupar, ainda me vem mais essa.

Ligo o chuveiro e deixo a água morna rolar. Apoio minhas mãos na parede e fico ali, apenas sentindo o contato da água em meu corpo. É incrível o que um bom banho faz. Já me sinto mais relaxado.

Assim que termino, me seco, escovo os dentes e coloco meu roupão azul-marinho.

Verônica ainda está do mesmo jeito. Lendo o maldito livro.

Só espero que ela não cisme de ficar acordada a noite inteira lendo.

No closet, pego uma boxer preta e me troco na frente dela. Tomo todo o cuidado de demorar o suficiente para que ela me note. Acho que o livro deve estar realmente interessante. Em nenhum momento ela deu uma espiada no meu amigo aqui.

Ajeitei meu pau em minha cueca que já estava duro só de pensar em me enterrar nela.

Deito ao lado dela e coloco minha mão em sua coxa. Ela me olha e dá um suspiro. Fecha o livro, coloca de volta na gaveta do criado-mudo e se levanta sem falar nada. Se tranca no banheiro e depois de alguns segundos, ouço o chuveiro ligado.

Depois de algum tempo, ela sai do banheiro com os cabelos presos em um coque malfeito e totalmente nua. Puta que pariu. Isso é golpe baixo.

Ela pega meu roupão no cabideiro perto do closet e coloca.

— Aonde vai?

Ela me olha.

— Até a cozinha. Não comi a sobremesa e agora estou morrendo de vontade.

— Eu vou buscar. Fique aqui.

— Eu posso ir, Adrian. Descanse. Volto num minuto.

Levanto-me, vou até ela e a beijo. Tiro delicadamente meu roupão dela, apreciando cada centímetro de seu corpo e me visto.

— Fique. Volto rápido. Vá se deitar.

Já na cozinha, pego uma tigela redonda de vidro e coloco a sobremesa. Pavê de morango com beijinho. Em uma tigela separada, lavo alguns morangos e despejo nela.

Quando chego ao quarto, seus olhos até brilham ao ver sua sobremesa.

— Nossa! Parece delicioso – ela diz com um lindo sorriso.

Dou uma das tigelas para ela e a outra coloco no móvel. Tiro o roupão e me deito.

Ela come como uma criança. Sorrio.

— Você pegou para você, não é? Não estou a fim de dividir não – ela ri.

— Gulosa – ri.

Pego a tigela de sua mão e ela resmunga.

— Devolva-me.

— Espere, tem bastante doce aqui. Também quero – digo e pego uma porção generosa de pavê e levo a boca.

— Hummmmm!!! Nossa! Tá bom isso, hein.

— É. Agora me devolva – ela ri tentando recuperar a tigela.

— Negativo. Eu vou alimentá-la. Abra a boca – e ela não para de rir.

— Para de ser bobo, Adrian. Me dá logo isso – e estica as mãos tentando pegar da minha mão.

— Só se você me der um beijo.

Ela me olha desconfiada e me dá um selinho.

— Poxa. Eu disse um beijo. Um beijo de verdade.

Ela ri e sobe em cima de mim rapidamente se desvencilhando dos lençóis que cobriam seu corpo. Olhando para ela, assim, nua, já nem me lembrava mais o gosto do pavê que acabei de comer. Essa mulher está

acabando com minha sanidade.

Ela se aproxima e cola seus lábios no meu.

Ela passa a língua em meus lábios sensualmente e morde devagar me deixando excitado.

O beijo vai ficando mais quente e sinto sua necessidade. Ela me quer tanto quanto eu a quero. Coloco a tigela ao meu lado da cama e levo minhas mãos ao seu rosto e puxo seus cabelos com força fazendo-a olhar em meus olhos.

Ela me olha e solta um gemido.

— Você nem imagina as coisas que quero fazer com você — digo excitado. Sinto meu pau endurecer numa rapidez assustadora. Ele lateja e implora para estar dentro dela.

— Eu imagino — ela sorri com uma carinha de safada.

Ela continua a me beijar e quando dou por mim, se afasta e rouba a tigela de pavê saindo correndo da cama.

— Ah, sua trapaceira — digo rindo. — Pode voltar aqui. Vai ter que merecer para comer isso — digo caminhando até ela, que está completamente nua, linda, encostada no chaise comendo o pavê de morango desesperadamente.

Quando estou bem perto, ela esconde a tigela atrás dela e fala com a boca cheia:

— Nem vem Adrian... Quer que nosso filho nasça com cara de pavê de morango? – ela ri.

— Eu trouxe para nós dois.

— Hmmm – ela resmunga e corre para a cama. — Então tá. A sua parte, você pode comer aqui, em mim – ela diz deitando na cama e esparramando uma quantidade generosa de pavê em seus seios. Puta que pariu. Ela fez isso mesmo? Caralho! Ela ainda vai me matar desse jeito.

Ela me olha, sorri e me chama.

— O que está esperando? Venha. Estou aqui.

Isso será melhor do que estava imaginando.

Caminho até ela e quando estou bem próximo, levo minha boca em seus seios lambendo todo o doce que ela derramou. Ela geme e isso me faz ficar mais louco de tesão. Enquanto chupo seus seios, levo minha mão até sua boceta e sinto que está pronta para mim. Ela arqueia os quadris ao sentir o contato de meus dedos massageando seu clitóris.

A beijo apaixonadamente enquanto ela leva suas mãos até minha boxer tentando tirá-la.

Levo minha boca até seus seios e mordo levemente seus mamilos arrancando gemidos.

Beijo todo seu corpo e paro bem em seu ventre para beijar sua barriga que ainda nem começou a crescer. Desço distribuindo beijos e ela fica louca quando passo a língua em seu clitóris. Chupo com vontade sua bocetinha molhada e coloco dois dedos dentro. Ela geme e segura em meus cabelos se abrindo ainda mais para mim.

Livro-me da minha boxer e antes que ela tenha tempo de processar algo em sua mente, eu a penetro com força.

— Ahhh, Adrian – ela geme e sua voz carregada de desejo me alucina.

— É isso que queria, não é? Que eu te pegasse assim... Com força – sussurro em seu ouvido aumentando o ritmo de minhas estocadas.

Ela geme.

— Diga pra mim querida. Diga o que quer.

— Eu quero você, Adrian... Mais forte...

— Mais forte é? – pergunto com a voz rouca. Ela geme e então, dou a ela o que pediu.

A coloco de quatro na cama e enfio meu pau em sua boceta quente e molhada.

Nossos corpos começam a suar e o quarto é preenchido com os sons de seus gemidos. Puxo seu cabelo enrolando em meus punhos e aumento o ritmo de minhas estocadas. Ela geme alto, e sinto que está vindo para mim.

— Isso meu amor, goza pra mim – sussurro em seu ouvido e dou um tapa em seu traseiro lindo. As marcas já estão menos visíveis, mas ainda me dói só de olhá-la toda marcada.

Ela segue com seus gemidos e faço um esforço danado para não perder o controle e gozar.

Quando começo a sentir seu corpo convulsionar e seus gemidos intensos, digo:

— Isso, goza pra mim querida, goza no meu pau bem gostoso.

Ela geme e goza gritando meu nome me fazendo perder completamente o controle. Então, gozamos juntos.

— Ohhhhhh Adrian...

Ela se joga na cama e eu apoio meu corpo em cima dela. Quando nossas respirações normalizam, eu saio de dentro dela e me deito ao seu lado.

— Precisamos de um banho – sorrio olhando para ela, sua pele branquinha, agora, toda corada.

— Sim – ela me olha e apoio a cabeça em seu braço.

— Adrian, eu não sei se quero ir para Los Angeles. Acho que deve ir sozinho com a Terry. Eu fico aqui com a Maria.

Olho para ela já carrancudo.

— Nem pensar. Você vai comigo e Maria também.

— Mas Adrian... – ela tenta falar e eu a corto.

— Não, Verônica – digo e saio da cama, direto para o chuveiro. Ela me segue balbuciando um monte de palavras que nem dou ouvidos.

— Sua mãe me odeia Adrian, não vou ficar na casa dela – ela diz emburrada.

— Não vai mesmo. Vou ver se ficamos em um hotel. Tudo bem assim? – digo e ela concorda. — Não vou deixá-la sozinha com aquele maluco solto por aí. Não quero que vá a lugar nenhum sem mim. Entendeu?

— Entendi.

Tomamos nosso banho e ela foi a primeira a sair. Quando entrei no quarto, ela havia retirado as tigelas de doce. Depois de algum tempo, ela entra com uma jarra de água e dois copos. Ela coloca tudo em cima do criado ao lado da cama e apaga a luz do abajur.

— Vou sair cedo amanhã. Preciso passar na Miller's para pegar alguns contratos – digo abraçando-a e me posicionando atrás dela.

— Mas você disse que estava viajando.

— Sim. Farei de conta que voltei de viagem e viajaremos depois de amanhã.

— Tudo bem. Você ainda tem meu passaporte?

— Sim. Tenho tudo – digo dando um beijo em seu rosto. — Agora é melhor dormimos. Já é tarde – olho para o relógio que marcava duas da manhã.

— Bom dia, Maria – digo sentando-me a mesa.

— Bom dia. Verônica não vem para tomar o café?

— Não. Ainda está dormindo. Estou indo para a empresa. Vou pegar alguns documentos e contratos – digo dando um gole em meu café.

— Sim.

— Maria... Preciso que vá a Los Angeles conosco – fico esperando sua reação. Maria nunca viajou comigo.

Ela me olha intrigada, mas logo relaxa.

— Tudo bem. Terry e eu conversamos logo cedo. Eu havia dito a ela que se o senhor quisesse que os acompanhasse nessa viagem, eu iria.

— Obrigado, Maria. Você sabe como é minha mãe. Quero manter Verônica o mais afastada o possível dela. Terry vai com Jonas, então queria que fizesse companhia a ela.

— Com o maior prazer – ela diz sorrindo.

— Vou até o quarto ver como ela está. Ela não passou muito bem na madrugada.

— O que ela teve? Não é melhor chamar um médico? – ela pergunta preocupada.

— Não – sorrio. — Ela só comeu pavê demais – digo lembrando-me da nossa noite magnífica.

Maria me olha e sorri. Se ela soubesse em quais circunstâncias comemos aquele pavê...

— Vou vê-la e depois vou trabalhar. Não deixe que saia. Ela precisa de descanso.

Assim que chego ao quarto, Verônica não está na cama. A porta do banheiro está trancada e me preocupo.

— Verônica? – bato na porta.

Ela abre e me olha.

— Bom dia, amor – diz e me beija.

— Está melhor?

— Sim. Tomei um banho e agora estou faminta.

— Tome seu café e nada de exagerar. Viu no que deu ontem – falo rindo e ela concorda.

Não me canso de olhá-la. Tão linda.

Vou até ela que procura uma roupa no closet. Abraço-a por trás e dou um beijo em seu pescoço.

— Estou indo até a agência. Qualquer coisa, me ligue.

— Tudo bem.

— Só volto no final da tarde – digo andando até o quadro na parede tirando-o com cuidado.

— O que é isso?

— Meu cofre – respondo enquanto digito as combinações.

— E para que você precisa de um cofre? – pergunta ao meu lado olhando tudo com curiosidade.

— Para manter alguns documentos importantes.

— Hum.

Pego o envelope pardo onde guardo os passaportes e entrego a ela.

— Confira tudo. À noite faremos nossas malas e deixaremos tudo organizado.

— O que é aquilo? – ela pergunta apontando uma caixa preta de veludo que mantenho guardada no cofre.

— É a caixa de joias da Sara. Desde que ela morreu, nunca mais mexi em suas coisas – digo triste. Ainda era difícil ver certos pertences dela e me lembrar de como éramos felizes. De como eu a amava e como a vida foi cruel em tirá-la de mim.

Neste instante, meu celular toca.

— Adrian – atendo me afastando. — Jonas... Só um momento.

— Amor, já volto – e saio do quarto.

Não quero que ela ouça a conversa. Vou até a sala para ter privacidade.

— Pode falar.

— Adrian, surgiram novas provas no caso do acidente.

— Como assim, novas provas?

— Lembra quando disseram nas investigações, sobre o pouso do avião nas Ilhas Canárias?

— Sim – respondo tenso. — Foi logo após a decolagem que houve a queda.

— Então. Encontraram a caixa-preta do avião – ele diz e sua voz está tão tensa quanto eu.

— E? Fala logo porra! Quer me matar aqui – indago com o coração na boca.

— Eles reabriram as investigações, pois foi constatado uma falha. Não sei explicar bem ao certo, terá que falar diretamente com eles. Mas ao que tudo indica, foi uma sabotagem.

— Como assim sabotagem?

— A polícia trabalha com a hipótese de que o avião tenha sido sabotado e que Sara pode estar viva, já que o corpo dela e do piloto, foram os únicos não encontrados.

— Isso é ridículo! – esbravejo.

— E isso ainda não é o pior – ele diz tenso.

— E o que pode ser pior do que isso, Jonas? – murmuro.

— Se as investigações realmente apontarem para uma sabotagem, você será o suspeito número um.

— Está louco? Como eu mataria minha própria mulher? Ela estava grávida, Jonas. Grávida de seis meses – digo enfurecido.

— Precisamos conversar pessoalmente, Adrian. Já adianto, vai vir chumbo grosso.

— Estou indo para a agência e no caminho, passo em seu escritório – digo aturdido e desligo.

Era só o que me faltava. Depois de um ano, alguém ainda acredita que Sara esteja viva? Parece loucura demais para mim.

Dou um longo suspiro e saio da sala.

Subo as escadas e quando entro no quarto, Verônica está com a caixa de joias da Sara na mão colocando-a dentro do cofre. Isso me deixa furioso.

— Por que está mexendo nisso? – olho para ela que me parece estranha.

Ela me olha assustada e diz:

— Desculpe, foi apenas curiosidade.

— Saia – digo ríspido empurrando-a e tranco o cofre. — Não quero que mexa em nada dela. Entendeu?

— Sim – sua voz saiu fraca.

Saio do quarto com a cabeça cheia. Estava tão nervoso, que tinha que tomar cuidado para não descarregar toda a minha raiva no mundo.

Pego as chaves do carro e saio.

Quero ouvir tudo o que Jonas tem para me falar. E quero ouvir agora.

Capítulo 13

Verônica Sandler

Quando Adrian saiu do quarto para atender ao telefonema, minha curiosidade aflorou e claro, fui até ao cofre e peguei a caixa na qual ele disse que havia joias da Sara. “*Por qual motivo ele ainda mantinha isso guardado?*”. O que vi nela, quando abri, me deixou ainda mais curiosa. Não havia joias. Apenas um envelope de uma clínica endereçado a Alana Lins. Fiquei intrigada com aquilo. Quando ouvi seus passos pelo corredor, coloquei o envelope dobrado no bolso da minha calça jeans e tranquei a caixa novamente. Joguei a chave no cofre enquanto posicionava a caixa no devido lugar. Adrian foi mais rápido e me pegou no momento em que eu a guardava. Sua reação exagerada me deixou chateada. Após ser grosso e me empurrar dizendo para que eu nunca mais mexesse em qualquer coisa de sua ex-mulher, ele

saiu do quarto deixando-me sozinha. Nem ao menos se despediu.

Assim que se foi, levei a mão ao bolso e retirei o envelope abrindo-o rapidamente.

Quando li o conteúdo, minha vontade foi de desaparecer.

Caminho até o quarto da Terry.

— Verônica? Achei que havia saído com Adrian.

— Não. Fiquei um pouco indisposta. Ele achou melhor que eu ficasse em casa.

— Hum – ela resmunga enquanto termina de arrumar as malas. — Droga! Lembrei que preciso ir ao shopping. Preciso buscar uma encomenda antes de viajar.

Sento em sua cama e busco coragem para perguntar o que desejo saber.

— Terry, quanto tempo Adrian e Alana ficaram juntos?

Ela me olha surpresa.

— Por que quer saber? Foi há tanto tempo.

— Adrian traía a Sara com ela?

— Não. De onde você tirou essa ideia? – ela perguntou pasma.

Peguei então o envelope e dei em sua mão.

— Leia.

Ela pega o envelope.

— O que é isso?

— Leia – insisto.

Ela abre e logo vejo sua expressão. Está tão confusa quanto eu.

— Onde achou isso? – Ela se espanta.

— No cofre. Adrian abriu para pegar uns documentos e eu por curiosidade, acabei abrindo a caixa de joias da Sara.

— Ele ainda guarda as joias dela?

— Sim. Mas não havia joias na caixa. Apenas isso. E também me disse que não mexeu nela desde que Sara morreu.

— Isso faz sentido. Eu e Maria que nos desfizemos das coisas dela. Adrian certamente não sabe da existência desse exame. Isso é impossível – ela diz atônita.

— Eu não sei mais o que pensar.

— Espere. Olhe a data – ela diz me mostrando a data do exame de gravidez da Alana.

— O que tem?

— Foi um dia antes de Sara viajar. Isso é muito estranho. Eu lembro que Adrian e Sara brigaram, um pouco antes da viagem. Mas ele não sabia da existência desse exame. Alana nunca esteve grávida.

— Então porque esse exame de gravidez está nas coisas dela?

— Acho que Alana tentou envenená-la contra Adrian. Ela sempre fazia isso. Eles sempre viviam numa briga constante por causa dela.

— E por que isso? – pergunto ainda confusa.

— Não sei. Se Adrian não ficou sabendo, claro que na época, Sara deve ter descoberto que era só mais uma tentativa desesperada dela de roubar o Adrian.

— E como ela pode ter descoberto isso num dia, Terry? Isso pra mim parece muito estranho.

— Só temos um jeito de descobrir – Terry me olhou nos olhos. — Vamos à clínica. Ela é bem perto do shopping aí já aproveito e pego minha encomenda.

— Então tá. Vou apenas tomar um café. Estou bem assim? – perguntei apontando para meu jeans e minha blusa vinho.

— Está ótima. Já desço e te encontro no estacionamento.

Volto para o meu quarto, pego minha bolsa e saio.

Maria organiza a mesa e quando me vê, diz:

— Bom dia. Adrian disse que esteve indisposta.

— Sim – sorrio. — Já estou melhor. Não se preocupe. Apenas faminta.

Maria coloca meu suco e me passa algumas torradas com geleia.

— Precisa se alimentar bem.

— Vou dar uma saída com a Terry e já volto – dou um gole em meu suco e ela me olha um pouco desconfortável.

— Adrian pediu para que não a deixasse sair.

— Não sou uma garotinha de treze anos, Maria – resmungo terminando meu suco.

— Desculpe.

— Não se desculpe por isso. Adrian precisa aprender que as coisas não são como ele quer – levanto e saio da cozinha com as torradas na mão.

No jardim em frente da casa, Terry me espera.

— Onde está o carro? – pergunto olhando em nossa volta.

— Iremos de táxi.

— Sério? Eu não tenho dinheiro – digo constrangida.

— Meu irmão é um idiota mesmo. Como deixa você assim?

— Na verdade, ele pediu para que Maria não me deixasse sair – dei de ombros.

— Adrian, às vezes, parece um homem das cavernas – ela diz e nós rimos.

Ficamos paradas na porta de casa até o taxi chegar.

Assim que ele parou, entramos e pedimos para que nos levasse até o shopping.

— Não quer passar na clínica primeiro? – digo.

— Não. Vamos ao shopping. Depois tiraremos isso a limpo. É muito estranho Alana fazer um exame de gravidez bem na clínica onde Sara trabalhava.

— Você está achando que...

— Ainda não estou achando nada – ela diz. —
Vamos ver primeiro.

Chegamos ao shopping após quarenta minutos. Terry paga o taxista e saímos em direção à entrada.

— Não vamos demorar muito. Vou apenas em duas lojas. Se quiser dar uma volta não se prenda por mim – diz

— Na verdade, acho que vou dar uma passada em algumas lojas. Te encontro na praça de alimentação – nos despedimos e seguimos direções opostas.

Caminho olhando as vitrines.

Depois de algum tempo, vou até a praça de alimentação e me sento esperando por Terry. Olho em volta tem apenas algumas pessoas. Há um cara sentado próximo a mim, falando ao telefone. Só de olhá-lo me dá arrepios. Trajando uma jaqueta preta de couro, camiseta branca e jeans. Ele é a única pessoa que usa óculos escuros aqui dentro.

— Vamos? – Terry aparece do nada me fazendo dar um pulo da cadeira.

— Nossa! Você me assustou – ri levando a mão no peito.

— Temos que ir. Vamos passar na clínica e descobrir alguma informação sobre esse exame.

— Então vamos – assim que me levanto o homem a nossa frente também se levanta olhando em nossa direção.

— O que foi? – Terry pergunta. — Está com uma cara.

— Nada. – mas minha voz não é convincente.

Como Terry disse que a clínica fica a seis quarteirões, decidimos ir a pé.

Na metade do caminho, Terry me olha.

— Conhece aquele homem?

— Que homem? – pergunto assustada.

— Tem um cara de jaqueta de couro e jeans atrás de nós. Tenho a impressão que está nos seguindo – ela desvia o olhar em direção a ele e vejo que é o mesmo que havia visto no shopping.

— Eu não o conheço. E para falar a verdade, ele me dá medo – respondo insegura.

— Falta pouco. Vamos andar mais rápido – ela

segura minha mão e praticamente me arrasta.

Assim que chegamos ao centro médico, fico intrigada.

— Centro Médico Bawer? – olho para ela. — Adrian nunca me disse que eles tinham um centro médico.

— Ah não. É dos pais da Sara. Ela trabalhava aqui também. Por isso estou desconfiada. Alana odiava Sara. Com tantos lugares, por que ela tinha que fazer um exame de gravidez exatamente aqui?

— Não sei – sussurro. — Está vendo aquele homem? – pergunto olhando ao nosso redor.

— Não. Acho que o despistamos. Ou estamos ficando paranoicas – ela ri.

— Talvez. Vamos.

Entramos no centro médico e Terry foi direto a recepção do laboratório.

O lugar era amplo e muito sofisticado.

— Boa tarde. Gostaríamos de uma informação – Terry disse para a recepcionista bem trajada.

— Sim, em que posso ajudar?

— Eu tenho um exame de uma paciente e gostaria de

atestar a veracidade dele.

— Desculpe senhora. Não damos esse tipo de informação.

— Olha precisamos saber se uma paciente fez um exame de gravidez um ano atrás. Tenho-o comigo aqui, só preciso que a senhora veja e que...

— Desculpe. Não posso dar esse tipo de informação – a recepcionista diz e Terry fica furiosa.

— Saco! – ela resmunga. — Onde está o diretor dessa merda? – ela grita com a moça.

— Pare, Terry. Vamos. É melhor irmos – digo tentando acalmá-la.

— Tudo bem. Vou ver se descubro de outro jeito.

— Como?

— Com os pais da Sara. Eles são os donos, acho que podem ajudar – ela diz e saímos da clínica. — Não conte nada para o Adrian por enquanto – ela pede.

— Não sei não, Terry. Não quero esconder nada dele.

— Espere um pouco. Se não conseguirmos descobrir, aí falamos para ele.

— E se ele sabia disso?

— Vai por mim, ele não sabia.

Ao colocarmos os pés na calçada, meu coração gela e me paraliso.

— O que foi? – ela pergunta.

— Oh meu Deus! É o Charles! – sussurro assustada.

— Charles? Onde? Cadê?

Volto imediatamente para dentro do centro médico e Terry fica agitada.

— O que ele está fazendo aqui?

— Não sei. Mas tenho a impressão que não é para me dizer oi – respondo e percebo que estou tremendo.

Na mesma hora, Terry tira o celular da bolsa e tecla.

— Vou ligar para o Jonas.

— Não! – suplico. — Liga para seu irmão. Ele vai nos matar de qualquer jeito, mas pelo menos, sendo ele, a bronca será mais leve.

— É. Tá legal – ela concorda.

Enquanto ela liga, eu rezo para que Charles não tenha me visto entrando na clínica.

Terry desliga o telefone e diz:

— Adrian está uma fera. É melhor combinarmos algo para que ele não nos mate – ela diz guardando o telefone na bolsa.

— Droga! O que vamos dizer a ele?

— Eu assumo a bronca. Pode deixar. Digo que eu insisti para que viesse comigo.

— Mas não é verdade – argumento.

— Você pode falar a verdade para ele se quiser. E ter sua cabeça arrancada, porque ele vai ficar puto quando souber que estamos aqui vasculhando a vida da Sara e da Alana.

— É você tem razão.

— Finge que está passando mal, aí ele não briga com você.

— Quanto tempo até ele chegar aqui? – pergunto nervosa.

— A Miller's é aqui perto. Deve estar chegando.

Passando-se alguns minutos, o telefone de Terry toca.

— Alô – ela diz. — Estamos na recepção do centro médico... Tá, ela está bem, ela desmaiou, mas já está

bem...

— Terry! – exclamo. Que louca. Agora que ele me mata mesmo.

— Ele está entrando – ela diz e logo vejo um Adrian furioso passando pela entrada da clínica e ao seu lado, Jonas. Puta que pariu.

Adrian segue em minha direção olhando diretamente para mim com seus olhos obscuros. Está visivelmente nervoso.

— Verônica! – ele me abraça e me beija. — Está bem? Está se sentindo bem? – ele pergunta alisando meu rosto e me olhando atentamente.

— Estou – digo e ele me abraça novamente. Ao nosso lado, Jonas discute com Terry.

— Vamos pra casa – diz pegando em minha mão. — E você Terry, terá que me explicar direitinho o que fazem aqui.

— Adrian nós só estávamos...

— Você não, Verônica. Terry está cansada de saber que não queria que saísse de casa, porra!

— Não grite com ela. Ela só está aqui porque eu insisti para que me acompanhasse – Terry resmungou.

— Fique quieta, Terry – Jonas disse tentando conter sua irritação.

— Em casa, Terry. Em casa conversamos – ele diz e nós saímos da clínica.

Vejo que o Bentley ainda está estacionado do outro lado da rua. Só que agora, Charles está encostado no capô, vestido em seu terno preto apenas nos observando. Quando meus olhos se encontram com os dele, ele sorri fazendo com que meu corpo inteiro se arrepiasse de medo. Adrian o vê, solta minha mão e vai até ele.

Meu coração se aperta em pensar que Charles pode fazer algo terrível com Adrian neste exato momento. Mas, para meu total alívio, apenas trocaram algumas palavras que não pude ouvir e então, Charles se virou entrando em seu carro, partindo rapidamente.

Adrian volta em direção ao carro desnorteadado. Abre a porta e entra.

Fizemos o trajeto inteiro sem falarmos uma só palavra. Pela sua expressão, se eu ousasse falar algo, estaria perdida.

Ao entrarmos em casa, vou direto para o jardim. Max, ao me ver, corre e se aninha em minhas pernas. Sento na grama e o abraço.

— Adrian está furioso com vocês – uma voz soa atrás de mim e ao me virar, vejo Jonas.

— Onde ele está?

— Num quebra-pau com a irmã – ele diz chateado.
— O que foram fazer lá?

— Nada – digo, mas não fui convincente o bastante.

— Charles é perigoso, Verônica. Precisa se manter afastada dele.

Levanto-me do chão e digo:

— Ele não é perigoso, Jonas. Apenas cismou que sou dele.

— Ele é perigoso sim. Eu sou totalmente contra Adrian mantê-la no escuro – ele diz irritado.

— Como assim? O que Adrian está escondendo?

— Precisa falar com ele. Eu prometi que não contaria. Mas acho que você deve saber. Adrian está em terreno perigoso. Está se expondo e expondo você para um lunático – diz saindo em direção à porta da sala.

— Ei! Jonas! – grito, mas ele continua a andar ignorando meu chamado.

O que ele quis dizer com tudo aquilo?

Caminho para dentro da casa. Na sala, Terry e Jonas conversam.

— Onde está Adrian?

— No quarto. Mas se eu fosse você, não iria lá agora. Ele é péssimo em tentar manter o controle – ela diz e eu sorrio.

— Eu sei lidar com ele. Fique tranquila – respondo e vou para o nosso quarto. Encontro Adrian sentado na cama já sem sua camisa, apenas de calça. Ele me olha e percebo o quanto está contrariado.

— Vou esperar que você me diga o que foram fazer naquela clínica. E não venha com a mesma desculpa esfarrapada da Terry de que você passou mal. Eu não sou um idiota – ele diz ainda furioso.

— Fomos ao shopping. Terry queria pegar algumas coisas antes de viajar. Depois saímos e caminhamos pela rua. Quando percebi que estávamos sendo seguidas, entramos na clínica e te ligamos.

— Só?

— Só.

— E agora você vai me dizer que ser seguida no meio da rua é normal – diz entredentes. — Eu disse para você não sair de casa. E aí, eu vou trabalhar e você faz

exatamente o que eu falei para não fazer – ele se altera.

— O que você está escondendo de mim? Não entendo essa reação exagerada.

— Ah você não entende minha reação exagerada? Minha mulher quase é pega por um maníaco que gosta de espancar e matar mulheres e minha reação é exagerada? – ele pergunta com ironia.

— Olha, Charles é esquisito sim, mas ele não iria me matar! – exclamo. — Ele tem hábitos estranhos, mas jamais me mataria.

— Jamais te queimaria viva e nem te jogaria no fundo de um rio também – ele perde o controle me assustando.

— O que disse?

— Isso que você ouviu. Charles não é apenas um louco. Ele é um psicopata, assassino e está obcecado por você.

— Está exagerando, Adrian. – digo e no fundo, sei que ele não está errado, mas não quero que Adrian perceba o quanto Charles me assusta.

Ele se aproxima de mim e diz friamente:

— Não estou. E da próxima vez que ele ousar em

chegar perto de você, a surra que ele levará não deixará nenhum osso do corpo dele inteiro – esbraveja.

— Você deu uma surra nele?

— Mandeí dar – diz na maior naturalidade.

— Está louco? – pergunto indignada. — Deve ser por isso que ele está no meu pé. Não deveria ter mexido com ele. Você queria que eu tivesse feito o que? Olha o estado em que ele te deixou. Por mim, teria matado o filho da puta.

— Pra isso existe a polícia, Adrian. Melhor registrar uma queixa. Assim ele não poderá chegar perto de nós.

— Você disse que havia um homem perseguindo vocês. Quem era?

— Não sei. Também não sei dizer se estava nos perseguindo.

— Consegue descrevê-lo?

— Acho que sim – respondo.

— Não estamos mais seguros aqui, Verônica. Se esse cara seguiu vocês, ele já sabe onde moro. Você tem que permanecer dentro de casa, entendeu?

— Entendi. O que vocês conversaram quando foi até o carro dele?

Adrian me olha cauteloso.

— Eu disse que se ele chegasse perto de você, eu o mataria.

— E ele?

— Que esperaria o momento certo. Que a qualquer momento eu daria um vacilo e então, ele pegaria você — percebo o quanto isso o amedronta.

— Ele não faria isso sabendo que você poderia entregá-lo a polícia.

— Ah, claro. Ele pegaria você e me deixaria vivo para contar história. Acorda Verônica.

— Não acredito que ele seria capaz de...

— Amanhã, iremos à delegacia. Vamos registrar uma queixa contra ele. Eu estou cheio de problemas, vou tomar um banho, preciso pensar e vou dormir um pouco. — ele diz e sai em direção ao banheiro trancando a porta deixando-me sozinha.

Se Charles está colocando pessoas para me seguir, eu preciso despistá-los. Mas como?

Vou até o quarto da Terry. Bato na porta e depois de alguns segundos, ela atende.

— Está viva? — ela ri.

— Ele está uma fera. Mas acho que tem mais coisa por trás dessa irritação dele – vejo que Terry fica desconfortável.— Você sabe de alguma coisa? Jonas falou pra você?

— Não – ela diz.

Suspiro fundo e sento em sua cama.

— Eu preciso de um disfarce.

Ela me olha e ri.

— Pra que precisa de um disfarce?

— Se o Charles mandou me seguir, é porque as pessoas que estão me seguindo me conhecem. Preciso mudar. Preciso ganhar tempo até tudo isso acabar.

— Entendi. Corta o cabelo curtinho – ela diz.

— Não! Que horror – nós duas rimos.

— E se você pintar o cabelo? Você é morena. Se ficar loira irá confundi-lo – ela diz me olhando com cautela.

— Está louca? Vou ficar a cara daquela defunta e...

— Ei! Pode parar. Adrian ama você. Não vai se importar com a cor do seu cabelo, Verônica.

— Você acha mesmo? – pergunto indecisa.

— Tenho certeza. Vou ligar para uma farmácia. Peço uma tinta, alguns pós descolorante e pronto – ela diz pegando o telefone.

— Sabe fazer isso?

— Pra tudo na vida se tem a primeira vez – ela ri.

Após meia hora, chega nossa entrega.

— Vamos para o salão de jogos. Lá é mais escondido e tem um banheiro onde você pode se lavar – passo em meu quarto e pego outra roupa. Adrian ainda está no banho. Quando saio com minha calcinha e vestido na mão, seguimos até o salão.

Enquanto Terry descolore meus cabelos, eu rezo para não ser morta por Adrian. Ele vai odiar.

Sentamos no sofá e ficamos conversando até dar o tempo necessário.

— Acho que já pode lavá-lo. Já está bem claro – Terry comenta.

— Vou lá ver o que deu. Me espere.

Termino de tirar todo o produto, seco com uma toalha.

— Nossa! Está ótima. Me deu até arrepios agora — Terry me encara com olhos arregalados.

— Venha. Vou secar seu cabelo.

Saímos do salão 20 minutos depois. Encontramos Maria na cozinha ela me olha petrificada.

— Calma, é só a Verônica — Terry diz e eu sorrio dando de ombros. — Devíamos ter escolhido Ruivo. — e cai na gargalhada.

— Vocês duas são loucas? Se, querem matar o Adrian essa é uma péssima ideia. Ele vai matar as duas antes — ela diz irritada.

— Relaxa — Terry diz dando um beijo em seu rosto.

— Adrian estava te procurando. Veio aqui pegou uma garrafa de vinho e subiu pro quarto — Maria diz ainda irritada. — Olha lá o que as duas vão aprontar.

Subo as escadas e rezo para que Adrian não caia duro para trás.

Entro no quarto e o vejo apenas de cueca boxer branca, de costas, na varanda, contemplando a paisagem,

com uma taça de vinho em sua mão. Fico insegura. Como será que ele reagirá?

Reúno toda a minha coragem e sigo até ele.

Antes que eu pudesse chegar até a varanda, ele se vira para retornar ao quarto. Quando me vê, fica mais branco do que um papel.

— Jesus! – diz deixando cair a taça no chão que se espatifa em milhões de pedaços. — Fique onde está – ele diz espantado.

— Adrian – digo apavorada em ver o medo estampado em seu rosto.

— Sara? – ele sussurra.

Não acredito que ele crê em fantasmas. Reviro os olhos.

— Adrian, sou eu. Verônica – me aproximo, mas ele recua atordoado.

— O quê vo-você fez? – ele gagueja. — Que merda é essa? Fizeram um remake do meu passado e jogaram aqui? No meio do quarto? – ele diz visivelmente inconformado.

— Eu fiquei com medo depois que fomos seguidos e resolvi mudar o visual – disse dando de ombros.

— Mudar o visual? – ele grita. Lá estava o velho e ranzinza Adrian Miller outra vez. — Deveria ter pintado de verde ou azul, sei lá – diz agachando para pegar os cacos de vidro.

— Isso te incomoda? – pergunto.

— Muito – desiste de pegar os cacos e solta um suspiro. — Não me traz boas recordações, Verônica. Ainda mais, sabendo que está grávida e está com... com... a cara dela – ele diz fazendo gestos apontando para meu rosto.

— Achei que não se importaria. É só um cabelo. – digo chateada.

Ele se aproxima, me enlaça em seus braços e me beija. Quando se afasta, olha em meus olhos e diz:

— Eu amo você, Verônica. Somente você. Mas eu quero saber... Quando vou ter a minha mulher de volta? – ele diz.

— Falando assim, até parece que se apaixonou pelos meus cabelos – digo e solto uma gargalhada fazendo-o sorrir.

— Foi mais ou menos isso – ele diz brincalhão. — Você poderia ter me ligado e dito: “*Querido eu pinte o cabelo de loiro.*” Evitaria meu quase infarto – ele diz

alisando meus cabelos recém-pintados.

— E perder a vista da sua cara de quem viu um fantasma? – gargalhei. — Ai, meu Deus! Desculpe. Juro que foi sem q... – ele me silenciou com um beijo me arrastando para a cama.

— Acho que vou ter que punir você por ter sido má. Muito má – ele leva sua mão por baixo do meu vestido e num movimento rápido, retira minha calcinha.

Eu já conseguia sentir seu membro duro, roçando em minha coxa.

— Nossa viagem está marcada para amanhã. Mas antes, vamos para Las Vegas – sussurra em meu ouvido.

— Las Vegas? O que faremos em Las Vegas? – pergunto confusa enquanto suas mãos passeiam em meu corpo.

— Casar. Iremos nos casar – ele sorri e me beija.

Acho que acabei com a sanidade deste homem.

Capítulo 14

Adrian Miller

Assim que Verônica entrou no quarto, me espantei. É incrível como ela ficou ainda mais parecida. Idêntica, diria. Meu coração começou a bater descompassado e devo ter ficado com uma expressão horrorizada, pois consegui ver o medo nos olhos dela.

Com todos esses acontecimentos, a abertura da investigação sobre o acidente, Charles e a gravidez dela, eu tenho ficado tenso. Estou tentando lidar com esses problemas de forma que não afete nosso relacionamento. Acontece que se Sara realmente estiver viva, eu não sei o que farei. Não acredito que ela possa estar viva todo esse tempo e não ter me procurado, voltado para casa... Não quero acreditar que todos esses anos, eu fui enganado pela mulher que amava. Prefiro acreditar que ela está morta.

“A não ser que... Não... Não seria possível... Será que ela pode estar sem memória perdida em algum lugar? Mas e meu filho? E se ele sobreviveu?”

Não é justo depois de tanto tempo, eu acordar e ver que meu mundo está desmoronando mais uma vez. De uma coisa eu tenho certeza, eu amo Verônica incondicionalmente, sou louco por ela, e, não deixarei que nada atrapalhe nosso amor.

Olho ao meu lado. Verônica ainda dorme como um anjo. Seus cabelos loiros esparramados no travesseiro dão-me uma sensação de *Déjà vu*. Fecho os olhos não querendo lembrar do meu passado. Tento afastar as lembranças, mas é quase impossível. Ela se mexe e vira seu lindo rosto para mim. Abre os olhos e dá um belo sorriso.

— Bom dia – ela diz.

— Bom dia – respondo ainda observando-a atentamente.

— Dormi demais. Precisamos nos levantar – ela coloca o lençol envolta de seu corpo nu e sai da cama em

direção ao closet.

— Ainda é cedo – digo. — Temos muito tempo. Só precisamos estar no aeroporto às oito e meia – concluo olhando para o relógio que marcam sete da manhã. — Chegaremos em Las Vegas as nove da noite.

— Achei que chegaríamos mais tarde – diz pegando sua roupa.

— Teoricamente sim. Mas se esqueceu do fuso-horário? – levanto-me e sigo em sua direção.

— Porque não podemos fazer isso outro dia? Tem que ser mesmo lá? – ela me olha confusa.

— Achei que quisesse ser minha esposa. Não quero esperar para ter que me casar com você. A não ser que faça questão de festa e convidados em nosso casamento – vejo que pondera a possibilidade.

— Sabe que não tenho ninguém – diz tristemente.

Envolvo-a num abraço e a beijo.

— Você tem sim. Tem a mim, nosso filho, Terry que te adora, Maria e sua mãe.

— Mas minha mãe não poderia comparecer ao nosso casamento. Não vejo motivos para fazermos uma festa – sussurra derrotada.

— Se você quiser, podemos esquecer o casamento em Vegas e providenciar aqui, do jeito que preferir.

— Não. Eu quero me casar com você. Não importa o lugar, apenas quero ser sua, para sempre – meu peito fica em chamas. Ela me beija e se afasta. Sigo minha futura esposa e entro no banheiro fechando a porta.

Após nosso banho, já estou pronto para sair.

— Querida, você precisa comer alguma coisa antes de ir. Precisa se alimentar.

— Não estou com fome, Adrian.

— Você pode não estar, mas nosso filho sim – digo puxando-a para mim e a beijo. Acaricio sua barriga e ela ri. — Não vejo a hora de sua barriga estar enorme.

— Espero que demore um pouco até eu chegar ao estágio “enorme”.

— Vai ficar linda! Vou descendo para preparar seu café. Nos vemos lá embaixo – dou um beijo em sua testa e saio do quarto deixando-a a vontade para terminar de se arrumar.

Noto Terry paralisada em frente à TV, enquanto Jonas, alheio a tudo, carrega as malas para fora.

Paro no mesmo instante que ouço sobre o acidente no

noticiário.

"A equipe de resgate encontrou na manhã de segunda-feira, a caixa-preta do avião do grupo Miller's. O avião que decolou das Ilhas Canárias a pouco mais de um ano atrás, caiu matando sete pessoas, incluindo a esposa do publicitário Adrian Miller. Sara Bawer Miller, estava grávida de seis meses. O corpo dela e do Piloto Michel Reis, nunca foram encontrados. Ainda não há maiores informações. A equipe trabalhará agora nas informações baseadas na caixa-preta do avião."

— Você já sabia disso? – Terry pergunta aflita.

— Sim – apertando o botão do controle remoto desligando a televisão.

Sento-me no sofá e minha irmã me olha com uma cara nada boa.

— Até quando esconderá isso da Verônica? Ela precisa saber que você está enfrentando problemas, Adrian – diz e senta ao meu lado.

— Jonas te disse?

— O que? Que estão trabalhando com a hipótese de que o avião foi sabotado? – ela me olha.

— É. Ele me contou. E sinceramente, não vejo o porquê de você esconder isso dela.

— Jonas me alertou sobre uma coisa. E... Isso me deixou muito confuso. Se for constatado, a sabotagem, eu vou me tornar um suspeito. Você sabe disso – digo preocupado.

— Mas você não é, Adrian. E poderá provar isso caso aconteça.

— Tem mais uma coisa... Você acha que Sara pode estar viva? Acha que ela pode ter ficado em um estado inconsciente e que amanhã ou depois ela apareça? – pergunto mesmo sabendo o quão idiota isso soa. Sara viva. Estava sonhando demais.

— Não, Adrian. Sara morreu e não tem nenhuma possibilidade dela voltar dos mortos – Terry diz com um sorriso. — Acho que deveria contar para Verônica.

— Contar o que? – Verônica pergunta ao descer a escada. Enrijeço-me levantando do sofá indo até ela.

— Que estamos atrasados e que você ainda não tomou seu café – digo mudando de assunto.

— As malas já estão no carro – Jonas diz passando pela porta.

— Ótimo – puxo Verônica em direção à mesa.

— E Maria? Onde está? – ela pergunta dando um gole em seu suco.

— Foi dar algumas instruções aos empregados e ver como Max está.

— Adrian... Estava aqui pensando... Como iremos nos casar sem que eu tenha um vestido de noiva? Não temos nem as alianças!

— Não se preocupe com isso. Lá teremos tempo para providenciarmos tudo – digo afastando uma mecha de seu cabelo e colocando atrás de sua orelha.

— Como assim não me preocupar? – pergunta espantada. — Mulheres se preocupam com isso – e sorri.

— Mulheres que não tem um cara como eu, se preocupam – digo rindo.

— E a modéstia passou longe aí, não foi? – ironiza rindo.

— Só estou dizendo a verdade – levantando-me da cadeira. Olho em meu relógio de pulso e estamos atrasados.

— Precisamos ir, querida. E quanto ao vestido e as alianças, comparemos lá.

Chegamos em Las Vegas às nove da noite. O voo foi tranquilo e Verônica dormiu quase a viagem inteira. Triste mesmo foi aguentar Maria rezando quinze horas de viagem para que o avião não caísse. Terry não conseguia parar de rir da coitada. Graças a Deus, tudo foi tranquilo.

Agora estou aqui, deitado na cama de um dos melhores hotéis, ao lado dela, olhando-a dormir. Não sei de onde ela tirou tanto sono. Estou tão cansado, mas, ao mesmo tempo, eufórico e ansioso com o dia de amanhã. Não consigo pensar em mais nada, a não ser no momento em que ela será oficialmente minha, para sempre.

Decido ligar para meu pai. Preciso saber o dia certo da festa da Miller's. Pelo que Terry falou, amanhã será um almoço de confraternização, mas o evento principal, não será neste mesmo dia.

Pego meu telefone e ligo.

— Alô – digo.

— Adrian? Filho! – minha mãe atende. — Já está em Los Angeles?

— Pode passar o telefone pro meu pai?

— Onde está? Estávamos esperando você...

— Quero falar com meu pai, agora, por favor – digo já sem paciência.

A ligação fica muda e após alguns segundos...

— Adrian, filho!

— Oi pai. Como está?

— Estamos bem. Onde estão? Terry está com você?

Achei que estariam aqui para o almoço de amanhã – ele diz não me dando chances de falar.

— Estamos em Las Vegas, pai. Terry está comigo, assim como minha noiva, Jonas e Maria – fico aguardando sua reação.

— Noiva? Que noiva? Desde quando tem uma noiva, Adrian? – ele diz elevando a voz.

— Pai, só liguei para avisar que chegaremos na quinta. Quando será a festa?

— No sábado.

— Está bem. Até logo – e desligo.

Volto para a cama decidido a descansar. Amanhã será um longo dia.

— Adrian! Adrian! Acorde! – uma voz bem lá no fundo me despertava do sono. Abri os olhos lentamente e congelei ao ver Terry me chacoalhando desesperada.

Sento-me rapidamente e olho ao meu lado, Verônica não está.

— Pra quê esse escândalo todo? - digo enfurecido.

— Hoje é o dia do seu casamento idiota. Vai ficar aí dormindo o dia todo? - ela ri.

— Meu Deus, Terry! Quer me matar de susto? Onde está a Verônica?

— Ela saiu com a Maria atrás de um vestido – ela diz sorrindo.

— E porque ela não me esperou? Droga! – me levanto para tomar um banho.

— Porque o noivo não pode ver a noiva antes da hora do casamento? – diz com ironia.

— Que papo antigo, Terry. Vai me dizer que acredita em Papai Noel também? – ela joga um travesseiro na minha cara.

— Está perdendo tempo. Jonas já arrumou toda a documentação necessária. O casamento foi marcado para as seis da noite. Agora só falta você comprar as alianças

— ela diz se atirando em minha cama.

— Vá cuidar do seu namorado e me deixe — rio e fecho a porta do banheiro.

Quando termino encontro Terry ainda deitada em minha cama.

— Sua suíte é melhor do que a minha. Isso não vale — fala fazendo beicinho.

Realmente, a minha suíte era uma das melhores e a mais cara também. Não que eu fizesse questão, mas quero que nossa noite de núpcias seja inesquecível.

— Olha pra isso — ela diz contemplando a beleza do lugar. — Tudo aqui é lindo. Sem contar a cama. Os móveis são fantásticos. E aquela sala de cinema? Céus o que é aquilo? Amei as cortinas de controle remoto, a iluminação, aquele salão privado com piscina... É tão romântico... - diz entre suspiros.

— Estou esperando você cair fora para poder me trocar — a encaro, divertido.

— Não vou sair daqui. Sua suíte é o paraíso! Vou te ajudar hoje.

— Ah não vai mesmo — tiro a toalha e a jogo na cama.

— Adrian! Não quero ver meu irmão pelado – ela cobre os olhos.

— Então saia do meu quarto.

— Nem morta. Estou até pensando em chamar o Jonas e vir para cá.

— Não exagere. Vocês estão na suíte presidencial – digo colocando minha boxer e calça.

— E você numa Chairman. É a melhor... - ela ri.

— Vai ficar aqui discutindo sobre isso ou vai me ajudar?

— O que quer que eu faça?

— Preciso comprar minha roupa e as alianças. Como a Verônica comprará o que precisa se os cartões estão comigo?

— Eu dei o meu a ela. Não se preocupe.

— É maninha. Às vezes até que você não é tão má.

— Nunca fui má com ela. Talvez... um pouco chata. Mas eu percebi que ela é bem melhor do que realmente aparenta. Te ama, te faz feliz, gosta de mim, é isso que importa.

— Nossa! – digo colocando minha camisa e gravata.

— Vai sair desse jeito? Estamos em Vegas, Adrian. Será que não pode relaxar ao menos hoje e colocar uma roupa “menos” formal? – ela pergunta dando ênfase no menos. — Está parecendo muito sério com esse terno, credo.

— Sou um executivo, irmãzinha. Vou entrar numa loja de joias caríssima de bermuda e chinelo havaianas para comprar as alianças? – a olho e tenho até medo do que ela vai responder.

— Não precisa ser tão radical. Poderia usar um jeans e camisa. Não vai deixar de estar elegante.

— Igual você pensa que está? De shorts rasgado, miniblusa e salto alto? Acho que não. Você está parecendo uma garota rebelde de quinze anos.

— Tá legal, vovozinho. E fique sabendo que meu short é customizado, está na moda – diz finalmente levantando da minha cama e seguindo em minha direção. Arruma minha gravata cuidadosamente e dá um beijo em meu rosto, dizendo:

— Vamos. Só estamos perdendo tempo.

— Ok. Vamos!

Capítulo 15

Verônica Sandler

— Anda logo com isso, Terry. Já são quase seis horas e vou chegar atrasada – digo desesperada enquanto Terry tenta sem sucesso encaixar os fechos do vestido.

— Me deixa terminar – Maria diz.

— Nossa! Relaxem. Aposto que Adrian também nem terminou de se arrumar.

— Prontinho menina! Está linda! – Maria diz olhando-me de cima a baixo. Passamos a tarde toda como loucas à procura de um vestido perfeito. Era simples, mas muito sofisticado. Branco, todo rendado e o comprimento na altura dos joelhos. — Faltam os sapatos. Onde estão os sapatos?

— Estão no quarto. Vou buscar – Terry sai correndo com seu longo vestido azul.

— Eu estou nervosa – digo. — Parece que meu coração vai saltar pela boca.

— Não fique. Vai dar tudo certo e daqui algumas horas, já estará casada com o homem da sua vida – Maria comenta sorrindo.

— Aqui estão – Terry entra na sala e me entregando os sapatos brancos. — O que vai fazer com esse cabelo? Vai assim? Toda descabelada? – ela me olha divertida.

— Terry! – Maria a olha de cara feia. Como eu amo essa sinceridade da minha cunhada.

— Se nós não tivéssemos passado a tarde toda escolhendo o vestido, teria dado tempo de ir a um salão – digo tentando disciplinar os fios dos cabelos.

— Tem algum secador aqui na suíte? – ela pergunta.

— Deve ter. Aqui tem tudo que possa imaginar – nós três rimos. Adrian exagerou em ter alugado a suíte mais cara do hotel apenas para passarmos duas noites, mas não posso reclamar. Isso mais parece um paraíso.

— Enquanto Terry procura o secador, irei maquiá-la – Maria diz pegando o estojo de maquiagens.

Enquanto estamos nós três em minha suíte, Adrian se arruma na suíte dos dois pombinhos. Foi um custo conseguir que ele saísse daqui.

— Achei! – ouvimos o grito da Terry.

— Eu estou nervosa, Maria. Em pânico – digo lembrando que amanhã enfrentarei aquela bruxa da mãe dele.

— Não fique querida. Adrian te ama.

— E-eu sei! Não é disso que tenho medo. Sabe que a mãe dele me odeia, não é? Ela vai surtar quando souber que casamos.

— Deixe que surte. Que enlouqueça, que se mate se quiser... Mas nunca a deixe humilhá-la. Eu sei bem como é aquela mulher. Ela não liga pra nada e nem ninguém. Apenas vive de aparências.

— Estão falando da minha querida mãezinha?

— Desculpe! – digo sem graça.

— Não se desculpe. Sei que Adrian não quer contar a eles que você está grávida. Mas... Eu adoraria ver a cara da mamãe com essa notícia – ela ri.

— Terry. Se contar pra ela sabe que Adrian mata você – Maria diz furiosa.

— Relaxa! Não vou contar.

— Embora eu também ache que deveriam contar. Se algo não sair bem nessa festa? Se ela quiser te importunar? Você não pode ficar nervosa, menina – ela diz preocupada.

— Pensaremos nisso depois, Maria – dou um sorriso.

Nesse momento, alguém tenta abrir a porta.

— Onde está minha futura esposa? – ouço a voz de Adrian pelo corredor do hall.

— Oh, Merda! – digo.

Terry se levanta rapidamente e vai até ele bloqueando sua passagem.

— Cai fora maninho. Não pode ver a noiva antes do casamento – ouço-a dizer.

— Quero vê-la, saia da minha frente ou te dou umas palmadas.

Maria ri e começo a rir também.

— Adrian parece uma criança. Mimado demais. Acho que a culpa disso é minha que sempre fiz os gostos desse menino – ela diz.

— Anda! Saia da minha frente, pirralha.

Pela voz, parece estar enfurecido.

— Adrian, é sério. Ela vai ficar uma fera e é capaz de nem querer mais se casar com você.

— Mas eu preciso entregar a ela meu presente de casamento. Deixe-me passar – ele insiste.

— Eu entrego. E depois, ela poderá agradecê-lo na noite de núpcias com aquele sexo selvagem e quente de vocês – ouço-a rir e sei que estou corando de vergonha.

— Petulante! – ele diz.

— Tchau, maninho! – ouço passos se afastando.

— Está ferrada – escuto-o falar ao longe e a porta se fecha.

Terry entra na sala com uma pequena sacola verde clara.

— Sexo quente e selvagem? Sério que disse isso a ele? – digo morrendo de vergonha.

— Não posso fazer nada. Vocês dois não são nenhum pouco discretos – ela ri e coro mais ainda.

Eu nunca pensei que fosse pensar isso, mas Terry é divertida. É bom saber que posso contar com ela.

— O que tem na sacola?

— Seu presente de casamento – ela diz e me entrega.

Retiro um estojo e quase surto ao ler o timbrado Tiffany & CO. Abro com todo cuidado e assim que vejo o conteúdo, levo a mão à boca para conter o espanto.

— Uau! – Terry suspira.

— Meu Deus! É... Nossa! Lindo – digo espantada pela beleza do lindo pendente de ouro com pedras de diamantes. Os brincos, igualmente espetaculares.

— Ta aí! Meu irmão agora subiu no meu conceito – ela ri. — Você sabe que ele queria contratar o clone do Elvis pra cantar Love me Tender enquanto vocês se casavam né? Que brega! Eu que não deixei – e solta uma gargalhada gostosa.

— Mas achei que fosse uma tradição aqui em Vegas – respondi.

— Só para pessoas bregas. Aff!

— Boba! – digo retirando as joias do estojo. — Nossa é realmente lindo! – olho para elas e fico pasma. Maria me ajuda a colocá-las e então, continuamos.

Depois de alguns minutos, estava pronta. Levantei da

poltrona e caminhei até o imenso espelho na suíte. Terry escovou meus cabelos de uma forma que ficou todo ondulado. Toquei o lindo pendente em meu pescoço. Tão lindo! Ainda estou tentando me acostumar com a cor do meu cabelo. É tão estranho... Olho e não consigo me ver. Fecho os olhos e lembro-me do dia em que entrei no quarto e vi a foto dela. Meu coração bate tão forte que não sei se é de ansiedade ou medo. Medo de descobrir que ele me vê como ela. Estou aqui, de pé me olhando quando Maria entra, toca meus ombros e diz:

— Ele a ama, menina – não seja tão insegura. — Eu sei o que está se passando nessa cabecinha.

— Como você pode ter certeza, Maria. Estamos juntos à tão pouco tempo – sussurro ainda olhando para meu reflexo no espelho.

— Me admiro você não ter essa certeza.

— Como ele era com ela?

— Adrian era completamente diferente com Sara. Eu até acho que ele chegou a amá-la sim, mas com você é diferente. Adrian nunca priorizou nada na vida dele a não ser o trabalho. A convivência dele com Sara não foi um mar de rosas como todos pensam. Aquele casamento estava por um fio. Muitas brigas, ciúmes... Sara o deixava louco. Então, ele foi ficando distante. Não viajavam mais juntos e ele evitava levá-la para as festas em família.

Nora nunca foi fã dela e Alana muito menos. Depois do acidente, acho que a dor que ele sentiu foi mais pela perda do filho e pela culpa de ter deixado Sara sozinha.

— Mas ele a amava – digo com lágrimas nos olhos.

— Disse bem querida, amava. E hoje, ele está se permitindo ter uma nova chance de ser feliz. Não estrague tudo com inseguranças e desconfianças. Adrian a ama. Todo mundo pode ver na forma com que ele cuida de você – ela diz e me abraça.

— Obrigada, Maria.

Chegamos à capela matrimonial de Limousine. Adrian definitivamente era exagerado. Quando saímos do hotel, entro no carro com mãos frias e suando. Meu nervoso era visível. Terry e Maria vão comigo.

— Adrian já está quase tendo um troço lá dentro – diz Jonas saindo de dentro da capela vindo ao nosso encontro.

— Querido, ela é a noiva. Noivas sempre se atrasam – Terry diz e o beija.

— Eu acho que vou ter um ataque – digo com o corpo todo trêmulo.

— Tá. Você pode ter o seu ataque, tranquila, depois que se casar com meu irmão. Ele é muito chato quando fica irritado – ela sorri tentando me tranquilizar. Mas Terry é tão sutil como um cavalo.

— Vou entrar com você – Jonas diz me dando o braço.

Olho para ele e já sinto as lágrimas rolando pelo meu rosto. Era para o meu pai estar aqui. Minha mãe... Meu coração se aperta com estas lembranças. Mas, ao mesmo tempo, me sinto feliz por Adrian estar em minha vida.

— Vamos – digo num sussurro.

Maria me entrega o bouquet, caminho para dentro da capela tentando equilibrar-me em meus saltos. Minhas pernas parecem estar enfraquecidas.

Logo o vejo perto do juiz de paz. Está tão lindo vestido num terno branco e seu cabelo desalinhado. Seu sorriso é tão imenso que sua felicidade reflete em todo o ambiente. Enquanto caminho ao som instrumental de *Savage Gardem – Truly, Madly, Deeply*, me emociono, sei que é obra da minha cunhada. Olho para Terry que está toda sorridente e automaticamente agradeço em meu subconsciente por ela ter dispensado o clone do Elvis.

Acho que eu não aguentaria de tanto rir.

Volto a minha atenção ao altar. A capela está linda, toda decorada com diversas flores. A cada passo que dou em direção a ele, é como se deixasse tudo de ruim para trás. Minha infância triste, as perdas ao longo do tempo, minha vida como garota de programa, Charles... É como se todo o meu sofrimento ficasse mais leve. Como se a cada passo dado, essas cicatrizes saíssem do meu coração, dando lugar a somente o amor que sinto por Adrian. E, é somente isso que quero que esteja aqui, dentro de mim... Ele.

Jonas me entrega a Adrian, que me dá um beijo suave nos lábios.

— Você está linda!

Eu apenas sorrio.

Nos posicionamos, de frente para o juiz, e então, ele começa a cerimônia:

— Boa noite a todos. Acham-se aqui presentes para o enlace matrimonial, Adrian Miller e Verônica Sandler. É um prazer estar aqui hoje, para celebrar esse casamento. Uma ocasião tão memorável numa união de amor, carinho e altruísmo dos noivos – ele diz pausadamente. Nos olha e nos cumprimenta.

Enquanto o juiz discursa, eu só consigo pensar em minha mãe. Meu desejo de que ela estivesse aqui conosco e visse o quanto estou feliz. Queria que ela soubesse que encontrei um sentido para minha vida, que encontrei o amor e que sou a mulher mais feliz do mundo nesse momento. E que, jamais, em nenhum momento, por estar me sentindo assim, eu irei abandoná-la.

O juiz pede para que nós recitemos nossos votos, me tirando de meu devaneio, e então, Adrian me olha com os olhos brilhando e começa a dizer com voz firme segurando em minhas mãos:

— *Verônica, esse é o dia da formalização de algo que há muito tempo já acontece em meu coração. Não consigo imaginar um dia sequer sem você ao meu lado. Dizer somente “eu te amo” nesse momento, soa inadequado. Eu quero tudo com você. Quero ser seu marido, amante, amigo e o melhor pai para nossos filhos. Antes de você eu sobrevivia, mas, assim que a conheci, percebi que poderia me ensinar a voltar a viver. Eu achei que sabia o que era amar, mas o que vivemos juntos superou tudo o que já senti. Passarei ao seu lado o resto dos meus dias, te amando, te protegendo e sempre com a missão de fazê-la feliz. Só queria que soubesse que desde o minuto em que coloquei os olhos em você, eu sempre, sempre fui somente seu.* – Ele diz e já não consigo conter as lágrimas que rolam em meu rosto.

Os votos me pegam de surpresa e não havia me preparado para isso. Nunca fui boa para expor meus sentimentos. Nunca estive pronta para o amor. Mas, quem está?

Respiro fundo, olho para ele e apenas digo o que está preso em meu coração:

— *Adrian, eu já havia desistido de sonhar com uma vida feliz. Amor para mim era só uma palavra e não um sentimento que achava ser digno de ser compartilhado com alguém. Mas o destino colocou você em meu caminho. E então, tudo mudou. Quero agradecer a você, pela vida que nunca imaginei que teria um dia e pelo amor que nunca imaginei que eu pudesse sentir. Não existe a menor possibilidade de eu não te amar, porque você é tudo que estava faltando em minha vida.* – digo com a voz embargada pelo choro e então, ele me abraça e me beija. Um beijo lento e cheio de promessas.

— Eu amo você.

— Eu também te amo.

Voltamos a nos beijar, apaixonadamente.

Depois que o juiz terminou a cerimônia e nos declarou marido e mulher, saímos da capela direto para o hotel. Mas se engana quem achou que iríamos para a parte do “*sexo selvagem e quente*”... Adrian queria jogar. Terry e Jonas, também. Mas Maria... Maria estava a ponto de

nos matar em um dos maiores cassinos de Las Vegas. Estamos nos divertindo, felizes e ganhando uma fortuna... Não que isso fizesse alguma diferença... Afinal, dinheiro era o que menos me importava. E sabe? A noite é uma criança e Las Vegas, é muito animada para deixar passar uma diversão tão memorável.

Capítulo 16

Adrian Miller

Entramos no elevador de volta para a suíte depois de uma longa noite de diversão. Olhar para ela, aqui, tão perto de mim e saber que é minha, só minha, aquece meu coração. Eu a amo mais do que ela possa imaginar. Eu dou a minha vida por ela e meu filho, se for preciso. Não me imagino sequer um segundo longe deles. Sou completamente dependente dela e do seu amor por mim.

O elevador para no nosso andar com ela ainda sorrindo para mim enquanto pego-a no colo. Vou para dentro da suíte. Estou tão alterado que deixo sua cabeça bater no batente da porta.

— Ai! — ela grita levando a mão a cabeça enquanto a carrego para dentro da suíte. Estou tão alterado que deixo sua cabeça bater no batente da porta.

— Desculpe, querida – digo rindo.

— Nem casamos direito e já quer me matar? – pergunta esfregando o local da batida.

— Ah! Eu quero te matar, mas te matar de um jeito bom – digo colocando-a de um jeito todo desastroso sobre o sofá.

— Existe um jeito bom de morrer que eu não saiba? – ela pergunta e me puxa pela gravata. Quando está bem próxima a mim, ela me beija.

Eu me afasto, levo minha mão à sua nuca e seguro seus cabelos com força, aproximo meus lábios de seu ouvido e sussurro.

— Sim. E vou te mostrar hoje.

— Melhor irmos dormir, Adrian. Está tarde e você está bêbado.

— Está brincando comigo, não é? – pergunto rindo.
— Não estou bêbado. Talvez, levemente alterado. E isso, não afeta nenhum pouco o funcionamento do meu pau, que está aqui duro, implorando para entrar em você – e a beijo desesperadamente, como se minha vida dependesse disso.

Me afasto abruptamente e começo a tirar a roupa devagar. Jogo minha camisa branca nela, que cai diretamente em seu rosto. Ela a pega e joga no chão. A

visão perfeita de seu corpo na minha frente acende todos os meus sentidos. Tiro minha calça e quando a jogo no chão, fichas do cassino, se espalham pelo tapete fazendo-a rir. Amo todas as vezes em que ela sorri tão descontraidamente.

— Não saia daí – digo

Vou em direção a lareira e a acendo. Ligo o som e a música Kiss Me – Ed Sheeran se espalha pelo ambiente. Caminho até ela lentamente. A encaro como um animal que quer devorar sua presa, vejo o desejo em seus olhos e isso me deixa completamente excitado. A puxo pela mão e pressiono meu corpo no dela. Nossos corpos estão tão colados que posso sentir sua respiração descompassada e o efeito que causo em seu corpo. Toco de leve seu queixo e faço com que olhe em meus olhos e exijo:

— Beije-me.

A forma com que as palavras saem de minha boca, sinto que a hipnotizam, pois no mesmo instante, seus lábios estão conectados aos meus. Ela me beija devagar e, a medida que vai aprofundando, seu beijo se torna quente, intenso e desesperador. Exatamente da forma que me sinto por ela.

Minhas mãos passeiam por suas costas a procura dos fechos do vestido. Sigo-os abrindo um a um sem a menor pressa.

— Adrian... – ela sussurra.

— Shhhhhh! – coloco meus lábios nos dela.

Quando todos os fechos estão abertos, pego em seus braços e a viro de costas para mim. Com uma mão, volto a segurar seus cabelos que caem sobre o vestido de renda e os coloco de lado. Sua pele macia e branca, tão convidativa, me deixa louco. Começo a distribuir beijos por sua nuca. Vou descendo até o pescoço dando leves mordidas e ela geme.

— Eu te amo, meu amor – digo tirando seu vestido lentamente passando minhas mãos pelo seu corpo até que cheguem aos seus pés. Ela se vira, enlaça seus braços em meu pescoço e solta um sorriso.

— Eu também te amo – sussurra em meus lábios.

A beijo apertando-a contra meu corpo que já queima apenas pelo contato com o seu. Caímos no tapete ao lado da lareira como dois lobos famintos. Ela me quer tanto quanto eu a quero. Mas hoje eu quero ir lento, amá-la em cada centímetro desses quatrocentos e trinta metros quadrados de nossa suíte. Quero amá-la aqui, no quarto, no banheiro, na piscina ou em qualquer lugar, para provar que estejamos unidos, como uma só pessoa.

— Eu preciso de você, Adrian... Loucamente e desesperadamente, dentro de mim – ela diz com desejo.

Afasto, me posiciono de joelhos em sua frente. Ela está deitada, linda, me olhando esperando por meu toque. Minhas mãos percorrem suas pernas, retiro o sapato de seu pé esquerdo. Toco-o, beijando-o delicadamente. Ela geme e se contorce. Coloco seu sapato de volta e ela me olha com um olhar de interrogação. Eu sorrio:

— Quero fazer amor com você totalmente nua, calçando apenas esses sapatos, então, não os tire, entendeu?

— Sim.

Deixo uma trilha de beijos por todo seu corpo. Meu pau já está rijo e lateja tanto que chega a ser desconfortável. Preciso entrar nela o quanto antes. Tiro minha boxer e depois sua calcinha, bem devagar. A safada sabe como me deixar louco, abre suas pernas, leva a mão até seus clitoris e o massageia lentamente. Seu sorriso de satisfação está estampado em seu belo rosto. Pego seu pulso e afasto sua mão sussurrando em seu ouvido:

— Diga pra mim, querida. O que você quer?

Levo minha mão até sua boceta e enfio dois dedos dentro dela. Ela se contorce e geme.

— Anda! Diga!

Ela fecha os olhos enquanto sigo torturando-a,

acrescento o meu polegar massageando seu clitóris.

— Está tão molhada! Perfeita, meu amor!

— Adrian... – ela geme.

— Isso, diga querida. Implore. Quero ouvi-la – adoro quando implora, capturo seu seio com minha boca, chupo-o com força, solto, assopro seu bico e me afasto, ela choraminga.

— Eu quero você, Adrian...

— Como querida? Como você me quer?

— Dentro de mim, Adrian...

— Terá que ser mais específica, querida – ela me olha cheia de tesão.

— Quero você, Adrian. Quero seu pau grosso dentro da minha boceta. Quero que me foda até que eu perca os sentidos. Quero que me faça gozar... – ela sussurra enquanto crava as unhas em minhas costas. E, no mesmo instante, dou a ela o que quer. Coloco meu pau devagar em sua entrada e vou empurrando-o lentamente. Quase que numa tortura para ambos, pois se eu fosse mais rápido, eu gozaria.

— Mais... Eu quero mais... – ela implora.

Eu sento e a puxo para cima de mim encaixando-a

perfeitamente em meu pau. Já estou louco e não sei se consigo resistir a mais tempo.

Ela segura em meus ombros e cavalga loucamente. Coloco minhas mãos em seus quadris e a aperto ainda mais contra meu corpo.

— Isso, querida. Goza pra mim – sussurro em seu ouvido e ela geme. Levo minha mão até sua nuca e puxo-a pelos cabelos fazendo com que seu pescoço fique vulnerável. Levo minha boca até ele e dou leves chupões e mordidas, ela geme e intensifica os movimentos de seus quadris.

Seu corpo estremece em meus braços e sei que ela está próxima de atingir seu orgasmo.

— Ahhh, Adrian – ela geme.

— Goza meu amor... Goza pra mim – e sinto seu corpo todo convulsionar e então, explode gozando deixando seus fluidos escorrerem por mim.

Envolvo-a em meus braços e a carrego no colo até nosso quarto. A coloco deitada sobre a cama, perplexa, se posiciona para poder olhar tudo ao seu redor. Pétales de rosas vermelhas e brancas espalhadas ao seu lado, velas acesas por todo o ambiente e uma caixa vermelha com um laço preto a sua esquerda.

— Adrian! — ela exclama. — Foi você quem fez tudo isso? Mas quando?

— Abra a caixa.

Ela me olha e pega a grande caixa abrindo o laço cuidadosamente. Ao ver o conteúdo, sorri, retirando o vestido azul marinho que havia comprado essa tarde junto com as joias.

— Obrigada! É lindo. O vestido e as joias. Eu amei — ela diz me abraçando.

— Vai ficar perfeito em você — digo. — Fique aqui. Vou preparar a água para tomarmos um banho.

Encho a banheira e jogo as pétalas que havia na cesta dentro da água e os sais de banho. Acendo as velas, apago a luz e saio.

— Prontinho — ela vem em minha direção.

— Posso tirar os saltos agora, Senhor Miller? — diz rindo.

— Não.

Vou de encontro a ela e a beijo. Vou descendo minhas mãos pela lateral de seu corpo e me agacho a sua frente. Pego em seu tornozelo colocando seu pé sobre minha coxa. Tiro seu sapato e depois, faço a mesma coisa com o

outro. Subo lentamente passando minha língua em suas coxas, sua boceta, sua barriga, seus seios e por fim, passo as mãos em seu pescoço longo e tiro sua corrente e seus brincos. Vou até o criado onde está o estojo e os guardo. Volto para ela e então, sussurro em seus lábios:

— Agora está perfeita, Sra. Miller – pego-a no colo, levando-a até a banheira.

Ajudo-a entrar e entro depois dela.

— Eu estou tão feliz – ela diz e me abraça. Seu corpo molhado e as pétalas grudadas em sua pele, a deixa ainda mais bonita.

— E será sempre... – digo e a beijo.

— Está tudo tão lindo. Obrigada – ela olha a sua volta.

— Eu queria que esse dia fosse perfeito para você.

— E está sendo – ela diz, mas noto certa tristeza ao falar.

— Está cansada? Não quero que se canse e prejudique o bebê – digo tocando sua barriga e ela me olha.

— Eu estou bem, meu amor. Nunca estive tão bem em toda minha vida – me abraça e leva sua boca ao meu

pescoço e o beija. Sua língua percorre minha pele e meu pau se levanta na mesma hora. Coloco minhas mãos em seus seios e os aperto. Puxo seus mamilos e rapidamente eles ficam duros. Seus gemidos são abafados por meus beijos e quando ela acaricia meu pau, deixo escapar um grunhido.

— Já está pronta pra mim querida? — pergunto tocando sua boceta quente e molhada.

— Sempre — ela sussurra sentando em meu colo se encaixando perfeitamente em mim. A única coisa que eu quero nesse momento, é fazer amor com ela até o sol raiar e nós dois perdermos os sentidos.

Acordo e a primeira coisa que faço é olhar para ela deitada ao meu lado no mais profundo sono. Seu corpo nu coberto apenas pelo lençol de cetim vermelho me faz pensar em várias formas de acordá-la. E, todas elas, são comigo sobre ela fodendo-a como um louco.

— Amor, acorde! — tento despertá-la com um suave beijo.

Ela se move soltando um barulhinho esquisito.

Afasto seus cabelos do rosto e a beijo mais uma vez.

— Acorde, Sra. Miller. Precisamos tomar nosso café e pegar nosso avião – digo e nada. Ela dorme feito uma pedra. Decido deixá-la dormir mais um pouco. Quase não dormirmos. Ela levou a sério quando disse que queria foder até perder os sentidos. Ficamos até quase amanhecer.

Levanto-me e vou direto tomar uma ducha para despertar. Faço minha higiene matinal e quando termino, enrolo a toalha nos quadris e saio.

Verônica ainda dorme como um anjo. Linda!

Aproximo-me da cama e retiro a toalha jogando-a na poltrona bege posicionada ao lado da janela. Puxo lentamente o lençol vermelho descobrindo-a por completo. Lentamente, separo suas pernas colocando-as em meu ombro e levo minha boca até sua boceta. Queria sentir seu gosto. Assim que minha língua atinge seu clitóris, sinto-a se mexer, mas não paro. Começo a massageá-lo com a língua e coloco dois dedos dentro dela bem devagar e ela geme.

— Oh, Meu Deus, Adrian! Você é algum ser sobrenatural? Não dorme nunca? – diz entre gemidos e sussurros.

Mordo devagar seu clitóris e ela geme alto.

— Já dormi e já acordei querida. E, já estou prontinho pra fodê-la outra vez.

Ela ri e diz:

— Então me faça gozar, amor.

— Quer gozar na minha boca, minha safadinha?

— Sim – ela responde e eu continuo a chupá-la até que ela não resiste e goza.

Vou até sua boca e a beijo.

— Bom dia, Sra. Miller – digo enfiando meu pau em sua boceta apertada e molhada – ela arqueia seu corpo e geme alto. — Eu disse bom dia, Sra. Miller. – falei outra vez dando uma forte estocada que a fez gemer ainda mais alto.

— Bom dia, Sr. Miller. Sempre insaciável – ela ri.

— Sempre – digo e rimos juntos enquanto a penetro ainda mais fundo. Ela puxa meus cabelos e me beija. Percorre minhas costas com as unhas e para em minha bunda me puxando ainda mais para ela.

— Você quer mais forte, não é? Safada!

Começo a penetrá-la com força. Nossos corpos unidos e escorregadios pelo suor começam a estremecer e sei que vou gozar rápido se ela continuar gemendo como

uma felina em meu ouvido. Vê-la tão excitada, me deixa ainda mais louco. Perco o controle e sinto meu orgasmo se construindo. Explodo numa sensação dolorosamente gostosa e intensa. Eu queria mais. Sempre quero mais com ela.

— Eu estou faminta – diz toda suada com os cabelos colados ao corpo.

— Vou pedir nosso café enquanto toma seu banho. Vá indo. Vou logo depois – e saio da cama.

Ela se levanta e caminha até o banheiro.

Essa mulher ainda vai me matar. Não consigo olhá-la e não imaginá-la debaixo de mim, gemendo e gritando meu nome enquanto goza. Acho que já estou ficando louco.

Sigo até o telefone e chamo o serviço de quarto. Peço nosso café e a campainha toca. “*Quem será a essas horas?*”

Desligo o telefone, me enrolo na toalha e sigo até a sala. Abro a porta e Jonas está na minha frente com uma cara nada boa.

— Temos um problema – diz entrando de forma desesperada e meu corpo inteiro fica tenso.

O que será agora?

Capítulo 17

Verônica S. Miller

Entro no banheiro e ligo o chuveiro. A noite de ontem foi perfeita. Adrian não poderia ter sido mais romântico. Estou toda dolorida da nossa noite de sexo selvagem e quente. Sorrio ao lembrar como nosso sexo foi intitulado por Terry.

A água morna escorre pelo meu corpo. Fecho os olhos e ainda posso senti-lo em mim. Sinto suas mãos em minha pele, seus lábios tocando os meus beijando-me suavemente...

A campainha toca despertando-me.

“Uau! Esse serviço de quarto é realmente excelente! Estou faminta”.

Me seco de qualquer jeito, pois a fome é maior do que tudo nesse momento.

Enrolo-me na toalha e saio do quarto indo em direção à sala de estar a procura dele.

— A situação não está nada boa, Adrian – ouço uma voz masculina e de imediato, reconheço. Jonas.

Entro na sala segurando a toalha e olho para eles.

— O que é que não está nada bom? Do que estão falando? – pergunto e eles trocam olhares cúmplices. *Aí tem!*

— Bom dia, Verônica – Jonas me cumprimenta.

— O que foi? Por que estão com essas caras?

Encaro os dois que se sentem desconfortável com algo.

— Querida, vá se trocar, por favor. Precisamos ir.

— Onde está o café? Estou com fome – digo olhando para ele.

— Precisa contar pra ela, Adrian – Jonas fala e Adrian fica tenso. Ele anda de um lado para o outro passando a mão pelos cabelos nervosamente.

— Pode ir Jonas. Pegue Terry e Maria e vão direto

para o aeroporto. Eu e Verônica sairemos daqui a pouco – e empurra Jonas porta a fora.

— Não vou a lugar nenhum, Adrian. Ainda sou seu advogado – ele diz entredentes.

— Que seja. Nos espere no lobby então. Preciso conversar a sós com ela – isso me deixa tensa.

Jonas concorda e vai embora. Adrian fecha a porta e fica paralisado alguns segundos de costas para mim.

— Adrian... – sussurro.

Ele se vira e me olha nos olhos.

— Querida, vá se trocar, por favor. Depois precisamos ter uma conversa.

— Nada disso. Pode falar porque não vou sair daqui enquanto não me disser o que está acontecendo – digo assustada. — O que foi, Adrian? Desembucha logo! – digo sem paciência.

Ele reluta. Seja o que for, acho que não vou gostar nenhum pouco e ele sabe disso.

Ele caminha até mim, me abraça e dá um beijo em minha têmpora.

— Alguns dias atrás as investigações sobre o acidente que matou a Sara e mais seis pessoas

recomeçaram – ele me olha e sinto um nó no peito.

— Então era por isso que andava tão nervoso esses dias? – pergunto lembrando de que antes da viagem, Jonas e ele conversaram por um longo tempo e depois, Adrian ficou descontrolado.

— Mais ou menos – diz e solta um longo suspiro. — Na segunda-feira, foi encontrada a caixa-preta do avião, a polícia já havia dado o caso por encerrado, mas com o aparecimento da caixa agora eles podem ter certeza do que aconteceu de verdade naquele acidente – ainda não sei aonde ele quer chegar com essa conversa toda.

— E o que Jonas veio fazer aqui? Porque não me disse isso antes? – olhei para ele chateada.

— É complicado, Verônica. Tem um monte de jornalistas lá fora esperando eu sair daqui – ele diz com cautela analisando minha reação.

— Como eles sabem que está aqui?

— Fui reconhecido ontem no cassino, porque... Jonas me disse que saiu uma matéria sobre nós dois nos divertindo como um casal apaixonado – escuto e tento processar tudo isso.

— Não estão achando que eu possa ser ela, estão? – pergunto com medo de ouvir a resposta.

— Não. Descobriram sua identidade. Já haviam fotos nossas no evento em Nova Iorque. Mas não estão aqui por você.

— E por que estão?

— Porque quando o laudo sair e se for constatado que foi sabotagem, sou um prato cheio pra imprensa – ele sussurra quase inaudível. — Como as investigações foram reabertas, agora viro alvo fácil de jornalistas.

— E quem teria motivos para matar aquelas sete pessoas? – digo e solto um riso nervoso.

— Não sei. Mas, a partir de hoje, estou na lista de suspeitos.

— Isso é ridículo. Por que não me contou isso antes?

— Não queria que se preocupasse comigo. Você está grávida e não queria que isso afetasse você, nem nosso filho – ele diz e se aproxima para me abraçar. Afasto-me e ele me olha.

— Espere! Tem mais coisa nessa história, não tem? É, porque se fosse apenas isso, você me contaria. E quanto a provar sua inocência, Jonas pode fazer isso perfeitamente. Então Adrian, o que é que realmente te incomoda? O que é que está escondendo de mim? – minha voz se eleva, mostrando meu descontrole.

Ele dá as costas para mim, visivelmente nervoso.

— Diga logo, Adrian!

Ele vem até mim e para bem perto do meu corpo.

— Havia sete pessoas naquele avião. Sara estava indo para Etiópia ajudar as crianças. Houve um surto de doença e ela se prontificou a ir. Eles levavam comida e medicamentos. Em algum momento eles pousaram nas Ilhas Canárias e quando o avião levantou voo, ele caiu. O resgate na época encontrou cinco corpos. Nem o corpo do piloto e nem o da Sara foram encontrados até hoje — ele diz com a expressão de dor. — Então, a polícia pode trabalhar com duas hipóteses: a primeira é de que alguém tenha sabotado o avião para matar todos os que estavam a bordo e a outra, é que o piloto e Sara, forjaram a própria morte, já que foram os únicos que os corpos não foram encontrados. Com tudo isso, poderá ter uma pequena chance, eu diria quase que remota, de Sara estar viva.

Adrian termina de falar, mas meu cérebro ainda processa as últimas palavras, “Sara viva, Sara Viva, Sara viva” martela em minha cabeça.

— Isso é ridículo, Adrian! O laudo ainda nem saiu e estamos aqui falando sobre hipóteses e suposições. Não deve ser fácil encontrar corpos no mar. Por isso ela não foi encontrada ainda. O que te faz pensar que o laudo dará que o avião foi sabotado? — sussurro e o nó em minha

garganta me sufoca.

— Jonas tem contatos. Ainda não é oficial, mas ele disse que a polícia internacional foi acionada. Estão procurando alguma coisa ou alguém – percebo que está inquieto.

— Eu não posso acreditar nisso – digo assustada.

— Querida, eu não acredito que ela possa estar viva – ele sussurra e me abraça.

— Me solta! – grito descontrolada e o empurro para longe. — E se ela estiver? E se acharem ela? Meu Deus, Adrian! – começo a chorar. Se essa mulher resolve aparecer, eu perco Adrian para sempre.

— Hei! Amor! – ele me abraça apertado e enxuga minhas lágrimas. — Sara está morta, querida. E, mesmo que não esteja, mesmo que ela apareça amanhã ou depois... – ele diz e pega minha mão colocando-a sobre seu peito. — Ela já está morta aqui, dentro de mim. Só tem você agora em meu coração, Verônica. Não importa o que aconteça. Eu amo você e não vou deixá-la nunca – ele diz e me beija.

— Porque você não viajou com ela no dia do acidente? Ela estava grávida e a deixou sozinha, por quê? – me afasto enquanto o questiono. Não quero ter essas ideias sobre ele, mas e se...

— Brigamos um dia antes. Aliás, brigávamos quase todos os dias pelos mesmos motivos. Sara era ciumenta demais. Então, após a briga, eu disse a ela que não iria.

— E por que vocês brigaram? Ela te disse alguma coisa? Falou alguma coisa? – pergunto lembrando sobre o atestado de gravidez da Alana.

— Isso já faz tanto tempo, Verônica. Por que quer saber? – ele pergunta desconfiado.

— Por nada, Adrian. Só quero que não minta e nem me esconda nada. Nunca mais. Se tem algo a me dizer ainda, que diga, eu vou entender – digo e o abraço.

— Não tenho mais nada a dizer, meu amor. Nunca vou mentir pra você. Nunca.

A campainha toca.

— Agora é o nosso café – ele sorri.

Com toda essa conversa, meu estômago está tão embrulhado, que não sei se serei capaz de comer alguma coisa.

Termino de arrumar as malas, mas meus pensamentos estão embaralhados. Não consegui comer nada. Não sei se consigo lidar com a exposição da mídia e todos esses novos acontecimentos. Estou nervosa e isso me assusta. Quando penso que minha vida está engatinhando para frente, sempre aparece algo para atrapalhar.

— Vamos querida, senão nos atrasaremos – Adrian diz e deixa as malas alinhadas próximo à porta. Olho tudo ao redor para ver se estou esquecendo de algo e pronto.

— Vamos – digo e saímos da suíte.

Adrian aperta o botão do elevador, e me orienta:

— Não responda a nenhuma pergunta caso os jornalistas se dirijam a você. Passe reto e não diga nada. Tudo bem? – ele alisa meus cabelos tocando suavemente em meu rosto.

— Está bem – sussurro trêmula, o elevador chega e entramos.

O silêncio insuportável se instalou entre nós. O elevador apita e para no lobby.

Caminhamos lado a lado até a saída. Vejo Jonas ao lado de Terry com uma expressão preocupada.

— Vocês demoraram – Terry diz e logo vejo Maria.

— Vamos, se é para enfrentar tudo isso, que seja logo — Adrian diz e todos nós o seguimos.

Ao sair pela porta principal do Hotel, me assusto com o alvoroço e a quantidade de fotógrafos e jornalistas que nos assediam. Falam em várias línguas. Tento me concentrar enquanto passo sendo fotografada e interrogada por alguns. Adrian aperta forte minha mão puxando-me para ele e Jonas vai a nossa frente abrindo caminho.

— *Sr. Miller, como andam as investigações sobre a morte da sua esposa? A perícia já concluiu o laudo?* — Uma mulher do jornal local pergunta e passamos sem nos importar em responder.

— *Sr. Miller, é verdade que há uma chance de que sua esposa esteja viva?* — um outro pergunta e sinto Adrian se retrair. Começo a ficar tonta com tantos flashes, vozes e perguntas vindas de todos os lados.

— *Incrível a semelhança entre vocês duas. Como se sente sendo parecida com ela?* — ouço alguém se dirigir a mim, mas nesse momento, um zumbido invade meus ouvidos e minha visão fica turva impedindo-me de responder. Sinto algo errado. Minhas mãos suam frio e sinto Adrian me pegar no colo antes de apagar completamente.

Capítulo 18

Adrian Miller

Enquanto passamos pela multidão de jornalistas e fotógrafos, sinto as mãos dela suarem frio. Ela empalidece no momento em que penso em perguntar se está bem. Vejo que há algo errado. Ela parece meio zonha e a pego no colo no momento em que ela apaga em meus braços.

Entro em pânico e só consigo pensar em nosso filho. Me chuto mentalmente. Eu deveria ter insistido para que se alimentasse.

Jonas percebe a minha aflição e tenta abrir o caminho o mais rápido possível, empurrando todos a nossa volta.

— O que aconteceu com ela? — Maria pergunta preocupada e Terry abre a porta do carro numa

velocidade impressionante.

— Desmaiou. Ela não comeu nada e toda essa aglomeração, acho que a deixou nervosa – coloco-a no banco do táxi.

— Não podemos viajar com ela nesse estado, Adrian. Temos que levá-la ao médico.

— Maria... Está tudo bem. Relaxe – digo e entro sentando-me ao seu lado.

Coloco-a em meu colo e tento fazer com que desperte.

— Verônica... Amor, por favor... Está me ouvindo?

Ela abre os olhos devagar e o alívio toma conta de mim. Ela solta um grunhido, mas continua pálida.

— Adrian... – sua voz sai fraca.

— Está se sentindo bem? – pergunto olhando-a nos olhos. Aliso seu rosto e afasto uma pequena mecha de cabelo que cai sobre ele.

— Sim. Acho que foi só um mal-estar – ela diz.

— Acho melhor levá-la ao médico e ver se está tudo bem com você e nosso filho – sussurro ainda preocupado.

— Eu estou bem, Adrian. Sério – ela diz e se afasta

sentando ao meu lado.

— Você tem certeza? Você não comeu nada e até chegarmos a Los Angeles irá demorar.

— Eu estou bem. Quando chegarmos ao aeroporto eu prometo que como alguma coisa – ela diz, mas sei que é para me tranquilizar.

Olho para o motorista e peço que nos leve até o aeroporto. Quero chegar à casa de meus pais o quanto antes.

Depois de me certificar de que Verônica estava realmente em perfeitas condições para seguir viagem, entramos no avião com destino a Los Angeles.

Chegamos em Los Angeles. Pedimos dois táxis e seguimos para a estrada I-405N em direção a Santa Mônica, onde meus pais moram.

— Falta muito pra chegarmos? – ela pergunta com ar de cansaço.

— Não amor. Mais uns dez minutos e estaremos lá – respondo e a beijo.

— Você disse que não ficaríamos na casa dos seus pais, Adrian. Acho que isso não vai dar certo — não escondendo o quanto está chateada com isso.

— Eu sei que prometi. Mas não posso deixá-la sozinha num hotel. Ficaremos aqui apenas três dias, meu amor.

— Mas trouxemos Maria para que ficasse comigo, não foi? Por que temos que ficar na casa dos seus pais? Ela me odeia, Adrian. Imagine quando ela souber que estou esperando um filho seu e que nos casamos escondidos — ela se irrita.

— Não casamos escondidos, Verônica. Não sou um adolescente. Nossa vida só diz respeito a nós. Não faz a menor diferença pra mim se eles sabiam ou não.

— Não quero que conte sobre nosso filho. — ela diz.

— Não vou contar. Pelo menos por enquanto. Não quero que nada aconteça com você nem o bebê. Sei que Nora vai ter um ataque quando souber e pode acabar descontando a raiva em você.

— Eu vou tentar — ela fala e eu a olho confuso.

— Tentar o que?

— Ser educada. Mas já aviso que será difícil. Eu a detesto tanto quanto ela a mim — ela diz entredentes e

cruza os braços como uma garotinha mimada.

— Vou ficar de olho nela. Confie em mim. Será dia de festa e ela nem terá tempo para se preocupar conosco. Agora venha aqui – digo puxando-a para perto de mim inalando seu perfume levemente adocicado.

Ficamos abraçados em silêncio até que chegamos. Saio do carro ajudando-a descer. Pago o táxi e pego nossas bagagens. Terry, Jonas e Maria chegam ao mesmo momento.

— Ai! Estou morta – Terry diz estalando as costas reclamando como uma velha de oitenta anos. — Jonas, você carrega a minha mala também porque estou cansada. Preciso de um bom banho de piscina.

— Eu carrego. Pode entrar – Jonas responde com um sorriso. Tem que ter muito amor pra aguentar minha maninha.

— Menina, está melhor? – Maria pergunta segurando as mãos de Verônica.

— Sim, Maria. Foi apenas um mal-estar.

— E agora, vamos entrar e a senhora vai fazer o que me prometeu. Comer.

— Mas não disse que comeria na casa da cobra da sua mãe – diz irritada e a olho feio. — Desculpe! – ela diz

sem graça — Eu sei que ela é sua mãe, mas...

— Mas não importa. Vai comer e pronto — sou firme e quando me viro, vejo meu pai saindo pela porta, vindo ao nosso encontro. Pela roupa que está usando, vejo que está pronto para sua partida de Golf.

— Adrian, filho! — ele me abraça dando fortes tapas em minhas costas. — Vamos entrar, sua mãe está louca pra te ver — ele diz e olha para Verônica com uma cara nada amigável.

— Verônica!? — ele diz e não consegue esconder sua surpresa e seu desapontamento.

— Tudo bem, Sr. Rômulo? — ela o cumprimenta.

— Jonas! Fiquei feliz quando Adrian disse que você e Terry estão juntos — e abraça Jonas que retribui com um largo sorriso. Papai sempre gostou de Jonas. Sempre comentava que era um cara legal, trabalhador e um excelente profissional. Minha mãe é que não é muito fã dele por não ter tanto dinheiro quanto a nossa família. E olha que Jonas poderia sustentar duas gerações se quisesse.

— Vamos! — meu pai diz nos ajudando com as bagagens.

Assim que entramos, vejo minha mãe descer pelas

escadas com um sorriso enorme no rosto. Ela nos vê e seu sorriso desaparece por completo. Parece assustada e nem preciso ser um gênio para saber o porquê.

— Adrian... — ela tenta sorrir, mas seu sorriso é tão falso quanto a sua cara.

— Oi mãe — respondo seco.

Ela não cumprimenta mais ninguém além de mim e Jonas.

— Maria! — ela exclama. — Estou certa de que veio para nos ajudar na festa. Acertei? — ela pergunta com seu jeito cínico. Sua expressão já está quase congelada de tantas plásticas e botox. Pois, era só isso que sabia fazer da vida. Torrar o dinheiro do meu pai em futilidades.

— Errou. Ela está aqui como minha convidada — digo.

— Então, seja bem-vinda — ela força simpatia.

Meu pai conversa com Jonas e Maria e fala para que eles subam as escadas e se instalem nos quartos de hóspedes. Assim que eles sobem, minha mãe dispara.

— Veio tanta gente desnecessária... — ela olha diretamente para Verônica. — E não vi Terry. Ela não veio? — ela conclui olhando ao redor.

— Acho que ela preferiu a piscina a ter que olhar para a cara de certo alguém – Verônica diz com ironia e eu a cutuco. Não será nada fácil controlar essas duas.

— É melhor as duas nem comecem. E você, mãe... Não me faça me arrepender de ter vindo – digo enfurecido. — Venha, Verônica. Vou arrumar algo para você comer – passo pela minha mãe e sua cara não é nenhum pouco agradável.

Entramos na cozinha e Verônica olha tudo com espanto.

— Sr. Miller! – Vera me vê e abre um sorriso. Ela já trabalha com meus pais há anos.

— Oi, Vera! Tudo bem? – a cumprimento. — Essa é Verônica, minha mulher – ela olha para Verônica com curiosidade.

— Olá senhora.

— Vera, pode nos preparar algo para comer? Não comemos nada hoje e estamos famintos – sentando-me na cadeira e Verônica faz o mesmo.

Jonas entra na cozinha e se senta ao nosso lado.

— E Terry? – pergunto.

— Na piscina. Sua irmã também não facilita o

convívio – ele ri.

— E eu não sei? – todos rimos descontraídos, enquanto Vera prepara nosso café.

— Nossa! São quase onze da manhã – Jonas diz olhando em seu relógio de pulso.

— E então rapazes, prontos para uma partida de golfe? – meu pai entra na cozinha todo alegre.

Olho para Jonas e ele dá de ombros. Faz tanto tempo que não jogo que me deu até vontade.

— Por mim, acho até que será divertido – Jonas sorri e então, entro na onda.

— Ainda joga no Penmar, em Venice? – pergunto lembrando da época em que jogávamos todos os finais de semana.

— Lá mesmo – ele diz. — Vou esperar vocês lá na piscina. Vou conversar com a Terry um pouco – ele diz e sai.

Verônica não me parece contente, mas não diz absolutamente nada.

Vera termina de preparar o café e nos serve. Comemos jogando conversa fora e quando terminamos, saímos da cozinha.

— Adrian... — Verônica me chama. — Não quero ir. Odeio esse tipo de coisa, então, acho que vou preferir ficar aqui.

— Tem certeza? Porque não vamos demorar. Você pode ir e ficar sentada ou jogar conosco — digo.

— Ah, querido. Isso não tem muito a minha cara — ela ri. — Vou descansar um pouco e quando você chegar, me acorde — ela diz e me beija.

— Tudo bem. Vou deixá-la no quarto. Vamos.

Subimos as escadas e no caminho peço a ela para que não dê ouvidos a nada do que minha mãe disser. Sei que Verônica é esquentada e minha mãe adora um drama.

— Eu volto logo. Fica com meu celular. E a propósito, precisamos comprar um pra você. Não me agrada ficar sem contato com você ainda mais nessas condições — e entrego meu telefone a ela.

— Tudo bem. Vou ficar bem — ela sorri.

Fecho as cortinas e a ajudo a tirar os sapatos. Ela se deita e a cubro com o lençol. Vou até minha mala, retiro uma camisa polo azul e uma calça jeans. Me troco rapidamente, dou um beijo nela e saio fechando a porta.

Desço as escadas e acabo esbarrando em minha mãe na sala.

— Onde está o pai?

— Já estão no carro te esperando – ela diz. — Aquela coisa não vai? – ela pergunta acendendo minha fúria.

— Não ouse chegar perto dela – rosno e dou as costas saindo furioso.

Quando estou próximo ao carro, Maria vem até mim e diz:

— Vai sair e deixá-la sozinha?

— Não, Maria. Vou sair e deixá-la com você. Ela não quer ir e está no quarto dormindo. Cuide dela até eu voltar, tudo bem? Qualquer coisa é só me ligar que volto correndo.

Seguimos pela *Lincoln Blvd* até chegarmos a *Rose Avenue*, em *Venice*. Chegamos ao campo de golfe depois de quinze minutos.

Jonas está mais empolgado do que eu. Acho que deveria ter ficado com minha esposa. É estranho não tê-la por perto. Embora Jonas também não tenha trazido a

Terry. Dificilmente golfe agrada as mulheres. Nem minha mãe, com tantos anos de casada, nunca acompanhou meu pai. Claro que ela não é uma boa referência para isso. Mas fala em Spa perto dela!

Já no campo, pegamos nossos tacos e vejo Albert caminhando pela grama vestido como um rapaz da minha idade. Camisa polo branca, boné, bermuda marrom e tênis. Albert é meu padrinho. Já faz tempo que não o vejo e estou surpreso por vê-lo aqui.

— Adrian! – ele me abraça forte.

— Albert!

— E aí, cara? Pensei que passaria em casa mais cedo – meu pai grita de longe.

— Não deu. Você sabe. Mulheres! – ele ri.

— Essas amantes ainda vão te matar, Albert – digo.

Albert é um cara legal. Senador. O problema é que não consegue ficar apenas com uma mulher. É casado há mais de trinta e cinco anos e já perdi as contas de quantas amantes já teve. Acho que seu casamento sempre foi de fachada. Mas quem sou eu para questionar? Ele sempre foi um bom padrinho e é o melhor amigo do meu pai desde infância. Sempre nos demos bem. Ele é um tanto protetor comigo.

— Vejo que está bem. Tendo em vista os últimos acontecimentos – Albert diz.

— Já está sabendo? – pergunto.

— Não se fala em outra coisa na televisão e jornais. E a propósito, sua esposa é muito parecida com a Sara, estranho isso, é algum tipo de nostalgia nova que desconheço?

— Como sabe que ela é...

— Sua esposa? Albert sorri. — A sua aliança no dedo. Nada discreto – ele ri.

— Ela não era exatamente igual a Sara quando a conheci. Os cabelos dela eram pretos – digo rindo.

— E então, você fez a pobre coitada pintar o cabelo para se parecer com ela?

— Não é o que está pensando. Verônica não é a Sara e não estou tentando colocá-la no lugar dela.

— Hum...

— O lance do cabelo é outra coisa. E acredite, eu mesmo odiei – ri. — Mas não se pode contrariar as mulheres, não é?

— Verdade – ele responde. — Vamos parar de conversa e jogar. Hoje estou animado e vou ganhar de

vocês – ele diz e caminha até meu pai e Jonas que já estão dando várias tacadas pelo campo.

É isso aí. Respiro fundo e caminho até eles para entrar na disputa. Não será tão fácil me vencer.

Capítulo 19

Verônica S. Miller

Levanto-me da cama, pego o celular que Adrian deixou comigo e vejo que se passaram somente quarenta minutos desde que saiu. Vou até o banheiro, ligo a torneira e jogo água no rosto para refrescar. O dia está quente e estou quase cogitando a ideia de me jogar na piscina com Terry.

Decido desfazer as malas, mas, antes, abro as cortinas e vou até a varanda. É linda a paisagem. Daqui posso ver a piscina e o mar. O cheiro da maresia invade minhas narinas, fecho os olhos quando sinto a leve brisa tocar meu rosto.

A casa é enorme. Linda. Nunca vi tanta beleza. Tudo perfeitamente decorado. Entro no quarto e vejo algumas

fotos em cima da cômoda. Todas de Adrian com a família.

Volto minha atenção para as malas e decido colocar um biquíni. Não quero perder a diversão.

Escolho meu biquíni vermelho, pego uma saída de banho e uma toalha. Saio descalça do quarto e me aventuro nos corredores enormes da mansão. Desço as escadas, atravesso a sala e saio pela imensa porta de vidro. Caminho até a piscina onde vejo Terry tomando sol na espreguiçadeira.

— Pensei que tivesse ido com eles – ela diz colocando as mãos na frente do rosto, bloqueando o sol.

Sento-me ao seu lado e respondo:

— Não. Dormi um pouco. Não queria atrapalhar a diversão deles.

— Que tal um mergulho? – ela sorri.

— Não sei nadar. – ela ri.

— Bom, você pode ficar na parte rasa.

— Tudo bem – digo. Alguma hora eu teria que vencer esse meu trauma.

Ficamos um bom tempo juntas na água, conversando e rindo da nossa noite no cassino em Las Vegas. Relembramos como Adrian e Jonas ficaram enciumados

quando viram que estávamos babando por Ben Affleck que também estava lá com sua esposa. Rimos das nossas palhaçadas e de uma trapaça que Jonas fez contando as cartas para ganhar o jogo.

Depois de algum tempo, decido sair da piscina para tomar um suco.

— Terry, eu vou sair um pouco.

— Eu já vou também – ela diz.

— Vou buscar algo para beber. Está muito calor.

Saio da piscina e me seco na toalha. Coloco minha saída de banho e entro na casa. Dou alguns passos e a velha vem em meu encalço.

— Estou vendo que está se divertindo – ela diz se aproximando.

— É. Estou sim – sorrio.

— Sabe Verônica – fala pausadamente me medindo de cima a baixo olhando-me com desprezo. — Não me agrada ter um tipo de mulher como você em minha casa. Achei que tivesse sido clara quando disse que a queria longe do meu filho.

Olho para ela e tento contar até dez, mas ela continua com seu ataque.

— É ridículo ver o seu desespero. Sabe que essas suas artimanhas para prender meu filho a você, não funcionarão – ela se vira caminhando até o bar e se serve de um pouco de uísque.

— Não entendi – digo com ironia.

— Ah querida. Você entendeu sim. Adrian pode ser idiota, mas eu não sou. Esse golpe de se parecer como a Sara. Até pintou o cabelo para ficar idêntica.

— Você não sabe de nada – minha vontade é de voar na jugular dessa víbora.

— E parece que você também não – ela sorri dando um gole generoso em sua bebida. — Mesmo que tente parecer com ela, ele nunca vai amá-la. Sempre verá em você, a mulher que ele realmente ama. Na verdade, Verônica... Para ele, você é só um reflexo dela. É ela quem ele sempre vai amar – ela me deixa furiosa. Ela quer me desestabilizar. Maldita! — Minha opinião sobre tudo isso é que ele projeta em você tudo que ele perdeu, inclusive Sara. Sendo assim... Você não é nada pra ele.

Meu sangue ferve e não consigo me controlar. A vontade que tenho é de dar na cara dessa velha.

— Não pedi sua opinião, sua vaca. Mas vou te dar um conselho... Não se meta no meu caminho, ou eu juro, vou tornar sua vida um inferno e farei com que seu filho

nunca mais olhe na sua cara – digo e quando termino, Terry está batendo palmas encostada a porta de vidro.

— Parabéns, mamãe. Adrian vai adorar saber que a mãezinha, está insultando a esposa dele. Sabia que eles ainda estão em lua de mel? – ela diz e vejo a velha ficar muda e pálida. — Pena que a senhora não foi convidada para o casamento. Foi lindo e divertidíssimo. Acho que teria gostado – diz irônica e com sua sutileza que eu adoro.

— Ele não seria capaz de...

— Se casar comigo? É. Foi sim – concluo e saio deixando-a boquiaberta.

Entro na cozinha ainda passada com a cara-de-pau da velha.

— Menina! – Maria exclama. — Adrian não vai gostar dessa briga de vocês. Tente se controlar.

— Ela me odeia Maria – pego um copo e só então vejo o quanto estou trêmula.

— Está se sentindo bem? – Vera pergunta me olhando um pouco assustada.

— Sim estou. Só um pouco nervosa. – Sento-me e bebo minha água devagar e penso em tudo o que ela disse. Adrian me ama, é claro. Não está comigo por causa dela.

Não vou deixar essa velha entrar em minha mente.

Ouçó vozes e fico aliviada quando percebo que Adrian está de volta. Ele entra pela porta da cozinha ao lado de seu pai e sorri. Ver seu sorriso tão lindo, até me fez esquecer toda essa merda.

— Achei que te encontraria no quarto – ele diz e me beija. Me olha e parece intrigado. — Estava na piscina? Debaixo desse sol quente? Mas... Não sabe nadar!? Sabe que isso pode fazer mal pro...

— Vamos subir? Você precisa de um banho – digo para calá-lo. Ele percebe que quase falou sobre o bebê e disfarça.

Chegamos ao quarto e ele começa a tirar a roupa. Jogo-me na cama e olho para ele contemplando seu corpo maravilhoso.

— Você tem que tomar cuidado. Não quero que eles saibam do nosso filho agora – sussurro.

— Desculpe. É que me preocupo com você. De manhã não estava nada bem e agora fica debaixo desse sol quente – sinto preocupação em sua voz. Eu amo o jeito que ele cuida de mim. O jeito com que se preocupa conosco.

— Eu sei, mas estou bem – sorrio.

Ele vem em minha direção, me pega pela mão levantando-me da cama. Adrian tira minha saída de banho e diz baixinho em meu ouvido:

— Não quero que ande desse jeito pela casa – e beija meu pescoço.

— Está com ciúmes dos quadros nas paredes, querido? – ele ri.

— Talvez. Agora venha porque quero tomar um banho com você – ele diz me despindo de meu biquíni e me puxa para o chuveiro. Assim que a água começa a cair, me coloca debaixo dela e cola seu corpo no meu.

Sua mão começa a percorrer meu corpo e desavergonhadamente, ele leva sua mão até minha boceta e sem perder tempo, começa a massagear meu clitóris me arrancando um gemido.

— Adrian... Pare! – Tento fazer com que pare, pois não me sinto confortável fazendo isso na casa dos pais dele.

— Tem certeza que quer que eu pare? – pergunta e enfia dois dedos dentro de mim me fazendo soltar outro gemido.

— Sua mãe sabe que nos casamos – digo e na mesma hora ele tira sua mão de mim como se tivesse levado um

choque.

Me olha por segundos e diz irritado:

— Isso é golpe baixo. Não quero falar sobre minha mãe enquanto estou fodendo você – ele diz e leva sua boca até meus seios mordendo meu mamilo e dando leves chupões.

— Adrian! Você não ouviu o que eu disse? – Tento afastá-lo, mas é em vão.

— Ouvi e não estou nem aí. – Ele levanta a cabeça e me beija. — A única coisa que consigo pensar querida, é no meu pau dentro de você, e se você continuar falando, acho que terei que colocá-lo em sua boca – ele ri, mas não acho graça.

— Ela está uma fera!

— Sério? Verônica! – ele diz irritado. — Não quero saber dela – conclui e se afasta.

— Desculpe – digo olhando para ele.

Ele me vira com violência controlada e me prensa com seu corpo no azulejo frio. Sua mão esquerda vai até minha nuca e puxa meu cabelo com força deixando meu rosto de lado colado na parede enquanto sua outra mão desce até minha boceta e a ataca com fúria. Sinto seu pau duro roçar em minha bunda.

Adrian massageia meu clitóris e morde meu pescoço dando chupões e dizendo obscenidades em meu ouvido.

— Quero você, amor. Quero gozar nessa sua bocetinha quente e apertada – ele diz acendendo meu desejo e deixando-me excitada.

Ele se afasta, suas mãos tornam a virar meu corpo, sem gentileza, olhos nos olhos, e com um passo estou novamente presa, prensada à parede, mas agora menos fria, passa seu braço sob minha bunda e me ergue na maior facilidade, pede para que eu passe minhas pernas por sua cintura, obedeço, segura minha bunda com suas mãos sustentando-me e no mesmo momento, me penetra com força.

Enlaço meus braços em volta de seu pescoço e o beijo gemendo em sua boca. Seus grunhidos me deixam louca. Ele segue me penetrando cada vez mais forte e estou a ponto de gozar.

— Ahhhhh, Adrian!

— Isso, senhora Miller. Goza pra mim vai. Quero ouvir você gemendo... – e me penetra ainda mais forte e rápido.

Sinto meu orgasmo se construindo e as sensações invadindo meu corpo. Fecho os olhos e as ondas de prazer me invadem.

— Ohhhh, Adrian! – gozo e no mesmo instante, minhas pernas ficam moles. Logo após, sinto-o gozar e jorrar dentro de mim.

Ficamos por algum tempo abraçados.

— Eu ainda não terminei com você, querida. Mas antes, nós vamos almoçar e vou levá-la até o píer de Santa Mônica. Que tal um sexo selvagem e quente na areia da praia? – Ele ri e eu dou socos em seu peito forte.

— Bobo! – digo rindo.

— Precisamos fazer jus a nossa reputação.

— Vou matar sua irmã – ele ri enquanto se ensaboa.

Terminamos nosso banho e saímos do quarto vestidos para ir até a praia dar um passeio ao ar livre após o almoço.

Quando descemos, todos estão na mesa e me sinto desconfortável por ter que dividir o mesmo espaço com a megera da mãe dele.

Ela me olha e sei que nesse momento deve estar desejando minha morte.

Adrian me serve. A comida está com uma aparência agradável, mas o cheiro bate diretamente em meu estômago e, no mesmo instante, me vem uma vontade de

vomitatar que reprimo com sucesso para que ninguém perceba.

— Então quer dizer que meu único filho se casa e não sou convidada? – a velha quebra o silêncio.

Adrian a olha e apenas sorri.

— Seria se não fosse tão chata e intransigente – Terry diz e a chuto por debaixo da mesa.

— Bom o que interessa é que nosso filho está feliz – seu pai diz amigável.

— Pelo visto, também não espero ser convidada para seu casamento – a velha diz se dirigindo a sua filha e Jonas.

— Talvez eu a convide. Quem sabe? – ela soa com ironia e agradeço por não ser a única desconfortável nesse momento.

— Meu amor, é melhor você comer – Adrian diz olhando para meu prato intacto. Tento comer, mas o forte cheiro de camarão me dá enjoo. Estico minha mão para pegar uma taça de vinho e sou impedida por Adrian discretamente. Ele cola sua boca em meu ouvido e dispara baixinho:

— O que pensa que está fazendo? Não pode beber – ele se irrita. Enche um copo com suco e coloca ao lado do

meu prato. Eu só queria encher a cara para me livrar dessa situação constrangedora.

O almoço segue normalmente. Todos conversam como se nada tivesse acontecendo e isso é o que mais me assusta. Não consigo entrar nessa onda de falsidade e família feliz. Só quero terminar minha comida e cair fora. Mas por hora, tento manter as aparências.

A nossa tarde está sendo maravilhosa. Adrian insistiu para irmos à roda gigante e na pequena montanha-russa. Andamos sobre o píer de Santa Mônica olhando para a pequena multidão aglomerada. Turistas de todos os lugares se divertiam e nós nos divertíamos tanto quanto eles. Fazia tempos que não tinha uma tarde tão tranquila.

Descemos para a areia da praia e caminhamos pela água do mar. De onde estávamos, dava para ver perfeitamente a enorme casa dos pais dele. Devo reconhecer, a velha nojenta mora num dos lugares mais bonitos que já tive a oportunidade de conhecer.

— Já está tarde. Quase sete da noite — Adrian diz e o vento suave da noite parece abraçar-nos.

— Nossa! Nem senti a hora passar. É tudo tão lindo aqui.

— Podemos vir mais vezes, se quiser – recebo um beijo apaixonado.

Afasto-me ainda ofegante.

— Vou ficar mal-acostumada desse jeito. Com você me mimando tanto.

Ele alisa meus cabelos e me puxa contra ele.

— Então, meu amor... Prepare-se porque vou te mimar muito ainda. Isso aqui não é nem o começo. Vou fazer de tudo pra te ver sorrir e ver você tão feliz como agora.

— Já te disse que eu te amo? – pergunto sorrindo por ter encontrado um homem tão maravilhoso.

— Já... Mas pode dizer de hora em hora que eu não vou achar ruim – ele ri e me joga na areia caindo com seu corpo sobre o meu e me beija loucamente.

“Como não me apaixonar ainda mais a cada minuto por esse homem?”.

— Vamos pra casa. Você precisa descansar e nosso bebê também – e sai de cima de mim, levanta, me pega no colo e anda comigo assim até sairmos da areia.

Chegamos a casa e tudo está silencioso. Maria aparece na sala e informa que todos saíram. Jonas e Terry foram dar uma volta no parque e os pais de Adrian foram jantar fora. O que me deu um tremendo alívio. Subimos para nosso quarto e tomamos nosso banho juntos. Quando termino, coloco um vestido bem leve.

— Amor, eu vou até a cozinha pedir para a Vera preparar algo para comermos e já volto.

— Pede pra ela trazer aqui no quarto quando estiver pronto. Vou colocando um filme para a gente assistir. O que acha? — ele diz, mas não consigo me concentrar olhando-o somente de cueca.

— Tá. Já volto. Não demoro — respondo e saio com meu corpo já em estado de ebulição. Deve ser os hormônios da gravidez.

Peço para Vera fazer um lanche para nós e a campainha toca.

— Deve ser a Srta. Terry. Ela disse que não demoraria — Vera diz.

— Pode terminar Vera. Eu abro a porta — sorrio para ela que me agradece. Vou em direção à porta e abro. Minha alegria momentânea desaparece num piscar de olhos.

— Ahhhhhhhh! – Alana grita ao me ver.

— Te assustei, querida? – a olho sem entender o que essa maldita dois faz aqui?

— Meu Deus! Quer me matar de susto? Porque você está tão... – ela me encara sem fala.

— Vai entrar? Porque se vai ficar aí parada como uma idiota, eu adoraria bater a porta na sua cara – me viro furiosa andando em direção à cozinha, mas paro para observá-la. Quando acho que não pode ser pior, eis que me aparece outro pesadelo.

Ela entra com uma pequena bolsa de mão toda segura de si. Nesse momento, Adrian desce as escadas somente de shorts preto e a encara mais surpreso do que eu.

— Alana? O que faz aqui?

Ela o olha de cima a baixo e tenho vontade de arrancar os olhos dela.

— Oi, Adrian. Tudo bem? Onde está sua mãe?

— Saiu. Mas o que você faz aqui?

— Vim para a festa da Miller's. Por que a surpresa? Achei que sua mãe tivesse contado que convidou a mim e ao Tony para a festa – ela sorri e se senta no sofá como se a casa fosse dela.

— E onde está o Tony? – ele pergunta caminhando até o bar e enche dois copos com uísque. O que presumo ser dele e dela.

— No hotel. E, como detesto hotel, ficarei hospedada aqui nesse fim de semana – ela sorri me olhando vitoriosa. Bruaca.

Adrian entrega o copo a ela e encaro os dois com um olhar mortal.

— Vai ficar aí de conversa com ela? Nosso lanche está pronto e estou morrendo de fome – digo cortando o clima.

— Quer comer alguma coisa, Alana? Pedimos para a Vera preparar algo pra nós, mas acho que ela pode incluir mais um prato – ele diz esbanjando simpatia. Ai, ele me paga.

— Quer saber... Perdi a fome – falo cheia de ódio e minha vontade é de dar na cara dos dois. Subo as escadas espumando como um cão raivoso. Só quando chego ao quarto é que percebo que Adrian veio atrás de mim.

— O que foi aquilo? – ele pergunta me deixando mais puta.

— Escuta aqui, Adrian... Já é difícil o bastante ter que aturar sua mãe me jogando indiretas. Agora vem essa

sonsa para acabar com o pouco de autocontrole que ainda me resta – digo alterada pela raiva.

— Eu já disse a você que eu e Alana não temos nada – ele se irrita. — Sabe que odeio essas cenas ridículas de ciúmes.

— Não estou com ciúmes, Adrian. É ela... Ela é uma sonsa, uma cara-de-pau e você um idiota que cai na dela e nem percebe – grito. É claro que estou com ciúmes. Estou me roendo por dentro. Essa vaca não faz nem questão de esconder que gosta dele.

— Não posso acreditar que vou passar por isso outra vez – ele diz com raiva. — Nunca dei nenhum motivo para que você sinta ciúmes, Verônica. Então pare de agir como uma criança – diz e sai do quarto me deixando sozinha.

Se essa vaca acha que vai me atrapalhar, eu acabo com ela antes.

Capítulo 20

Adrian Miller

Saio do quarto irritado. *Como se não bastasse ela querer ficar a cara dela, agora ela vem dá uma de louca também?*

Desço as escadas e Alana ainda está no mesmo lugar. Ela me olha.

— Espero não ter causado nenhum problema. Ela me pareceu um pouco irritada.

— Não causou – digo e sigo em direção à cozinha para pegar nossos lanches. Vera assim que me vê, coloca tudo numa bandeja e eu agradeço.

— Vera, pode levar a Srta. Alana até o quarto de hóspedes? Ah! Antes, sirva algo para ela comer, por

favor.

— Sim, senhor.

— E Vera, arrume um quarto para ela bem longe do meu, se possível – sussurro e ela não consegue disfarçar um sorriso. — Quando meus pais chegarem, apenas avise que fui dormir. Não quero ser incomodado. Boa noite.

— Boa noite, senhor Miller.

Passo por Alana e digo:

— Vera está trazendo algo para você comer.

Ela me olha e diz parecendo chateada.

— Não ficará aqui comigo?

— Você já é de casa. Então, fique à vontade – deixo-a ali, me olhando perplexa, enquanto subo as escadas com a bandeja nas mãos.

Entro no quarto, deixo a bandeja na cama e vou até a varanda. Verônica está deitada na espreguiçadeira olhando em direção ao mar. Agacho-me em frente a ela e me debruço em suas pernas.

— Trouxe os lanches. Vamos comer?

Ela vira a cara e não responde. Está visivelmente irritada.

— Quando quiser, então. — e entro. Sento-me na cama, ligo a TV e começo a comer. Depois de algum tempo ela entra e se deita ao meu lado ignorando-me completamente e dorme.

Já se passam das cinco da tarde. Daqui a pouco começam a chegar os convidados e os preparativos estão a mil por hora.

Verônica e eu quase não nos falamos. Ela faz questão de me ignorar, principalmente, se estou perto da Alana. Não sei como uma pessoa pode sentir tanto ciúmes de algo que nem existe. Eu jamais a trocaria pela Alana. Jamais. Esperava que ela soubesse disso. Minha mãe também não ajuda muito. Fez questão de me aporrinhar com a história do meu casamento de forma clandestina. Alana nem pareceu se importar ao saber que me casei, já Verônica teve um acesso de raiva dizendo que ela é falsa, uma cobra e que Alana vai fazer de tudo para me tirar dela. Eu sei exatamente quem é Alana e sei que ela tinha esperanças de que fosse ficar com ela depois da morte da Sara. Mas sempre deixei claro para ela e para todos, que isso jamais aconteceria. Não importa o quanto tente dar em cima de mim, eu não a quero.

— Adrian! Papai disse para você acompanhar os rapazes do buffet. Mostrar a casa e como será a recepção.

— Eu? Negativo. Você vai fazer o que?

— Vou com a Verônica até a farmácia.

— Farmácia? Ela está se sentindo mal? Cadê ela? Ela está bem? – pergunto preocupado.

— Ela está ótima, Adrian. Só precisa comprar a vitamina dela que acabou esquecendo de trazer. E você, se livra daquele vodu oxigenado que fica na sua cola – claro que Terry tinha que me deixar irritado.

— Ela não está na minha cola – resmungo.

— Ah não? Ela faz questão de ficar no seu pé só pra irritar a Verônica. E maninho, se sua mulher ficar irritada e perder o bebê, eu mesma mato você – ela diz e dá as costas para mim.

Desde quando ela se tornou tão protetora?

Vou até o escritório do meu pai para ver se o encontro e vejo que a porta está entreaberta. Alana anda de um lado para outro parecendo nervosa. Está falando com alguém ao celular.

— *Eu só preciso de mais tempo... Eu preciso de mais tempo. Não é tão fácil conseguir isso de uma hora*

pra outra... Já disse para não me ligar... Sim, eu entendi... Eu vou conseguir, fique tranquilo.

— Problemas? – pergunto assim que ela desliga. Ela dá um pulo e coloca a mão no peito.

— Adrian? Você me assustou – diz pálida.

— Posso ajudá-la em algo? – questiono intrigado.

— Ah, não. Era só um cliente da Miller's cobrando o contrato. Fiquei de entregar para que assinasse e acabei esquecendo.

— Hum... Avise-me se der algo errado. Podemos pedir para que outro diretor faça a intermediação. Não podemos perder nenhum contrato.

— Sim. Mas já está resolvido. Obrigada – e sai rapidamente. Estranho. Algo no jeito dela me diz que está mentindo.

O pessoal do buffet chega e começo a dar as ordens. Jonas e meu pai aparecem para me ajudar. Após duas horas de instrução para que tudo saia perfeito, vou para meu quarto me arrumar. Verônica e Terry foram para um salão e ainda não voltaram.

Tomo meu banho, me perfume e coloco meu smoking

preto. Verônica entra no quarto já com os cabelos arrumados e maquiada. Está linda! Seu cabelo está liso, preso por seu próprio cabelo num rabo de cavalo baixo. Uma maquiagem leve que destaca toda a sua beleza.

Passa por mim e vai direto para o banheiro. Depois de algum tempo, ela sai enrolada na toalha e começa a se vestir. Fico observando-a calado enquanto coloca sua lingerie preta. Vai até o closet e pega o vestido azul que comprei para ela em Las Vegas. Levanto-me da cama e me aproximo dela.

— Espere. Deixe-me te ajudar – digo fechando o zíper lentamente de seu vestido. — Pronto. Está linda!

— Obrigada – diz sem muito entusiasmo.

— Hei! Os convidados já estão chegando – Terry diz entrando no quarto. Está magnífica em um vestido todo rendado preto.

— Já estamos descendo – digo.

— Uau cunhadinha... Está linda!

— Obrigada Terry. Você também está linda – elas sorriem uma para outra. Fico feliz que estejam se dando tão bem.

— Espero vocês lá embaixo.

Verônica continua a se arrumar. Coloca as joias que lhe dei e se perfuma.

— Pronta? – pergunto.

— Sim, estou.

— Então vamos – pego em sua mão e saímos do quarto.

A primeira pessoa que vejo entre os convidados que já chegaram é Albert. Meu padrinho. Está conversando com meu pai ao lado de uma mulher de cabelos encaracolados e vermelhos.

Apresento alguns amigos a Verônica e assim que me viro, dou de cara com a linda ruiva que me encara com olhos predadores. Amélia. O que ela faz aqui? Porque está ao lado de Albert? Aproximo-me lentamente e antes que eu chegue até ela, Verônica me olha.

— Não quero você perto daquela mulher. – A olho confuso.

— Vou apenas cumprimentar os convidados. Vai ficar com ciúmes de toda mulher que se aproximar de mim

agora? – pergunto irritado. Ela solta meu braço e caminha para longe de mim.

Continuo andando e quando chego, Amélia me dá um sorriso mostrando seus dentes perfeitos e alinhados.

— Adrian?

— Amélia? Não esperava encontrá-la aqui – digo e Albert me cumprimenta.

— Adrian! Você e Amélia se conhecem?

— Claro. Amélia e Sara eram colegas de quarto na faculdade.

— Ah! – ele exclama sem graça.

— E seu marido? Por que não veio? – pergunto pegando um copo de uísque que o garçom nos oferece.

— Está numa viagem de negócios. Então Albert me convidou para acompanhá-lo a festa – ela diz olhando ao redor.

Safados! Está na cara que Albert está saindo com ela. Ainda não entendo, essa necessidade louca de trocar de mulher como quem troca de roupa que ele tem.

— Com licença, vou cumprimentar alguns conhecidos – ela diz nos deixando sozinho.

Olho para ele em reprovação.

— A Amélia, Albert? Sêrio? Quando vai tomar vergonha na cara? – pergunto dando um gole em minha bebida.

Ele me olha e ri.

— Eu tenho um fraco por mulheres. Mulheres bonitas e inteligentes.

— Sei. Bom, vou procurar minha mulher e mantê-la ao meu lado, nunca se sabe quando você vai atacar – digo rindo e ele solta uma gargalhada.

— A sua mulher está segura, pelo menos de mim. Agora já não posso dizer o mesmo sobre o homem que está com as mãos nela. – ele aponta a direção com o seu copo e eu me viro para olhar.

Meu sangue ferve no mesmo momento em que a vejo ao lado de Jason Maxwell. Ele a beija na mão com aquela cara de “*quero te foder*” e ela, é só sorrisos.

— Quem convidou esse infeliz? – rosno.

— Certamente, seu pai. Eles são amigos.

— Ah, claro – digo irritado.

— É melhor ficar de olho – ele diz dando tapinhas em meu ombro e sai caminhando entre os convidados me

deixando sozinho com minha ira.

Dou três passos e sou bloqueado por Alana.

— Vejo que sua mulher é bem íntima do Sr. Maxwell – ela cutuca.

— É, eles são amigos – digo tentando esconder meu ciúme.

— Amigos? Conta outra, Adrian. Nós dois sabemos que tipo de amigos ela tem. Quem sabe ela e ele não...

— Cala sua boca, Alana – digo irritado e a empurro para que me dê passagem. Vou caminhando em direção a eles e a vontade que tenho é de matar esse infeliz. Sempre no meu caminho.

— Adrian! Adrian espere! – minha mãe me puxa pelo braço.

— O que foi? – pergunto irritado.

— Seu pai precisa te apresentar alguns investidores. Eles estão...

— Agora não – digo e continuo sem dar a mínima para ela.

Quando estou bem próximo a eles, escuto:

— Você ficou ainda mais bonita com esses cabelos

claros. Mas preciso confessar que gostava mais de seus cabelos pretos – o filho da puta diz tocando nos cabelos dela e ela sorri.

— Olha se não é o famoso Jason Maxwell. O homem que vive cercando a minha mulher – digo sorrindo com ironia e sinto que Verônica fica tensa.

— Adrian Miller – ele retribui o sorriso. — Estava aqui conversando com a Verônica. Disse que o loiro caiu bem para ela, quase não a reconheci.

— Creio que seria impossível. Já que assim que passou por aquela porta, veio diretamente a ela – digo irritado. Filho da puta petulante.

— Adrian... – Verônica diz me olhando em tom de alerta.

— Se está procurando por meu pai, ele está no jardim. Acho que seria educado da sua parte ir cumprimentá-lo – digo e ele não tira seu sorriso presunçoso da cara.

— Certamente o farei. Se me dão licença – e se retira. Maldito.

— Isso é jeito de tratar um convidado? – Verônica pergunta claramente insatisfeita.

— Não quero você perto dele. – falo entredentes

segurando-a pelo braço. Ela se desvencilha de mim com um puxão.

— Ah é mesmo? Veja como soa essas palavras saindo da sua boca – e sai, virando as costas para mim. *Diabos! O que foi que eu fiz?*

Procuro-a entre as pessoas e a vejo conversando com Terry. Como sei que está em boas mãos, ando entre os convidados enquanto toca a música de *David Guetta - Without You ft. Usher* em busca de mais alguns copos de uísque para me acalmar.

Albert conversa com meu pai ao lado de Jason, aquele desgraçado. Não vejo Amélia em nenhum canto. Jonas está com Hélio e Fábio, os advogados da Miller's, conversando sobre Direito Político. Nem em festa, esse povo para de falar de trabalho, impressionante.

Decido ir até a cozinha para ver se está tudo certo com Maria. Ela insistiu em ajudar a Vera mesmo eu não concordando. Ando pelo corredor que dá acesso ao escritório e vejo Amélia parada na porta. Está atenta e ao que me parece, ouvindo conversas alheias. Aproximo-me sorrateiramente e indago:

— Posso saber o que faz aqui?

Ela dá um pulo, se vira ainda mais pálida do que já é e gagueja:

— A-Adrian...

Percebo que a porta está entreaberta e que Alana e minha mãe conversam.

— É impressão minha ou estava bisbilhotando o que não deve?

— Estava à procura de um toalete – ela diz na maior cara-de-pau.

— Toalete? Hum... Interessante – ela cora.

— Com licença – diz e sai desnorteada.

Empurro a porta do escritório e no mesmo instante, Alana e minha mãe param de falar. As duas tem a mesma expressão de espanto no rosto. O mesmo que acabei de ver no rosto de Amélia. Seja lá o que for que conversavam, devia ser um assunto muito interessante.

— O que fazem trancadas aqui? – pergunto curioso. Como conheço bem minha mãe, ela deve estar conspirando contra alguém.

— Nada – Alana responde. — Estávamos apenas conversando – ela sorri.

— Bom, vou deixar vocês a sós – minha mãe diz e se retira fechando a porta do escritório.

Alana anda em minha direção com passos firmes e

imponentes. Passa por mim e chega até a porta e a tranca.

— O que está fazendo? — pergunto indo para destrancá-la. Se Verônica me pega trancado aqui com ela, será um escândalo.

Alana me bloqueia com seu corpo e posso sentir o cheiro de bebida nela. A festa mal começou e ela já bebeu mais do que o normal.

— Ah, Adrian! Quando você perceberá que sou eu a mulher certa para você? — ela pergunta enlaçando seus braços em meu pescoço.

— Para com isso Alana. Já tivemos essa conversa milhões de vezes — tento empurrá-la, mas ela gruda em mim.

— Sim. Mas nunca me deu uma chance para provar que posso te fazer feliz — ela diz e encosta sua boca em meu pescoço. Consigo sentir seu hálito quente em minha pele.

— Alana, pare! — elevo a voz segurando-a pelos braços e a empurro. — Acho que já bebeu demais. Seria melhor se se mantivesse afastada de mim. Somos amigos. Apenas isso. Não confunda as coisas — ela me olha e ri. Destranco a porta do escritório e saio, deixando-a sozinha, respirando aliviado por ninguém estar no corredor. Alana já está ficando mais do que chata. Preciso

dar um basta nisso.

Capítulo 21

Verônica S. Miller

Ando por todos os cantos e não vejo Adrian. Pode até parecer coincidência, mas também não vejo aquele vodu magricelo da Alana.

Passo por alguns convidados e vejo Sr. Rômulo com amigos e Jason ao seu lado que me olha e dá uma piscadela de matar. Fico sem graça, pois Albert, claramente, o viu jogando charme para meu lado.

Continuo minha busca por ele e começo a ficar insegura só de pensar que ele pode estar com ela. Não sei como ele não percebe a vaca que ela é.

— Se está procurando seu marido, deveria ir até o escritório. Ele está lá, com Alana – a velha rabugenta diz surgindo do nada como uma aparição em filmes de horror.

Bruxa. Dou um sorriso falso e ela sai com aquela cara horrorosa e sem expressão.

Vou até a sala e viro o hall para entrar no corredor.

— Verônica? – Topo com Adrian no hall.

— Onde estava? – pergunto, mas logo vejo atrás dele Alana.

— Estava te procurando. Que bom que achei – ele sorri e me beija. Se ele acha que sou uma tapada, está muito enganado.

— Preciso ir ao banheiro – digo me afastando e passo por ele e ela.

Assim que entro no banheiro, fecho a porta e vocifero socando a pia de mármore:

— *Maldita! Desgraçada! Argghhh, que ódio!*

Tento me acalmar, pois sei que isso tudo afeta o bebê. Jogo uma água no rosto e me olho no espelho. “*Estava me procurando? Mentiroso!*”. Vamos ver se eu não acabo com a alegria dele.

Saio do banheiro e vou direto para o jardim tomar um ar fresco. Até a música me irrita nesse momento.

— Linda a noite, não? – Jason diz e sorri da forma que só ele sabe.

— Sim. Linda, mesmo.

— Iria te convidar para uma dança, mas seu cão de guarda com certeza arrancaria meus olhos, quebraria meus dentes e tiraria meu coração de dentro do corpo somente com as mãos – ele ri.

— Só você mesmo, Sr. Maxwell – digo entre gargalhadas.

— É verdade. Ainda não posso acreditar que se casou com aquele brutamonte.

— Ele não é um brutamonte. Apenas se sente ameaçado por sua beleza estonteante e sua bela cara-de-pau – digo e ele ri.

— Fazer o que? Você me atrai, é linda, inteligente e uma companhia agradável.

Tá aí! Acho que sei como farei para que Adrian prove de seu próprio veneno. Que mal faria fazê-lo sentir só um pouquinho de ciúmes?

— Acho que vou aceitar a dança – ele me olha intrigado arqueando as sobrancelhas. Pega em minha mão e me conduz para o meio dos convidados onde todos dançam ao som de *Lifehouse – You and Me*.

Olho atentamente ao nosso redor e não vejo Adrian. Jason coloca uma mão em minha cintura, segura a outra e

cola seu corpo ainda mais no meu. Preciso dizer que essa proximidade toda, me deixa um pouco desnorteada. Jason é lindo, um perfeito cavalheiro e estar tão próxima, pode ser um problema.

— Não sei o que pensa que está fazendo, mas estou gostando – ele sussurra em meu ouvido e sorri.

— Estamos dançando, Sr. Maxwell.

— A última vez que estávamos assim, tão próximos, eu estava com as mãos dentro da sua calcinha – ele ri.

Olho para ele abismada.

— Você é sempre assim? Tão direto?

— Não costumo perder tempo – ele me olha nos olhos.

— Aquilo não vai mais acontecer, Jason – digo e continuamos a dançar conforme o ritmo da música.

— Você está linda!

— Você me disse isso assim que me viu.

— É, eu sei – ele sussurra com a boca perto do meu ouvido. — Adoro ser repetitivo – sinto um duplo sentido. Sua mão desce devagar por minhas costas parando em minha bunda fazendo com que me arrepie.

— Vejo que ainda não é imune aos meus encantos – ele ri.

— Não começa, Jason – alerta. Ele tira sua mão voltando-a para minha cintura.

— Acho que tem um marido irritadinho bem a nossa frente – ele diz olhando para Adrian e acena. Louco!

— Não estamos fazendo nada demais – sorrio triunfante ao ver Adrian espumando de raiva. Finjo não notá-lo, o que o deixa ainda mais irritado. Está bebendo e nos olhando atento. De repente, não o vejo mais.

— Pode me dar licença? – ouço uma voz atrás de mim. Quando me viro, Albert sorri para nós.

— Será que posso roubá-la de você por alguns minutos? – ele diz e Jason assente deixando-nos a sós.

Olho para Albert e ele leva sua mão em minha cintura me conduzindo numa dança lenta.

— Sei o que está tentando fazer e já te digo que isso não vai acabar bem – ele me olha e sorri.

— Não sei do que está falando – digo envergonhada.

— Adrian detesta o Jason e tenho certeza que você sabe o porquê.

— Só estávamos dançando. Não que eu te deva

alguma explicação, é claro – digo. Sujeito petulante.

— Está certo. Só quero que saiba que Adrian é louco o bastante para acabar com essa festa inteira caso ele se irrite com Jason. Ele é um bom homem. Não o magoe – Albert diz, beija minha mão e se afasta.

Fico ali, parada, apenas absorvendo tudo. Não entendo porque ele saiu em sua defesa. Cada louco nessa família.

— Cunhadinha! Aí está você! – Terry diz por trás de mim me assustando.

— Que susto Terry! Quer me matar?

— Você viu aquela sonsa da Alana por aí? – ela pergunta enquanto bebe seu cosmopolitan.

— Não.

— Você vai perguntar mesmo sobre aquilo?

— O exame? Claro. Mas de um jeito que ela não tenha saída a não ser confessar.

— Deveria ter falado mais cedo. Mas não tem jeito. Amanhã ela vai embora e precisamos encurralá-la para saber da verdade.

— Vou fazer isso assim que encontrá-la – digo.

— Verônica? – olho ao meu lado e vejo Tony. Lindo. Também de smoking preto perfeitamente alinhado em seu corpo.

— Tony! Tudo bem?

— Sim. Acabei de chegar. Perdi muita coisa? – ele abre um sorriso.

— Não muita – Terry diz. — Tudo bem?

— Oi, Terry. O Sr. Miller, onde está?

— Meu pai está no jardim e Adrian, não faço ideia – ela diz.

— Bom, vou dar uma volta e cumprimentar o pessoal. Com licença.

Tony se afasta e Terry pega em minha mão me puxando entre os convidados.

— Espere! Aonde vamos? – pergunto curiosa.

— Achar a vaca e dar uma lição na maldita.

— Terry, agora não. Não acho uma boa ideia.

Ela para subitamente e me olha.

— Verônica, eu estou morrendo de vontade de dar na cara dela. Não sei como você consegue ficar assim,

calma.

— Não estou. Só aparento porque a minha vontade é de arrancar a cabeça dela. Não desgruda do seu irmão nem por um segundo – falo irritada e cruzo os braços olhando ao redor procurando por ele.

— Nem parece que se casaram há dois dias e que estão em lua de mel – ela ri.

— Culpa daquela vaca – digo entredentes.

— Mais um motivo pra encontrarmos ela e dar-lhe uma surra – Terry diz tão irritada quanto eu. — Já volto, Jonas está me chamando.

Vejo Jonas fazer um sinal para ela. Fico olhando-a ir até ele. São tão fofos. Jonas é perfeito para ela.

— Se divertindo muito? – Amélia pergunta colando ao meu lado. Olho para ela descontente. Mais uma pra encher a minha paciência.

— Imagino que também esteja – respondo sem a menor simpatia.

— Fiquei sabendo sobre seu casamento repentino com Adrian. Vejo que não perdeu tempo – ela me olha com desconfiança.

— E pelo visto, você também não costuma perder o

seu – sorriu com ironia. Olho para frente e vejo Alana passar. Ela caminha de forma sensual com sorriso no rosto alheia a todos. Eu daria tudo para tirar aquele sorriso da cara dela. Maldita! — Mulherzinha intragável – digo esnobe.

Amélia me olha e ri me deixando irritada.

— Devo admitir que estou mudando meu conceito sobre você. Também odeio essa sonsa – ela diz.

— Meu conceito sobre você continua o mesmo. Não ligue mais para o meu marido, seja a hora que for.

— Não sou sua inimiga, Verônica. Mas, enquanto você estiver rodeada por certas pessoas, corre o risco de acabar igual a Sara. Tome cuidado – ela sussurra e se afasta.

“O que? O que ela quis dizer com isso? Vou procurar a Terry. Precisamos desmascarar a Alana e vai ser agora. Mas antes, preciso pegar aquele exame em meu quarto.”

Capítulo 22

Adrian Miller

Alguns minutos antes...

Verônica já está me irritando com essa exposição exagerada ao lado desse filho da puta. Pego mais um copo de uísque e já nem consigo me lembrar quantos copos bebi só tentando me acalmar para não cometer um homicídio na frente de todos. Vê-lo assim, tão próximo a ela, me faz lembrar de Nova Iorque e eu odeio essa sensação de que aconteceu algo entre os dois. Tenho vontade de ir até lá, quebrar a cara dele. Socá-lo até ver a última gota de sangue escorrer de seu corpo.

— Noite ruim? — Albert pergunta me tirando de meus devaneios assassinos.

— Ruim? – sorrio fracamente. — Minha noite está um pesadelo.

— Mulheres! – ele ri.

— E Amélia? – pergunto sem muita curiosidade.

— Está conversando com algumas amigas – diz bebendo um pouco de seu drink.

Olho para Verônica dançando com Jason e o vejo abaixar a mão até sua bunda sussurrando algo em seu ouvido. Imediatamente fico ávido de ódio e minha expressão muda.

— Vou matar aquele desgraçado! – digo furioso.

Albert ri.

— Jason está fazendo isso apenas para te irritar. Quer um conselho? Vai dar uma volta e esfrie a cabeça. Quando sua mulher estiver longe dele, seja homem e mostre a ela quem manda – ele diz numa facilidade que me deixa pasmo.

— Não sou um homem das cavernas, Albert. Mas nesse momento tenho vontade de matá-lo na frente de todos e arrastá-la pelos cabelos até o quarto para dar uns bons tapas em sua bunda – digo irritado e ele ri mais ainda.

— Você é bem parecido comigo. Eu já teria feito isso há séculos. Mas sabemos que isso seria um escândalo, então, esfrie a cabeça e tome conta da sua mulher direito. Se estivesse ao lado dela, ela não estaria nos braços dele — ele conclui me dando tapas no ombro e sai.

Tento me manter calmo, mas é impossível. Prefiro sair daqui senão sou capaz realmente de matar os dois.

Vou andando entre os convidados e chego até a sala.

Eu estou puto em ter que ver aquele desgraçado do Jason jogando charme para cima da minha mulher. Maldito! Eu ainda quebro os dentes dele. Vamos ver se ele conseguirá sorrir outra vez. Subo as escadas cuspiendo fogo. Passo pelo corredor e sigo direto para o meu quarto. Assim que abro a porta, vejo Alana sentada em minha cama. Essa é outra que não desiste. Que saco!

— O que faz aqui? — pergunto irritado.

— Tem certeza de que não sabe? — ela me olha de um jeito sínico. Prefiro acreditar que você não é tão idiota assim — diz levantando-se e vindo em minha direção.

— E eu prefiro acreditar que você não é uma vadia — ironizo, mas ela não se sente afetada.

— Eu quero você Adrian. Sempre quis. Eu costumo ter o que eu quero. — ela agarra minha gravata. — Você

era meu antes da sonsa da Sara te roubar de mim. E será meu agora. Não vou perder você para aquela cópia malfeita – ela diz e começa a rir.

— Você é patética, Alana. Completamente descarada. Sou casado e não tem nada que você possa fazer contra isso.

— Será que não mesmo? – com sua boca bem perto da minha e dá um sorriso diabólico. — Pra tudo na vida se arruma um jeito, Adrian. Sou paciente. A espera valerá a pena – ela diz saindo do quarto me deixando sem fala.

Desde quando ela ficou tão atrevida?

Não posso mais mantê-la na empresa. Assim que chegar ao Brasil, darei um jeito de demiti-la. Quero-a bem longe da Verônica e do meu filho.

Apago a luz do quarto e vou até a varanda tomar um ar. Olho para baixo e vejo os convidados animados conversando e bebendo alheios a tudo. Eu não deveria ter vindo nessa maldita festa. Mas como eu saberia que Alana e Jason estariam aqui? Se eu soubesse, jamais teria vindo.

Enquanto vejo todos atentamente se divertindo, a luz do quarto se acende e vejo Verônica entrar. Ela caminha até o closet e procura algo entre suas coisas.

— Cansou? – pergunto caminhando até ela que me

olha assustada.

— Não sabia que estava aqui – ela responde.

— Claro que não. Passou tempo demais ao lado daquele idiota para reparar o que se passava ao seu redor – digo irritado.

— Olha Adrian, não estou a fim de brigar, então... – ela diz dando as costas para mim e eu fico puto.

— Não me dê as costas, Verônica – seguro-a pelos braços. — Sabe que eu odeio aquele sujeito e você faz questão de me irritar estando ao lado dele – digo elevando a voz.

— Engraçado... Agora que a situação é inversa, você tem direito de ficar aí todo bravo. E, quando eu questiono sua aproximação com aquela cobra, eu sou a louca ciumenta. Como se sente agora? – ela pergunta irritada e entendo completamente o que ela quer fazer. Deixar-me louco.

— Você deixa aquele filho da puta se aproximar de você só pra me deixar puto? – pergunto indignado.

— Claro que não. Jason e eu somos amigos – diz na maior cara-de-pau.

— Amigos? Amigos? – me irrita. — Aquele cara quer foder você e você aí me fazendo acreditar em

“somos apenas amigos”. Conta outra – digo entredentes elevando ainda mais a voz e ela estremece.

— Não grita comigo. Não tem o direito de fazer essa cena ridícula. Assim como você diz que não tem nada com a Alana, eu também não tenho nada com o Jason.

— É diferente, você sabe disso. Você é minha mulher. Não quero vê-la se esfregando com outro por aí. Eu não sei o que aconteceu entre vocês naquela viagem, mas desde Nova Iorque que ele te persegue. Só que agora é diferente você é minha, e se continuar dando mole pra ele eu...

— Não viaja, Adrian. Sabe que nunca tive nada com ele – ela me corta aos berros. — Agora o ciumento e paranoico está sendo você – ela conclui e se afasta saindo em direção à porta.

Vou atrás dela que anda a passos largos, irritada.

— Verônica! Verônica! – grito indo atrás dela. — Eu ainda estou falando com você – ela desce as escadas rapidamente e sai pela porta da sala indo para o jardim.

Tento alcançá-la.

— Verônica! Verônica! Droga! – praguejo.

Ela cruza o jardim parando bem próximo de alguns garçons. Ela pega um copo com uísque e quando o leva

até a boca para beber eu o retiro jogando o copo tão longe que nem vejo onde caiu.

Ela me olha com os olhos lacrimejados, emburrada por ter derramado um pouco de bebida em seu vestido.

— O que pensa que está fazendo? Você está grávida, merda! – grito furioso. — Sabe que não pode beber.

— Você me deixa nervosa, Adrian – ela resmunga.

— Você também me deixa.

— Eu só quero ter um pouco de paz. Não quero ter que olhar para aquela velha maldita me regulando e me lembrando o tempo todo de que não sou boa o bastante pra você. Não quero ter que cruzar com a Alana se oferecendo como uma vagabunda, todas as vezes que estou perto, só pra fazer com que brigemos – diz com a voz embargada.

— Você não conversa comigo, porra! Prefere agir como uma criança mimada me dando as costas todas as vezes que me aproximo.

— Porque você, Adrian, às vezes é um idiota – ela diz e as palavras me afetam. Ela me olha por alguns segundos e se afasta de mim. Dessa vez, não a sigo. Ela está chateada e não quero perder o controle brigando com ela.

— É, noite ruim é apelido – Albert surge como uma

sombra rindo da minha cara.

— Vai ficar me seguindo a noite toda só pra me zoar?
Pergunto olhando para ele.

— Não tenho nada melhor pra fazer. Pegou leve com ela. Ela te chamou de idiota e você não fez nada. Tá ficando mole garoto.

— Uma vez eu perdi o controle com ela e acabei a machucando. Prometi a mim mesmo que jamais encostaria nela de novo. O mais engraçado, é que foi pelo mesmo motivo – digo dando um suspiro pesado.

— Jason? – ele pergunta.

— Esse cara é um encosto.

— Ele é um cara insistente. E se você não tomar cuidado, ele te passa a perna e rouba a sua mulher.

Fico pensativo.

— Ela está grávida, Albert – sussurro olhando para sua reação perplexa.

— Como assim, grávida? Grávida? Desde quando?

— Soubemos a pouco tempo. Ainda está no começo. Não sei ao certo, mas acho que deve estar com uns dois meses agora – falo sorrindo.

— Por que não contou para sua família?

— Eles não gostam dela. Minha mãe a odeia e faz questão de nos atrapalhar. Estamos com medo da reação deles e ela não pode ficar nervosa. Não quero que nada aconteça com meu filho.

— Você a ama?

— Muito. Não consigo mais viver sem ela, Albert – digo com sinceridade.

— Sabe garoto, estou feliz por você. Feliz em saber que reconstruiu sua vida depois de tudo que passou – Albert diz e sinto uma diferença na forma em que fala comigo.

— Por que nunca quis ter filhos, Albert? Já é casado há tantos anos com a Márcia e nunca teve vontade de ter filhos?

— Márcia não pode ter filhos – responde entristecido e abaixa a cabeça.

— Não sabia disso. Achei que não gostava de crianças. Apesar, que desde quando era criança, sentia que você me amava mais do que meu próprio pai – digo e ele abre um sorriso meio tenso.

— Sou seu padrinho. Claro que o amo como se fosse um filho.

— Como sabe, nunca conheci meu pai biológico. Mas se quer saber, ele nunca me fez falta, pois sempre tive você e meu pai ao meu lado me dando conselhos e fazendo de mim o homem que sou hoje. Acho que se não fosse por vocês, eu não teria a mesma vida se continuasse com aquela mulher horrível.

— Mas isso é passado. O que importa é que está feliz — ele diz e me dá um abraço apertado. — Pode deixar que não vou contar sobre seu filho. Mas Adrian, uma hora eles terão que saber. Fico feliz por ter me dito. Ter confiado em mim.

— Eu sei — sorrio e então, ele caminha para longe e o sigo com os olhos até vê-lo dar um abraço em Amélia.

Preciso encontrar a Verônica e ver se ela está bem.

Capítulo 23

Verônica S. Miller

“Droga, Terry... Onde você está?” – sussurro, para mim mesma, procurando-a por toda a parte da imensa casa.

Vejo Jonas logo à frente conversando com Tony, então me aproximo.

— Jonas, você viu a Terry por aí?

— Ela estava te procurando há alguns minutos – ele diz.

— Eu a vi indo em direção ao salão de jogos. Ela e Alana – Tony responde e fico apreensiva. *“Droga! Terry vai fazer alguma merda!”*.

Volto para o quarto. Preciso buscar o exame, pois

não tive como pegar com Adrian lá. O encontro dentro da minha bolsa e saio rapidamente com ele em minhas mãos. Vou à procura de Terry na sala de jogos. Quando entro, vejo-a junto com Alana, em uma briga descontrolada.

— Você é uma fedelha drogada. Nem sua mãe te suporta garota – Alana diz debochando dela.

— Retire o que disse sua vaca mal-amada – parto para cima dela, mas sou contida por Terry.

— Verônica, não! – ela me segura.

— Não o que Terry? Essa mulherzinha já encheu minha paciência – me enfureço.

— Se encostar um dedo em mim, juro que irá se arrepender – Alana diz entredentes. — Não sei o que Adrian viu em você. Uma cópia malfeita daquela sonsa, ladra de homens.

— Seria interessante saber o que Adrian pensará ao seu respeito Alana, quando ele souber que envenenava a Sara contra ele – Terry diz.

— Nunca precisei. Sara era uma louca paranoica.

— Talvez ela tenha ficado paranoica depois de ver este exame de gravidez que recebeu um dia antes dela morrer, não? – digo balançando o envelope para que veja. — Pelo que sabemos ninguém nunca soube que você

estive grávida. Então, presumimos que você tenha forjado esse exame e entregou para ela só para que ela deixasse o caminho livre pra você. Mas como ela morreu antes não teve tempo para contar pra ninguém, não é mesmo? Assim, você não precisou ir adiante com sua farsa. Achou que depois que ela morresse, Adrian iria correndo para seus braços – digo e ela empalideceu. — Como é descobrir que depois de tanta armação, ele nem sequer olha pra você? E mais, preferiu a mim, uma cópia malfeita, a você – cuspo tudo o que está entalado em minha garganta e ela avança em mim.

— Me dá isso – grita desesperada puxando meus cabelos tentando pegar o envelope da minha mão.

— Me solta sua vaca! – grito e Terry tenta nos separar. Empurro-a para longe e o olhar dela se transforma.

— Acha mesmo que pode fazer ele te amar? Olha pra você, não passa de uma prostituta barata que ele contratou numa esquina qualquer – ela diz e perco o controle partindo para cima dando tapas em sua cara. Ela tenta se defender de meus ataques e Terry segue tentando nos separar desesperada.

— Mas que porra é essa? – ouço o grito enfurecido de Adrian que vem nos separar. Ele se coloca entre mim e Alana gritando como um louco. — Parem com isso agora!

Quando ele nos separa, Alana dá uma de vítima.

— Sua mulher é uma louca. Partiu pra cima de mim sem eu ter feito nada – ela diz e eu tento avançar nessa sonsa.

— Pare! – ele me segura.

— Não está vendo o que ela quer? É isso que ela quer Adrian. Essa vaca desgraçada quer nos separar – grito e Adrian fica puto.

— Adrian, foi Alana quem começou e...

— Cala a porra da boca, Terry – ele grita com a irmã.

— Não acredito que vai ficar do lado dessa mulherzinha – digo e meus olhos enchem de lágrimas.

— Eu disse para calarem a boca – ele grita mais uma vez e ficamos em silêncio. — Que merda! Até que ponto chegaram...? Isso é ridículo, Verônica – ele diz enfurecido e olha para o envelope em minhas mãos. — O que é isso? – pergunta retirando o envelope de minhas mãos com violência.

— Eu só queria arrancar a verdade dessa dissimulada.

— Adrian não é o que está pensando... Eu só...

— Mandeí se calar— ele olha para Alana que se retrai.

— O que está acontecendo aqui? Meu Deus! Escutei os berros do jardim – Nora entra no salão me deixando ainda mais nervosa.

— Sai daqui mãe. Agora não – Adrian diz com os olhos vidrados no exame de gravidez de Alana.

— Mas que porra é essa? – ele sussurra assustado olhando para nós.

— Isso, é um exame de gravidez que essa sonsa entregou para Sara um dia antes dela viajar, dizendo que estava esperando um filho seu. Ela queria que a Sara deixasse você – Terry diz e Adrian fica petrificado.

— É me-mentira Adrian. Eu não conheço isso e você mesmo sabe que isso se-seria impossível – Alana diz gaguejando. — A Sara deve ter feito isso, sei lá. Nunca vi esse exame na minha vida.

— Mas é claro que é impossível – Adrian a olha. — Onde achou isso, Terry? – ele pergunta para a irmã.

— Eu achei – digo e ele me olha indignado.

— Achou como? Quando?

— Encontrei o envelope na caixa de joias da Sara

naquele dia e acabei lendo o conteúdo do envelope. Então, descobri isso e mostrei para Terry.

— Ah, você mostrou para Terry? Para Terry? – ele grita me assustando. Todas me olham e vejo a satisfação na cara de Alana e Nora.

— Adrian eu só queria...

— Só queria o que, Verônica? Vai me diga! O que você queria? – ele grita furioso me deixando nervosa.

— Eu só queria desmascarar essa vadia. É isso. Só queria mostrar que ela não presta, que é uma mentirosa...

— Pelo visto, não é tão diferente dela, não é? Você também mentiu pra mim. Então era isso que faziam na clínica aquele dia? – Ele ironiza me deixando chateada.
— Está há três dias com isso e pensou em me contar quando?

— Eu ia te contar Adrian – digo e odeio que todas me vejam chorar.

— Achei que confiava em mim, Verônica. Que não houvesse segredo entre nós. Você estava querendo a prova de que isso aqui era verdade? É isso? Sara que era assim como você. Sempre com mania de achar que Alana conspirava em tudo de ruim que acontecia com a gente. Mesmo isso sendo verdade ou não, deveria ter vindo a

mim. Deveria ter me perguntado – ele diz com fúria.

— Você está defendendo ela – digo visivelmente abalada.

— Eu não estou defendendo ninguém – resmungo. — Estou dizendo a você o que eu esperava que fizesse. Mas, pelo visto, você não está nem aí pra mim. Fica nessa fixação igual a Sara ficava.

— Não me compare a ela – grito apontando o dedo em sua cara e enxugo minhas lágrimas que teimam em cair.

— Está sendo injusto, Adrian – Terry diz. — Alana inventa um exame de gravidez, faz com que Sara acredite que a traía com ela e elas é que são loucas e paranoicas? Se eu fosse a Verônica, seu babaca, daria um pé na sua bunda – ela diz saindo irritada.

— Eu juro, Adrian. Eu nunca faria isso. Jamais faria um exame de gravidez e entregaria para Sara. Se ela contasse pra você, já saberia que seria mentira, não teria o porquê eu ter feito isso. Sabe que Sara sempre me perseguiu – Alana desembesta a falar e fico puta da vida com sua cara-de-pau.

— Quer saber... Pra mim já deu toda essa encenação ridícula dessa vadia – digo olhando para ele. — Fique aí, acredite nas mentiras dessa louca. Porque se tem alguém aqui com fixação, é ela por você, que não aceita que

jamais irá amá-la – digo e vejo o ódio no olhar dela.

— Você não é e nunca será a mulher certa pro meu filho – Nora diz na minha cara e eu rebato:

— Não estou nem aí para o que você pensa. A minha sorte, é que meu filho não tem o mesmo sangue que você.

— Filho? Que filho? – ela me olha espantada.

— Verônica... – Adrian me alerta.

— Acho que agora deve ser uma boa hora para contar pra sua família que você será pai. Já que não gosta de mentiras, podemos colocar tudo às claras – digo com raiva.

— Como assim, grávida? – Alana pergunta atordoada.

— Isso se esse filho for mesmo do meu filho, tendo em vista seu currículo enorme – Nora diz me insultando.

— Não admitido que fale com ela desse jeito – Adrian eleva a voz.

— Ela é uma prostituta, filho. Quem garante que esse filho seja seu?

— Cale-se – eles discutem.

— Abra os olhos, filho. Essa mulherzinha está te

enganando. Será que não percebe? Digo isso porque só quero seu bem. Te ver feliz, porque eu te amo – a velha se faz de vítima.

— Como você ama a Terry? Cai na real. Você só ama a si mesma – Adrian diz e começam a discutir. Começo a me sentir mal. Estou um pouco tonta e preciso sair daqui antes que eu enlouqueça. Seco minhas lágrimas e saio do salão deixando todos para trás. Não vou ser humilhada por uma velha ridícula e uma vagabunda de quinta.

Cruzo o jardim e tento manter a respiração, mas não consigo conter o nó entalado em minha garganta. Não fico mais nenhum minuto nessa casa.

Logo à frente, vejo Jason seguir em minha direção rapidamente com um olhar preocupado.

Ele me alcança no momento em que começo a vomitar.

— Hei, linda! O que houve? – ele pergunta enquanto segura meus cabelos. Sinto-me tonta e me desequilibro em seus braços. — Venha, sente-se aqui – diz colocando-me sentada na espreguiçadeira na beira da piscina. Ele gesticula para alguém e ouço pedir um copo com água.

— Eu estou bem Jason – digo ainda me sentindo mal.

— Claro que não está – e se agachando em minha

frente. — Quer me contar o que aconteceu? Precisa que eu chame um médico? — ele me olha. Seus olhos azuis intensos me dizem que está realmente preocupado.

— Foi só uma indisposição. Já vai passar — enxuga minhas lágrimas teimosas.

— Você está pálida e gelada — ele me analisa.

— Eu estou bem, Jason. Obrigada — sussurro.

O garçom aparece e Jason pega o copo na bandeja.

— Aqui. Beba um pouco. Ficaré melhor.

Seu jeito atencioso me comove.

Bebo pequenos goles e quando termino, vejo Adrian parado bem atrás dele. Sua expressão me deixa amedrontada.

Adrian o pega pelo colarinho e antes que eu consiga me levantar para impedir o que está por vir, Jason leva um soco bem no meio da cara.

Capítulo 24

Adrian Miller

Saio do salão de jogos a procura da Verônica, pois se ficar mais um segundo ao lado dessas duas, eu cometo uma loucura.

Caminho pelo jardim e de longe vejo Jason segurando Verônica. Meu sangue ferve o vejo tudo vermelho em minha frente. Alargo os passos e sigo em sua direção como um touro. Agora eu mato esse desgraçado.

Sem perder tempo, paro atrás dele. O agarro por trás virando-o para mim e olho bem em seus olhos antes de desferir um soco em sua cara.

Ele cambaleia com a mão em seu maxilar.

— Adrian, não! – Verônica grita quando vê que me

aproximo outra vez para atacá-lo.

— Qual é o seu problema, cara? – ele pergunta.

— Meu problema é você, seu idiota – e avanço para cima dele. Ele me acerta dessa vez com um soco na boca do estômago e eu revido.

— Mas que porra é isso aqui? Querem me envergonhar? Estão loucos? – meu pai grita e fica entre nós. Jonas também se aproxima, mas fica apenas observando.

— O senhor vai me desculpar, Rômulo. Mas seu filho é totalmente desequilibrado – Jason diz e meu ódio aumenta.

Verônica me olha chateada e percebo que ela não está bem.

Jason dá as costas e vai até ela.

— Está melhor?

— Sim. Por favor, desculpe por isso – ela diz para ele.

— Saia! Tire suas mãos dela – digo e o empurro.

— Você é um idiota, sabia? Sua mulher estava passando mal, estava vomitando e eu apenas a ajudei. Se estivesse ao lado dela, saberia disso – ele se enfurece.

— Da próxima vez que eu te ver ao lado dela, não vou pegar tão leve.

— Babaca – ele diz entredentes e se afasta nos deixando a sós.

— Você precisa se acalmar, filho. Esse tipo de atitude é imperdoável – meu pai me olha decepcionado.

Verônica me dá as costas e começa a caminhar em direção a sala, mas, no meio do caminho, vejo-a parar e levar a mão até a barriga se contorcendo.

Corro até ela e quando a tenho em meus braços ela grita:

— Não encoste em mim.

Ela solta um grunhido de dor e meu corpo paralisa.

— Você não está bem. Preciso levá-la para o quarto e chamar um médico – ela começa a mudar de cor. Toco em sua pele e está trêmula.

— Está tudo bem? – Jonas pergunta preocupado.

Ela olha para Jonas e diz com dificuldade.

— Jonas, pode me ajudar a ir até o quarto?

— Nada disso. Vou levá-la – digo e ela me olha.

— Não quero que toque em mim – ela diz com raiva.

— Pode levá-la Jonas. Vou procurar o Ronald. Ele é médico e pode examiná-la – falo sem deixar transparecer o quanto ela me afetou com suas palavras. Ela está chateada? Ótimo. Eu também estou.

Deixo os dois a sós e saio sem olhar para trás. Olho ao redor a procura de Ronald para que ele a examine. Não posso deixar que nada aconteça com ela.

Dou mais alguns passos entre os convidados e vejo meu pai.

— Pai. O senhor viu o Dr. Ronald? O procurei por todos os cantos e não encontrei.

— Ele está examinando sua esposa – responde.

— Ah! Ótimo. Obrigado. Já estava ficando preocupado – digo aliviado.

Meu pai me olha e diz com meio sorriso:

— Pode agradecer ao Jason, foi ele quem o avisou. Disse que ela estava se sentindo tonta e que havia vomitado.

— A preocupação que esse cara tem com minha mulher me irrita – me enfureço.

— É filho. É melhor começar a controlar esse ciúme.

Lembro em nossas festas de família o escândalo que a Sara fazia por ciúmes de você. Agora, te vejo pior do que ela por essa garota.

— Não fala besteira, pai – resmungo. — Eu amo a Verônica.

— Hum... Mas amava Sara também, não? – ele pergunta intrigado.

— Claro que a amava. Mas é diferente – solto o ar dos pulmões num suspiro pesado. O silêncio se instala entre nós e então, acho que é o momento perfeito para dizer sobre meu filho. — Ela está grávida.

— Quem? Verônica? Quando soube?

— Olha pai, me desculpe não ter contado antes e pelo lance do casamento. É que depois do que aconteceu no Brasil, naquela festa da exposição, a mãe e a Alana estragaram tudo pra mim.

— Sabe o que eu penso sobre Alana, não é Adrian? – ele toca meu ombro e me olha diretamente nos olhos. — Enquanto você estiver perto dela, você não vai conseguir ser feliz com nenhuma mulher.

— Somos amigos, pai. Alana é uma boa profissional. Mas sei que ela tem dificultado as coisas. Hoje mesmo, acabo de descobrir que, talvez, Sara não fosse tão louca

como pensava.

— Como assim?

— Verônica encontrou um exame de gravidez da Alana nas coisas da Sara. E, eu duvido de que Sara tenha forjado aquele exame.

Ele me olha com cautela, me analisa e diz:

— Como se sente?

Olho para ele sem entender.

— Me sinto enganado, claro. Eu sempre defendia Alana dos ataques da Sara e agora, descubro que Alana é uma falsa e manipuladora.

— Não perguntei como se sente em relação a isso – ele ri. — Digo sobre sua esposa estar grávida.

— Ah!... Eu estou feliz, pai. Nunca estive tão feliz em toda minha vida – e sorrio para ele.

— Então viva sua vida, Adrian. Não interessa o que as pessoas pensam sobre seu relacionamento. A única coisa que me interessa, é saber que está feliz. Isso me deixa feliz também – ele diz e me dá um abraço.

— Eu te amo, pai.

— Também amo você. Agora vá ver como sua

mulher está – ele diz se afastando.

— Eu tive uma briga feia com a mãe agora pouco. Foi por isso que Verônica passou mal. Ela claramente não gosta da minha mulher.

— É. Eu sei. Pra falar a verdade, também não acho que ela seja a mulher certa pra você. Só que isso não cabe a mim. Não sou eu quem passará o resto da vida com ela. Se ela te faz feliz, fico feliz por vocês.

— Sabe que não posso ficar aqui depois da briga que tive com a mãe.

— Eu sei. Não se preocupe.

— Vou ver como ela está – digo e caminho para longe dele passando pelos poucos convidados que ainda restam na festa.

Subo as escadas e entro no quarto iluminado apenas pela luz amarelada do abajur. Verônica está deitada na cama e Terry está sentada ao seu lado.

— Como ela está? – pergunto aproximando-me delas e noto que Verônica dorme.

— O Ronald disse que ela está bem. Precisa evitar ficar “*nervosa*” e descansar – minha irmã diz e enfatiza suas últimas palavras, como se eu fosse o culpado por ela passar mal.

— Pode cair fora. Eu fico com ela.

— Você é um grosso, sabia? – ela sussurra, mas sua voz tem um tom hostil.

— E você, ainda vai ter que me explicar porque não me contou sobre aquela merda toda – digo entredentes, chateado.

— Vá à merda – ela diz e sai fechando a porta do quarto.

Me aproximo de Verônica e me sento ao seu lado. Levo minha mão até seu rosto e acaricio de leve. Não quero acordá-la. Dou um leve beijo em seus lábios e me levanto para tomar um banho.

Tiro minhas roupas e ando até o banheiro apenas com uma toalha na mão. Ligo o chuveiro e quando a água está morna, entro.

Flashbacks da noite em que eu e Sara brigamos antes dela viajar, vêm em minha mente.

Eu havia chegado da Miller's por volta das sete da noite. Estava cansado depois de um dia exaustivo fechando um dos maiores contratos da empresa com os japoneses. Quando entrei no quarto, Sara estava inquieta.

— *Você tem alguma coisa pra me dizer? – ela me olhava intrigada segurando um pequeno envelope nas mãos. Estava linda como sempre, de vestido azul salientando sua barriga de seis meses.*

— *Boa noite pra você também – disse tirando o paletó.*

— *Liguei há horas na empresa e você não estava, Adrian. Era com ela que estava, não era? É com ela que anda me traindo, confesse! – ela gritava descontrolada.*

— *Mas que inferno, Sara. Todo dia é a mesma coisa. Pare com essa obsessão, droga! – disse cheio de fúria jogando minha camisa na cama.*

— *Vai me fazer acreditar que ela não estava com você? Não sou obcecada. Ela é uma vadia que está tentando nos separar.*

— *Você está louca!*

— *Não me chame de louca – grita cada vez mais descontrolada me tirando do sério.*

— *Pode esquecer, Sara. Não vou mais nessa viagem com você. Aliás, não aguento mais ficar perto de você nesse estado. Você está descontrolada, não percebe?*

— *Ah, mas é claro. Vai ficar com sua amante. Seu filho da puta! Pensa que eu não sei? – ela grita jogando*

o pequeno vaso de porcelana que havia no aparador em minha direção. Minha sorte, é que sempre tive bons reflexos.

— Se eu descobrir que está me traindo, Adrian, eu desapareço e você nunca mais verá nem a mim e nem ao seu filho – me ameaça aos berros.

— Escuta, Sara... Não tenho amante nenhuma. E se um dia viermos a nos separar, saiba que você será a única responsável por isso – disse olhando para ela que chorava sem parar. — Vou dormir no quarto da Terry. Tenha uma boa viagem amanhã.

Ela estava fora de si naquele dia. O mesmo dia da data do exame da Alana. Eu não posso acreditar que Sara tenha forjado isso. É ridículo. E descobrir isso agora, o porquê dela ter agido de forma violenta aquele dia, só me deixa ainda mais culpado. Eu devia saber o que Alana estava fazendo pelas minhas costas. Depois de hoje, de tudo que ouvi naquela sala de jogos e a forma com que ela falou comigo em meu quarto, agora eu sei... Ela sempre esteve por perto para minar meu relacionamento com Sara e agora, está fazendo a mesma coisa com a Verônica.

Então era isso, Sara queria apenas que eu confirmasse o que ela achava que era verdade. Mas porque ela não me mostrou o maldito exame? Tudo teria

sido diferente. Na hora não entendia sua reação, mas agora... Vendo tudo com mais clareza, ela só estava se sentindo traída. E eu a abandonei, quando na verdade, a culpa disso tudo sempre foi minha. Minha, por ter sido tão cego e manipulado por aquela vadia. Mas não vou cometer o mesmo erro dessa vez. Não mesmo.

Capítulo 25

Verônica S. Miller

Acordo com uma dor de cabeça enorme. A claridade transpassa pelas cortinas claras cegando-me por um momento. Adrian está dormindo ao meu lado de bruços com os braços debaixo do travesseiro.

Levanto-me da cama devagar e noto que ainda estou com o vestido que usei na festa. Levo a mão à cabeça e tento me lembrar como foi que vim parar no quarto depois de toda aquela confusão.

Caminho até o closet e pego uma roupa. Preciso urgente de um bom banho.

Quando termino, saio do banheiro enrolada somente numa toalha e me troco. Começo a fazer minhas malas enquanto Adrian segue dormindo feito pedra. Não ouço

nada. A casa está em completo silêncio. Quando olho no relógio de cabeceira, ele marca sete e meia da manhã. Acho que todos ainda estão dormindo.

Arrumo minhas coisas e as de Adrian. Assim que acabo, ouço batidas na porta e em seguida, alguém a abre.

— Oi! — Terry sorri. — Desculpe entrar assim, só queria saber se estava bem.

— Oi — caminho até ela. — Terminei de arrumar as malas. Quero ir embora assim que Adrian acordar.

— Nossas malas estão prontas. Alana foi embora bem cedo — ela diz cautelosa.

— Ainda bem que ela já foi. Não sei qual seria minha reação se olhasse na cara dela mais uma vez.

— Acha que meu irmão acreditou nela?

— Creio que ele não tenha acreditado nela. Acho que ele está chateado por eu não ter dito a ele — sussurro para não acordá-lo.

— Meu irmão é um idiota. Deu vontade de quebrar a cara dele. É isso que ele sempre faz. Sempre defende aquela vaca. Parece até que ela exerce algum tipo de poder sobre ele — ela diz me deixando pensativa.

— Se ele não se livrar dela, Terry, eu me separo

dele. Não quero viver na sombra de ninguém. Detesto todas as vezes que ele me compara com a Sara. Ele só faz isso, quando ela está por perto – ouço Adrian balbuciar algumas palavras. Olhamos para ele, mas ele ainda dorme.

— Acorde-o e vamos embora. Já falei com meu pai e ele disse que minha mãe não irá mais incomodá-la – diz pegando em minhas mãos abrindo um sorriso.

— Tudo bem – respondo e ela se vai.

Fecho a porta e assim que me viro, Adrian se senta na cama e me olha.

— O que minha irmã queria? – pergunta com a voz rouca, ainda sonolento.

— O mesmo que eu, ir para casa – respondo sem olhá-lo indo em direção ao closet para pegar minha bolsa.

— Faz tempo que está acordada?

— Tempo suficiente para ter arrumado todas as nossas coisas – respondo impaciente. — Se puder se apressar, não quero ficar aqui nem mais um segundo – digo, agora olhando-o firme.

— Certo – ele diz me encarando. — Vai ser assim agora?

— Assim como, Adrian?

— Fria – sussurra. — Ainda está chateada por ontem, posso ver.

Vou até a poltrona onde coloquei sua roupa, junto tudo e pego-as colocando em meus braços. Caminho até ele e jogo tudo ao seu lado.

— Aqui está sua roupa. Não demore no banho – viro e saio do quarto.

No corredor, esbarro com Terry levando sua mala.

— Maria preparou seu café. Quer que peça a ela para trazer pra vocês?

— Não. Vou tomar lá na cozinha mesmo. Estou tentando dar um gelo no seu irmão – resmungo.

— Hunf! É merecido – ela ri.

— Bom, vamos descer e tomar nosso café então – descemos as escadas sorrindo.

Chegamos ao aeroporto internacional de Los Angeles. Adrian fez nosso check-in enquanto fiquei

sentada ao lado de Maria mais preocupada em chegar logo ao Brasil. Nossa saída da casa dos pais dele foi mais difícil do que pensei. Nora não perdeu a oportunidade de me atacar verbalmente e iniciou outra discussão com Adrian. Já seu pai, eu não tenho do que reclamar, apesar de saber que não sou a nora dos sonhos, até que ele foi cortês.

Não dirigi a palavra a ele até agora. Preferi dormir quase todo o vôo. Pelas minhas contas, mais uns dez minutos e desembarcaremos em Guarulhos.

— Já estamos chegando — Terry diz para Jonas a nossa frente.

Maria ainda dorme. Ela precisou tomar um remédio para dormir. Acho que ela não se acostumou com a primeira viagem, mas desta vez pelo menos não ficou rezando igual doida.

Assim que estamos prestes a aterrissar, ouço a aeromoça dar as instruções de segurança e algumas baboseiras.

Ao piscar de olhos, já estamos saindo do avião e logo pegamos um táxi de volta para casa.

Lar doce lar. Não há nada melhor do que estar em sua casa. Assim que abrimos, Max corre até mim, pula em meu colo e quase me derruba.

— Hei, Max! Sentiu falta da mamãe? – pergunto abraçando-o e alisando seus pelos. Ele lambe meu rosto de forma carinhosa, feliz em me ver.

— E aí, amigão! – Adrian o chama e ele corre para ele abanando o rabo. — Não esqueci a promessa de encontrar uma namorada pra você – ele ri.

Deixo Adrian e entro em casa. Peço aos empregados que levem as malas até nosso quarto. Terry foi direto para casa de Jonas. Disse que dormiria lá hoje. Olho no relógio que marcam quase sete da noite. Assim que Adrian entra na sala, digo:

— Pode me emprestar seu carro?

— Por quê? Aonde vai? – ele pergunta intrigado.

— Vou visitar minha mãe.

— Agora? Verônica, você não vai. Já está tarde e...

— Não estou te pedindo permissão, Adrian – digo me sentindo insultada. Não sou uma criança.

— Acabamos de chegar de uma viagem de mais de

doze horas. Você precisa descansar. Porque não liga pra clínica? Amanhã você faz uma visita – ele diz enquanto caminha até o bar e se serve de uísque.

— Quero saber se ela está bem.

— Pode fazer isso por telefone – ele insiste. — Quero que marque também uma consulta. Precisa começar a fazer o pré-natal. Quanto ao carro – ele me olha fazendo uma pausa. — Na próxima semana compraremos um pra você. Não quero você com o Porche. É perigoso – ele conclui.

— Vou para o quarto – subo as escadas deixando-o na sala.

Entro em meu quarto e vou direto ao telefone. Pego o cartão do médico dela e ligo direto para ele.

— Carlos – ele atende.

— Boa noite, Dr. Carlos. Quem fala é Verônica Sandler, tudo bem?

— Boa noite, Srta. Sandler. Aconteceu alguma coisa?

— Ah não! Desculpe ligar a essa hora é que só queria informações sobre o quadro de saúde da minha mãe.

— Ela teve uma melhora significativa. Porém

permanece da Unidade de Terapia Intensiva.

— Uma melhora! – exclamo.

— Sim. Ela está respondendo bem ao tratamento. Acredito que dentro de mais algumas semanas, se tudo ocorrer bem, ela volte para o quarto – me sinto aliviada com a notícia. — Pode vir visitá-la amanhã.

— Irei. Obrigada, doutor. Nos vemos amanhã então – digo e desligo. Adrian está parado, encostado no batente da porta. Ele me olha e sorri. Seu sorriso me desarma por um instante, mas quando lembro dele defendendo aquela sonsa, volto a fechar a cara.

— Está tudo bem? – ele pergunta.

— Sim – dou as costas para ele. Pego uma das malas, coloco em cima da cama e começo a desfazê-la.

— Eu peço pra Maria fazer isso amanhã. Porque não toma um banho e descansa? – ele pergunta e logo sinto suas mãos invadirem meu corpo.

— Eu posso fazer isso – digo me desvencilhando de suas mãos hábeis.

— Qual é o seu problema? – diz irritado elevando a voz deixando-me com mais raiva ainda.

— Eu é que pergunto. Qual é o seu problema,

Adrian? Acha que eu esqueci de tudo que me disse ontem? Não! Não esqueci e está tudo entalado aqui, na minha garganta – olho para ele furiosa.

— Não vou discutir com você. Não fui eu quem menti. Foi você – ele aponta para mim esbravejando.

— Não menti pra você. Apenas não contei, é diferente.

— Pra mim é a mesma merda – ele diz furioso.

— Você defendeu aquela vaca, na minha frente, Adrian. E agora acha que eu deveria sorrir pra você? – elevo a voz. — Às vezes penso que faz isso só para me irritar.

— Não seja ridícula – ele zomba. — Você é que quis me irritar se esfregando naquele babaca do Jason.

— Não o coloque no meio. Não é dele que estamos falando – me irrita. Como ele pode ser tão cínico?

— Como não? – ele pergunta se aproximando de mim e me segura pelos braços. — Pensa que não vi a forma como ele tocava em você? Que não vi os sussurros um do outro ao pé do ouvido? As mãos dele em sua bunda? – ele pergunta entredentes me olhando com seus olhos flamejando.

— Como você mesmo diz você está vendo coisas

demais. Sabe o que é isso né? Ci-ú-mes. — digo soletrando pausadamente deixando-o com raiva. — Ah! Como é mesmo que você fala pra mim? — zombo. — Detesto cenas de ciúmes, lembrei — ironizo. — Eu também detesto — e puxo meus braços de seu aperto.

— Vou tomar meu banho — ele se irrita.

— Isso. Vá mesmo. Pois não vou falar com você até que se livre daquela vaca. Entendeu? — ele me ignora entrando no banheiro.

Nem morta vou deixá-lo me fazer de idiota.

Capítulo 26

Adrian Miller

Chego à empresa às oito da manhã. Antes de ir até minha sala, vou ao RH e procuro pela Vanessa, a encarregada do departamento. Assim que a vejo sentada em sua sala digitando algo em seu notebook, me aproximo.

— Bom dia, Sr. Miller – ela se levanta de sua cadeira.

— Bom dia, Vanessa. Pode se sentar.

— O senhor deseja alguma coisa?

— Hã... Sim. Quero que providencie a carta de demissão da Srta. Alana. Tem apenas quinze minutos para isso. Entendeu? – Ela me olha assustada.

— Mas... Senhor? A Srta. Alana é a diretora de

marketing e preciso que...

— Você não precisa de nada, Vanessa. Apenas acate minhas ordens – ela se cala. Claro que eu sabia que precisava nomear outro diretor e consultar o conselho, mas, não tenho tempo para essas baboseiras. Quero-a longe de mim o mais rápido possível. — Esperarei a carta em minha sala para que eu possa assiná-la – digo e saio.

— Bom dia, Tony!

— Bom dia, Sr. Miller – ele sorri.

— Quase não nos falamos na festa no sábado – digo parado em frente a ele.

— Sim – ele sorri. — Festa tumultuada aquela.

— Verdade – sorrio. — Meu pai sempre exagera nas comemorações.

— Se o senhor está procurando pela Srta. Alana, ela ainda não chegou.

— Não. Não estou – digo. — Mas, quando ela chegar, peça que me procure imediatamente. Por favor.

— Sim, claro.

Caminho até minha sala pensativo. Ontem, Verônica não falou comigo o resto da noite. Fiquei tão irritado que fui para sala e acabei adormecendo no sofá. Preciso

admitir, ela tem o temperamento forte, mas adoro sua teimosia.

Começo a analisar alguns contratos que ficaram pendentes. Estamos a ponto de fechar um contrato com uma marca famosa de cosméticos. O que dará um prestígio ainda maior para a empresa.

— Andressa, pode vir até minha sala, por favor? – interfono para minha secretária.

— Sim, senhor.

Ela abre a porta e vem em minha direção.

— Andressa, eu quero que me faça um favor. Sabe a loja de celulares aqui ao lado?

— Sim, senhor – ela me olha com sua testa enrugada.

— Preciso que vá até lá e compre um celular – peço retirando da minha carteira, um talão de cheques. Assino uma folha, destaco-a e dou a ela.

— Qual aparelho senhor? – ela pergunta pegando a folha de cheque em minha mão.

— O mais moderno que tiver. Não se preocupe com valor. Por isso está em branco – Preciso comprar outro celular para Verônica. Não sei por que ela tem mania de quebrar telefones quando está com raiva.

— Sim, senhor – ela diz e sai fechando a porta.

Continuo analisando meus contratos até que ouço uma batida na porta.

— Entre!

Vanessa entra com um pequeno envelope nas mãos.

— Aqui está, senhor – ela diz.

— É a carta? – pergunto e leio com atenção. Está perfeita. — Ótimo. Pode ir.

Essa conversa será difícil. Estou até vendo.

Meu celular toca. Pego-o de cima da mesa e olho no visor. Número restrito. Atendo.

— Adrian.

A linha fica muda.

— Alô! – digo outra vez. Agora ouço alguns barulhos do outro lado. Duas vozes sussurrando, mas desligam. Olho para o visor intrigado. Chamada finalizada. “Hunf! Deve ter sido engano”.

Volto minha atenção para o contrato, assinando folha por folha. Quando termino, envio alguns e-mails.

O tempo passa depressa. Quando olho no relógio,

vejo que já passam das dez da manhã. Alana deve estar chegando. Procuro me preparar mentalmente para o furacão que está por vir.

Em minha mesa, olho para o porta-retratos que coloquei dias antes de viajar. É uma foto minha com Verônica. Foi tirada na festa beneficente em Nova Iorque. Ela estava tão linda!

— Adrian! Bom dia! — Alana irrompe feito um furacão.

— Poderia ter batido na porta — digo fulminando-a com os olhos.

— Ah! Até parece que precisamos dessas formalidades — diz sentando-se na cadeira em frente a minha mesa.

Pego o envelope contendo a carta de demissão e jogo na mesa em sua direção.

— Leia.

Ela me olha e engole seco. Acho até que ela sabe do que se trata. Ela pega o envelope em silêncio, abre e lê. Quando termina, ela amassa a carta de demissão e ri deixando-me irritado.

— Isso é um insulto — ela se levanta. Pelo seu tom de voz, já vi que será mais difícil do que previa.

— Está demitida, Alana.

— Demitida? Você não pode fazer isso — ela esbraveja. — Dediquei anos a esta empresa, Adrian. Sabe disso.

— Eu sei. E sei também que estou tomando essa decisão muito tarde — digo olhando-a com cautela.

— Eu não aceito! Você está misturando as coisas. Aposto que foi aquela cretina que te colocou contra mim — e eleva a voz visivelmente irritada.

— Sabe Alana, eu realmente gostaria de saber, por que você fez aquele exame de gravidez se nós nunca tivemos nada? — bato os punhos na mesa fazendo todos os objetos saltarem dela.

Ela ri.

— Sua querida Sara era louca, Adrian. Não sei como ela conseguiu isso — ela diz na maior cara-de-pau.

— Acho que eu devo ser um idiota mesmo. Sempre confiei demais em você. Esse foi meu erro. E então, acabei arruinando meu casamento com a Sara.

— Erro? Não está vendo o que ela está fazendo? A mesma coisa que Sara fazia, Adrian. Acorda!

— Não subestime minha inteligência, Alana. Sara

jamais forjaria um exame de gravidez, pra nunca me contar.

— Ela não teve tempo. Morreu antes – ela diz e vejo um vislumbre de sorriso em sua boca.

Vou até ela e a pego pelos braços com toda força. Ela faz uma careta de dor, mas seus olhos não desviam dos meus.

— Se pensa que faz tudo isso pra que um dia eu seja seu, é melhor desistir... Mesmo se você fosse a única mulher do mundo, eu não quereria você. Nunca quis. Nem mesmo quando namorávamos, Alana. Nunca amei você. Precisa conviver com isso – digo de forma cruel.

— Você me amava até aquela sonsa te tirar de mim – ela se descontrola.

— Não. Se eu te amasse, não te trocaria assim, tão fácil – digo e vejo raiva em seu olhar. — Sempre tive admiração pelo seu trabalho, Alana. Como disse, você é uma excelente profissional. Só isso. Porque até seu caráter, como pessoa, depois disso ficou duvidoso.

— Não pode fazer isso – ela insiste e sua respiração fica acelerada. — Aquela idiota!

— Está feito. Agora dê o fora daqui. E não quero que chegue perto dela, entendeu? Se eu souber, Alana, eu

acabo com você.

— Não sujarei minhas mãos, com uma prostituta – ela cospe as palavras em minha cara e sem pensar, lhe dou uma bofetada.

Ela me olha horrorizada.

— Acha que vai se livrar de mim assim tão fácil? Não vai – ela diz esfregando o rosto, num tom de ameaça e sai batendo a porta com força.

Fico estático. Não pude controlar minha vontade de esbofeteá-la. Sento em minha cadeira e tento me recompor. Anos e anos acreditando numa safada mentirosa. Como eu me sinto um paspalho. Esse tempo todo, ela deve ter rido da minha cara. E nada me tira da cabeça, que minha mãe a ajudava.

Pego meu celular e sem pensar duas vezes, digito o telefone do Paulo. Ele atende no primeiro toque.

— E aí, Adrian.

— E aí amigo tudo bem?

— Tudo indo.

— Quero saber se está disposto a ganhar uma boa grana.

— Bater naquele maricas? Outra vez? – ele ri.

— Não. Ser meu segurança. Por tempo indeterminado.

— Não posso, Adrian. Sabe que tenho a academia. Sou lutador e não segurança.

— Sei e também sei que só luta a noite. Você trabalharia pra mim apenas de dia.

— Se meteu em problemas?

— Não. Quero que faça a segurança da minha esposa.

— Ah, mas não mesmo – ele resmunga.

— Paulão, tem um cara louco que fica no pé dela e acho que ela acaba de ganhar mais uma inimiga. Ela está grávida. Não posso deixar que nada aconteça a ela. Aceite. Pelo menos por enquanto. Até eu encontrar alguém em quem confie.

— Sua mulher deve ser um pé no saco. – ele ri. — Você é um pilantra sabia. Tá. Passa aqui amanhã. Aí conversamos.

— Valeu amigo – digo rindo.

— Falou.

Desligo o telefone. Preciso trabalhar. E, quando começo a bolar algumas estratégias de marketing para o

próximo cliente, alguém bate na porta.

Assim fica difícil se concentrar.

— Entre.

— Desculpe Sr. Miller. Aqui está seu telefone – Andressa coloca uma pequena sacola vermelha em minha mesa.

— Obrigado – digo.

— Precisa de mais alguma coisa senhor?

— Não. Pode ir. Não quero ser interrompido.

— Sim, senhor.

Volto para minhas ideias. Fico horas tentando formular algo inovador. Anoto tudo para não me esquecer e olho na agenda procurando um dia para poder me reunir com os outros publicitários. Gosto de discutir com todos eles. O trabalho acaba sendo sempre produtivo.

— Onde ela está? – Tomo um susto da porra ao ver Verônica entrar pela porta, descontrolada.

— Mas o que é isso? – olho para Verônica e Andressa se desculpa por não ter conseguido impedi-la de entrar sem ser anunciada.

— Onde ela está, Adrian? – ela pergunta sem

paciência.

— Pode ir Andressa – digo caminhando até a porta quase empurrando minha secretária para fora. Fecho a porta e a tranco.

— Dá pra falar baixo e ficar calma?

— Calma? Aquela desgraçada liga pra nossa casa, me insulta e você pede pra que eu tenha calma? Eu vou é matar aquela desgraçada – ela diz furiosa. — Você deveria ter demitido aquela vadia. Tá esperando o que, Adrian? Eu não sou a Sara. Se você não se livrar dela eu juro que dou um pé na sua bunda e você nunca verá o seu filho.

— Fica quieta, Verônica. Eu, hoje de...

— Não vou ficar quieta. Aquela mulher quer me destruir. Acha que eu não sei? Ela se faz de santa, mas é uma cobra – ela grita.

— Dá pra calar a boca? – pergunto, mas ela desembesta a falar jogando toda a sua fúria em mim.

— Não vou me calar. Fui até a sala dela, mas ela não estava. Quando eu encontrar aquela maldita eu vou quebrar os dentes dela – ela diz enfurecida andando de um lado para outro como um animal raivoso.

Aproximo-me rápido puxando-a para mim e a

bloqueio com meu corpo contra minha imensa mesa, derrubando alguns papéis no processo.

Ela me olha assustada com minha reação, mas isso não faz com que se cale.

— Nem adianta me impedir, Adrian. Eu vou arrancar o coroa daque... — levo minha mão até sua nuca e puxo seus cabelos o suficientemente forte, para que me dê atenção, e então, a calo com um beijo. Quando me afasto, ela me olha ainda ofegante.

— Eu a demiti essa manhã — digo e ela faz uma expressão engraçada.

— Mentira — ela sussurra olhando em meus olhos.

— É sério.

— Por quê? — ela parece intrigada.

— Porque eu não gostaria de ter seu pé em minha bunda. Aliás, não gostaria de nada em minha bunda — digo e ela ri revelando seu sorriso encantador, pelo qual me apaixonei desde o primeiro dia em que a vi.

— Para sempre? — ela pergunta.

— Pra sempre o que, meu amor?

— Demitiu ela pra sempre?

— Como assim pra sempre? — solto uma gargalhada.
— Quando se demite alguém é para sempre, Verônica — digo divertido.

— Eu sei, mas, digo, ela não vai voltar, não é?

— Não. E deixei bem claro para ela, que é você quem eu amo e que se chegar perto de você eu mesmo a quebro — ela abre novamente um sorriso. — Você é maluca, sabia?

— Você ainda não viu nada — ela me abraça.

— Agora posso saber o que você faz aqui, vestida desse jeito? — pergunto examinando-a, dentro de um minúsculo vestido creme rodado.

— Vou ao médico — ela diz e colo minha boca em seus lábios macios.

— Não quero que saia vestida desse jeito — digo dando leves beijos em sua boca e levo minhas mãos até suas pernas desnudas.

— Achei que não fosse ciumento.

— Não é ciúme. Só não quero que outros homens vejam o que é meu — digo levando minha mão até o cócs de sua calcinha.

— O que está fazendo?

— Tocando você – sussurro em seu ouvido e ela solta um gemido curto. Coloco sua calcinha de lado e enfio meu dedo dentro dela. Agora, ela solta um longo gemido me deixando de pau duro.

— Para com isso, Adrian. Não posso. Não quero – ela diz baixinho.

— Não perguntei se quer – digo em seu ouvido. Afasto-me e tiro minha mão de sua boceta. Deslizo sua calcinha pelas pernas e a tiro jogando-a em cima do sofá.

— Pare! Ainda estou com raiva de você – ela reclama e tenta me afastar. Seguro-a pelos braços e levo sua mão até o meu pau para que ela sinta como ele está duro por ela.

— Ótimo – sussurro.

— Ótimo o quê? Tá louco?

— Digo ótimo. Sexo com raiva é sempre mais selvagem e eu gosto – digo e ela ri.

— Selvagem? Estamos em seu escritório, Adrian. Não tem nada de selvagem nisso. Não podemos – ela diz parecendo cogitar a ideia de sair correndo.

Desafivelo meu cinto e abro o zíper da minha calça. Abaixo minha cueca e me enterro nela sem dar tempo para que pense. Apenas, ouço seus gemidos baixos e tímidos.

— Eu ainda estou com raiva de você – ela repete entre gemidos.

— Sim, eu ouvi da primeira vez – e a penetro devagar. Tiro seu vestido e a deixo, completamente nua. Quando a olho, sua face está corada. Linda! Ela me abraça e me beija com desespero. Nossas línguas se encontram num ritmo frenético. Mordo seus lábios devagar e abafos seus gemidos com meus beijos. Minhas mãos agora passeiam pelos seus seios e aperto seus mamilos arrancando ainda mais gemidos. Levo minha boca até eles. Saboreio cada um e mordo seus mamilos com força até que ela geme forte.

— Gosta quando os mordo? – pergunto em seu ouvido enquanto toco a ponta de seus mamilos.

— Sim – ela geme.

Levo minha mão até sua boceta e massajeio seu clitóris devagar, quase numa tortura e pergunto:

— Gosta quando faço isso? Quando toco sua bocetinha?

— Sim – sussurra e geme mais uma vez.

— Não escutei – digo e belisco seu clitóris fazendo-a soltar um gemido alto, que abafos com minha boca.

— Sim – ela diz assim que afasto minha boca da

dela.

— Nunca mais me esconda nada, Verônica. Nunca mais... Entendeu?

— Entendi.

Continuo penetrando-a, mas, agora, com mais força. Ela geme em meus braços e enlaça suas pernas em meus quadris apoiando a bunda em minha mesa. Beijo seu pescoço e puxo seus cabelos enrolando-os em meu pulso. Estou a ponto de gozar.

— Ahhh, Adrian! – ela geme.

— Goza, querida. Quero que goze pra mim, agora – ordeno com a voz rouca e carregada de desejo. Vejo algumas gotas de suor escorrer pelo seu lindo corpo.

Ela geme enquanto enfio meu pau nela com selvageria. Sinto seu corpo estremecer e sei que ela está vindo para mim. Quando ela começa a se contorcer, meu orgasmo vem na mesma hora e sinto meu gozo jorrando dentro de sua boceta quente e apertada. Dou um grunhido abafado e a abraço. Ela me beija e diz em meu ouvido:

— Eu ainda estou com raiva de você – e ri.

— Eu te amo – digo e tiro meu pau de dentro dela. — Fique aqui. Vou pegar uma toalha pra te limpar e então, poderá tomar um banho.

Ela me olha e assente.

Tiro o resto das minhas roupas e jogo no sofá. Vou até o banheiro, pego uma pequena toalha e volto para sala.

— Abra as pernas para mim querida – peço e ela abre. A limpo e assim que termino, levo-a até o banheiro em meu colo.

— Vai tomar banho comigo? – ela pergunta ligando o chuveiro.

— Vou – respondo e entro no chuveiro com ela. — O que vai fazer no médico? Achei que marcaria consulta primeiro.

— Consegui um encaixe. Então, decidi ir – ela dá de ombros.

— Não quero que saia sozinha, Verônica. Sabe disso – me irrita por ela sempre fazer as coisas ao contrário do que digo.

— É só um médico, Adrian. E por falar nisso, visitarei minha mãe após a consulta.

— Vou com você – falo me ensaboando.

— Você tem que trabalhar – ela emburra. — Posso ir sozinha.

— Sim. Mas eu vou. Volto para a empresa amanhã.

Não tem problema.

— Então tá. Sei que é difícil fazer você mudar de ideia – ela ri.

— Isso mesmo. Vá se acostumando – digo e a beijo.

Capítulo 27

Verônica S. Miller

...Um mês depois...

Acordo e não vejo Adrian ao meu lado. Espreguiço-me e vejo um enorme buquê de flores vermelhas em cima do aparador e, ao lado, uma bandeja com meu café da manhã. Olho no relógio e dou um pulo da cama ao ver que já passa das onze da manhã.

— Droga! — praguejo desequilibrando-me, ainda sonolenta. Caminho até as flores e nelas há um cartão.

“Minha linda, sinta o cheiro dessas rosas... Elas roubaram o teu perfume. Te Amo!!! Adrian”

Dou um leve sorriso e acaricio as lindas rosas

vermelhas.

Começo a tomar meu café. Esqueci completamente que hoje farei a ultrassonografia. Completo hoje, três meses de gestação. Adrian está animado com a possibilidade de saber sobre o sexo do bebê. Eu duvido que dê para ver algo, mas quando esse homem coloca algo na cabeça, é impossível contrariar.

— Bom dia! — Terry entra no quarto toda sorridente de short e miniblusa toda rasgada.

— Bom dia! — sorrio. — É moda agora? Andar toda rasgada?

Ela me olha e senta em minha cama.

— Adrian disse que vai tacar fogo no meu guarda-roupa — ela dá uma gargalhada e não aguento.

— Se eu fosse você, não duvidaria — digo rindo.

— Vocês são muito caretas, credo! Estou custando pra fazer Jonas aceitar que eu coloque um piercing.

— Está falando sério? — pergunto espantada. — Aonde colocará?

— Hummm... Em algum local proibido — ela me olha arqueando as sobrancelhas me deixando horrorizada.

— Vai colocar um piercing lá?

— Nãoooo! É brincadeira – ela ri. — Deveria ter visto sua cara.

— Sua louca! – digo não conseguindo conter minha risada.

— O Montanha já está lá fora – ela diz se referindo ao meu segurança. Há um mês, Adrian contratou um segurança para que ficasse me seguindo pra lá e pra cá. Até tentei argumentar, mas, como já disse, Adrian tem uma personalidade difícil.

— É Paulão, e não montanha – digo.

— Aquele cara me assusta. Eu sou a metade dele, Verônica. Não sei como você consegue lidar com as exigências do meu irmão. Ele é muito chato às vezes.

— É. Ele está com medo de alguma coisa. Sabia que ele vem recebendo alguns telefonemas anônimos?

— Não. Quer dizer, Jonas até me disse alguma coisa parecida, mas, espere... – ela me olha assustada. — Acha que pode ser aquele tal de Charles?

— Adrian acha que sim. Já se passou um pouco mais de um mês desde que... você sabe.

— Nem me lembre daquilo – diz num sussurro assustado.

— Ele acha que Charles está muito quieto e que pode aprontar a qualquer momento. Eu disse que se ele quisesse nos fazer algum mal, ele já teria feito.

— É. Pode ser. Não acho que ele fará alguma coisa contra você. Acho até, que ele já se conformou.

— Assim espero.

— Bom, estou te esperando lá embaixo. Adrian ligou e disse que irá direto para a clínica. Está resolvendo algumas pendências na empresa. Sem a Alana, o trabalho dele dobrou. — ela diz.

— Prefiro que ele trabalhe 24hrs, a ficar ao lado daquela mulher.

— Essa é outra que está muito quieta. Eu me preocuparia mais com ela, do que com esse tal de Charles. Nunca gostei dela — ela diz saindo do quarto.

Termino meu café e vou para o banho. Coloco um vestido soltinho florido e uma sapatilha. Seco os cabelos e os deixo soltos. Passo uma maquiagem bem leve e pronto.

— Bom dia, Maria — cumprimento-a assim que entro na cozinha. — Onde está o Max? — pergunto a ela.

— Bom dia, Verônica. Max está no jardim com a Rose. Desde que Adrian a trouxe, esses dois não se

desgrudam – ela sorri.

Rose é a mais nova integrante da família. Adrian cumpriu a promessa de trazer uma namorada para o Max. Agora, ele quase não me dá atenção.

Caminho pelo jardim e os vejo em volta da piscina.

— Max! – grito por ele.

Ele me vê e vem correndo abanando seu rabo. Rose vem logo atrás.

— Meu garoto. Está fazendo muita bagunça, Max. Olhe só pra isso? – digo apontando para os buracos feitos por eles no jardim. Estavam cavoucando toda a terra. Ele se aninha em meus braços e lambe meu rosto.

— Achei minha linda esposa! – ouço a voz de Adrian atrás de mim. Viro-me e me deparo com ele. Está com o paletó cinza nos braços e caminha em minha direção com um lindo sorriso no rosto. Quando chega até mim, me abraça e me beija docemente.

— O que faz aqui? Terry disse que iria direto e nos encontraríamos lá – digo confusa.

— É eu sei. Mas... – ele olha para minha expressão confusa e sorri. — Não aguentei ficar longe de você – conclui e me beija novamente.

— Bobo. Amei as flores. São lindas.

— Não tanto quanto você. Mas querida, eu vim por outro motivo também – ele se afasta e me observa.

— O que foi? Não diga que cancelou a viagem? – perguntei com um fio de esperança.

— Não, meu amor. Infelizmente, terei que viajar. Não é por causa disso.

— Ai, meu Deus, Adrian! Desembucha logo. Já estou ficando preocupada.

Ele me olha cauteloso.

— Eles aceitaram.

— Eles quem? Aceitaram o que?

— Os médicos. Eles concordaram que seria melhor sua mãe continuar o tratamento aqui em casa. Disse que será bom para a recuperação dela e que seria importante ela estar mais próxima de você. – Ele termina de falar, mas ainda estou processando cada palavra que saiu de sua boca.

— Co-mo assim? – gaguejo sem reação.

— Sua mãe, meu amor. Vamos trazê-la para casa.

Fico estática. Meus olhos se enchem de lágrimas e

meu corpo fica trêmulo.

— Está brincando! – exclamo com a voz embargada.

— Não estou não, amor. Assim que voltar de viagem, eu prometo que a prioridade será trazê-la para cá. Já pedi para que contratem os profissionais adequados para cuidarem dela – diz e me puxa para ele. Adrian toca meu rosto e me olha nos olhos. Ele não imagina a felicidade que sinto nesse momento.

— Achei que ficaria feliz. Por que está chorando? – ele limpa minhas lágrimas.

— E-eu não sei. É tão... Tão... Ai meu Deus! Eu vou ver minha mãe fora daquele lugar? Não estou acreditando que ela estará aqui, conosco. Obrigada – digo ainda desnorteada e sem conseguir me expressar direito.

— Não tem o que agradecer meu amor. O que te faz feliz, me faz feliz também. Eu sei o quanto você sofreu e o que você passou pra conseguir um tratamento digno para ela. Te ver assim, tão feliz e podendo estar ao lado dela, é o que eu sempre quis. Mas é melhor que tenha em mente que vai ser difícil às vezes. A doença dela está na fase crítica. Vou fazer de tudo para que ela tenha o melhor tratamento e conforto aqui em casa. Mas vou te pedir uma coisa, não quero vê-la triste. Nem um dia, sequer. E tudo que tiver de enfrentar pela frente, quero que conte comigo. Pois estarei aqui pra você sempre. Entendeu?

— Eu já disse o quanto amo você? – pergunto e minhas lágrimas não cessam.

— Já. Mas não me importo de ouvir você dizer, por toda a minha vida – ele sorri e me beija.

— Eu amo você.

— Eu também te amo – ele diz e me beija mais uma vez. — Agora vamos. Quero conhecer nosso filho – ele sorri.

Chegamos ao consultório. Adrian está mais nervoso do que eu.

Está inquieto e se revira em seu assento nervosamente.

— Para com isso. Está me deixando nervosa.

Ele me olha e tenta disfarçar.

Seu telefone toca. Ele atende no primeiro toque.

— Adrian... Mas que merda! Se não vai abrir a maldita boca, melhor não ligar mais porque não atenderei – ele esbraveja e desliga.

— Outra vez? Isso está ficando assustador – digo e ele me encara.

— Deve ser algum palhaço que não tem o que fazer. Hoje de manhã, recebi um envelope na empresa. Havia uma carta, mas foi escrita no computador e não tinha remetente.

— O que estava escrito? - pergunto curiosa.

— Veja... – ele responde, tira a carta do bolso da calça e me entrega. Pego a carta das mãos dele e abro.

“Tenha cuidado, ela corre perigo”.

Congelo ao ler as palavras. Estava se referindo a mim?

— Mas que merda é essa? – pergunto olhando para ele, assustada.

— Estou querendo saber. Viu o porquê que não quero que saia sozinha?

— Sra. Verônica Miller – a enfermeira chama me tirando a atenção.

— Vamos. À noite, em casa, conversaremos sobre isso – diz.

... *Mais tarde...*

— E aí. Me conta, como foi? – Maria pergunta querendo saber sobre a consulta.

— Tirando o chilique que Adrian deu na sala, quando a médica disse que só a partir do quarto ou quinto mês, saberemos o sexo do bebe, de resto, foi tranquilo. Ele até chorou quando ouviu a batida do coraçãozinho – ri sentando-me no sofá ao seu lado.

— Não chorei não. Me emocionei, é diferente – ele conclui fazendo todos caírem na gargalhada.

— Querida, vou subir. Preciso arrumar a mala pra viagem. Sairei amanhã bem cedo.

— Precisa ir mesmo? Três dias é muito, Adrian. Por que não posso ir junto?

— Porque você iria me desconcentrar – ele diz alisando minha coxa e sustentando sua cara de safado.

— Aqui não, gente! – Terry resmunga. — Aprendam a se comportar. Não quero meu sobrinho ou sobrinha presenciando essas safadezas aqui em casa – ela ri.

— Vá se ferrar – ele diz a irmã. — Que tal se jantássemos fora hoje?

— Oba! Eu quero – Terry diz toda alegre me fazendo rir. A cara de Adrian é impagável.

— Só pra constar, estava falando com a minha mulher – ele lança um olhar mortal para ela.

— Só pra constar, eu não sou surda. Mas, eu também vou. Não que eu não goste da comida da Maria, é que eu tô a fim de sair.

— Cadê o Jonas? Pede para ele te levar a algum lugar – ele resmunga enfurecido.

— O meu namorado, disse que não pode vir hoje, pois ele viajará com você. Olha só que legal – ela ironiza.

— Ouvi o meu nome? – Jonas grita da porta da sala. Ele caminha até nós e vejo Terry surpresa com sua aparição repentina.

— O que faz aqui? Disse que não viria – ela pergunta parecendo chateada.

— Adrian, precisamos conversar – diz dando um beijo em Terry e, pela sua cara, lá vem bomba.

— Diga.

— Saiu o resultado. Pasmem. O avião realmente foi

sabotado.

— Não brinca com isso – Adrian diz e se levanta tão rápido, que me assusto.

— Não estou brincando. Amanhã devem oficializar e certamente, estará em todos os jornais. Mas o pior não é isso – ele nos olha cauteloso.

— Sêrio? Não sei o que pode ser pior.

— Espere! Vá com calma, Jonas. Não entendi, ainda tem mais coisa? – pergunto assustada.

— Michel Alves. O que sabia sobre ele, antes de trabalhar para você? – Jonas o interroga.

— O que isso tem haver? O cara tá morto – ele responde e algo me diz que vem coisa ruim por aí.

Jonas abre sua maleta e retira uma pasta arquivo. Dentro dela, algumas folhas impressas.

— Meu contato me mandou isso hoje à tarde – ele entrega as folhas para Adrian.

— Que merda é essa? – Adrian pergunta analisando rapidamente os papéis.

— Michel era procurado pela polícia internacional por tráfico de drogas. Ao que consta, seu nome verdadeiro é Mikhail Ivanov. Ele é russo.

— Aonde quer chegar com isso tudo? – Adrian pergunta perplexo.

— O seu piloto, está bem vivo. Foi preso ontem tentando sair do México com uma grande quantidade de drogas.

— Uau! – Terry diz aterrorizada.

— Mas... Co-como? Ele estava naquele avião Jonas.

— Pode até ser, mas, em algum momento, ele deve ter saído – Jonas rebate.

— Vivo? Ele era o melhor piloto que tínhamos. Sérgio não era muito confiável ainda, tinha pouco tempo conosco, por isso sempre ficava como copiloto. Isso é absurdo e muito confuso pra minha cabeça – ele diz andando de um lado para o outro.

— Isso explica por que não acharam o corpo dele – Terry diz e uma luz me acende.

— E a Sara? – grito em pânico e todos me olham. — O corpo dela também não foi encontrado. Ela está viva não é? Encontraram ela também? – pergunto descontrolada.

— Eu sabia que essa vadia não morreria tão fácil – Terry resmunga e Adrian diz a ela para calar a boca.

— Anda Jonas, desembucha logo! Onde ela está? Estava com ele não estava? – avanço nele e Adrian me puxa.

— Verônica, fique calma.

— Não peça pra que eu fique calma, Adrian. E se ela voltar? O que você vai fazer? Pior... E se ela bater aqui na porta com seu filho ou seja lá de quem, no colo? – digo apavorada e ele parece pensar nessa possibilidade.

— Não sabemos nada sobre a Sara, Verônica – Jonas responde, mas eu não acredito nele.

— Fique calma, meu amor. Você não pode ficar desse jeito – Adrian tenta me acalmar e me dá um abraço forte.

— Podemos falar com ele? Onde ele está sendo mantido? – Adrian pergunta para Jonas ignorando completamente o que eu disse.

— Ainda não tenho essas informações. Sabe como funcionam essas investigações, não é? São sigilosas. Se Michel teve alguma coisa com a sabotagem do avião, a polícia descobrirá.

— Já pensou na hipótese da Sara ter ajudado o Michel? – Terry pergunta.

— A troco de que ela faria isso? Eu não acredito que

Sara esteja envolvida. Ela não arriscaria a vida de inocentes e nem a do nosso filho. Não acredito que ela esteja nessa com ele. Pra mim, ela está morta – Adrian diz e sinto que luta contra algo dentro dele. Talvez, nem ele mesmo, acredite em suas palavras.

— Vocês acham que os telefonemas anônimos podem ter sido dele? Do piloto, sei lá – digo ainda com a sensação de que tem muito mais coisa nessa história toda.

— Não – Adrian responde.

— Também acho que não – Jonas diz.

— Então só pode ser ela. É isso. Ela sabe sobre nós, Adrian. Por isso enviou a carta hoje dizendo que eu corro perigo. Ela quer me matar – digo estática. O pânico só aumenta a cada possibilidade que vejo dela aparecer a qualquer momento na minha frente.

— Isso é ridículo, Verônica – Adrian ri me deixando furiosa.

— Você recebeu uma carta ameaçando ela? – Jonas pergunta espantado.

— Não. Claro que não. A carta só dizia que ela corria perigo – Adrian responde naturalmente.

— Você é louco? Isso dá no mesmo. – Terry se levanta do sofá e anda até Adrian.

— Me dá a carta – ela pede. — Se esse piloto safado está vivo, Sara pode muito bem estar viva também. E se for ela quem mandou a carta e está ligando?

— Vocês todos estão loucos – Adrian impaciente retira a carta do bolso e entrega para a irmã. — Quer saber... Jonas, eu quero todas as informações sobre a prisão do Michel. Infelizmente, não posso adiar ou cancelar a viagem. Assim que voltar, quero ver esse filho da puta pessoalmente. Enquanto isso, eu quero que cuide de tudo e me mantenha informado. Viajarei sozinho. Você ficará aqui cuidando desse assunto – ele diz e Jonas assente. — Vou para o meu quarto – ele conclui e sai da sala nos deixando paralisados olhando para ele enquanto sobe as escadas.

— Acho que ele não está legal – Terry diz me deixando ainda mais apreensiva.

— Vou para o quarto também. Acho que depois dessa, perdi até a fome.

Assim que entro no quarto, não vejo Adrian. Ando pelo corredor e noto que a porta do quarto do bebê está entreaberta. Aproximo-me sorrateiramente e a abro devagar. Adrian está sentado na poltrona branca com os cotovelos apoiados em sua coxa e as mãos sustentando sua cabeça baixa.

— Está pensando nela, não está? – digo e ele me

olha atento. — Se ela voltar eu...

— Hei! Quantas vezes eu vou ter que falar que é só você que amo, meu amor. Só estou tentando digerir isso tudo. Parece tudo tão absurdo — ele diz com a voz cansada. — Não vou deixar ninguém chegar perto de você. Não vou deixar ninguém te machucar. Entendeu? — ele diz se levantando e me puxa para ele. — Você entendeu?

— Sim.

— Eu pensei em redecorar o quarto para que sua mãe pudesse ficar aqui. O que acha? — ele sorri.

— Acho uma boa ideia — respondo, mas minha mente está longe.

— Acho que podemos decorar o outro quarto para o bebê. Assim, ele ficará mais perto de nós.

— Você precisa ir mesmo? — pergunto mudando de assunto.

— Sim. Eu quero que você me prometa que não sairá de casa à noite. Durante o dia, o Paulo pode te levar onde quiser.

— Tudo bem. Não tenho para onde ir mesmo.

— Nós vamos passar por esses problemas juntos,

meu amor. Só quero que você não surte toda vez que ouvir o nome da Sara. Ela está morta. Morta. E não interessa o que os outros dizem, ela sempre estará morta para mim – ele diz e me dá um beijo suave. — Eu te amo.

— Eu também amo você.

— Acho que podemos tomar um banho, comer algo bem leve e ver um filme. O que acha?

— Só se eu puder escolher – digo e ele ri.

— Certo – e me dá mais um beijo e seguimos para o nosso quarto.

Capítulo 28

Verônica S. Miller

— Não se esqueça do que conversamos ontem. Nada de sair sem seu segurança e em nenhuma hipótese, saia à noite. Entendeu?

— Entendi – respondo e Adrian caminha até sua pequena mala, a pega e sai em direção ao seu carro.

— Eu volto assim que puder. Vou te ligar todos os dias, tudo bem? – diz esbanjando charme vestido em seu terno cinza escuro e uma gravata verde. — Deixe sempre seu celular ligado. Assim, podemos nos falar a qualquer hora – ele sorri.

— Vou deixar. Eu vou sentir sua falta – joga os

braços em torno de seu pescoço e ele sorri para mim como um menino bobo e apaixonado.

— E eu, já estou sentindo – ele me abraça e me dá um beijo doce e demorado. — Cuide dela pra mim, maninha – diz sorrindo para Terry que nos assiste entediada.

— Vá embora logo – ela ri. — Oito da manhã. Ninguém merece. Vou voltar pra cama – ela resmunga.

Ele buzina só para irritá-la e vai embora.

— Vamos. Estou morrendo de sono também.

Entramos em casa e esbarramos com Maria cantando uma versão desafinada de *Pássaro de Fogo* – Paula Fernandes. Terry a olha com sua cara sonolenta e dispara:

— Jesus! Depois dessa, só um café bem forte – revira os olhos.

— Até que ela canta bem – digo e Terry me dá uma cotovelada.

— Ai! Isso dói.

— As madames vão querer o café agora? – ela ri.

— Humm... Está fazendo pão de queijo? – pergunto ao sentir o cheirinho que exala pela cozinha.

— Estou sim. É uma pena que Adrian teve que sair às pressas. Ele adora meu pão de queijo.

— Ele adora tudo o que você faz, Maria. E não é só ele – falo e ela sorri.

Nos sentamos à mesa para tomar o café. Maria nos serve enquanto Terry segue bocejando. Para ela, deve ser difícil estar acordada a essa hora. Geralmente, meio dia ainda é cedo.

— Que tal irmos ao cinema hoje após o almoço? Tem um filme em cartaz que estou louca para ver.

— Ah é? Qual – digo entusiasmada.

— Uma comédia com aquela atriz, Cameron Diaz.

— Legal. Vamos sim – dou um gole em meu café e saboreando o maravilhoso pão de queijo. — Mas temos que ir com o Paulão. Prometi para o seu irmão que não sairia sem ele.

— Meu irmão... Protetor até demais. Isso me irrita – resmunga. — Como vocês dois ficaram depois daquele papo de ontem à noite?

— Nem me fale. Ainda estou em pânico com a possibilidade daquela defunta aparecer do nada.

— Olha, se ela estiver viva, eu aposto que tinha um

caso com o Michel.

— Será? Mas pelo que sei, ela não morria de ciúmes do Adrian?

— Vai saber? Talvez ela tenha o enganado todo esse tempo. Ou, talvez esteja morta mesmo. Sei lá.

— Eu prefiro a segunda opção – digo sendo um pouco cruel. Não que eu deseje a morte das pessoas, mas, no caso dela, é melhor que não saia de onde está para ficar assombrando minha vida. Para isso, já tem aquela vaca velha da mãe dele, agora que já consegui me livrar da Alana.

— Vocês já pensaram num nome para o bebê? – ela pergunta curiosa.

— Não. Ainda é muito cedo. Pra falar a verdade, estou preocupada com o rumo das investigações. Sabe se Jonas virá aqui hoje? Quero conversar com ele sobre isso.

— Não sei. Ele ficou de encontrar o amigo que passou essas informações pra ele.

— Então, só nos resta esperar. Vou fazer meus exercícios e depois tomar um banho. Por que não almoçamos no shopping? Assim já fazemos algumas compras antes do filme. O que acha?

— Acho ótimo. Vou terminar meu café e arrumar a

zona do meu quarto. Não vou conseguir dormir mesmo – ela diz e bufa.

— Então vamos.

Enquanto caminho pelo jardim, eu vejo Paulão encostado na Range Rover com seus grandes músculos evidentes por detrás de seu terno preto e cara de poucos amigos. Aproximo-me, mas só de pensar em ficar a centímetros desse homem, me dá medo. Ele é no mínimo, três vezes o meu tamanho.

— Boa tarde, Paulo – digo tentando ser simpática.

— Sra. Miller – ele responde e meneia com a cabeça.

— Pode nos levar até o shopping? Eu e Terry vamos almoçar e ficar por lá algumas horas.

— Sim, senhora – ele responde com sua voz grossa e assustadora. Dou um meio sorriso e volto. Entro em casa e grito por Terry que já está se arrumando a horas.

— Terry, vamos nos atrasar – grito da escada.

Ouçõ passos no corredor e em segundos, ela aparece.

— Está ótima! – elogio ao ver que pelo menos uma vez, ela não colocou suas roupas rasgadas e customizadas, como ela costuma dizer.

— O que achou do vestido verde? – ela gira devagar para que eu olhe.

— Linda – sorriso.

— Você também não está nada mal, cunhadinha. Estou até tentada em tirar uma foto desta sua saia minúscula e mandar para meu irmão – ela ri.

— Só se você quiser que ele tenha um troço – digo e caímos na gargalhada. Meu celular vibra. Tento localizá-lo em minha bolsa. É quase impossível achar algo no meio de tantas bugigangas que levo nela. Quando o encontro, eu vejo no visor uma mensagem, é de Adrian.

“Minha linda, acabei de sair de uma reunião entediante, mas deu tudo certo. Não consigo parar de pensar em você. Eu estava errado, você me desconcentra mesmo estando longe... Te amo. ”

— Mensagem do seu irmão – digo para Terry que me olha de um jeito esquisito.

— Humm. Não deixe ele pegar no seu pé não, hein. Adrian é um grude. Se der corda, receberá mensagens de hora em hora – ela ri e caminha elegantemente em seus saltos prateados.

Digito uma mensagem de volta:

“Já estou com saudades. Adoro desconcentrar você, significa que está sempre pensando em mim... Eu também te amo”.

Clico em enviar e vejo que ele lê no mesmo instante e me retorna com outra mensagem:

“O que está fazendo? Eu sempre estou pensando em você.”

“Estou de saída. Vou almoçar com sua irmã no shopping e, depois iremos ao cinema ”. – clico em enviar e fico esperando por resposta.

“Não entra na onda da minha irmã, rs. Depois volte pra casa. Não quero você andando por aí à noite”.

“Ainda vai dar uma da tarde, Adrian. Pare de ser tão mandão, hunf”.

“Só estou tentando te manter segura... Você e nosso bebezinho”.

“Ao lado do Paulão? Acho que nem terremoto me pega kkkkkk”.

“Muito engraçadinha. Te ligo à noite. Se cuida. Te amoooo!”

— Verônica! — Terry me chama impaciente. — Largue esse telefone e vamos.

— Okay! Já estou indo – digo rindo. Definitivamente, Terry é igualzinha ao irmão. Nenhum dos dois tem muita paciência.

Entro no carro e seguimos para o shopping.

... Horas depois...

Saímos do cinema e caminhamos para a praça de alimentação. Apesar de ter feito uma boa refeição, continuo faminta. Desse jeito, vou ficar gorda e horrorosa antes mesmo de minha barriga começar a aparecer. Terry caminha engraçado tentando se equilibrar em seus saltos carregando umas sete sacolas nos braços. Quase uma

compradora compulsiva.

— Vamos nos sentar ali – diz apontando para uma mesa em frente a um casal de idosos. O lugar não está muito cheio. Nos sentamos e Terry coloca suas sacolas com cuidado sobre a cadeira ao lado.

— O que vamos comer?

— Não sei. Pensei em pedir uma batata recheada. Faz tanto tempo que estou com vontade – digo e minha boca enche de água.

— Então você come esse troço que eu vou pedir algo mais light pra mim, sem tantos carboidratos – ela ri.

— Só você mesmo – digo rindo.

— Verônica? – ouço uma voz feminina atrás de mim e me assusto. Olho e me espanto com que vejo.

— Sônia? – exclamo. Ela está ainda mais magra e abatida do que a última vez que nos encontramos.

— Tudo bem? Como você está? – pergunta com meio sorriso.

— Eu estou bem – digo. — Essa é Terry, irmã do Adrian.

— Nós já nos conhecemos – Terry diz sem muito entusiasmo.

— Se conhecem? De onde? – pergunto curiosa. Sônia não é do tipo que faz amizades com garotas como Terry.

— Nos conhecemos do Red – ela responde e Sônia assente com um leve meneio de cabeça.

— Mas... O que faz por aqui? – Terry pergunta com a voz fria.

— Fazendo compras – ela sorri. — Eu não tenho seu telefone, Verônica. Sinto falta de quando conversávamos e de você também – diz sentando-se ao meu lado sem nem mesmo ser convidada.

— Não tenho tido muito tempo. Desculpe por não ir visitá-la.

— E sua mãe? Ainda na mesma?

— Sim. Está se recuperando aos poucos.

— Me passe seu telefone. Quem sabe poderíamos marcar de sair algum dia – ela diz tirando seu telefone da bolsa e vejo que digita algo.

— Ah, claro – passo meu número para ela, não que eu fosse ligar ou até mesmo aceitar a proposta de uma saída amigável. Adrian jamais aceitaria e para falar a verdade, fico feliz por estar longe dela. Longe de suas influências.

Sônia anota meu número em seu celular e se levanta devagar.

— Bom... Preciso ir. Ainda tenho algumas coisas para fazer antes de voltar pra casa. Foi bom ver você. Está linda – ela diz e me dá um beijo no rosto o qual eu retribuo um pouco a contragosto.

— Foi bom ver você também, Sônia – digo.

— Tchau! – Terry diz seca.

Sônia se afasta e Terry me olha de forma gélida.

— Não deveria ter dado a ela seu telefone – resmungo.

— É só um número de telefone Terry – digo tentando conter o riso. — Também não gosto muito dela. Mas ela nunca fez nenhum mal a mim.

— Tirando o dia em que te drogou no Red? – ela rebate.

— Adrian te contou isso? – arregalo os olhos.

— Sim. E essa mulher é barra pesada. Eu sei bem porque eu também era assim como ela. Conheço o tipo de gente que ela anda. Se Adrian descobrir, vai ficar uma fera – ela diz e fico calada. — Vamos pedir nossa comida. Daqui a pouco, Paulão nos deixa e teremos que ir a pé pra

casa – ela ri fazendo com que a tensão se dissipe.

Coloco um filme para assistir, pego um cobertor e me enfito debaixo dele. Está frio e sinto meus pés congelarem. É impressionante essa queda de temperatura. Se ao menos Adrian estivesse aqui...

O telefone toca. Levanto-me rapidamente e atendo.

— Alô!

— Oi, amor. Como você está? – a voz dele parece cansada.

— Estou bem. Sentindo sua falta – respondo e sorrio para mim mesma.

— Já estou indo dormir. O que está fazendo?

— Assistindo a um filme. Está tão fria nossa cama sem você – sussurro e o ouço rir baixinho.

— Aqui também está. Já me arrependi de não tê-la trazido comigo – ele diz com sua voz rouca.

— Deu tudo certo nas reuniões?

— Sim. Ainda tem alguns contratos para fechar amanhã. Se não fosse por isso, eu pegaria o carro e correria pra casa – ele diz e meu coração vibra com a possibilidade.

— Obteve mais alguma informação sobre o piloto? – pergunto e a linha fica muda. Após alguns segundos, ouço suspirar.

— Não. Jonas ainda não retornou minhas ligações. Não quero que se preocupe com isso, tudo bem?

— É impossível – resmungo.

— Vou desligar. Procure descansar. Quando eu chegar em casa, não te darei essa oportunidade – ele ri e entendo bem o que ele quer dizer.

— Estou te esperando, Sr. Miller – digo rindo. — Eu te amo!

— Eu te amo mais – diz e nós desligamos.

A noite será longa sem ele ao meu lado.

Capítulo 29

Verônica S. Miller

Hoje completam três dias que Adrian viajou. Estou animada por saber que daqui a pouco, ele estará em casa. Já **passam** das sete da noite. Meu dia foi tranquilo. Quase não saí de casa nesses dias. Terry foi para casa de Jonas e fiquei sozinha aqui, com Maria.

Adrian me ligou ontem pela manhã, logo depois que recebi suas flores. Sempre tão romântico e gentil. Já estou mal-acostumada em ser tão mimada por ele.

Saio da varanda e caminho pelo quarto, descalça. Meu telefone toca e vibra como um louco em cima do aparador. Quando pego o celular, vejo a foto sorridente de

Adrian. Sorrio.

— Oi, amor – digo cheia de entusiasmo.

— Oi, minha linda – ele diz parecendo chateado.

— O que foi? – pergunto ao ouvir sua voz.

— Amor, eu estou ligando pra avisar que só irei para casa amanhã de manhã – ele suspira pesado.

— Por quê? Como assim? Você disse que estaria aqui hoje – resmungo. — O que aconteceu?

— Não sei. Deu problema no carro. Acionei o seguro e pedi um carro reserva, mas sem chance. Vão demorar uma vida.

— Não acredito – digo com a voz desanimada.

— Vou dormir por aqui. Já até fiz reserva numa pousada aqui na estrada. Amanhã estarei aí ao seu lado, sem falta – ele diz e me entristeço.

— Tudo bem. Estou sentindo sua falta. Promete que se eles te mandarem outro carro logo, você volta ainda hoje?

— Eu prometo. Estou morrendo de saudades de você – ele diz de um jeito carinhoso. — Quando chegar aí, não vou te largar nem por um minuto.

— Se cuida, amor. Qualquer coisa me ligue. Vou deixar o celular ligado – digo e me despeço.

Mais uma noite sozinha.

Desço as escadas e encontro Maria na cozinha.

— Maria, Adrian ligou e disse que só voltará amanhã. Se quiser servir o jantar, fique à vontade. Só seremos nós duas – ela me olha e assente.

— Aconteceu alguma coisa? – ela pergunta me encarando.

— Nada. Apenas o carro que quebrou no caminho.

— Adrian é tão teimoso. Não sei por que ele insistiu em ir dirigindo. Poderia ter ido de avião – ela diz e concordo mentalmente.

— Posso servi-la agora?

— Pode sim.

Termino meu jantar e recolho as louças sujas de cima da mesa, depositando-as na pia.

— Pode deixar que eu faço isso – Maria intervém.

— Eu posso ajudar Maria. Já estou começando a me sentir uma inútil sem ter nada para fazer.

— Vá descansar querida. Amanhã ele estará em casa – ela sorri vendo minha aflição.

— Vou ler um pouco. Não vou conseguir dormir sabendo que ele está por aí – digo inquieta.

— Ele é bem grandinho, Verônica – ela ri. — Pode ir, eu termino aqui. Vou descansar também. Se precisar de algo, é só me chamar – acaricia meu ombro e me abraça.

— Boa noite – digo e saio.

Entro em meu quarto e vou até a pequena estante onde guardo meus livros. Pego um livro qualquer e me jogo na cama. O tempo passa enquanto leio os capítulos tensos de *No Escuro*. As horas voam e quando dou por mim, já estou na metade do livro. Olho no relógio que marcam dez da noite. Fecho o livro e devolvo-o para seu devido lugar. Preciso de um bom banho para relaxar e cair na cama.

Após o banho, agora totalmente relaxada, pego o celular para ver se há alguma mensagem dele. Me decepciono. Ele não ligou e nem enviou uma mensagem sequer. *Deve estar cansado e acabou adormecendo*. Penso comigo mesma. A única coisa que resta, é fazer o mesmo. Dormir para ver se hora passa mais rápido.

Acordo assustada. Meu telefone toca

desesperadamente. Olho no relógio e já é de madrugada. Acendo o abajur ao meu lado e atendo rapidamente sem olhar no visor. Deve ser ele.

— Adrian – digo com a voz sonolenta.

— Verônica, por favor, me ajude – uma voz assustada e embargada pelo choro toca meus ouvidos.

— Alô? Quem está falando? – pergunto confusa.

— Sou eu, Sônia.

— Sônia? – me espanto. — O que foi?

— Eu preciso da sua ajuda. Por favor – ela chora.

— Sônia, o que aconteceu?

— Eu estou com medo – diz descontrolada. — Não estou me sentindo bem, preciso ir pro hospital.

— Oh Merda! Onde você está? – pergunto pulando rapidamente da cama e procuro uma roupa.

— Em casa. Por favor, Verônica. Eu não tenho mais ninguém pra pedir ajuda. Só você – ela implorava aos prantos.

— Não saia daí. Já estou indo – digo e desligo.

Merda! Quando ela irá parar de usar essas merdas?

Aposto que deve estar drogada outra vez.

Coloco meu jeans, sapatilha e uma miniblusa azul. Pegó um casaco e as chaves do carro. Desço correndo as escadas. Droga! Droga! Droga! Eu prometi a ele que não sairia de casa, merda!

Olho no relógio de parede, uma da manhã.

Abro a porta da sala e saio.

Merda! Não posso deixá-la assim.

Pego o telefone e ligo para Terry.

— Vamos Terry, atenda!

Nada.

Ligo outra vez. Caixa postal.

Droga!

Logo estarei de volta. Ninguém nem sentirá minha falta.

As ruas estão completamente vazias. A escuridão da noite deixa o lugar ainda mais sombrio. Estaciono um pouco antes de seu prédio. Saio do carro e ligo o alarme. A noite está ainda mais fria. Passo rapidamente por alguns carros estacionados na calçada e caminho em direção ao

prédio onde ela mora. Dou alguns passos e sinto alguém atrás de mim. Quando me viro, o pânico toma conta do meu corpo me deixando estática.

— Charles! – sussurro com um fio de voz.

Tento correr, mas sou impedida por alguém enorme que me agarra e tapa minha boca para que não grite. Me debato tentando me desvencilhar dos braços do homem de jaqueta de couro preta e óculos escuros que aterroriza minha mente. Eu apenas ouço meus próprios gritos contidos e abafados por sua mão enorme. O homem me arrasta sem muita dificuldade e me joga no banco traseiro de uma Blazer preta. Bato com a cabeça contra o banco e logo sinto alguém sendo jogado em cima de mim.

Sônia!

Olho para ela com horror. Minha vontade é de esganar essa filha de uma puta. Mas o pânico que sinto no momento me impede de raciocinar. Estou apavorada.

Num movimento rápido, o carro arranca do local e pega a estrada.

Charles está sentado no banco da frente ao lado do homem assustador. Um louco. Olho para ele pelo retrovisor e quando ele me olha, desvio o olhar. O silêncio é quebrado e a voz dela se espalha pelo carro.

— Me desculpe! – sua voz sai como súplica. — Ele me obrigou Verônica. Não tive escolha.

A olho com nojo. A cada minuto que passo dentro do carro, me sinto ainda mais desesperada.

— Isso não tem graça, Charles. Pare o carro. Quero ir pra casa – digo com autoridade. Ele apenas me olha com seus olhos frios e sua expressão gélida. Inabalável.

— Está surdo? Pare essa merda ou eu vou começar a gritar – digo num tom mais alto e ele ri. Seu riso diabólico me assusta. Me deixa desnorteada.

— Pode parar, Paschoal. Encoste – ele dá a ordem para o troglodita.

Quando o carro para, tento abrir as portas, mas elas estão travadas.

Charles sai de seu assento sem a menor pressa. Abre a porta do lado em que Sônia está e a puxa pelos cabelos fazendo-a grunhir.

— Sente-se aqui – ele diz friamente colocando-a no banco da frente. Engulo seco. Ele abre a porta e se senta ao meu lado. Quando se ajeita, ordena:

— Pode seguir – conclui e pede para que o homem suba o vibro. Olho para ele confusa até que vejo o vidro preto subir separando-nos deles. Ele me olha e sorri.

Seria até um sorriso lindo, se eu não soubesse o que havia escondido por detrás dele. Charles é um sádico. E certamente está excitado ao sentir o cheiro do medo em mim.

— Senti sua falta – ele diz ajeitando seu terno preto que certamente, lhe custou uma fortuna. Sua aparência continua a mesma. Fria e assustadora.

— Não posso dizer o mesmo – rebato ainda assustada.

Ele retira de dentro do paletó um pequeno pano branco. Um lenço. E do bolso, um pequeno frasco transparente com um líquido incolor.

— Você sabe o que vai acontecer com você se não me obedecer, não sabe? – ele me olha.

— Por favor, Charles. Deixe-me ir para casa – imploro. Meu corpo começa a tremer com a possibilidade de ele me matar e me jogar em alguma vala qualquer. A imagem do dia em que Adrian contou o que ele fez com uma de suas submissas me veio à cabeça. — Por favor! Deixe-me ir – implorei mais uma vez.

— Nunca, Verônica. Nunca! – ele diz fitando meus olhos e vejo em seu olhar que o que ele diz, não pode ser alterado. Ele realmente, não tem a intenção de me deixar partir.

— Isso não vai doer. Apenas vai lhe fazer dormir – diz calmamente enquanto joga o conteúdo do frasco no lenço branco. — Será rápido e indolor.

— Não Charles, por favor, não – digo desesperada tentando me manter o mais longe enquanto ele se aproxima. Começo a gritar e a me debater. Ele me puxa pelos cabelos e eu consigo acertá-lo com um chute. Ele trava minhas pernas e me puxa. Minhas costas se chocam contra o assento e ele me bloqueia com seu corpo pesado, prensando-o em cima do meu.

— É assim que tem que ser querida – diz.

As minhas lágrimas caem no momento em que ele coloca o pano em minhas narinas e então, após alguns segundos, tudo vira um borrão.

Capítulo 30

Adrian Miller

Estaciono na garagem e saio do carro o mais depressa possível. Não vejo a hora de vê-la. Abraçá-la. Esses dias tem sido difíceis sem ela por perto.

Entro em casa e assim que passo pela sala, eu sinto o cheiro de café fresco que vem da cozinha.

— Bom dia! – digo assustando Maria que ainda passa o café.

— Meu Deus, Adrian! Quer me matar? – ela sorri. Dou um beijo nela.

— Nossa! Estou tão cansado. Meu corpo inteiro dói. Preciso de um banho. Onde está minha mulher?

— Ela deve estar dormindo. Ainda não desceu para

o café – ela responde atenta em sua jarra de água quente.

— Como foram as coisas? – pergunto sentando-me na cadeira.

— Tudo tranquilo. Verônica que ficou pelos cantos da casa, toda cabisbaixa, sentido sua falta – ela ri. — Essa garota ama mesmo você.

— Mas é claro que ela me ama – digo divertido. — Vou acordá-la. Estou morrendo de saudades.

— Ela ficará feliz. Quer que eu leve o café no quarto?

— Hummm... Você me faz esse favor? – olho para ela com a minha melhor cara de cachorro pidão e ela ri.

— Vá ver sua esposa. Daqui a pouco levo o café para vocês – ela sorri de um jeito terno.

— Obrigado.

Deixo a cozinha e subo as escadas correndo parecendo um adolescente. Entro no quarto com o sorriso de orelha a orelha. Quando olho para a cama vazia e desarrumada, chamo por ela.

— Verônica?

A porta do banheiro está aberta e ela não está.

— Estranho. Maria disse que ela não havia acordado!? — murmuro confuso para mim mesmo.

Tiro o paletó e coloco em cima da cama enquanto afrouxo a gravata. Vou até a varanda e nada. Caminho pelo corredor e vou até os outros quartos. Nenhum sinal dela.

— Verônica? — a chamo pelos corredores, mais uma vez.

Desço as escadas e vou direto a procura dela pelo jardim. Assim que cruzo o jardim em direção à sala de jogos, Max e Rose correm em minha direção latindo e abanando os rabos.

— Hei garotão! — me agacho para fazer um carinho neles. Continuo a procurá-la. Entro no salão de jogos para ver se ela está fazendo seus exercícios habituais. Está tudo no mais absoluto silêncio. Fecho a porta e volto para a cozinha.

— Maria, Verônica não está no quarto. Tem certeza que não a viu hoje? — pergunto abrindo a geladeira e pegando a garrafa de água.

— Ela ainda não se levantou — ela responde. — Só se ela saiu e eu não vi — conclui.

— Aonde ela iria a essa hora? Ela nunca acorda tão cedo e ainda são dez da manhã — digo dando um gole em

minha água.

— O senhor viu se o carro dela estava lá fora?

— Sabe que eu nem reparei? Entrei tão distraído. A única coisa que estava pensando era em vê-la – sorrio. — Vou dar uma olhada.

Saio da cozinha indo até o estacionamento. O único carro estacionado ao lado do meu, é o da Terry. Estranho.

— Maria, a Terry não está com o Jonas? – pergunto confuso assim que entro na sala.

— Sim.

— O que o carro dela faz lá fora?

— Jonas veio buscá-la.

— Verônica deve ter saído. O carro não está lá fora – digo pegando meu celular do bolso e ligo para ela. Caixa Postal. Ligo mais uma vez. Caixa Postal. — Ela disse que deixaria o telefone ligado – digo cismado. Aonde ela iria?

Escuto um barulho vindo de fora. Abro a porta correndo e vejo o carro do Paulão. Graças a Deus! Ela estava com ele.

Caminho em direção ao carro e o vejo sair. Ele está sozinho.

— Bom dia, Adrian – me cumprimenta.

— Bom dia. Onde está a Verônica? – olho para o carro confuso. — Ela não está com você?

— Verônica? Não! Ela que me pediu para vir só hoje. Ontem ela preferiu ficar em casa, então, nem vim trabalhar.

— Ela não está em casa e o carro também não está. Deve ter ido a algum lugar – digo olhando em minha volta e sinto uma sensação estranha. — Vamos entrar. Acabei de chegar e preciso de um banho – digo e ele me segue.

— Maria, serve um café para o Paulão, por favor. Vou tomar um banho e já desço. Verônica deve ter ido a algum lugar por perto.

— Sim, senhor.

— Paulo, fique à vontade. Já desço – digo e subo as escadas.

Tiro minha roupa e entro no chuveiro. Tomo um bom banho e quando termino, desligo o chuveiro e saio. Seco-me rapidamente e coloco a toalha envolta dos quadris. Limpo o espelho embaçado pelo vapor da água quente, pego minha escova de dentes e faço minha higiene.

— Adrian! Adrian! – escuto minha irmã me gritar pelo corredor.

— Estou no banheiro – grito.

— Adrian – sua voz sai ofegante. — A Maria disse que a Verônica não estava quando chegou e que não a viu desde quando acordou – diz atropelando as palavras parecendo assustada.

— Ei, fala devagar – falo empurrando-a para o quarto e saio do banheiro.

— E-eu liguei no celular dela agora a pouco e está na caixa postal. Ela não atende – diz inquieta elevando a voz.

— É eu sei. Tentei ligar para ela também – digo colocando meu jeans e uma camiseta branca.

— Eu só vi as ligações dela quase agora. Meu celular estava desligado e...

— Espere! Ela ligou pra você? – perguntei intrigado.

— É ligou e estava tarde. Era de madrugada e eu estava dormindo.

— Como? Porque ela te ligaria na madrugada? – pergunto assustado e aquela sensação estranha volta outra vez. — Merda! Ela deve ter passado mal à noite, Terry. Que merda. Porque não deixou esta bosta ligada? – esbravejo.

— Hei! Eu não tive culpa. Eu estava dormindo, era mais de uma hora da manhã, Adrian.

— Não importa, porra!

— Já ligou na clínica onde a mãe dela está? Pode ter acontecido alguma coisa com a mãe e ela foi até lá – ela diz.

— Boa. Pegue meu celular. O número está na agenda. Vai ligando enquanto termino de me vestir – e vou à procura de meus sapatos.

Termino de me arrumar e quando Terry desliga o telefone.

— Ela não apareceu lá. A mãe dela está bem – sussurra.

— Merda! – digo irritado. — Porque ela não me ligou? Eu disse a ela pra não sair sozinha.

Saio do quarto numa velocidade que até eu me impressiono, quando vejo, já estou na sala.

— Paulão, eu preciso das imagens de segurança. Quero ver a que horas ela saiu daqui – ordeno. Várias coisas se passam pela minha cabeça. Como ela é teimosa. Deve ter se sentido mal e saiu sem avisar ninguém. E isso está me deixando apavorado.

— E então? – Maria pergunta preocupada.

— Terry disse que Verônica ligou para ela na madrugada. Você não ouviu nada, Maria?

— Não. Ela foi para o quarto bem cedo. Disse que ia assistir a um filme e ler um pouco – ela deu de ombros.

Vou até o escritório com Paulão para pegar as imagens de segurança. Por sorte, instalei esse sistema quando iniciaram as ligações anônimas.

— Pronto! Aqui está – Paulão diz voltando as imagens para o dia em que fui viajar.

— Adianta um pouco. Maria disse que ela foi dormir cedo ontem – digo atento com os olhos fixos no monitor.
— Teve alguma coisa suspeita por esses dias, Paulo?

— Não! Ela quase não saiu de casa. A não ser o dia em que foram para o shopping e demoraram uma eternidade. Fiquei até irritado – ele diz rindo.

— Mulheres – nós rimos juntos.

— Aqui. Ontem após as oito da noite. Ninguém saiu até... – ele diz passando as imagens até meia-noite.

— Hei. Espere. Terry diz que ela ligou depois de uma da manhã. Adiante até esse horário – digo inquieto com os olhos fixos na tela.

— Pronto. Quer que deixe passar? – ele pergunta e eu concordo com um meneio de cabeça.

Olhamos atentos para o televisor e quando vejo a porta da sala se abrir e Verônica saindo, entro em pânico.

— Mas que merda! Onde ela está indo? Não parece que está se sentindo mal – rosno. Vejo-a pegar o celular. Deve ser agora que ela liga para Terry. Parece agitada e indecisa. Até que a vejo entrar no carro e sair.

— Droga! – bato com os punhos na mesa. — Adianta as imagens Paulão. Quero ver se ela voltou pra casa – digo já angustiado.

Paulo faz o que mando.

— Já volto – digo e saio do escritório. Passo pela sala e vejo Terry me chamar. Ignoro. Subo as escadas e vou direto ao closet. As roupas dela estão todas no lugar. No mesmo tempo em que sinto o alívio por saber que ela não me deixou, fico apavorado com a possibilidade de ela estar por aí, precisando de mim.

— Acha mesmo que ela iria abandoná-lo? – ouço a voz da minha irmã me repreendendo.

— Não enche! – digo passando por ela.

— Encontrou alguma coisa, Paulo? – pergunto ainda nos últimos degraus da escada. Paulo está sentado no sofá

com uma expressão preocupada.

— Ela não voltou desde que saiu.

— Não é possível – me desespero. — Maria, liga para os hospitais da região e verifique se ela deu entrada em algum deles.

— Claro – ela responde.

— O que vocês fizeram ontem? – pergunto para Terry que anda de um lado para o outro. Parece pensativa.

— Maria disse que ela não saiu em nenhum momento. Eu fiquei na casa do Jonas.

— E tem alguma ideia de onde ela possa ter ido? Ela não comentou nada? Porque ela ligaria pra você no meio da noite? – a interrogo.

— Ai. Meu. Deus! – ela para no meio da sala e fica pálida. — Sônia – ela sussurra.

— O que tem a Sônia?

— Nada. Deve ser apenas coincidência – ela diz e franze o cenho.

— Fala logo, caralho! O que tem a Sônia? – pergunto ríspido.

— Encontramos a Sônia no shopping no dia em que

viajou. Ela pediu o telefone da Verônica. Você sabe onde ela mora? Talvez...

— Está me dizendo que... Merda! Puta que pariu.

— Sabe onde ela mora? Olha, eu não gosto daquela mulher, Adrian. Eu disse pra Verônica que você não gostaria.

— Eu sei onde essa infeliz mora – rosno. — Vou até lá – digo pegando as chaves do carro e Paulão me segue.

Viro a esquina e entro na rua do prédio de Sônia. De longe, já consigo ver o carro de Verônica estacionado.

— Merda! – Praguejo. — O que ela veio fazer na casa dessa drogada maldita – bato com as mãos no volante, irritado.

— Vamos descobrir agora – Paulão diz e abre a porta do carro no momento em que estaciono atrás do carro dela.

Vejo-o seguir até a guarita do prédio e chamar o porteiro. Corro atrás dele.

— Tem certeza de que não viu ninguém entrar no apartamento dela? – Paulão diz.

— Tenho sim, senhor. — A Sônia saiu ontem por volta das nove da noite com um rapaz. Não havia nenhuma mulher – ele nos olha.

— Sabe me dizer como esse homem era? – pergunto.

— Não me lembro muito da fisionomia não, senhor. Ele era alto, estava de terno e quase não falou.

— Filho da puta! – vocifero passando as mãos pelos cabelos, nervoso.

— Viu quando aquele carro estacionou? Nenhuma mulher veio perguntar por ela? Loira, baixa, bem branquinha? – Paulão pergunta.

— Não, senhor. Nem prestei atenção.

— Obrigado – Paulão agradece o porteiro enquanto sigo para meu carro soltando fogo pelo nariz.

— Aquele desgraçado. Só pode ser ele. Filho da Puta!

— Acha que pode ter sido ele?

— É a cara dele. Desgraçado! Ligue para o Jonas e peça para que ele nos encontre no hotel do Charles. Tenho certeza que aquele filho da puta está envolvido – digo e o

pavor me consome. Eu vou matar aquele desgraçado se ele estiver com ela.

Vou matá-lo.

Chegamos ao hotel. Jonas está em pé andando de um lado para o outro aflito.

— Nossa que demora! – diz ao me ver.

— Ele está aí dentro? Eu vou matar aquele filho de uma puta, desgraçado! – digo entredentes, enfurecido. Meu descontrole é visível e sou segurado por Paulão ao tentar entrar no hotel.

— Hei, cara! Não faça nenhuma idiotice. Se ele estiver com ela, é isso que ele quer. Que você perca a cabeça e aí ele terá uma razão pra foder você – Paulão diz tentando me trazer para a realidade.

— Fique aqui. Eu entro e pergunto. No estado em que você está só causaria problemas – Jonas diz e mesmo contrariado, aceito.

Ele entra com Paulo e através das portas giratórias, vejo-o interrogar a recepcionista. Ando de um lado para o

outro feito um louco. Ele deve tê-la trazido para cá. Será que a levou para casa dele?

— Charles não está — Jonas sussurra.

— Como assim não está? Eu vou pegar aquele desgraçado! — digo avançando para a porta giratória e sou puxado por Paulão.

— Adrian. Charles viajou faz uma semana. Está fora do estado. Não está com ela.

— Como assim? É mentira. Não estão vendo? — digo desesperado.

— Não é não. A recepcionista nos deu aqui um papel. Parece que ele está inaugurando um hotel lá em Cuiabá. Ela disse que ele está lá já tem uma semana. Não foi ele. Quem sabe ela esteja com a Sônia em algum lugar — Paulão diz, mas algo soa em meus ouvidos que ela está em apuros.

— Você sabe onde ele mora. Vamos vasculhar a casa dele. Quero ter certeza e falar com os empregados. Deve ter alguém naquela merda, não é? — digo descontrolado. Sinto-me impotente e isso me desespera. Jonas me olha aterrorizado.

— Você precisa se acalmar, Adrian. Vamos à polícia e registramos a queixa do desaparecimento dela — Jonas

diz e odeio quando ele age todo certinho.

— A polícia não vai ajudá-lo quando eu o encontrar.
Eu vou matar ele Jonas. Eu juro que vou matar.

Capítulo 31

Verônica S. Miller

Tento abrir os olhos devagar. Eles estão pesados. Minha mente está confusa. Minha visão está um pouco turva e embaçada, mas consigo ver que não estou sozinha.

— Hei! Você está legal? – reconheço a voz de Sônia.

Sinto-me nauseada. Minha cabeça dói.

— O que aconteceu? Onde estamos? – digo um pouco desorientada. Estou jogada num chão frio de madeira. Olho em minha volta e vejo que estamos numa sala vazia e pequena. O ambiente cheira a mofo. Ergo-me e me sento com dificuldade encostando as costas contra a parede rústica e gelada.

— Verônica, você está bem? – ela pergunta.

— Ai! Minha cabeça dói – respondo entre gemidos.

— Deve ser o efeito do éter. Charles te apagou umas duas vezes, pelo que vi.

Tento organizar minhas ideias. Charles. Oh, droga! Agora eu me lembro.

— Onde estamos? Como viemos parar aqui? – pergunto, mas ela não responde.

Vou até a porta e tento abri-la.

— Não tem como abrir. Já tentei. Ele nos prendeu aqui, aquele filho da puta, miserável – ela diz olhando para mim.

— Preciso sair daqui. Preciso ir pra casa – me desespero. — Meu Deus! Que horas são? Não era pra eu estar aqui.

Vou até a pequena janela que está bloqueada pregada com alguns pedaços de madeira. Pelas frestas, consigo ver que é dia.

Agora me recordo...

— O que você fez Sônia? Você me enganou! – digo enfurecida. — Não estava mal coisa nenhuma, não é? – olho para ela irada.

— Olha... Não tive culpa. Ele apareceu e

praticamente me obrigou tá legal? – ela diz soando irritada.

— A culpa é sua. Não devia ter feito o que ele mandou. Sabe o que vai acontecer agora? Ele vai nos matar! – digo em desespero.

— Não fala merda. Ele disse que só queria falar com você – ela bufa.

— E você idiota acreditou. Acha que ele teria todo esse trabalho apenas pra trocar algumas palavras comigo? – falo com sarcasmo. — É claro que ele vai nos matar – ando de um lado pro outro em desespero. — A culpa é toda sua – digo com meu olhar acusador. — Devia ter ficado em casa, mas não, fui me preocupar com uma vaca traíra – rosno. — Agora estou aqui, presa – concluo e a cada minuto o pavor me consome.

— Olha, eu não sabia. Não tinha ideia de que ele faria isso, tá bom? – ela se justifica, mas não vejo sinceridade em sua voz.

— Cala a boca! – grito. — Abra essa porta! Charles! Charleeees! – grito dando socos e pontapés na enorme porta de madeira. Começo a chorar.

— Ai, meu Deus! Vamos morrer aqui – choro ainda mais ao lembrar do meu estado. Se Charles descobrir que estou grávida, ele me mata.

Preciso proteger meu filho.

Preciso sair daqui.

Já se passaram horas. Não sei ao certo quanto tempo, mas é o suficiente para me deixar ainda mais amedrontada.

Sônia adormeceu. Eu continuo sentada no chão abraçada em minhas pernas. Pensando num jeito de sair daqui.

Ouçoo vozes, levanto-me rapidamente.

A porta se abre num ranger assustador e Charles aparece ao lado de dois homens. Um eu reconheço. Alto, forte e assustador. Jaqueta de couro preta, não mais do que uns quarenta e poucos anos. O olhar dele me dá calafrios. O outro, um sujeito de bigodes, estranho, roupas surrada um tanto suja e uma aparência sebosa. Forte e com uma cara de maníaco. Definitivamente, um contraste com a bela aparência de Charles. Sempre de terno e muito elegante.

— Acorde-a! — Charles ordena ao homem de aparência suja.

Me retraio contra a parede apenas observando. Ele me olha com seus olhos frios e intensos.

O homem acorda Sônia aos tapas.

— Levanta piranha! – ele ri enquanto a empurra com suas botas sujas. Ela acorda assustada. Passa a mão no rosto e ajeita os cabelos desgrehados.

— Dou dez minutos pra você tirar isso do cabelo dela – Charles diz, jogando em cima de Sônia, um pequeno embrulho.

Ela pega e abre com curiosidade.

— Uma tinta de cabelo? Pra que essa merda? – Sônia pergunta. — Eu não sei pintar cabelo, Charles.

— Se vira. Você sabe fazer coisas bem piores. Pintar um cabelo eu tenho certeza que tirará de letra – manda com sua voz imponente.

— Eu já fiz o combinado. Agora me deixe ir – ela resmunga partindo para cima dele.

— Acho que você se esqueceu de quem é que manda aqui – ele diz com sua voz de dominador. — Daqui a pouco eu volto para buscá-la – fala entredentes e sai fechando a porta. Só então, é que vejo o quanto estou apavorada, pois assim que eles saem, volto a respirar normalmente.

— Ainda acredita que ele irá nos soltar? – pergunto com sarcasmo.

— Ele é um idiota! Se ele pensa que vou fazer o que ele quer, está muito enganado – diz irritada.

— Me dê isso – digo retirando a caixa de tinta de suas mãos. Era só o que me faltava. Reviro os olhos. — Não tem água nesse lugar. Como ele quer que eu tire isso do cabelo depois?

— Acho que ele não quer que você tire. Se eu bem o conheço, ele fará isso por você – ela diz com um sorriso de canto de boca. — É você que ele quer não eu. Logo sairei daqui – ela diz me deixando perplexa.

— Você é uma filha da puta. Não sei onde estava com a cabeça quando te dei meu telefone. Como fui burra! – exclamo. — Eu mesma faço isso. Não quero que chegue perto de mim – ela se senta num canto do cômodo me observando.

Sônia me olha atenta.

— Nada mal – diz assim que termino. — Vai voltar a ser você mesma agora – ela ri.

Idiota.

A porta se abre.

Charles me olha por alguns segundos e dá um sorriso satisfeito.

— Tragam-na. Quero que a leve para meu quarto — ordena para seus capangas. O homem esquisito me toca e sinto um pavor. Ele fede a suor.

Ele me arrasta pelos braços sem muita dificuldade. Assim que saímos do pequeno cômodo, passamos por um corredor imundo. Chegamos a uma pequena sala com alguns móveis velhos e quebrados. Me puxa até uma porta de madeira. Abre a e empurra outra de tela velha fazendo-a ranger. Ao sair, vejo que estou no meio de uma mata. Olho em volta tentando firmar a visão embaçada pela claridade e não vejo absolutamente nada, além de árvores, folhas, galhos caídos ao chão de terra e uma caminhonete marrom empoeirada. Percebo então, o lugar em que estava. Um velho casebre de madeira caindo aos pedaços e uma aparência terrivelmente assustadora.

— Que lugar é esse? — pergunto assustada. Charles me olha com seu olhar frio e nada diz. Ele segue andando em nossa frente até que para ao lado da caminhonete enferrujada. Ele afrouxa a gravata e a tira enquanto faz sinal para que o homem me leve até ele. Quando nos aproximamos, ele me venda com sua gravata preta.

— Pra onde está me levando, Charles? — sussurro amedrontada. A única coisa em que penso, é nas inúmeras formas em que ele poderá me fazer sofrer.

Ele me coloca dentro da caminhonete e se senta ao meu lado dizendo para que os capangas dirijam.

— Não precisa ter medo de mim, minha menina. Vou cuidar de você — ele diz após um tempo. — Agora você é minha — sussurra em meu ouvido e me arrepio com o jeito em que fala. Ele está completamente louco se acha que cederei as suas vontades.

Após um tempo, a caminhonete estaciona.

— Pode deixar. Cuido dela daqui. Podem voltar ao trabalho — ele ordena e sinto um alívio em não ter que ficar perto desses homens. Charles tira minha venda e me pega pelos braços levando-me para dentro de uma grande casa.

Passo por uma sala rústica, mas bem decorada. Sofisticada, assim com ele.

— Vamos tirar isso do seu cabelo — ele diz e continua a me arrastar. Passamos por vários corredores até chegarmos em um quarto. Olho tudo assustada e com curiosidade. O quarto é grande. Uma cama com cabeceira de ferro preto e lençóis vermelhos de cetim me levam a momentos que passei com ele. Na parede, alguns quadros

abstratos coloridos, dão um contraste com o papel de parede escuro.

— Tire a roupa – ele ordena e caminha até uma cômoda de madeira. Abre a gaveta lentamente e vejo-o retirar algumas peças de roupas e uma toalha de banho. Quando ele se vira, me olha franzindo o cenho. — Estou esperando – ele diz deixando meus sentidos em alerta.

— Eu quero ir pra casa, Charles – sussurro amedrontada colocando os braços envolta do corpo para me proteger de seu olhar lascivo.

Ele se aproxima e joga as roupas em cima da cama. Para de frente para mim e diz tocando meu rosto:

— Já está em casa. Agora faça o que mandei – sua voz tem um tom de comando e automaticamente, faço o que me ordena. É como se minha mente mandasse meu corpo reagir contra minha vontade. É estranho e assustador ao mesmo tempo.

Tiro toda a minha roupa. Charles me pega pela mão e me guia até o banheiro. Ele fecha a porta e começa a retirar seu terno. Desvio o olhar e ele ri. Ouço o som da água cair assim que ele liga o chuveiro.

— Venha – diz entrando no box apenas de cueca preta.

Caminho até ele com passos vacilantes. Entro debaixo do chuveiro e ele inclina minha cabeça para baixo deixando a água cair em meus cabelos. Retira toda a tinta e posso ver a água preta escorrendo pelo ralo. Quando tira todo o excesso, lava meus cabelos delicadamente.

Quando termina, pega a toalha e me seca. Todo esse cuidado, me faz lembrar das primeiras noites que passamos juntos. Como ele era cruel e ao mesmo tempo, gentil. Como conseguia me deixar assustada com um simples olhar.

Saímos do banheiro e ele faz questão de me sentar sobre a cama. Caminha até a cômoda e em outra gaveta, retira uma escova prateada com cerdas largas.

Charles tem um brilho no olhar. Um brilho diferente. Sua expressão agora, não é tão assustadora. Ele apanha meus cabelos com as mãos e começa a penteá-los. Mecha por mecha, até que estão completamente desembaraçados.

— Eu preciso ir, Charles – sussurro. — Ninguém sabe onde estou. Devem estar me procurando – digo receosa.

Ele dá um suspiro pesado enquanto joga a escova com fúria do outro lado do quarto me deixando com medo.

— Já disse. Você está onde deve estar. Ao meu lado

— rosna.

Fico calada tentando procurar a melhor forma de falar com ele. Charles anda de um lado para outro inquieto. Sua expressão muda e ele se aproxima de mim com um olhar obscuro.

— Por que você foi embora? Eu disse para você que eu voltaria para te buscar — diz perdendo seu autocontrole.

— Você me machucou, Charles — sussurro. — Você me bateu. Machucou-me de verdade — minhas lágrimas começam a aparecer. Fecho os olhos e lembro do momento de terror que vivi quando ele me açoitou sem nenhuma piedade.

— Eu sei. Eu sei merda! Mas na primeira oportunidade, você virou as costas pra mim e se casou com aquele filho da puta — ele esbraveja.

— Co-co-mo sabe que... — gaguejo atordoada e olho para minha mão. Minha aliança não está em meu dedo.

— Como eu sei? — ele ri nervoso. — Eu sei de cada passo seu, Verônica. Nem essa tentativa ridícula de pintar o cabelo, fez com que me afastasse de você. — Acha mesmo que poderia se livrar de mim? — ele diz puxando meu cabelo na altura de minha nuca, fazendo com que enfrentasse seu olhar raivoso. — Responda! — ele puxa ainda mais forte.

— Não – sussurro fracamente.

Ele me solta e pega o vestido vermelho que depositou na cama e a lingerie.

— Eu posso fazer isso – digo retirando de suas mãos, a calcinha que tenta colocar em mim. Ele a pega de volta e me empurra na cama. Debato-me e começo a chutá-lo.

— Não toque em mim! – grito.

Ele me bloqueia deitando sobre meu corpo e segura minha mandíbula com a mão dando um aperto forte. Seu rosto está próximo ao meu e posso sentir sua respiração descompassada.

— Você era mais obediente, querida – diz apertando-me ainda mais até que solto um grunhido de dor, e então, ele solta sua mão de meu rosto.

— Eu não vou deixar você encostar em mim, Charles. Nunca mais – me enfureço e ele ri.

— Eu adoro essa sua resistência – diz passando a calcinha por minhas pernas enquanto me debato tentando me desvencilhar de seu peso. Quando ele termina, joga o vestido para mim. Ele começa a colocar seu terno e quando está totalmente vestido, vem em minha direção.

— Eu volto mais tarde. Preciso trabalhar querida – e

se aproxima para beijar minha boca. Viro o rosto e sua boca se choca contra minha bochecha. Ele me olha insatisfeito, mas não diz absolutamente nada, sai pela porta trancando-a do outro lado.

Encolho-me na cama e começo a chorar. O desespero bate quando caio na real de que ele não irá me deixar ir. Ele é louco. Completamente doente.

Vasculho as gavetas. Encontro alguns grampos e os pego para tentar abrir a fechadura. Tento mas não obtenho sucesso.

— Merda! — esbravejo jogando os grampos longe. Dou socos e chutes na porta. Grito como uma louca. Ninguém me ouve.

Continuo vasculhando o quarto a procura de algo para tentar me livrar dessa prisão em que ele me colocou. As janelas estão pregadas e não há nada que possa fazer para abri-las. Grito em desespero caindo no chão e chorando como uma criança assustada.

Penso em Adrian, em minha mãe... Em como farei para que ele não descubra sobre o bebê.

— Charleeeeeeeeees! — grito aos prantos. — Me tire daqui! Tire-me daquiiiiiii!

Fico encolhida no chão com os braços envolta do

meu corpo.

“Eu preciso pensar! Eu preciso me acalmar”.

Penso em todas as formas de sair desse quarto. Nenhuma delas dá certo. Ele pensou em tudo. O desgraçado pensou em tudo. Eu mal sei onde estou. E se eu estiver em outro país? Oh meu Deus! Choro ainda mais ao imaginar que Adrian jamais me encontrará.

Levanto-me e num acesso de raiva, começo a destruir tudo a minha volta e a gritar feito louca. Tiro os quadros da parede e arremesso-os por todos os cantos do quarto. Jogo a escova contra o espelho na parede quebrando-o em vários pedaços. Rasgo os lençóis, travesseiros e quebro todas as gavetas da cômoda jogando todo o conteúdo delas no chão. Quando minha raiva cede, vejo a extensão dos danos que causei. Eu apenas sento-me no canto do quarto e me encolho rezando para que esse tormento acabe e que eu possa finalmente ir para casa.

Ainda estou acordada. Pela janela, vejo que já escureceu. Já estou a horas trancada nesse quarto. Olho para fora e vejo a caminhonete marrom estacionar. O homem de jaqueta de couro está em pé olhando para a

caminhonete. Dela, saem Charles e o cara estranho seboso.

“Preciso arrumar um jeito de sair daqui”.

Ouçõ passos e sei que é ele quem está se aproximando. Vou até perto da porta e o espero abrir. O clique da fechadura faz meu coração acelerar.

Ele abre a porta e eu avanço para tentar fugir.

— Onde pensa que vai? – diz bloqueando minha passagem.

— Me solta! – grito. — Me Solta, Charles!

Ele me empurra para dentro e olha ao redor furioso.

— Mas... Que merda toda é essa? – ele grita e a raiva estampada em sua face me faz estremecer.

— Eu não vou ficar aqui nem mais um minuto, Charles! Eu quero ir embora – sussurro e as lágrimas começam a rolar.

O homem entra trazendo em sua mão um prato com comida.

— Você precisa comer. Não se alimentou o dia inteiro – ele diz com raiva, chutando as coisas em seu caminho e pega o prato das mãos do homem. Quando ele estende o prato em minha direção, eu o pego, arremesso

longe e, grito:

— Não quero comer! Quero sair daqui!

O barulho do prato se quebrando, deixa Charles descontrolado. Ele avança em mim e me arrasta pelos cabelos fazendo-me ajoelhar em frente aos restos de comida com cacos de vidro.

— Você vai limpar essa merda! – grita em meu ouvido puxando ainda mais forte meu cabelo.

— Me larga! Desgraçado! Tire suas mãos de mim – me descontrolo dando socos em seus braços.

— Prepare a caminhonete – grita para o capanga inerte. — Agora, caralho!

Charles me joga de bruços na cama e coloca meus braços para trás. Ele amarra meus pulsos com sua gravata unindo-os um no outro enquanto continuo gritando. Ele me vira e seu rosto está vermelho de raiva.

— Cala a boca! – ele diz com sua voz fria.

Grito ainda mais e ele me dá uma bofetada.

— Você quer fazer isso do jeito mais difícil, não é? Não é? – diz tapando minha boca e nariz com a mão. O ar começa a faltar e me desespero me debatendo.

— Você é minha, Verônica. Minha! E eu vou ter que

te dar uma lição pra você entender isso. Você fará o que eu quiser, entendeu?

Quando ele me solta, tusso e respiro com dificuldade.

Charles me puxa pelos braços e me arrasta para fora. Quando chegamos à caminhonete, ele me empurra para o banco de trás e dá a volta, entra no carro e dá a partida. Pela janela, ordena ao homem para ir até a cabana a pé.

— Você vai mofar na cadeia, Charles — digo entredentes.

Ele não diz nada. Apenas dirige feito louco pela estradinha de terra. Está tudo escuro. Não consigo ver o que tem lá fora. Estamos no meio do nada.

Após um tempo, chegamos.

Ele abre a porta e me puxa com violência. Vejo a cabana assustadora e tento me soltar dele. Ele me puxa com mais força enquanto eu grito:

— Me solta, Charles — e começo a chorar. — Por favor, me deixe ir. Por favor!

Ele abre a porta de tela e a outra. Passamos pelo corredor estreito e ele abre uma porta jogando-me para dentro do cômodo. Quando acende a luz, vejo que não é o mesmo quarto.

Olho ao redor assustada. Há uma cama king size nova que não combina com o estado do lugar. No canto, uma pequena jaula preta com um colchão vermelho, parecendo uma gaiola. No teto, algumas correntes presas que conhecia muito bem. Nas paredes, vários chicotes pendurados, o que me causou ainda mais pânico.

— Vai ficar aqui até se acalmar – ele diz me jogando em cima da cama. Ele desamarra meus pulsos e então, avanço nele arranhando seu rosto. Ele dá um grunhido e me bate mais uma vez.

— Você vai me obedecer, sua cadela – rosna.

— Não sou sua cadela – rebato com fúria.

Ele caminha até os chicotes e pega um deles. Encolho-me e as lágrimas não param de cair.

— Não me obrigue a fazer isso outra vez – diz empunhando o chicote.

— Não vou fazer nada que você mandar, seu desgraçado. Nada! – grito e sinto a primeira chicotada em minhas pernas. Solto um grunhido de dor e ele avança em minha direção.

— Vai fazer exatamente o que eu ordenar – sussurra friamente. — Tire a roupa. Vou dar uma surra em você pra que se lembre de que eu sou seu dono.

Cuspo em seu rosto.

— Eu prefiro morrer. Não vou me submeter a você nunca mais, seu monstro.

Ele se afasta transtornado e grita:

— Paschoal! Paschoal!

Depois de alguns segundos, o cara de jaqueta preta aparece.

— Sim.

— Traga a vagabunda – ordena com fúria.

Passa alguns minutos e Sônia é jogada ao meu lado pelo brutamonte.

— A arma – Charles diz para ele estendendo a mão. O homem retira de trás de suas costas uma arma e eu entro em pânico. — Cai fora! – diz ao homem aos berros e fecha a porta.

Sônia está tão assustada quanto eu.

— Conta pra ela Sônia, o que acontece quando eu me enfureço. Quando as coisas não saem como eu quero – exige com a arma na mão.

— Charles – ela sussurra e posso sentir o pânico que sente.

Ele aponta a arma para mim e eu fecho os olhos. Eu aperto os olhos tão forte que eles chegam a doer. Meu corpo treme e só consigo pensar em meu filho.

— Ela disse que prefere morrer a ficar comigo – ele ri.

— Charles, por favor – ela implora.

— Olha pra mim, Verônica – ele ordena, mas mantenho os olhos fechados. — Olha pra mim! – grita com fúria.

As lágrimas caem e sei que esse é meu fim.

— Já viu alguém morrer? – ele pergunta. — Responda!

— Não – digo chorando e minha voz sai trêmula.

— Considere-se com sorte hoje, querida – ele diz e ouço o barulho estrondoso. Meu coração acelera ao ver o corpo de Sônia se chocar contra o chão. Meu terror aumenta, quando vejo uma mancha vermelha na altura do peito, preencher sua blusa branca rapidamente.

Ela está imóvel.

Ela está... Ela está...

Oh meu Deus!

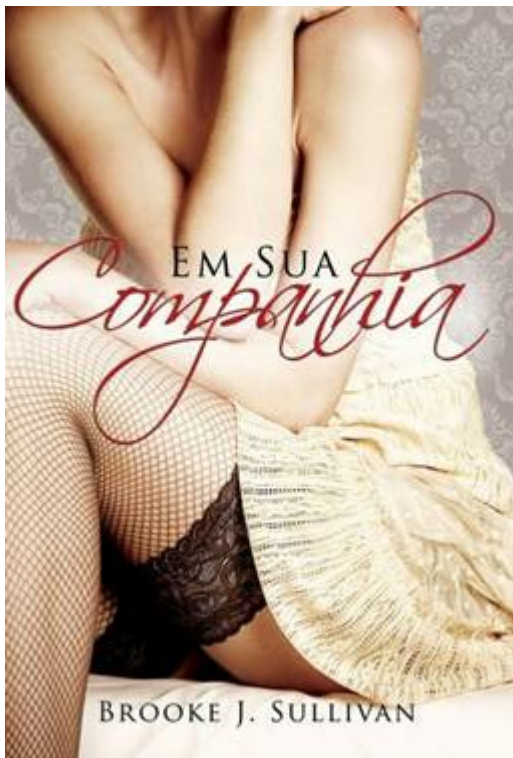
Morta!

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Outras obras na Amazon

Conheça outros romances contemporâneos da autora:

EM SUA COMPANHIA



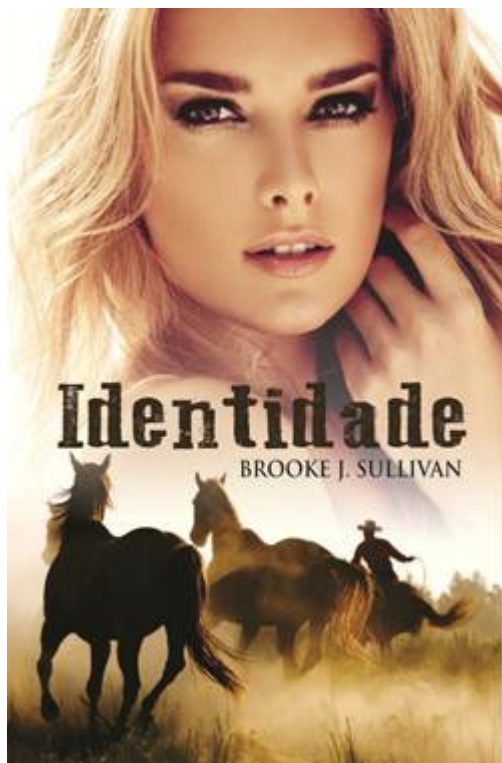
PRIMEIRO VOLUME DA TRILOGIA MINHA

Verônica é uma mulher linda e atraente. Uma acompanhante de luxo que deixa os homens loucos por ela. Ela se mantém fria e insensível com seus clientes. Seu único objetivo: conseguir dinheiro suficiente para custear o tratamento de sua mãe. Até que um dia, ela é contratada

por Adrian, um milionário que conhecia bem esse tipo de mulher. O que ele queria era a sua companhia apenas para uma viagem de negócios, mas Adrian não conseguiu manter-se afastado de Verônica por muito tempo. A situação foge de controle e eles iniciam um relacionamento intenso e conturbado. (+18)

*Um cowboy safado, uma mulher sem memória e um doce agente da CIA. Venha descobrir o que há no arquivo mais procurado do ano e testar suas habilidades de Sherlock Holmes neste romance que será **lançado em março na Amazon.***

IDENTIDADE



Dario é um fazendeiro rústico, controlador, autoritário e extremamente *sexy*.

Acostumado a ter tudo que deseja em seus próprios termos, seu único objetivo é encontrar uma mulher, casar e ter herdeiros. Porém, Dario é insuportável e nenhuma mulher até hoje conseguiu ficar ao seu lado por mais de 24 horas.

Seu mundo vira de cabeça para baixo quando

encontra uma bela jovem desmaiada em suas terras. Sem saber o que fazer, ele a leva para sua casa e a mantém cativa até que ela recobre a consciência. Contudo, o que ele não esperava era descobrir que ela perdeu completamente a memória e que despertaria nele seus desejos mais primitivos.

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Outras obras na Amazon](#)